

Trivium

Irmã Miriam Joseph



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

**"Quando o mundo estiver
unido na busca do**

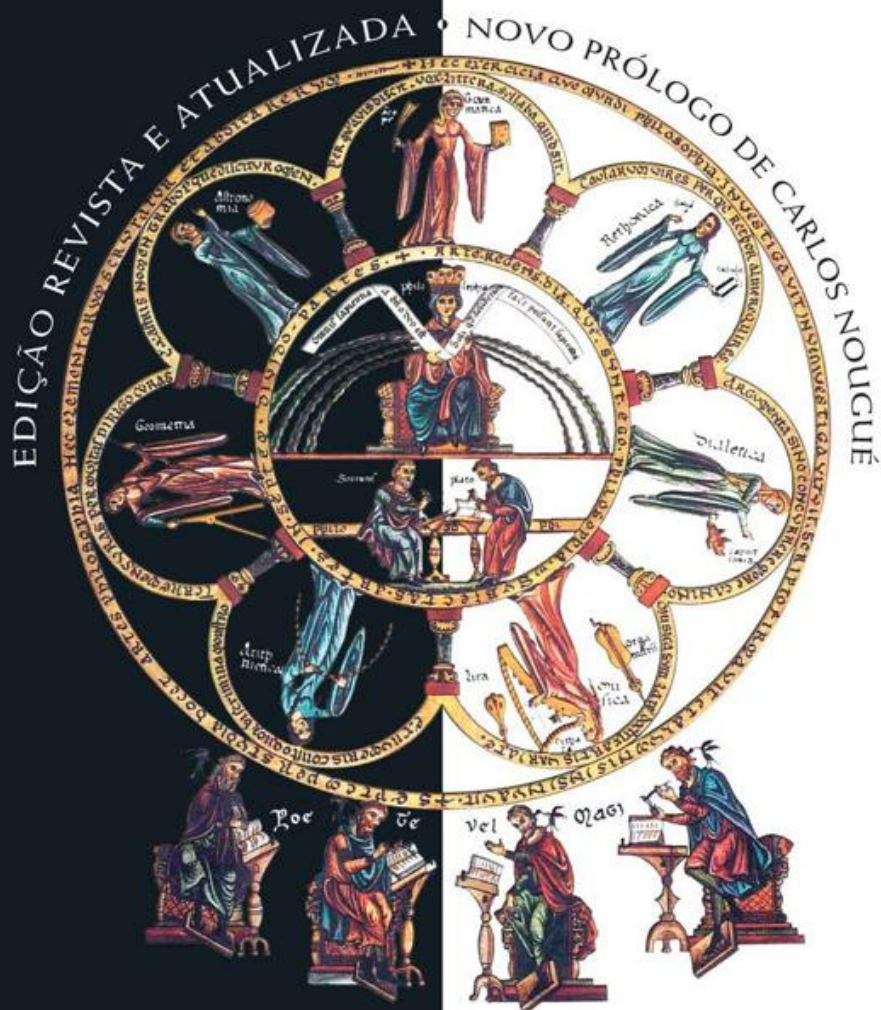
**conhecimento, e não mais
lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade
poderá enfim evoluir a um
novo nível."**





TRIVIUM

As Artes Liberais da Lógica, da Gramática e da Retórica



*Entendendo a Natureza
e a Função da Linguagem*

Irmã
Miriam Joseph



O Trivium

As Artes Liberais da Lógica, da Gramática e da Retórica

Miolo Trivium1.indd 1

17/03/14 17:41

O Trivium

As Artes Liberais da Lógica,

da Gramática e da Retórica

Entendendo a Natureza

e a Função da Linguagem

Irmã Miriam Joseph, C.S.C., Ph.D.

Editado por Marguerite McGlinn

Tradução e adaptação de Henrique Paul Dmyterko

Prólogo e revisão técnica de Carlos Nougué

Prefácio de José Monir Nasser

Edição revista e atualizada

Miolo Trivium1.indd 2

17/03/14 17:41

O Trivium

As Artes Liberais da Lógica,

da Gramática e da Retórica

Entendendo a Natureza

e a Função da Linguagem

Irmã Miriam Joseph, C.S.C., Ph.D.

Editado por Marguerite McGlinn

Tradução e adaptação de Henrique Paul Dmyterko

Prólogo e revisão técnica de Carlos Nougué

Prefácio de José Monir Nasser

Edição revista e atualizada

Miolo Trivium1.indd 3

17/03/14 17:41

Reimpresso no Brasil, março de 2014

Copyright © 2002 by Paul Dry Books, Inc.

Publicado originalmente nos Estados Unidos, em 2002, pela

Paul Dry Books, Inc., Philadelphia, Pennsylvania, sob o título *The Trivium, The Liberal Arts of Logic, Grammar, and Rhetoric* Os direitos desta edição pertencem a

É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda.

Caixa Postal: 45321 · 04010 970 · São Paulo SP

Telefax: (5511) 5572 5363

e@erealizacoes.com.br · www.erealizacoes.com.br

Editor

Edson Manoel de Oliveira Filho

Gerente editorial

Sonnini Ruiz

Produção editorial e revisão

William C. Cruz

Preparação de texto

Liliana Cruz

Revisão técnica

Carlos Nougé

Capa e projeto gráfico

Mauricio Nisi Gonçalves / Estúdio É

Pré-impressão e impressão

Edições Loyola

Crédito de imagem da capa

Septem artes liberales (as sete artes liberais: trivium e quadrivium) do *Hortus Deliciarum*, de Herrad von Landsberg (aprox. 1180 d.C.).

[No alto da gravura, a gramática. Seguindo no sentido horário, a retórica e a dialética (lógica), que formam o trivium. A filosofia, no centro das artes liberais.]

Fotografia da irmã Miriam Joseph

Cortesia dos arquivos do Saint Mary's College

Reservados todos os direitos desta obra.

Proibida toda e qualquer reprodução desta edição

por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução,

sem permissão expressa do editor.

Miolo Trivium1.indd 4

17/03/14 17:41

Sumário

Prólogo (Carlos Nougué) 7

Prefácio (José Monir Nasser) 13

Nota do tradutor 19

Introdução à edição americana de 2002 23

[1 AS ARTES LIBERAIS 29](#)

[2 NATUREZA E FUNÇÃO DA LINGUAGEM 36](#)

[3 GRAMÁTICA GERAL 69](#)

[4 OS TERMOS E SEUS EQUIVALENTES](#)

[GRAMATICAI: DEFINIÇÃO E DIVISÃO 97](#)

[5 PROPOSIÇÕES E SUA EXPRESSÃO](#)

[GRAMATICAL 117](#)

[6 RELAÇÕES DE PROPOSIÇÕES SIMPLES 136](#)

[7 O SILOGISMO SIMPLES 158](#)

[8 RELAÇÕES DE PROPOSIÇÕES HIPOTÉTICAS](#)

[E DISJUNTIVAS 194](#)

[9 FALÁCIAS 217](#)

[10 BREVE SUMÁRIO DA INDUÇÃO 239](#)

[11 COMPOSIÇÃO E LEITURA 255](#)

[Irmã Miriam Joseph \(1898-1982\) 303](#)

[Índice remissivo 310](#)

Miolo Trivium1.indd 5

17/03/14 17:41

Miolo Trivium1.indd 6

17/03/14 17:41

Prólogo

O Trivium, da Irmã Miriam Joseph – obra única

Por todo o Medievo, o *Trivium* (Gramática, Retórica e Dialética ou Lógica) compôs com o *Quadrivium* (Aritmética, Geometria, Música e Astronomia) as chamadas Sete Artes Liberais, ou seja, o conjunto de estudos que antecedia o ingresso na Universidade. Ainda que brevemente, tracemos-lhes antes de tudo a história.

Provavelmente esse conjunto de artes enquanto corpo didático escolar tem origem na Alexandria do início do século II.1 Floresceu ali, então, uma comunidade de estudos do Cristianismo cuja fundação remontava, segundo a tradição, ao evangelista São Marcos: tratava-se da *Didaskaleion*, escola catequética destinada aos pagãos conversos. De início modesta, a escola assumiu posição de destaque para o final do século, mais precisamente no ano 180, sob a direção de São Patemo, de que foi discípulo o célebre Clemente de Alexandria. Pois bem, para este último, o saber se escalona em cinco graus, o segundo dos quais – em seguida à “Propedêutica dos

Párvulos”, consistente precisamente no ensino da escrita, da leitura e da aritmética aos meninos – se dizia as “Sete Disciplinas Encíclicas”. Ora, muito provavelmente tais cinco graus correspondiam ao programa de estudos da *Didaskaleion* de então, e quase certamente está naquelas Sete Disciplinas Encíclicas a mais próxima origem pedagógica das Sete Artes Liberais. Sua forma mais definitiva, todavia, estas só a adquiririam por volta do ano 800, com as *Capitulares* de Carlos Magno, e mediante Alcuíno (735-804), o organizador da escola carolíngia em Aix-en-Chapelle. Dissemos porém “mais definitiva”, e para entendê-lo é preciso retrair mais detidamente as vicissitudes doutrinárias e programáticas de nossas Sete Artes.

Com efeito, pode-se *de algum modo* fazer remontar a origem ideológica das Sete Artes Liberais aos pitagóricos, e depois rastreá-la desde o autêntico *flatus vocis* dos sofistas até Aristóteles. E de fato é com este gênio do método que já se dá perfeitamente a arte-ciência da Lógica, cuja ordem tanto compositiva como pedagógica se há de apresentar assim:²

1 Para esta origem das Sete Artes Liberais, cf. Sidney Silveira, “A Pedagogia do Logos Divino”. In: Clemente de Alexandria, *Exortação aos Gregos*. Trad. Rita de Cássia Codá dos Santos. São Paulo, É Realizações, 2013, p. 7-8.

2 Temos perfeita advertência de que o exposto a seguir, fundado em Santo Tomás de Aquino, está longe de ser unânime entre os estudiosos de Aristóteles, mas estamos de todo convictos de sua justeza (cf. também Pe. Álvaro Calderón, *Umbrals de la Filosofia, Cuatro Introducciones Tomistas*. Argentina, edição do autor, 2011). Ademais, isso mesmo que diremos *Prólogo - 7*

Miolo Trivium1.indd 7

17/03/14 17:41

1) antes de mais, a Lógica ocupa-se das duas operações da razão enquanto intelecto (a *simples apreensão* ou *inteligência dos incomplexos*, e a *composição intelectual*), estudadas respectivamente nas *Categorias* (ou *Predicamentos*) e no *Peri hermeneias* do Estagirita (com o acréscimo, posterior, do porfiriano *Isagoge* ou *Tratado dos Predicáveis*);

2) depois, ocupa-se da operação da razão enquanto razão (ou seja, os atos em que se vai do conhecido ao desconhecido), operação que por sua vez se

subdivide:

- em primeiro lugar, a) *o discurso necessário e sempre verdadeiro* [a forma do silogismo ou raciocínio] e b) *a parte judicativa e resolutive ou analítica* [enquanto matéria do silogismo], estudados respectivamente nos *Primeiros Analíticos* e nos *Segundos Analíticos*;
- em segundo, *o discurso provável ou parte inventiva*, que, com gradação de maior para menor certeza, se subdivide ainda em a) *dialética* [ou seja, a fé e a opinião], b) *suspeita de verdade* e c) *indução por sentimento*, estudadas respectivamente nos *Tópicos*, na *Retórica* e na *Poética*;
- e em terceiro, por fim, *o discurso falso com aparência de verdade*, tratado nas *Refutações Sofísticas*.

Observem-se três coisas importantes para o que se vai seguir neste Prólogo:

1) o *ordo compositionis* obriga a considerar as três operações da razão, como acima, em sua ordem própria;

2) pareceria que a ordem pedagógica acima exposta estivesse invertida, porque o homem de fato só pouco a pouco se aproxima da ciência, ou seja, vai do falso ao apodíctico passando pelo verossímil; sucede porém que o *ordo sustentationis* e pois a ordem pedagógica não podem senão ir, ao contrário, do perfeito ou necessário ao imperfeito e ao falso;³

3) a arte da Gramática, como ainda se vê acima, não é parte da Lógica, senão que é instrumental para a mesma Lógica, com a ressalva de que as partes desta não se cingem igualmente às normas daquela: com efeito, menos estritamente a Retórica, e ainda menos a Poética.

Pois bem, no conjunto de afluentes doutriniais que vão desembocar no *Trivium*,

contam-se não só o aristotelismo e o platonismo,⁴ mas também o estoicismo de, a seguir será tratado muito mais detidamente em *Suma Gramatical da Língua Portuguesa*, por aparecer em 2014.

3 Com efeito, não se poderia precisar, por exemplo, se um argumento é mais ou menos verossímil se não se soubesse qual é o argumento verdadeiro, que sempre será a régua ou regra com que se mede aquele.

4 Além da já referida escola alexandrina e de nomes ilustres como Santo Isidoro de Sevilha (560-636), cujas *Etimologias* terão grande importância

para os estudos medievais em geral.

8 - O Trivium

Miolo Trivium1.indd 8

17/03/14 17:41

por exemplo, um João, o Gramático.⁵ Pois é precisamente desse conjunto de afluentes que se constitui o *Trivium* medieval inicial (ou seja, o de antes da redescoberta e tradução ao latim das obras completas de Aristóteles), o qual, em contraposição à ordem pedagógica acima referida, se caracteriza:

- antes de tudo, por incluir a Poética na Gramática, donde deriva o beletrismo que predomina até hoje no ensino das línguas maternas e das línguas “mortas”;
- depois, por certo baralhamento geral do *ordo sustentationis* e pois da consequente ordem pedagógica;
- por fim, por certa desordem sob o nome mesmo de Dialética, na qual se estudavam não só as obras que compunham a chamada *Logica vetus* (isto é, o *Isagoge* de Porfírio e as *Categorias* e o *Peri hermeneias* de Aristóteles) mas também os *Tópicos* de Cícero e certa *Dialética* equivocadamente atribuída a Santo Agostinho.

Após a tradução das obras completas de Aristóteles, a Dialética tendeu a chamar-se Lógica e a abrigar exclusivamente, além da *Logica vetus*, os *Primeiros Analíticos*, os *Segundos Analíticos* e os *Tópicos* aristotélicos, sem que, todavia, se alte-rassem os demais dados do conjunto do *Trivium*.

Pois bem, a obra exponencial da Irmã Miriam Joseph que temos a honra de apresentar é mais caudatária deste último *Trivium* medieval. Não acabamos, porém, de dizer que o *Trivium* em geral contrariava de certo e diverso modo o que consideraríamos, aristotélico-tomisticamente, o *ordo sustentationis* e a ordem pedagógica perfeitos? É que, em verdade, nunca a realidade social alcança toda a pureza do que se mostra necessário na ordem da contemplação, e o fato é que, em conjunto, aquele mesmo *Trivium* que resultou da confluência heterogênea de várias doutrinas permitiu, apesar de tudo, uma abundância de bons frutos filosóficos e foi o sustentáculo educacional da mais pujante das civilizações que já houve na face da Terra: a Cristandade.

Esta, porém, por diversos motivos – incluído o Humanismo hiperestetizante e hiperbeletrista –, começa a ruir no já distante século XIV. E foi no principal desdobramento do Humanismo – o Renascimento – que de fato começou a derrotar-se o conjunto das Sete Artes Liberais, especialmente “pela mão do teólogo [...] tcheco Jean Amos Comenius (1592-1670), que, em sua principal obra, *Magna Didactica*, não apenas faz pouco das Sete Artes como estabelece as 5 Também conhecido como João Filopono de Alexandria (c. 490-c. 570), de fato um neoplatônico profundamente influído pelo estoicismo. Por exemplo, atravessa o Medievo e tem amplíssima vigência até hoje a tese de João, o Gramático, de que o *nominativo* é caso, quando, como o mostram cabalmente Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, não o é: a flexão do nominativo não é desinência casual, mas *vogal temática*, ao mesmo título que o são as vogais temáticas nominais em português.

Prólogo - 9

Miolo Trivium1.indd 9

17/03/14 17:41

bases das pedagogias modernas”,⁶ desenhadas para fins antes de distribuição social que de efetiva educação. Na Advertência ao leitor com que abre sua obra, o tcheco esboça “o plano mestre de seu admirável mundo novo pedagógico”: Ouso prometer uma grande didática, uma arte universal que permita ensinar a todos com resultado infalível; ensinar rapidamente, sem preguiça ou aborrecimento para alunos e professores; ao contrário, com o mais vivo prazer. Dar um ensino sólido, sobretudo não superficial ou formal, o qual conduza os alunos à verdadeira ciência, aos modos gentis e à generosidade de coração. Enfim, eu demonstro tudo isso *a priori*, com base na natureza das coisas. Assim como de uma nascente correm os pequenos riachos que vão unir-se no fim num único rio, assim também estabeleci uma técnica universal que permite fundar escolas universais.⁷

Com efeito, aí estão já algumas das notas da pedagogia moderna: arte universal, ensino rápido, resultado “infalível”, tudo estabelecido *a priori* – o que redundará num seu aparente oposto que não lhe é, todavia, senão uma consequência inelutável: o renascimento do *flatus vocis* sofisticado sob o justo nome de relativismo.

Basta pois comparar o sistema educacional moderno e seus resultados com a pedagogia das Sete Artes Liberais e seus resultados, para que ressalte a

superioridade incalculável desta sobre aquele.

- Antes de mais, como se pode inferir do dito até agora, as Sete Artes ordenavam-se à Verdade e sua complexidade, ao passo que o ensino moderno visa a uma formação “simples” e “universal” tão somente na medida em que, sob a “luz” de um Protágoras e de um Górgias, tem o homem *individual* como medida de todas as coisas – fosse isso possível.

- Daí que, antes de tudo, o jovem medieval que pudesse ou quisesse estudar as Sete Artes se capacitava para a Sabedoria adquirida efetivamente nas universidades, ao passo que o jovem atual, sempre obrigado a cursar o ensino primário e o secundário, não se capacita senão a curvar a cerviz a si mesmo enquanto “medida de todas as coisas” e a ocupar certa posição na escala socioeconômica.⁸

6 José Monir Nasser, “Para Entender o *Trivium*”. Conferir, mais adiante, p. 13.

7 Em Jean-Marc Berthoud, *Jean Amos Comenius et les Sources de l’Idéologie Pédagogique*. Tradução de José Monir Nasser.

8 Deve dizer-se, no entanto, que, contrariamente a certa visão, o universo escolar medieval não se distingue do atual por não ser universal ou não tender a tal. Já o sistema carolíngio 10 - *O Trivium*

Miolo Trivium1.indd 10

17/03/14 17:41

- É pois de assombrar que aquele jovem medieval se distinguisse por buscar algo superior a ele mesmo – porque, com efeito, nossa alma só repousa na Verdade –, enquanto este jovem atual é crescentemente egocentrista, fundado num pretenso saber que não é senão um espelho deformado e idealizado dele mesmo e de suas pobres idiossincrasias?
- E é de admirar que então brotassem sábios verdadeiramente universais, como Santo Alberto Magno, Santo Tomás de Aquino ou São Boaventura, enquanto hoje tristemente quase não brotam se-

não “especialistas” tão especializados, que de fato perdem de vista a universalidade da Verdade em que poderiam repousar?

(Isso para não falar das consequências extremas do atual sistema educacional, as quais desgraçadamente enchem até as mesmas seções policiais dos periódicos.) Vê-se, assim, a importância deste verdadeiro fulgor nas trevas contemporâneas que é *O Trivium* da Irmã Miriam Joseph, a brava religiosa que, influída pelo filósofo americano Mortimer Adler (1902-2001), elaborou um projeto educacional em que o *Trivium* (não todas as Sete Artes, talvez por dificuldades operacionais) fosse a preparação dos estudantes para a carreira universitária.

“Em 1935, quando incorporado ao currículo do Saint Mary’s College, o curso *The Trivium* era exigido de todos os calouros e durava dois semestres, com aulas cinco vezes por semana”.⁹ Foi provavelmente a única tentativa no mundo moderno de recuperar, na prática educacional, o espírito das Sete Artes Liberais.

E, se nos é uma honra prefaciá-lo livro tão importante, não se pode senão ficar igualmente agradecido, por um lado, à É Realizações por publicar uma obra tão única no mundo moderno e, por outro, ao tradutor-adaptador Henrique Paul Dmyterko por ter-se entregado a tão árduo e meticuloso trabalho. Ambos movidos, como no mundo escolar medieval, pelo amor à Verdade.

Carlos Nougué

Professor de Filosofia, de Tradução e de Língua Portuguesa. Tradutor de Filosofia, Teologia e Literatura (do francês, do latim, do espanhol e do inglês). Lexicógrafo. Ganhador do Prêmio Jabuti de Tradução/1993 e Finalista do Prêmio Jabuti/2005 pela tradução de D. Quixote da Mancha, de Miguel de Cervantes (edição oficial do Quarto Centenário da edição princeps).

propendia ao ensino universal, e no Medieval, além de haver uma multiplicidade variegada de instituições de ensino (para artesãos, para moças, etc., que o quisessem ou pudessem), se facilitava o acesso dos estudantes pobres *talentosos* às universidades. A diferença entre os dois universos reside, portanto, *essencialmente*, na razão formal do acesso ao estudo: o medieval era meritocrático, tinha por medida o alto, a virtude do intelecto, enquanto o atual é chapadamente igualitarista – porque tem por medida o baixo, o mais material.

9 José Monir Nasser, “Para entender o Trivium”. Conferir adiante, p. 16.

Prólogo - 11

Miolo Trivium1.indd 11

17/03/14 17:41

Miolo Trivium1.indd 12

17/03/14 17:41

Prefácio

Para entender *O Trivium*

No Brasil, nunca se comemora em excesso o lançamento de uma obra fundacional como *O Trivium*, da irmã Miriam Joseph (1898-1982), já que não é todo dia que a indústria editorial nacional se arrisca a penetrar na pretensa selva escura do Medievo. O desprezo da intelectualidade nacional pelos assuntos da Idade Média é a razão da esquelética oferta por aqui de obras escolásticas, comparadas por Erwin Panofsky¹ às próprias catedrais góticas, e a explicação do nosso tímido *vol d’oiseau* por sobre os fundamentos civilizatórios do Ocidente, entre eles a própria ideia de educação no sentido de Paideia, de formação.

Curiosamente, nada deveria parecer mais enigmático ao cidadão brasileiro medianamente informado, que vive por aí a falar em idade das trevas, do que o escandaloso fiasco deste monstro chamado sistema nacional de ensino.

No Brasil, depois de sequestrarmos as crianças de suas casas pelo menos cinco horas por dia e gastarmos com elas um quarto do orçamento, descobrimos, oito anos depois, atônitos, que a maioria não sabe ler... E isto apesar de todas as si-glas atrás das quais se esconde a bilionária incompetência pública.

O enigma da baixíssima eficiência do ensino, que não é fenômeno exclusivamente brasileiro, foi em parte resolvido na década de 1970 pelo padre austríaco Ivan Illich (1926-2002), que propôs a sociedade sem escolas *tout court*.² A tese de Illich, cujo mérito avulta na proporção direta do fracasso educacional geral, é que o sistema de ensino não tem por objetivo realmente educar, mas somente distribuir socialmente os indivíduos, por meio do ritual de certificados e diplomas. A escola formal, esta que Illich deseja suprimir, não é um meio de educação, mas um meio de “promoção”

social, fato que as pessoas humildes revelam perceber quando insistem com o Joãozinho: estude, meu filho, estude...

Como se vê, vamos decifrando o mistério à medida que desprezamos a falsa equação entre ensino e educação. O sistema de ensino não produz educação, porque está ocupado demais em produzir documentos. Educação terá de ser buscada preferencialmente alhures, fora do sistema. É claro, sempre haverá um professor ou outro que, valendo-se da apatia do sistema, dará, por sua própria conta, aulas magistrais e educará de fato, contanto que seus alunos o desejem, o que, obviamente, nem sempre é o caso.

1 Erwin Panofsky, *Arquitetura Gótica e Escolástica*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

2 Ivan Illich, *Sociedade sem Escolas*. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, Vozes, 1985.

Prefácio - 13

Miolo Trivium1.indd 13

17/03/14 17:41

Temos aí uma espécie de lei geral com correlação inversa: a capacidade de educar alguém é inversamente proporcional à oficialidade do ato e diretamente proporcional à liberdade de adesão do educando. A educação prospera mais quando é procurada livremente. Este é o sentido da palavra “liberal” (de *liber*, livre) nas Sete Artes “liberais” da Idade Média, que eram ensinadas ao homem livre, por oposição às artes “iliberais”, ensinadas ao homem “preso”, controlado por guildas. Estas corporações de ofícios faziam grosseiramente o papel do sistema de ensino moderno, regulando privilégios econômicos e sociais.

Não só não existiu na Idade Média nenhuma obrigação estatal de ir à escola para aprender as Sete Artes, como ninguém imaginava usar este conhecimento como alavanca para forçar os ferrolhos do mercado de trabalho. Para ficar mais claro, com a licença da comparação, a diferença entre o ensino e a educação é a mesma que há entre a polícia e o detetive particular do cinema. A primeira tem a obrigação de desvendar o crime, e por isso precisa parecer que o está resolvendo e, enquanto tem todo esse trabalho de fingir, só consegue esclarecer uns poucos casos pingados. O

detetive resolve todos porque está aí para isso mesmo e vai até as últimas consequências, acabando sempre com o olho roxo.

Tamanha despreensão econômica certamente soa estranhíssima aos modernos, que julgam tudo sob o ponto de vista da quantidade e imaginam que entre a educação medieval e a moderna só exista uma diferença de *quantum*. Na verdade, a diferença é de tal dimensão qualitativa que, no contrapé desse engano, perdeu-se de vista a própria ideia de educação, hoje entendida como adestramento coletivo de modismos politicamente corretos (a tal da “escola cidadã”). Nos tempos das “trevas”, educação era simplesmente *ex ducare*, isto é, retirar o sujeito da gaiolinha em que está metido e apresentar-lhe o mundo. Como já se disse, nem sempre o que vem depois é melhor.

A primeira condição para entender *O Trivium* da irmã Miriam Joseph, editado pela primeira vez no Brasil na corajosa e esmerada tradução de Henrique Paul Dmyterko, é entender que ensinar retórica, gramática e lógica fazia parte de um verdadeiro projeto de educação de que não há nada equivalente no mundo moderno.

As Sete Artes Liberais da Idade Média, divididas em *trivium* (retórica, gramática e lógica) e *quadrivium* (aritmética, música, geometria e astronomia), to-maram esta forma por volta do ano oitocentos, quando se inaugurou o império de Carlos Magno, primeira tentativa de reorganizar o Império Romano, e são o resultado de lenta maturação a partir de fontes pitagóricas e possivelmente anteriores, com decisivas influências platônicas, aristotélicas e agostinianas e complementações metodológicas de Marciano Capela (início do século V), Severino Boécio (480-524) e Flávio Cassiodoro (490-580), até chegar a Alcuíno (735-804), o organizador da escola carolíngia em Aix-en-Chapelle.

Como essas Sete Artes estão vinculadas a conhecimentos tradicionais, apresentam grandes simetrias com outros aspectos da estrutura da realidade,
14 - O Trivium

Miolo Trivium1.indd 14

17/03/14 17:41

permitindo, por exemplo, analogia com o sentido simbólico dos planetas, relacionando a retórica com Vênus; a gramática com a Lua; a lógica com

Mercúrio; a aritmética com o Sol; a música com Marte; a geometria com Júpiter e a astronomia com Saturno. Que ninguém pense, portanto, que haja arbitrariedade na concepção septenária do sistema. Simbolicamente, o sete representa, como ensina Mário Ferreira dos Santos,³ “a graduação qualitativa do ser finito”, isto é, um salto qualitativo, uma libertação, como um sétimo dia de criação que abre um mundo de possibilidades. Como se poderia representar a educação melhor que por esse simbolismo?

O estudante das Artes começava a vida escolar aos quatorze anos (tardíssimo para os padrões modernos, mas não sem alguma sabedoria), participava de um regime de estudo flexível com grande liberdade individual e vencia em primeiro lugar os “três caminhos” do *trivium*, mais tarde descritos por Pedro Abelardo (1079-1142) como os três componentes da ciência da linguagem. Para Hugo de São Vítor (1096-1141), no *Didascálicon*, “a gramática é a ciência de falar sem erro. A dialética⁴ é a disputa aguda que distingue o verdadeiro do falso.

A retórica é a disciplina para persuadir sobre tudo o que for conveniente”.⁵

A irmã Miriam Joseph, muito acertadamente, diz no primeiro capítulo que “o *trivium* inclui aqueles aspectos das artes liberais pertinentes à mente, e o *quadrivium*, aqueles aspectos das artes liberais pertinentes à matéria”. No entanto, ninguém expressou com mais contundência o valor das Artes como Honório de Autun (ca. 1080-1156), com a famosa fórmula: “O exílio do homem é a ignorância, sua pátria a ciência [...] e chega-se a esta pátria através das artes liberais, que são igualmente cidades-etapas”.⁶

De fato, uma vez vencido o desafio da mente, o *trivium*, o estudante medieval passava ao *quadrivium*, o mundo das coisas, e, dele, lá pelos vinte anos, se pudesse e quisesse, para a educação liberal superior, que, na época, se resumia a teologia, direito canônico e medicina, as faculdades das universidades do século XIII. As profissões de ordem artesanal, como construção civil, não eram liberais, mas associadas a corporações de ofícios, como a dos mestres-construtores, às vezes com conotações iniciáticas (maçons).

O *trivium*, de fato, funcionava como a educação medieval, ensinando as artes da palavra (*sermocinales*), a partir das quais é possível tratar os assuntos associados às coisas e às artes superiores. A escolástica, o mais rigoroso método filosófico já concebido, e que floresceria sobretudo no século XII,

foi construída sobre os alicerces do *trivium*: a gramática zela para que todos falem da mesma coisa, 3 Mário Ferreira dos Santos, *Tratado de Simbólica*. São Paulo, É Realizações, 2007, p. 240.

4 Depois da redescoberta da “nova lógica” de Aristóteles, no séc. XII, passou a deno-minar-se lógica.

5 Hugo de São Vítor, *Didascálicon*. Petrópolis, Vozes, 2001.

6 Em Jacques Le Goff, *Os Intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro, José Olympio, 2003, p. 84.

Prefácio - 15

Miolo Trivium1.indd 15

17/03/14 17:41

a dialética problematiza o objeto de discussão (*disputatio*), e a lógica é antídoto certo contra a verborragia vazia, o conhecido *fumus sine flamma*.

A expressão universitária americana *master-of-Arts* guarda, até hoje, resquícios dessa graduação inicial, base dos estudos superiores, que convergiam para o doutorado (no sentido medieval, não no sentido moderno). A faculdade de Artes liberais, frequentemente associada às universidades medievais, sem ser um curso superior propriamente dito, era o que lhe dava sustentação e de certo modo bastava-se a si própria. Explica Jacques Le Goff:

Lá [na faculdade de Artes] é que se tinha a formação de base, daquele meio é que nasciam as discussões mais apaixonadas, as curiosidades mais atrevidas, as trocas mais fecundas. Lá é que podiam ser encontrados os clérigos pobres que não chegaram até a licença, muito menos ao custoso doutorado, mas que animavam os debates

com suas perguntas inquietantes. Lá é que se estava mais próximo do povo das cidades, do mundo exterior, que se ocupava menos em obter prebendas e em desagradar à hierarquia eclesiástica, que era mais vivo o espírito leigo, que se era mais livre. Lá é que o aristotelismo produziu todos os seus frutos. Lá é que se chorou como uma perda irreparável a morte de Tomás de Aquino. Foram os *artistas* que, numa carta comovedora, reclamaram da ordem dominicana os despojos

mortais do grande doutor.⁷

Cada elemento do *trivium* contém potencialmente as habilidades filosóficas da vida intelectual madura. Esta é a razão pela qual o projeto educacional da irmã Miriam, profundamente influenciado pelo filósofo americano Mortimer Adler (1902-2001), foi concebido como preparação de estudantes para a vida universitária, fosse qual fosse o curso. Em 1935, quando incorporado ao currículo do Saint Mary's College, o curso "*The Trivium*" era exigido de todos os calouros e durava dois semestres, com aulas cinco vezes por semana. Santo Agostinho (354-430), mil e seiscentos anos antes, havia feito, a seu modo, a mesma tentativa de preparação intelectual com sua *Doutrina Cristã*,⁸ uma espécie de iniciação intelectual para estudar as Escrituras.

Na prática e salvo engano, no mundo moderno a única tentativa de recuperar o espírito do *trivium* foi a parceria da irmã Miriam Joseph com Mortimer Adler.

Este querendo restaurar a cultura clássica na universidade americana, e aquela preparando o aluno para poder debater os conteúdos dos grandes autores com 7 Ibid., p. 144-45.

8 Santo Agostinho, *A Doutrina Cristã*. Trad. Nair de Assis Oliveira, C.S.A. 2. Ed. São Paulo, Paulus, 2007. (Coleção Patrística)

16 - O Trivium

Miolo Trivium1.indd 16

17/03/14 17:41

precisão gramatical e coerência, concordando com Heráclito,⁹ que pregava a seus alunos a impossibilidade da retórica sem a lógica.

O mundo moderno, Brasil incluído, hipnotizado pelo esquema do ensino universal, perdeu completamente de vista a conotação individual e "iniciática"

que é a alma da verdadeira educação e a essência do *trivium*. Mesmo nos Estados Unidos, a experiência da irmã Miriam Joseph ficou restrita a pequeno grupo de universidades católicas. Por aqui, quase não há interlocutores capacitados para debater o assunto.

Mesmo sem pretender tratar aqui fenômeno tão complexo, registre-se que o sistema educacional tradicional entrou em declínio já no século XIV, lentamente minado por fora e por dentro, sob a orquestração do nascente

“humanismo”, até desabar no Renascimento, pela mão do teólogo e místico tcheco Jean Amos Comenius (1592-1670), que, em sua principal obra, *Magna Didactica*, não apenas faz pouco das Sete Artes como estabelece as bases das pedagogias modernas, desenhadas para fins de ensino e não de educação. Entre outras coisas, Comenius inventou o jardim da infância. Na advertência ao leitor, que abre sua *Magna Didactica*, o teólogo rascunha o plano mestre de seu admirável mundo novo pedagógico: Ouso prometer uma grande didática, uma arte universal que permita ensinar a todos com resultado infalível; ensinar rapidamente, sem preguiça ou aborrecimento para alunos e professores; ao contrário, com o mais vivo prazer. Dar um ensino sólido, sobretudo não superficial ou formal, o qual conduza os alunos à verdadeira ciência, aos modos gentis e à generosidade de coração. Enfim, eu demonstro tudo isso *a priori*, com base na natureza das coisas. Assim como de uma nascente correm os pequenos riachos que vão unir-se no fim num único rio, assim também estabeleci uma técnica universal que permite fundar escolas universais.¹⁰

Mesmo uma análise rápida desta declaração descobrirá nela o DNA da pedagogia moderna nas suas características estruturantes: triunfalismo, epicurismo, massificação do ensino, uniformização do conteúdo, automatização da aprendizagem e insensibilidade às individualidades. A Unesco, naturalmente, homenageia Comenius com sua maior condecoração. Se a miséria do ensino moderno tem pai, o seu nome é Comenius. E se alguma coisa vai na direção contrária do *trivium* é esta “natureza das coisas” de onde vêm estas “escolas universais” e cujo resultado até agora parece ter-se limitado a produzir milhões de indivíduos idiotizados.

9 Ernesto Sábató, *Heterodoxia*. Campinas, Papirus, 1993, p. 120.

10 Jean-Marc Berthoud, *Jean Amos Comenius et les Sources de l'Idéologie Pédagogique*. Tradução de José Monir Nasser.

Prefácio - 17

Miolo Trivium1.indd 17

17/03/14 17:41

Visto desta perspectiva histórica, *O Trivium*, este tesouro redescoberto pela irmã Miriam Joseph, é mais que um manual para desenvolver a inteligência,

é uma luz brilhando na escuridão dos abismos em que atiramos a verdadeira educação.

José Monir Nasser (1957-2013 – In memoriam)

Professor, escritor e autor de O Brasil que Deu Certo e A Economia do Mais (Tríade Editora). Durante anos, ministrou no Espaço Cultural É Realizações suas “Expedições pelo Mundo da Cultura”, uma série conferências sobre grandes livros da literatura ocidental, inspirado pelo modelo de educação liberal proposto por Mortimer Adler.

18 - O Trivium

Miolo Trivium1.indd 18

17/03/14 17:41

Nota do tradutor

Há quem diga que a melhor paga de um tradutor é não ser percebido.

Outros, que tradutor é traidor. Em face disso, lanço-me à temerária, mas breve, tarefa de descrever algo do processo de tradução e adaptação de *O Trivium*, de autoria da irmã Miriam Joseph.

Mas antes permitam-me algumas palavras sobre os motivos da tradução: desde a adolescência – e já se vão trinta anos – lia referências e menções às sete artes liberais, ao *trivium* e ao *quadrivium*, nas saudosas páginas do Suplemento Cultural de *O Estado de São Paulo*. A curiosidade ficou aguçada, mas, à época, outros interesses e obrigações me desviaram daquilo que eu ainda não sabia ser a verdadeira educação. Em junho de 2005, via Internet, deparei-me com oferta da última edição americana do livro *The Trivium*. Comprei-o e, ato contínuo, passei a elaborar um resumo traduzido para meu estudo e, quiçá, para benefício de amigos e colegas. Todavia, logo percebi que o livro original já era um resumo magistral, riquíssimo e sucinto ao mesmo tempo. Restaram-me duas opções: a tudo abandonar ou traduzir o livro por inteiro. Traduza.

O trabalho iniciado em 2005 foi concluído somente em maio de 2007, dadas as dificuldades intrínsecas à adaptação de obra tão clara, mas tão minuciosa e cheia de sutilezas, e também em função das inúmeras vicissitudes da vida.

Vale dizer que a empreitada não me foi encomendada, mas foi fruto de uma dessas teimosias prazerosas, próprias de apreciadores de livros. Fiz porque quis, por assim dizer, sem nenhuma perspectiva de publicação. Mais tarde, porém, tive a imensa sorte e o privilégio de ser apresentado a um editor corajoso, Edson Filho, que de pronto percebeu a importância da obra no contexto da educação liberal.

Também é necessário lembrar aqueles que, na medida de suas possibilidades e nos intervalos dos seus muitos afazeres, prestaram-me, de bom grado e com dedicação tocante, ajuda quanto à leitura dos três capítulos iniciais, além de orientações técnicas sobre notas e referências: Luciane Amato, Fernando de Moraes e Simone Caldas. Imprescindível também é agradecer o denodo e extremo profissionalismo da revisora, Liliana Cruz, com quem finalmente me senti seguro de que o resultado final da tradução seria o melhor possível, ao menos diante do que ela tinha em mãos. Agradeço também a especial gentileza de José Monir Nasser, quando este aceitou, com grande entusiasmo, o convite para prefaciar esta primeira edição brasileira de *O Trivium*, demonstrando seu habitual brilhantismo e erudição na apresentação do histórico das artes liberais e na introdução do conceito de uma educação que ainda estamos a esperar.

Nota do tradutor - 19

Miolo Trivium1.indd 19

17/03/14 17:41

Mas tenho outras dívidas a reconhecer. Além dos inúmeros dicionários especializados, tal como o *Dicionário de Filosofia* de José Ferrater Mora, das obras completas de Aristóteles, Platão, Shakespeare e de tantos outros, sou devedor das obras de dois grandes brasileiros: Napoleão Mendes de Almeida e Massaud Moisés. Estes últimos tornaram mais segura a adaptação dos Capítulos 3 e 11, respectivamente. Se neles há falhas, são minhas.

Sobre o Capítulo 3 há algumas observações importantes para o leitor: a Gramática Geral, teoricamente, é aplicável a toda e qualquer língua indo-europeia.

Repetindo a autora: “A gramática geral é mais filosófica que as gramáticas especiais porque está mais diretamente relacionada à lógica e à metafísica – ou ontologia. Consequentemente, ela difere um pouco das gramáticas

especiais no que diz respeito ao ponto de vista e à classificação resultante, tanto na análise morfológica quanto na análise sintática”. No caso do livro original, obedece-se à gramática da língua inglesa para expressar conceitos da gramática geral, esta com terminologia própria e algo diferente daquela da gramática inglesa. O desafio foi transpor esses conceitos e terminologia para a língua portuguesa.

Pois o fato é que a gramática geral fala de algo que nos parece familiar: por vezes é, por outras não é. Do ponto de vista da estrutura do livro, é o capítulo-chave, o elo que permitirá a melhor compreensão dos capítulos da lógica (proposições, silogismos, falácias, etc.) e da retórica. Esse era o objetivo da irmã Miriam Joseph nesse Capítulo 3, e se consegui manter esse elo, me dou por satisfeito. Os puristas podem torcer o nariz e algum pode até querer, equivocadamente, transformar o referido capítulo num compêndio de gramática da língua portuguesa.

Creio que é útil lembrar ao leitor que o exemplar de *O Trivium* que ele ora tem em mãos não é mera tradução, mas é também uma adaptação que levou em conta aquilo que julguei ser necessário aos leitores brasileiros, pois se trata de um livro-texto de um curso ministrado durante dois semestres em instituições americanas de ensino superior (os *Colleges*), com cinco aulas semanais. Alguns exemplos criados pela autora, irmã Miriam Joseph, se traduzidos simplesmente, perderiam totalmente o efeito pretendido. Nesses casos, fui obrigado a

“criar”, a adaptar e a acrescentar. Outro detalhe importante a ressaltar é que esse livro teve quatro edições nos Estados Unidos: em 1937, 1940, 1948 e em 2002. Nas três primeiras edições, a autora apenas indicava os trechos de More, Shakespeare, Milton, Dante, Platão, etc., mas não os reproduzia, cabendo aos estudantes a tarefa de pesquisa em bibliotecas. Somente a edição de 2002, a que traduzi e que o leitor terá como guia e companheiro de estudos, contém a reprodução dos trechos citados. Por um lado, isso enriqueceu o livro e, por outro, dificultou a adaptação, a depender do caso em que o trecho foi inserido: se como exemplo de uma regra gramatical, de regra lógica, de uma sequência rítmica, etc. Em alguns casos, consegui apresentar a tradução do essencial para o 20 - *O Trivium*

Miolo Trivium1.indd 20

17/03/14 17:41

exemplo; em outros, a tradução já existia, mas não servia. Noutros ainda, deixei o trecho em inglês, sem tradução, pois a grafia e a sequência davam conta dos subsídios necessários à compreensão do leitor.

Enfim, no Brasil, o *trivium*, o cruzamento de três caminhos (lógica, gramática e retórica), há muito aguardava sair do esquecimento ou da ignorância. Que o leitor desta pequena joia, traduzida com a obstinação que vem do encanto, se transforme num estudante e bem se prepare para a inserção na cultura universal.

Henrique Paul Dmyterko

Curitiba, setembro de 2008.

Nota do tradutor - 21

Miolo Trivium1.indd 21

17/03/14 17:41

Miolo Trivium1.indd 22

17/03/14 17:41

Introdução à edição americana de 2002

Na verdadeira educação liberal, a atividade essencial do estudante é relacionar os fatos aprendidos num todo unificado e orgânico, assimilá-los tal como a rosa assimila nutrientes do solo e daí crescer em tamanho, vitalidade e beleza.

O Trivium: As Artes Liberais da Lógica, da Gramática e da Retórica O que é a linguagem? Como ela funciona? O que torna boa a linguagem? Coleridge definia a prosa como “as palavras em sua melhor ordem” e poesia como

“as melhores palavras na melhor ordem”. Singela, mas adequada, sua definição fornece um padrão, mas poderá um leitor ou um escritor encontrar a ferramenta para obter esse padrão? Minha busca levou-me ao livro da irmã Miriam Joseph, *O Trivium*. Eu sabia que as habilidades que havia aprendido quando estudante de artes liberais, ensinado como professora de inglês em escola secundária e utilizado como escritora e editora derivavam da visão medieval e renascentista da gramática, da lógica e da retórica, as três “artes da linguagem” das artes liberais, conhecidas como o *trivium*. Todavia, um

estudo do *trivium* original mostrou-me que regras gramaticais, termos literários e fórmulas silogísticas, misturados de forma desajeitada, diferem da concepção original do *trivium*, que oferecia ferramentas ao aperfeiçoamento do intelecto.

A irmã Miriam Joseph resgatou aquela abordagem integrada para destravar a força do intelecto, oferecendo-a a suas alunas no Saint Mary's College (South Bend, Indiana) por muitos anos. Ela foi instruída no *trivium* por Mortimer J.

Adler, que inspirou a ela e a outras professoras do Saint Mary's que estudassem elas mesmas o *trivium* e depois o ensinassem a seus estudantes. No prefácio da edição de 1937, a irmã Miriam Joseph escreveu: “Esta obra deve o seu começo

[...] ao Professor Mortimer J. Adler, da Universidade de Chicago, cuja inspiração e orientação lhe deram o impulso original”. E ela foi além, ao reconhecer sua dívida com Aristóteles, John Milton e Jacques Maritain. William Shakespeare, Santo Tomás de Aquino e Thomas More também aparecem com frequência nas páginas de *O Trivium*. Sem dúvida, isso é estar em muito boa companhia.

O Trivium nos ensina que a linguagem se desenvolve a partir da natureza mesma do ser humano. Uma vez que somos racionais, pensamos; porque somos sociais, interagimos com outras pessoas; sendo corpóreos, usamos um meio físico. Inven-tamos símbolos para expressar a gama de experiências práticas, teóricas e poéticas que constroem a nossa existência. As palavras permitem-nos deixar um legado de nossa experiência para deleitar e educar aqueles que nos sucederem. Por usarmos a linguagem, engajamo-nos num diálogo com o passado e com o futuro.

Introdução - 23

Miolo Trivium1.indd 23

17/03/14 17:41

Como é que *O Trivium* nos ajuda a usar a linguagem de modo a participar desse diálogo com o passado e o futuro e a discutir a nossa própria vida? As teorias da linguagem e da literatura de Aristóteles formam a base desta obra. As suas dez categorias do ser proveem o foco central. As palavras são categoriza-das por sua relação com o ser e por suas relações mútuas. Quando

quem fala ou escreve usa uma palavra, assim atribuindo a ela um significado particular, essa palavra torna-se um termo e entra nos domínios da lógica. As categorias de Aristóteles nos permitem traduzir o símbolo linguístico numa entidade lógica pronta a tomar lugar numa proposição. Das proposições o leitor move-se para os silogismos, entimemas, sorites, falácias formais e falácias materiais.

O Trivium explica que a lógica é a arte da dedução. Na qualidade de seres pensantes, sabemos alguma coisa e desse saber podemos deduzir um novo saber, um novo conhecimento. De onde vem o conhecimento original? A seção sobre a indução responde a essa questão enquanto explora o processo pelo qual derivamos princípios gerais de casos individuais.

Exemplos do cânone literário universal, e de Shakespeare em particular, lançam luz sobre as explicações acerca da gramática e da lógica. A irmã Miriam Joseph, que também era uma estudiosa de Shakespeare, verdadeiramente se refere a ele como a um mestre do *trivium*. Por exemplo, ele fez uso frequente de lítotes, a figura de linguagem baseada na obversão de uma proposição. Em *The Tempest*, Shakespeare apresenta um desses casos: Sebastian, expressando sua preocupação quanto ao destino de Ferdinand, filho do rei, diz: “I have no hope that he’s undrowned”. Shakespeare toma a decisão retórica de usar a obversão para dramatizar o fato de que Sebastian se vê em face de uma realidade que não consegue descrever em discurso direto.

A retórica se preocupa com as escolhas daquele que fala ou escreve a partir das opções que a gramática e a lógica oferecem. A irmã Miriam Joseph reme-mora a história da retórica e apresenta a perspectiva de Aristóteles quanto aos meios de persuasão. Ela inclui a poética – comunicação através da narrativa criada pelo autor –, além da retórica ou comunicação direta. Nesse ponto o leitor encontrará os seis elementos da poética de Aristóteles. A seção sobre enredo e trama é extensa e inclui uma análise detalhada da estrutura do conto “O Pedaco de Barbante”, de Guy de Maupassant. A serviço da retórica e da poética, a autora explica a linguagem figurada de acordo com os tópicos de invenção clássicos dos quais são derivados; poesia e versificação; e o ensaio. O capítulo termina com um breve guia de composição.

Tal como indica este sumário, *O Trivium* fornece uma visão abrangente da gramática geral, da lógica e da retórica, bem como da indução, da poética, da

linguagem figurada e da poesia. Todavia, o leitor poderá usar as partes do livro separadamente. Capítulos 1 a 3: “As Artes Liberais”, “A Natureza e Função da Linguagem” e “Gramática Geral” oferecem um guia para uma visão integrada 24 - *O Trivium*

Miolo Trivium1.indd 24

17/03/14 17:41

da linguagem. A seção de lógica compreende os capítulos 4 a 9. O capítulo 10,

“Breve Sumário da Indução”, apresenta os tipos de indução e o método científico. O capítulo 11, “Leitura e Composição”, explica conceitos da retórica e de outras formas de literatura. As poucas referências à lógica nos capítulos 10 e 11

são explicadas nas notas.

As notas são um aspecto novo nesta edição de *O Trivium*. Todd Moody, professor de filosofia da Universidade de Saint Joseph, na Filadélfia, forneceu um comentário amplificado nos capítulos sobre lógica. Suas notas são designadas TM. Minhas notas dão etimologias, as fontes das citações e esclarecimentos.

Algumas notas repetem informações de capítulos antecedentes que julguei úteis ao leitor.

A publicação original (1937) tinha uma documentação incompleta quanto às citações. Eu pesquisei todas as citações e usei edições contemporâneas-padrão para fontes citadas com frequência, tais como as peças de Shakespeare ou a Bíblia. Em alguns poucos casos, fui capaz de encontrar a obra citada, mas não a citação específica. Por exemplo, *Confutation Concerning Tyndale's Answers*, de Santo Thomas More, é uma obra em três volumes em prosa renascentista. Em outro caso, porém, fiquei muito contente, não apenas por encontrar o livro verdadeiro, um livro agora pouco conhecido e fora de catálogo, mas por encontrar nele a citação exata.

A questão do gênero e da linguagem deu vez a várias discussões entre a equipe editorial. Em *O Trivium*, a irmã Miriam Joseph usa “ele” e “homem” para se referir a todos os seres humanos; este era o procedimento aceitável nos anos 1930 e 1940, e se ajustava a um livro cujas fontes eram clássicas,

medievais e renascentistas. Deixei o texto inalterado, a não ser por substituições ocasionais de palavras plurais ou pelo uso de expressões tais como *ser humano* em lugar de homem.

Em sua edição de *O Trivium*, a irmã Miriam Joseph usou um formato de esboço, de resumo. Esta edição adapta aquele resumo ao fazer uso de títulos e cabeçalhos, e por oferecer uma transição entre tópicos. Também fiz distinções entre informação e exemplos; no texto original, exemplos, ilustrações, analogias e notas estavam incorporados ao esboço geral. No meu próprio estudo deste *Trivium*, achei que certas seções eram chave para o entendimento da obra como um todo ou eram valiosos acréscimos para a minha compreensão da linguagem.

Apresentei essas seções como quadros, em destaque; estes poderão ser úteis ao leitor tanto numa primeira leitura de *O Trivium* quanto numa revisão do texto.

A autora escolhe exemplos literários maravilhosos para cada capítulo do livro. Esta edição mantém essa seleção original.¹ Ocasionalmente, poemas eram mencionados, porém, não incluídos; esta edição inclui esses poemas. Em alguns 1 Salvo nos casos em que o tradutor julgou necessário adaptar o exemplo. (N. E.) *Introdução* - 25

Miolo Trivium1.indd 25

17/03/14 17:41

casos, a irmã Miriam Joseph usou citações de periódicos da época. Uma vez que perderam relevância, foram substituídas por referências literárias.

Eu gostaria de agradecer às muitas pessoas que ajudaram a trazer esta nova edição [americana] de *O Trivium* à publicação. John Kovach, bibliotecário do Saint Mary's College, encontrou o *Trivium* original e o enviou à editora Paul Dry Books, Inc. O professor John Pauley, do Saint Mary's, escreveu a biografia da autora para esta edição. Todd Moody prestou um serviço inestimável ao ler e comentar os capítulos sobre lógica. Ele ajudou-me a esclarecer e a purificar o texto, respondendo a todas as minhas indagações de maneira afável e expedita.

Darryl Dobbs, professor de ciência política na Marquette University, leu os rascunhos em vários estágios e forneceu comentários úteis. Martha Robinson, membro do Christian Trivium Board, revisou um rascunho, e seu

conselho ajudou-me a tornar mais agudo e centrado o foco. Eu também gostaria de agradecer a Thomas McGlinn, meu marido, que pacientemente esperava pelos jantares apimentados com enigmas de gramática e lógica, enquanto eu trabalhava para avançar neste projeto.

Ao fazer o trabalho de edição de *O Trivium*, tentei não ferir o texto original e ser fiel à visão e à erudição da autora e de seus professores. No “Prólogo” aos *Contos da Cantuária*, Chaucer pede ao público que o perdoe se ele ofender a alguém ou se cometer algum erro. Ele termina explicando, “Meu juízo é insuficiente, vós bem podeis entender”. Eu tomo para mim a mesma defesa.

Enfim, é a irmã Miriam Joseph quem fala mais eloquentemente sobre o valor deste livro. Ela explica que estudar as artes liberais é uma atividade intransitiva; o efeito do estudo de tais artes permanece no indivíduo e aperfeiçoa as faculdades da mente e do espírito. Ela compara o estudo das artes liberais ao desabrochar de uma rosa; ele traz a fruição e a realização das possibilidades da natureza humana. Ela escreve:

as artes utilitárias ou servis permitem que alguém sirva – a outrem, ao estado, a uma corporação, a uma profissão – e que ganhe a vida.

As artes liberais, em contraste, ensinam como viver; elas treinam uma pessoa a erguer-se acima de seu ambiente natural para viver uma vida intelectual e racional, e, portanto, a viver uma vida conquistando a verdade.

Marguerite McGlinn

Filadélfia, 2002

26 - O Trivium

Miolo Trivium1.indd 26

17/03/14 17:41

1. AS Artes Liberais

AS ARTES LIBERAIS

As artes liberais denotam os sete ramos do conhecimento que iniciam o jovem numa vida de aprendizagem. O conceito é do pe-

ríodo clássico, mas a expressão e a divisão das artes em *trivium* e *quadrivium* datam da Idade Média.

O *trivium* e o *quadrivium*

O *trivium* 1 inclui aqueles aspectos das artes liberais pertinentes à mente, e o *quadrivium*, aqueles aspectos das artes liberais pertinentes à matéria. Lógica, gramática e retórica constituem o *trivium*; aritmética, música, geometria e astronomia constituem o *quadrivium*. A lógica é a arte de pensar; a gramática, a arte de inventar símbolos e combiná-los para expressar pensamento; e a retórica, a arte de comunicar pensamento de uma mente a outra, ou de adaptar a linguagem à circunstância. A aritmética, ou teoria do número, e a música, uma aplicação da teoria do número (a medição de quantidades discretas em movimento), são as artes da quantidade descontínua ou número. A geometria, ou teoria do espaço, e a astronomia, uma aplicação da teoria do espaço, são as artes da quantidade contínua ou extensão.

O *trivium*: As três artes da linguagem pertinentes à mente Lógica

arte de pensar

Gramática

arte de inventar e combinar símbolos

Retórica

arte de comunicar

O *quadrivium*: As quatro artes da quantidade pertinentes à matéria

Quantidade descontínua ou número

Aritmética

teoria do número

Música

aplicação da teoria do número

Quantidade contínua ou extensão

Geometria

teoria do espaço

Astronomia aplicação da teoria do espaço

1-1. *As sete artes liberais*

1 *Trivium* significa o cruzamento e a articulação de três ramos ou caminhos e tem a conotação de um “cruzamento de estradas” acessível a todos (*Catholic Encyclopedia*, vol. 1, s.v.,

“The seven liberal arts”). *Quadrivium* significa o cruzamento de quatro ramos ou caminhos.

1. *As artes liberais* - 27

Miolo Trivium1.indd 27

17/03/14 17:41

Essas artes da leitura, da escrita e do cálculo formaram a base tradicional da educação liberal, cada uma constituindo tanto um campo do conhecimento quanto a técnica para adquirir esse conhecimento. O grau de bacharel em artes² é conferido àqueles

que demonstram a proficiência requerida nessas artes; o grau de mestre em artes, àqueles que demonstram uma proficiência maior que a requerida.

Hoje, como em séculos passados, o domínio das artes liberais é amplamente reconhecido como a melhor preparação para o estudo nas escolas de formação profissional, tais como as de medicina, direito, engenharia ou teologia. Aqueles que primeiro aperfeiçoam suas próprias faculdades através da educação liberal estão, deste modo, mais bem preparados para servir aos outros em sua capacidade profissional.

As sete artes liberais diferem essencialmente das muitas artes ou ofícios utilitários (tais como carpintaria, alvenaria, vendas, impressão, edição, serviços bancários, direito, medicina, ou o cuidado das almas) e das sete belas-artes (arquitetura, música instrumental, escultura, pintura, literatura, teatro e dança), pois tanto as artes utilitárias como as belas-artes são atividades transitivas, enquanto a característica essencial das artes liberais é que elas são atividades imanentes ou intransitivas.

O artista utilitário produz utilidades que atendem às necessidades do homem; o artista de uma das belas-artes, se for de superlativa categoria, produz uma obra que é “algo de belo e uma alegria para sempre”³ e que tem o poder de elevar o espírito humano. No exercício tanto das artes utilitárias quanto das

belas-artes, ainda que a ação comece no agente, ela sai do agente e termina no objeto produzido, tendo normalmente um valor comercial; portanto, o artista é pago pelo trabalho ou obra. No exercício das artes liberais, todavia, a ação começa no agente e termina no agente, que é aperfeiçoado pela ação; consequentemente, o artista liberal, longe de ser pago por seu trabalho árduo – do qual, aliás, é o único a 2 A despeito da semelhança com a terminologia brasileira, os graus *Bachelor of Arts* e *Master of Arts* não encontram aqui equivalência direta e perfeita. Um BA é diploma obtido num *College*, que já é instituição de ensino de nível superior. O MA lhe é superior e confere o direito de lecionar. No passado, foi equivalente ao doutorado nos EUA; em algumas áreas e universidades, assim permanece. Todavia, hoje parece consolidar-se uma tendência para distinguir o mestrado como intermediário, antes do Ph.D., seguindo a tradição alemã em lugar da inglesa. (N. T.)

3 “*A thing of beauty and a joy forever*” – Adaptado de “*Endymion*”, de John Keats (1795-1821): “*A thing of beauty is a joy forever: / Its loveliness increases: it will never / Pass into nothingness*”.

28 - O Trivium

Miolo Trivium1.indd 28

17/03/14 17:41

receber todo o benefício –, com frequência paga a um professor para que este lhe dê a instrução e o guiamento necessários na prática das artes liberais.

O caráter intransitivo das artes liberais poderá ser entendido melhor a partir da analogia a seguir.

AnALOGiA: O caráter intransitivo das artes liberais

O carpinteiro aplaina a madeira.

A rosa floresce.

A ação de um verbo transitivo (como *aplaina*) começa no agente, mas “cruza” e termina no objeto (*a madeira*). A ação de um verbo intransitivo (como *floresce*) começa no agente e termina no agente (*a rosa*, que se aperfeiçoa por florescer).

Classes de bens

As três classes de bens – valiosos, úteis e aprazíveis – ilustram o mesmo tipo de distinção que existe entre as artes.

Bens valiosos são aqueles que são desejados não apenas por sua própria causa, mas também porque aumentam o valor intrínseco de quem os possuir. Por exemplo: conhecimento, virtude e saúde são bens valiosos.

Bens úteis são aqueles que são desejados porque permitem que alguém adquira bens valiosos. Por exemplo: alimento, remédio, dinheiro, ferramentas e livros são bens úteis.

Bens aprazíveis são aqueles que são desejados por si mesmos em função da satisfação que dão a quem os possuir. Por exemplo:

felicidade, uma reputação honrada, prestígio social, flores e comida saborosa são bens aprazíveis. Eles nada acrescentam ao valor

intrínseco do possuidor nem são desejados como meios, ainda que possam estar associados a bens valiosos ou úteis. Por exemplo, o conhecimento, que acrescenta valor, pode ao mesmo tempo

ser prazeroso; sorvete, que é um alimento nutritivo e, portanto, promove a saúde, é, ao mesmo tempo, agradável.

As artes utilitárias, ou servis, permitem que alguém seja um ser-vidor – de outra pessoa, do Estado, de uma corporação, de uma

profissão – e que ganhe a vida. As artes liberais, em contraste, ensinam a viver; treinam as faculdades e as aperfeiçoam; permitem a uma pessoa elevar-se acima de seu ambiente material para viver uma vida intelectual, uma vida racional e, portanto, uma vida livre para adquirir a verdade. Jesus Cristo disse: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8,32).

1. As artes liberais - 29

Miolo Trivium1.indd 29

17/03/14 17:41

O novo lema do Saint John’s College, em Annapolis, Maryland, expressa o propósito de uma escola de artes liberais através de um interessante jogo com a etimologia da palavra *liberal*: “*Facio liberos ex liberis libris*

libraque”. “Transformo crianças em homens livres por meio de livros e comparações” [experimentos em laboratório].

Ciência e arte

Cada uma das artes liberais é, a um só tempo, uma ciência e uma arte, no sentido de que em cada campo há algo a conhecer

(ciência) e algo a fazer (arte). Uma arte pode ser empregada com sucesso antes que se tenha um conhecimento formal de seus preceitos. Por exemplo: uma criança de três anos pode fazer uso de gramática correta ainda que nada saiba de gramática formal. De maneira análoga, a lógica e a retórica podem ser usadas eficazmente por quem não conheça os preceitos teóricos dessas artes.

Todavia, é desejável e satisfatório adquirir um conhecimento claro dos preceitos e saber por que certas formas de expressão ou de pensamento estão certas ou erradas.

O *trivium* é o órgão, ou instrumento, de toda educação em todos os níveis, porque as artes da lógica, da gramática e da retórica são as artes da comunicação mesma, uma vez que governam os meios de

comunicar – a saber: leitura, redação, fala e audição. O pensamento é inerente a essas quatro atividades. A leitura e a audição, por exemplo, apesar de relativamente passivas, envolvem pensamento ativo, pois concordamos ou discordamos daquilo que lemos ou ouvimos.

O *trivium* é usado essencialmente quando exercitado na leitura e na composição. Foi exercitado sistemática e intensivamente na leitura dos clássicos latinos e na composição de prosa e versos latinos pelos garotos nas *grammar schools* 4 da Inglaterra e do continente europeu durante o século XVI. Este foi o treinamento que formou os hábitos intelectuais de Shakespeare e de outros autores da Renascença.⁵ O resultado de tal treinamento transparece em suas obras.⁶

O *trivium* era básico também no currículo do período clássico, na Idade Média e na pós-Renascença.

4 Atualmente, equivale a uma escola secundária que só admite alunos por suas habilidades.

Já nos EUA, a *grammar-school* equivale à escola primária. (N. T.) 5 Marshall McLuhan trata do assunto, com ênfase em Thomas Nashe (1567-1601), na obra *O Trivium Clássico*. Trad. Hugo Langone. São Paulo, É Realizações, 2012. (N. E.) 6 Ver T. W. Baldwin, *William Shakespeare's Small Latine and Lesse Greek*. Urbana, The University of Illinois Press, 1944. A expressão “*small Latine and lesse Greek*” vem do poema de Ben Jonson “To the Memory of My Beloved, The Author, Mr. William Shakespeare”. Ben Jonson (1572-1637) era colega e amigo de Shakespeare.

30 - O Trivium

Miolo Trivium1.indd 30

17/03/14 17:41

Na gramática grega de Dionísio da Trácia (*circa* 166 a.C.), o mais antigo livro de gramática⁷ existente e a base para os textos gramaticais durante pelo menos treze séculos, a gramática é definida de uma maneira tão abrangente que inclui versificação, retórica e crítica literária.

A gramática é um conhecimento experimental dos modos de escrever nas formas geralmente correntes entre poetas e prosadores de uma língua. Está dividida em seis partes: (1) leitura instruída, com a devida atenção à prosódia [versificação]; (2) exposição, de acordo com figuras poéticas [retórica]; (3) apresentação das peculiaridades dialéticas e de alusões; (4) revelação das etimologias; (5) relato cuidadoso das analogias; (6) crítica das obras poéticas, que é a parte mais nobre da arte gramatical.

Uma vez que a comunicação envolve o exercício simultâneo da

lógica, da gramática e da retórica, estas artes são as artes fundamentais da educação: ensinar e ser ensinado. Consequentemente, devem ser praticadas simultaneamente pelo professor e pelo aluno. O

aluno deve cooperar com o professor; deve ser ativo e não passivo.

O professor pode estar presente direta ou indiretamente. Quando alguém estuda através de um livro, o autor é um professor presente indiretamente. A comunicação, de acordo com a etimologia da palavra, resulta em algo que é possuído em comum; é uma unicidade compartilhada. A comunicação tem lugar somente quando duas

mentes realmente se encontram. Se o leitor – ou o ouvinte – recebe as mesmas ideias que o escritor – ou o emissor – desejava transmitir, ele as entende (ainda que delas possa discordar); se não recebe ideia alguma, nada entende; se recebe ideias diferentes, entende mal. Os mesmos princípios da lógica, da gramática e da retórica guiam o escritor, o leitor, o emissor e o ouvinte.

A educação liberal

A educação é a mais nobre das artes no sentido de que impõe

formas (ideias e ideais) não sobre a matéria, como fazem outras artes (por exemplo, a carpintaria e a escultura), mas sobre a mente. Essas formas não são recebidas passivamente pelo estudante, mas sim através da cooperação ativa. Na verdadeira educação liberal, e segundo Newman,⁸ a atividade essencial do estudante é relacionar os fatos aprendidos num todo unificado e orgânico, assimilando-os tal como 7 Elementos do esboço de gramática de Dionísio da Trácia ainda são componentes básicos num currículo de artes da linguagem: figuras de linguagem, uso da alusão, etimologia, analogias e análise literária.

8 John Henry Newman (1801-1890), autor de *The Idea of a University Defined* e *Apologia pro Vita Sua*.

1. As artes liberais - 31

Miolo Trivium1.indd 31

17/03/14 17:41

um corpo assimila alimento, ou, ainda, como a rosa assimila nutrientes do solo e daí cresce em tamanho, vitalidade e beleza. Um aprendiz deve usar algo como colchetes mentais, com os quais ligue os fatos entre si de modo a formar um todo significativo. Isso torna o apren-dizado mais fácil, mais interessante e muito mais valioso. O acúmulo de fatos é mera informação e não merece ser chamado educação, pois sobrecarrega a mente e a estultifica, em vez de desenvolvê-la, iluminá

-la e aperfeiçoá-la. Mesmo quando alguém esquece muitos dos fatos que uma vez aprendeu e relacionou, a sua mente retém o vigor e o aperfeiçoamento que obteve ao neles se exercitar. Porém a mente faz isso somente porque lida com fatos e ideias. Ademais, é muito mais fácil lembrar ideias associadas do que ideias sem conexão.

Cada uma das artes liberais veio a ser entendida não no sentido restrito de uma disciplina em separado, mas mais propriamente no sentido de um grupo de disciplinas relacionadas. O *trivium*, em si mesmo uma ferramenta ou uma habilidade, ficou associado às suas matérias de estudo mais apropriadas – línguas, oratória, literatura, história e filosofia. O *quadrivium* compreende não apenas a matemática, mas muitos ramos da ciência. A teoria do número inclui não apenas a aritmética, mas também álgebra, cálculo, teoria das equações e outros ramos da matemática superior. As aplicações da teoria do número incluem não só a música (aqui entendida como

princípios musicais, tais como a harmonia, que constituem a arte liberal da música, a qual deve ser distinguida da música instrumental aplicada, que é uma das belas-artes), mas também a física, muito da química e de outras formas de medição científica de quantidades descontínuas. A teoria do espaço inclui geometria analítica e trigo-nometria. As aplicações da teoria do espaço incluem princípios da arquitetura, da geografia, da agrimensura e da engenharia.

Ler, escrever e contar constituem o cerne não apenas da educação elementar, mas também da educação superior. A competência no uso da linguagem e a competência em lidar com abstrações, particularmente as quantidades matemáticas, são consideradas como os mais confiáveis índices do calibre intelectual de um estudante.

Consequentemente, criaram-se testes para medir essas competências, de modo que programas de orientação educacional e vocacional em instituições de ensino superior⁹ e nas forças armadas se baseiam nos resultados de tais testes.

⁹ A autora se refere aos *Colleges*, que são instituições de ensino superior, mas ainda não vocacional ou profissional. (N. T.)

32 - O *Trivium*

Miolo Trivium1.indd 32

17/03/14 17:41

As três artes da linguagem proveem disciplina à mente, uma vez que esta encontra expressão na linguagem. As quatro artes da quantidade proveem

meios para o estudo da matéria – mais precisamente, extensão –, visto que essa é a característica notável da matéria. (A extensão é uma característica apenas da matéria, enquanto o número é característica tanto da matéria quanto do espírito). A função do *trivium* é treinar a mente para o estudo da matéria e do espírito, que juntos constituem a substância da realidade. O fruto da educação é a cultura, que Matthew Arnold¹⁰ definiu como “O conhecimento de nós mesmos [mente] e do mundo [matéria]”. Na

“doçura e iluminação” da cultura cristã, que acrescenta a inteligência de Deus e a de outros espíritos ao conhecimento do mundo e de nós mesmos, tornamo-nos verdadeiramente aptos a “Ver a vida resolutamente; a vê-la por inteiro”.¹¹

AS ARTES DA LINGUAGEM

As artes da linguagem e a realidade

As três artes da linguagem podem ser definidas conforme se relacionam com a realidade e entre si. A metafísica ou ontologia,¹² a ciência do ser, trata da realidade, da coisa tal como ela existe. A lógica, a gramática e a retórica têm as seguintes relações com a realidade.

A lógica trata da coisa tal como ela é conhecida.

A gramática trata da coisa tal como ela é simbolizada.

A retórica trata da coisa tal como ela é comunicada.

1-2. *Linguagem e realidade*

iLustRAçãO: Relação entre a metafísica e as artes da linguagem A descoberta do planeta Plutão, em 1930, ilustra a relação entre a metafísica e as artes da linguagem. O

planeta Plutão já era uma entidade real, percorrendo a sua órbita em torno do Sol havia muitos e muitos milênios, por nós desconhecido e, portanto, sem nome. A sua descoberta em 1930 não o criou; porém, ¹⁰ Matthew Arnold (1822-1888), poeta, ensaísta e crítico inglês. A expressão “*sweetness and light*” [doçura e iluminação] vem do seu ensaio “Culture and Anarchy”.

¹¹ Matthew Arnold, “To a Friend”.

12 A *Metafísica* de Aristóteles deu sequência à sua obra em física. Em grego clássico, *meta* significa “depois” ou “além”. Na *Metafísica*, Aristóteles definiu os princípios primeiros no entendimento da realidade. A ontologia é um ramo da metafísica e trata da natureza do ser.

1. As artes liberais - 33

Miolo Trivium1.indd 33

17/03/14 17:41

ao ser descoberto, tornou-se uma entidade lógica. Quando lhe foi dado o nome Plutão, tornou-se uma entidade gramatical. Quando, por seu nome, o conhecimento dessa entidade foi comunicado a outros através da palavra falada e escrita, o planeta Plutão tornou-se então uma entidade retórica.¹³

A retórica é a arte mestra do *trivium*,¹⁴ pois pressupõe e faz uso da gramática e da lógica; é a arte de comunicar através de símbolos as ideias relativas à realidade.

Comparação de materiais, funções e normas das artes da linguagem

As artes da linguagem conduzem o orador, o escritor, o ouvinte e o leitor ao uso correto e eficaz da linguagem. A fonética e a ortografia, que estão associadas à arte da gramática, são aqui incluídas para demonstrar sua relação com as outras artes da linguagem no que concerne a materiais, funções e normas.

Fonética: prescreve como combinar sons de modo a formar corretamente as palavras faladas.

Ortografia: prescreve como combinar letras de modo a formar corretamente as palavras escritas.

Gramática: prescreve como combinar palavras de modo a formar corretamente as frases.

Retórica: prescreve como combinar frases em parágrafos e estes numa composição completa, que apresente unidade, coerência e a ênfase desejada, bem como clareza, vigor e beleza.

Lógica: prescreve como combinar conceitos em juízos e estes em silogismos e cadeias de raciocínio de modo a obter a verdade.

1-3. *As artes da linguagem: seus materiais e funções*

Uma vez que a retórica almeja mais a eficácia do que a correção, lida não apenas com o parágrafo e com a composição completa,

13 A realidade do planeta Plutão, soubesse alguém ou não de sua existência, pertence ao reino da metafísica. É a descoberta humana que dele foi feita que o traz para o reino da lógica, da gramática e da retórica.

14 Chamar a retórica de “a arte mestra do *trivium*” é um lembrete quanto à ambivalência associada ao termo. Durante as pesquisas para a terceira edição do *American Heritage Dictionary*, os editores indagaram de especialistas no vernáculo se a sentença *retórica vazia* era redundante. Um terço dos especialistas disse que sim, enquanto a maioria ainda aceitava o sentido tradicional do termo. Em sua obra sobre a retórica, Aristóteles dá esta definição: “A retórica pode ser definida como a faculdade de, em qualquer situação, perceber os meios de persuasão disponíveis” (1.2).

Todavia, mesmo na sua *Retórica*, Aristóteles é obrigado a justificar o seu uso. Ele argumenta que o uso de algo bom para um fim mau não nega a boa qualidade da coisa mesma. “E, se é possível objetar que alguém que faça mau uso de tal poder da palavra pode causar grande dano, então esta é uma acusação que poderia ser feita também contra todas as coisas excelentes, exceto a virtude, e, acima de tudo, contra as coisas mais úteis, tais como a força de vontade, a saúde, a riqueza e a capacidade de comando” (1.1) (Aristóteles, *The Rhetoric and the Poetics of Aristotle*. Trad.

W. Rhys [*Rhetoric*] e Ingram Bywater [*Poetics*]. Nova York, The Modern Library, 1984).

34 - O Trivium

Miolo Trivium1.indd 34

17/03/14 17:41

2 A NATUREZA DA LIN

GUAGEM

E da natureza da linguagem comunicar através de símbolos. A linguagem é um sistema de símbolos para a expressão de nossos pensamentos, volições e emoções.

Uma palavra, como qualquer outra realidade física, é constituída de matéria e forma. Uma palavra é um símbolo. Sua matéria é o signo sensível,- sua forma, o significado a ela imposto por convenção. Matéria e forma são conceitos metafísicos (*sobre as coisas-lal-cotno-existem*) necessários à compreensão filosófica de qualquer todo material, pois juntas constituem esse todo.' A matéria é definida como o primeiro princípio intrínseco e puramente potencial de uma essência corpórea,- como tal, sem forma não pode existir *na* realidade, pois não é um corpo, mas um princípio intrinsecamente constitutivo de um corpo. A forma é o primeiro princípio intrínseco atual de uma essência corpórea.

ILUSTRAÇÃO: Matéria e forma

Nos animais, o corpo é a matéria e a alma é a forma.

Na água, a matéria consiste de hidrogênio e oxigênio; a forma é o modo preciso de sua união numa molécula de água, que pode ser expresso pela fórmula química H_2O .

Na linguagem falada, a matéria das palavras é o som. Este aspecto da linguagem é tratado pela fonética. Na linguagem escrita, a matéria das palavras é o sinal ou notação,- é um aspecto tratado pela ortografia. A forma das palavras é seu significado, que é tratado pela semântica.

Linguagem: um sistema de símbolos para expressão de nossos pensamentos, volições e emoções

Matéria das Palavras

Ciência

linguagem falada

som

fonética, estudo do som

linguagem escrita

notação

ortografia, estudo da grafia correta

Forma das Palavras

significado

semântica, estudo do significado

2-1 *Matéria e forma na linguagem*

” Os conceitos metafísicos de matéria e forma são centrais à visão do trivium apresentada neste livro. Os conceitos tornar-se-ão de mais fácil compreensão à medida que forem elaborados ao longo do texto.

éfilurem e Finição iln Lirigmigeiii -

Voz é o som emitido por um animal. A voz de animais irracionais tem significado natural, a partir do tom da expressão. Somente a voz humana é simbólica, tendo um significado a ela imposto por convenção.

Os seres humanos têm voz articulada, por meio da qual adicionam à sua voz simples as modificações que são produzidas pelos órgãos da fala: língua, palato, dentes, lábios. A capacidade da voz articulada para produzir tais modificações em variedade quase ilimitada torna possíveis os muitos símbolos necessários à comunicação da vasta extensão do pensamento humano.

O alfabeto” da International Phonetic Association é um sistema de símbolos escritos que visam uma representação exata e uniforme dos sons da fala. Ele distingue vinte sons de vogais, seis ditongos e vinte e sete sons de consoantes. A língua inglesa, por exemplo, carece de três sons de vogais (aqueles presentes no alemão *grilo* e *scbõii*, e no francês *setil*) e dois sons de consoantes (aqueles presentes no alemão *ieb*, e no escocês *locb*).

orrmi da I inguagcsn

A forma (alma) da linguagem é o significado. Palavras podem significar tanto indivíduos quanto essências. Na metafísica ou ontologia -

a ciência do *ser*-, distingue-se o indivíduo da essência. Indivíduo é qualquer ser físico que exista. Apenas os indivíduos existem, no sentido de que todo ser material que exista ou tenha existido é um indivíduo, *é ele mesmo e não outro*, e é, portanto, único em sua individualidade. Qualquer homem, mulher, árvore, pedra ou grão de areia é um indivíduo. Bucéfalo, o cavalo que pertenceu a Alexandre, o Grande, era um cavalo individual.

Essência é aquilo faz o *ser* ser o que é, e sem o quê, não seria o tipo de *ser* que é. Essência é aquilo que, num indivíduo, o faz semelhante aos outros em

sua classe/ enquanto sua individualidade é o que o faz diferente dos outros em sua classe.

Uma vez que todo indivíduo pertence a uma classe e esta a uma outra maior, distinguimos essas classes como espécie e gênero.

Uma espécie é uma classe composta de indivíduos que têm em comum a mesma essência específica, ou natureza.

7 O Alfabeto Fonético Internacional pode ser encontrado na maioria dos dicionários.

” A palavra *classe* significa qualquer tipo de agrupamento que reconheça aquelas características que os indivíduos no grupo têm em comum. Tal como utilizada em *O Trímio*, *classe* refere-se tanto a espécie quanto a gênero.

ILUSTRAÇÃO: Espécie e classe

Homem é a espécie ou classe à qual pertencem Shakespeare, Aristóteles e a rainha Elizabeth, e também qualquer outro homem ou mulher, porque a essência ou natureza do homem é comum a todos eles.

Cavalo é a espécie ou classe à qual Bucefalo e qualquer outro cavalo pertencem, porque a essência ou natureza do cavalo é comum a todos os cavalos.

Um gênero é uma classe mais ampla composta de duas ou mais espécies diferentes, mas que têm em comum a mesma essência genérica ou natureza.

ILUSTRAÇÃO: Gênero

Animal é o gênero ou classe a que o homem, o cavalo, o cachorro, a ostra e qualquer outra espécie animal pertencem, porque a essência ou natureza animal é a mesma em todas elas.

Flor é o gênero a que a rosa, a violeta, a tulipa e qualquer outra espécie de flor pertencem, porque a essência ou natureza floral é a mesma em todas elas.

Um animal ou uma flor individual pertence a um gênero somente por ser um membro de uma espécie que faz parte daquele gênero.

O caráter abstrato do gênero é tal que não se pode pintar um retrato de “animal”, mas apenas de um tipo ou espécie particular de animal, tal como um cavalo ou um cachorro. Todavia, também a espécie é abstrata, pois não

se pode retratar a espécie cavalo ou cachorro,- só é possível retratar um cavalo ou cachorro individual, uma vez que todo e qualquer cavalo ou cachorro que exista é individual.⁹

Em todo indivíduo, a essência específica ou natureza de classe é o que ele tem em comum com todos os membros de sua espécie, e também a essência genérica ou natureza de classe, o que ele tem em comum com os membros do gênero a que sua espécie pertence.

A essência genérica nada mais é que a essência específica, omitidas as características mais definidas desta última. Além da essência, que torna o indivíduo semelhante aos outros membros de sua espécie e gênero,

o

indivíduo

tem

características

individuadoras

que

o

fazem

diferente de todos os outros indivíduos em sua espécie e gênero.

Não

confundir

agregado

(grupo

qualquer

de

indivíduos)

com

espécie ou gênero. O indivíduo é um. Um agregado é um conjunto de indivíduos de qualquer espécie (p. ex., o conjunto de

Inclusive aquele cuja imagem esta em nossa memória ou quando tentamos imaginá-lo, o que, a rigor, c a mesma operação mental. (N. 7.)

C llllCdí) d(l L “l

objetos

numa

sala

é

constituído

de

indivíduos

de

diferentes

es-

pécies).

As

“mulheres

do

século

XIX”

constituem

um

agrupa-

mento

de

indivíduos

da

mesma

espécie,
mas
que
constitui
ape-
nas
uma
parte
da
espécie,
distinta
por
ter
existido
num
certo
período do tempo.

Uma espécie, ou gênero, sempre significa uma natureza de classe ou essência e inclui todos os indivíduos de todos os lugares e épocas em que se tenha verificado aquela natureza ou essência. Por exemplo, *homem é* uma espécie e inclui todos os homens e mulheres de todo lugar e época — passada, presente ou futura.

Um
indivíduo
é
um.
Um

agregado

é

simplesmente

um

grupo

que consiste em dois ou mais indivíduos.

Essência é o que faz um *ser* ser o que ele é.

Espécie é uma classe composta por indivíduos que têm em comum a mesma essência específica.

Gênero é uma classe mais ampla, composta de duas ou mais espécies diferentes.

Agregado é um grupo que consiste de dois ou mais indivíduos. (Um indivíduo é uno. Um agregado é meramente um grupo de dois ou mais indivíduos).

2-2 *Os termos da essência*

linguagem e seus Símbolos

A

linguagem

emprega

quatro

importantes

tipos

de

símbolos

para

representar a realidade: dois para simbolizar o indivíduo e dois para representar a essência que é comum a todos os membros de uma classe.

A linguagem pode simbolizar um indivíduo ou um agregado, seja por um nome próprio seja por uma descrição empírica ou particular.

Uma descrição empírica ou particular é um nome comum ao qual se soma um definidor que limita a sua aplicação a um indivíduo ou grupo em particular. *Empírica* significa que tem por base a experiência. Uma vez que somente os indivíduos existem de fato, nossa experiência diz respeito a eles. Através de todo este livro, o termo *empírico* é usado com referência ao nosso conhecimento dos indivíduos como tais.

ILUSTRAÇÃO: A linguagem usada para simbolizar informação

empírica Um nome próprio, tal como Machado de Assis ou Curitiba, Dia da Pátria, Estados Unidos, Senado, Católicos, Mar Mediterrâneo, pode simbolizar o indivíduo ou um agregado.

Uma descrição empírica ou particular, tal como o atual gerente da loja, este computador, a mulher que estava histérica, a mobília desta casa, pode simbolizar o indivíduo ou um agregado.

38

Se

a

linguagem

não

pudesse

simbolizar

o

indivíduo,

seria

impos-

sível

designar

pessoas,

lugares

ou
épocas
em
particular.
Viveríamos
num mundo extremamente inconveniente.
Por
outro
lado,
se
a
linguagem
simbolizasse
apenas
o
indivíduo,
as
pessoas
estariam
em
situação
pior
ainda.
Cada
palavra
seria

um

nome

próprio,

e

então

seria

necessário

dar

um

nome

próprio

dife-

rente a cada objeto de que se falasse - e não apenas a pessoas ou lugares,
mas a tudo.

Ninguém

entenderia

o

outro,

exceto

aqueles

que

comparti-

lhassem,

através

das

mesmas

e

simultâneas
experiências
sensí-
veis
do
“conhecimento”,
daqueles
mesmos
e
idênticos
objetos
descritos.
Assim,
a
linguagem
de
cada
cidadezinha,
de
cada
fa-
mília,
seria
diferente
e
ininteligível

para
os
de
fora
do
grupo.
O
leitor
já
deve
ter
tido
experiência
similar
quando
três
ou
quatro
amigos
trocam
reminiscências
de
uma
experiência
da
qual

ele
não participou.

Se

as

palavras

fossem

todas

nomes

próprios,

perderiam

o

senti-

do

assim

que

fossem

destruídos

os

objetos

que

simbolizam.

Deste

modo,

não

haveria

história

nem
literatura.
Idéias
gerais
ou
univer-
sais
não
poderiam
ser
expressas
na
linguagem:
não
haveria
livros
sobre ciência ou filosofia.

A
linguagem
pode
simbolizar
a
essência
por
dois
tipos

de
símbolos,
ambos
aplicáveis
a
todos
os
membros
de
uma
classe.
Um
nome
comum
-
tal
como
criança,
cadeira,
árvore,
quadrado,
hora
-
pode
simbolizar

a
essência.

A
maioria
das
palavras
listadas
num
dicionário

é de nomes comuns. Então é óbvio que o grosso da linguagem seja composto de

nomes
comuns,-
eles
simbolizam
tanto
espécies
quan-
to
gêneros.1”

Por
exemplo,
salto
nomeia
uma
espécie

de

movimento,

enquanto *movimento* é o gênero que abarca o salto, o vôo, o rastejar e o andar.

Uma

descrição

geral

ou

universal,

tal

como

animal

racional,

tri-

ângulo

equilátero,

pode

simbolizar

uma

essência.

Uma

descrição

geral

é

ela

mesma

toda

feita
de
nomes
comuns,
como
as
descrições
de cada palavra nos dicionários.

Palavras
que
não
representam
realidade
alguma
não
são
símbolos,

elas são apenas palavras vazias de sentido. Um nome próprio

Designações de espécies e gêneros são relativas na linguagem, ao contrário do que ocorre

na
ciência.

P

ex.,

tulipa,

grama

e

pinheiro
poderiam
ser
designados
como
espécies
de
coisas
que
crescem.

A
botânica
as
classificaria
de
forma
mais
rigorosa
ou
segundo
outros
critérios.

Também
na
zoologia,
o

cão,
livremente
designado
na
linguagem
como
carnívoro
tanto
quanto
o
leão,
é
obrigatoriamente
designado
(.tiiiuus
fíimiliiris,
sendo
Civmus
o
gênero
e *fiiiHíltcirts* a espécie.

e Tuh^cio da Linguagem - 39

ou uma descrição empírica devem simbolizar um indivíduo ou um agregado existente de fato (passado ou presente) ou na ficção (onde há personagens, lugares, etc., criados pela imaginação). Do contrário, seriam palavras destituídas de sentido real, como, p. ex., o rei da Lua ou o imperador de Brasília. Todavia, Hamlet, Brás Cubas e o falecido D. Pedro II são símbolos verdadeiramente.

Um nome comum ou uma descrição geral deve representar uma essência ou uma natureza de classe que é intrinsecamente possível, ainda que não precise necessariamente existir. De outro modo, seria absolutamente destituído de sentido, tal como um círculo quadrado ou um quadrado triangular. Não obstante, os símbolos apresentados a seguir são símbolos verdadeiramente, pois expressam algo concebível: uma sereia, uma vaca roxa, um habitante de outro planeta, um polígono regular de mil lados, um elefante cor-de-rosa. Assim também são os símbolos que demos como exemplos de essência, de natureza de classe, de uma espécie ou de um gênero.

Linguagem que simboliza um indivíduo ou agregado de indivíduos

Nome próprio

Descrição particular ou empírica

Linguagem que simboliza essência

Nome comum

Descrição geral ou universal

2-3 Quatro tipos de símbolos de linguagem

Criando Símbolos d;i Realidade

Palavras são símbolos de idéias sobre a realidade. E como é que alguém deriva idéias a partir da realidade e como as classifica? Gerar uma idéia universal ou conceito envolve vários passos, num processo que é tratado mais detalhadamente pela psicologia.

A GERAÇÃO DE UM CONCEITO

Primeiramente, os sentidos externos - visão, audição, tato, olfato e paladar - operam sobre um objeto presente diante de nós e daí produzem um percepto, ou uma percepção do objeto. Os sentidos internos, fundamentalmente a imaginação, produzem um fantasma ou imagem mental do objeto individual percebido, e é esse fantasma que é retido [na memória] e pode ser reproduzido à vontade na ausência do objeto.

40 - O 7 riviim

ILUSTRAÇÃO: Percepção e fantasma

Uma **percepção** (percepto) é como um retrato sendo pintado por um artista enquanto este olha para o modelo.

Um **fantasma** é como aquele mesmo retrato, mas retido e olhado quando quer que se queira, por anos a fio, mesmo na ausência do modelo retratado.

Há quatro sentidos internos: a imaginação, a memória sensorial, o senso sintetizador ou central e o instinto.

Através da abstração, o intelecto produz o conceito. A imaginação é a área de encontro entre os sentidos e o intelecto. A partir dos fantasmas na imaginação, o intelecto deles abstrai aquele que é comum e necessário a todos os fantasmas de objetos similares (p.

ex., árvores ou cadeiras),- esta é a essência (a que faz de uma árvore uma árvore ou de uma cadeira uma cadeira). A apreensão intelectual dessa essência é o conceito geral ou universal (de uma árvore ou de uma cadeira).

Um conceito geral é uma idéia universal existente apenas na mente, mas que tem seu fundamento fora dela: na essência que existe no indivíduo e faz dele o tipo de coisa (ente, ser) que é. Portanto, um conceito não é algo arbitrário, ainda que a palavra o seja.

A verdade tem uma norma objetiva no real.

Percepto: a imagem criada pelos sentidos externos no encontro com a realidade.

Fantasma: a imagem mental criada pelos sentidos internos, fundamentalmente pela imaginação.

Conceito: a abstração criada pelo intelecto através do reconhecimento da essência.

2-4 Gerando um conceito

Um conceito geral é universal porque é o conhecimento da essência igualmente presente em todo e qualquer membro de uma classe, a despeito do tempo, lugar ou de diferenças individuais. P

ex., o conceito “cadeira” é o conhecimento da essência “cadeira”, que deve estar presente em toda e qualquer cadeira em todos os tempos, em todos os lugares, independente de tamanho, peso, cor, material e de outras diferenças individuais.

O objeto real (uma árvore ou uma cadeira), bem como os seus correspondentes percepto e fantasma, é individual, material e limitado a um lugar e tempo particulares,- o conceito é universal, imaterial e não limitado a um lugar ou tempo particular.

Xiiturezu e Fuii^ao du Lin<>iiii>eiii - 4/

Apenas os seres humanos têm o poder da abstração intelectual, daí que somente o homem pode formar um conceito geral ou universal. Animais irracionais têm os sentidos externos e internos, que, por vezes, são mais aguçados que aqueles do homem. Mas, por lhes faltarem as capacidades racionais (intelecto, memória intelectual e livre-arbítrio), são incapazes de progredir ou de estabelecer cultura. Apesar de seu notável instinto, suas ações, por mais intrínsecas que sejam, permanecem as mesmas ao longo dos séculos: as represas dos castores, os ninhos dos passarinhos, os formigueiros, as colméias, sempre iguais.

ANALOGIA: Abstração intelectual ‘ ~

Flores contêm mel (seiva). Borboletas, formigas, abelhas, mosquitos e outros insetos podem descer sobre a flor, mas somente as abelhas podem abstrair o mel, pois só as abelhas têm a capacidade de fazê-lo. Tanto quanto as abelhas abstraem o mel das flores, o intelecto abstrai a partir dos fantasmas de objetos similares a essência daquilo que é comum e necessário a eles e ignora o restante, ou seja, as diferenças individuais.

Não há nada no intelecto que já não estivesse primeiro nos sentidos,
exceto

o

intelecto

mesmo.

Os

poderes

intelectuais

humanos

necessitam de material sobre o qual trabalhar. Este vem da natureza através dos sentidos. A natureza provê os materiais e o intelecto humano concebe e constrói as obras da civilização que fazem uso da natureza e lhe aumentam o valor na forma de serviços à raça humana.

ANALOGIA: Matéria-prima e intelecto

Não há nada num fino tecido de algodão que já não estivesse no algodão *matura*. Da mesma forma, através dos sentidos, o intelecto obtém da natureza a matéria-prima para o pensamento.

O conhecimento abstrato ou intelectual é

mais claro,

mas

me-

nos

vivido,

que

o

conhecimento

concreto

ou

sensível.

Círculos

e

quadrados de vários tamanhos e cores podem ser percebidos pelos sentidos, podendo assim ser percebidos tanto por um cavalo quanto

pelo

homem.

Todavia,

somente

o

homem

pode

derivar

desses

vários círculos e quadrados a definição de círculo e quadrado. Uma pessoa

pode,

por

abstração,

conhecer

as

propriedades

dessas

figu-

ras, tais como a relação entre a circunferência de um círculo e seu raio, expressando-a através da fórmula abstrata $C = 2\pi R$ [comprimento da circunferência]. Tal conhecimento abstrato é mais

42 - *O Triviimi*

claro,

ainda

que

menos

vivido,

que

a

apreensão

sensível

das

figuras

coloridas, as quais são igualmente perceptíveis pelo cavalo.

Thomas More, em sua defesa do uso de estátuas e pinturas como meio

de

instrução,

realça

o

contraste

daquelas

com

as

palavras.”

Ele

chama a atenção para o fato de que palavras são símbolos de fantasmas e conceitos, tal como já foi explicado anteriormente:

Imagens são livros necessários aos sem instrução e são bons livros também aos instruídos. Pois todas as palavras são apenas imagens que representam coisas que o escritor ou o orador concebe em sua mente, tanto quanto a figura de uma coisa emoldurada pela imaginação, e deste modo concebida na mente, é tão-somente a imagem representativa da coisa mesma sobre a qual o homem pensou.

Por exemplo, se eu lhe conto um episódio da vida de um amigo meu, a imaginação que dele tenho em minha mente não é ele mesmo, mas uma imagem que o representa. E quando eu o nomeio, seu nome não é nem ele mesmo nem a figura que dele tenho em minha imaginação, mas apenas uma imagem que apresenta a você a imaginação da minha mente. Se eu estiver muito longe de você para lhe contar tal episódio, então será a escrita, e não o nome mesmo, uma imagem representativa do nome. E, no entanto, todos esses nomes falados e todas essas palavras escritas não são signos ou imagens naturais, mas signos construídos por consentimento e convenção

entre os homens para significar as coisas, enquanto as imagens pintadas, esculpidas ou entalhadas podem ser tão bem trabalhadas, tão fiéis à verdade e ao objeto vivo, que, naturalmente, acabam representando-o muito mais eficazmente do que o nome falado ou escrito. Pois aquele que nunca tenha ouvido o nome do meu amigo, mas que tenha visto um seu retrato, se um dia o vir em pessoa, o reconhecerá através da imagem trazida à memória.

- A Rcfiiliow ilus Respostas de Tyiidide12

AS DEZ CATEGORIAS DO SER (ARISTÓTELES)

Uma vez que o intelecto humano cria símbolos a partir da realidade, esses símbolos

ou

palavras

podem

ser

manipulados

e

catalogados

de

modo

a

incrementar

nosso

entendimento

da

realidade.

As

dez

categorias

do
ser,
de
Aristóteles,
classificam
palavras
em
relação
ao

nosso conhecimento do ser. Essas categorias metafísicas têm seus

1 Thomas More está defendendo o uso que a Igreja Católica faz de estátuas e imagens em resposta

às
suspeitas
a
esse
respeito
expressas
por
autores
protestantes.

O
argumento
de

More baseia-se na premissa de que as palavras são imagens também e podem ser menos

eficazes do que imagens visuais.

2 *The Coiijiitilion e>(Tyiid<ilc's Ansiecrs*, vol. 8 das *Complete Works of Saiiit llioinus Afore*, Louis A.

Schuster,

Richard

C.

Morris,

James

P

Lusardi

e

Richard

J.

Shoeck

(eds.),

New

Haven,

Yale

University

Press,

1973.

William

Tyndale

era

um

seguidor

da

filosofia

de

John

Wycliffe

e traduziu parte das escrituras para o inglês, e More, numa carta a Erasmo de Roterdã (14

de

junho

de

I

532),

atacou

a

tradução

de

Tyndale,

pois

essa

“contém

traduções

incorretas

e,

pior,

interpretações

incorretas

das

Escrituras”.

Elizabeth

Francês

Rogers

(ed.),

Sdiiil

Thomas Afore. Selecded Lelters. New Haven, Yale University Press, 1961, p. 176.

Xiitnrezii e Tmição du Lini'iiiiioei>i - qt

correspondentes exatos nas dez categorias ou *praedicamenla* '3 da lógica, as quais classificam nossos conceitos, o nosso conhecimento do ser.

Todo ser existe em si mesmo ou em outro. Se existe em si mesmo, é uma substância. Se existe em outro, é um acidente. Distinguimos nove categorias de acidente,- estas, com a substância, constituem as dez categorias do ser.

1. Substância é o que existe em si mesmo, p. ex., homem.
2. Quantidade é uma determinação da matéria da substância, atribuindo-lhe partes distintas de outras partes, p. ex., alto.
3. Qualidade é a determinação da natureza ou forma de uma substância, p. ex., escuro, bonito, inteligente, atlético, cavalheiresco.
4. Relação é a referência que uma substância, ou um acidente, estabelece com outra, p. ex., amigo, próximo.
5. Ação é o exercício das faculdades ou do poder de uma substância de modo a produzir um efeito em alguma outra coisa ou nela mesma, p. ex., apertar o botão de uma câmera, levantar, sorrir.
6. Paixão é a recepção |sofrida|, por uma substância, de um efeito produzido por algum *agente*, p. ex., ser convidado a retornar, ser convocado.
7. *Quando* é posição em relação ao curso de eventos extrínsecos e que mede a duração de uma substância, p. ex., tarde de domingo.
8. *Onde* é posição em relação aos corpos que circundam uma substância,- mede e determina seu lugar, p. ex., num banco, às mar-gens do lago.
9. Postura é a posição relativa que as partes de uma substância têm quanto às outras e vice-versa, p. ex., sentado, inclinado à frente.

10. *Estado* é a situação ou condição que distingue um indivíduo ou grupo de outros indivíduos e grupos,- compreende roupas, ornamentos ou armas com os quais os seres humanos, por suas artes e hábito, complementam suas naturezas de modo a conservar e distinguir a si mesmos ou a sua comunidade (o outro *ente*). Por exemplo, o indivíduo pode estar calçado, de terno e gravata, de uniforme, etc.

As categorias podem ser organizadas em três subcategorias pelo que predicam⁴ sobre o sujeito.

Príediaimeitii é termo que significa aquelas características que podem ser afirmadas acerca do sujeito. O termo foi usado pela primeira vez por um discípulo de Plotino, Porfírio (232-304), em sua obra *Intivilitclio iii PnicJiciimoíiii*, que por sua vez foi traduzida (e comen-tada) para o latim por Boécio (4757-524), sob o título *heijoiyc*.

14 Predicar significa declarar algo que é característico de um sujeito.

44 - () 7 riviun

1. O predicado é o sujeito mesmo. Se o predicado é aquilo que o próprio sujeito é, e não o que existe no sujeito, o predicado é uma substância (Maria é um ser humano).

2. O

predicado

existe

no

sujeito.

Se

o

predicado

que

existe

no

sujeito

flui

absolutamente

da

matéria,

o

predicado

é

uma

quantida-

de (Maria é alta). Se o predicado que existe no sujeito flui absolutamente

da

forma,

o

predicado

é

uma

qualidade

(Maria

é

inteligente).

Se

o

predicado

existe

no

sujeito

como
relação
com
respeito
a
outro,
o predicado está na categoria de relação (Maria é filha de Ana).

3. O
predicado
existe
em
algo
extrínseco
ao
sujeito.

Se
o
pre-
dicado
existe
em
alguma
coisa
extrínseca
ao
sujeito

e

é

parcialmente

extrínseco

como

princípio

de

ação

no

sujeito,

o

predicado

é

então

uma

ação

(Maria

analisou

os

dados).

Se

o

predicado

existe

em

algo

extrínseco ao sujeito e é o término de uma *ação sobre o sujeito*, então o
predicado

é

uma

paixão

(Maria

foi

ferida).

Se

o

predicado

existe

em

algo

extrínseco

ao

sujeito

e

é

totalmente

extrínseco

como

medida

do

sujeito

relativamente

ao

tempo,

então

o

predicado

está

na

cate-

goria

do

puaiido

(Maria

estava

atrasada).

Se

o

predicado

existe

em

algo

extrínseco

ao

sujeito

e

é

totalmente

extrínseco
como
medida
do
sujeito
relativamente
ao
lugar,
o
predicado
está
na
categoria
do
onde
(Maria
está
aqui).
Se
o
predicado
existe
em
algo
extrínseco
ao

sujeito

e

é

totalmente

extrínseco

como

medida

do

sujeito

relativa-

mente *à ordem das partes*, o predicado está na categoria *postura* (Maria está

de

pé).

Se

o

predicado

existe

em

algo

extrínseco

ao

sujeito

e

é

meramente

adjacente

ao
sujeito,
o
predicado
está
na
categoria
estado
=
indumentária,
traje,
aparato
(condição,
situação,
ter,
de
posse
de,
equipado,
munido,
coberto,
habilitado
a
fazer)
(Maria
veste roupa de gala).

LINGUAGEM E REALIDADE

Sete

importantes

definições

emergem

de

uma

consideração

acerca

da linguagem e realidade:

1. A essência é aquilo que faz um *ser* ser o que é, e sem o que não seria o que é.

2. Natureza é essência vista como fonte de atividade.

3. O

indivíduo

é

constituído

de

essência

existente

em

maté-

ria

quantificada

mais

outros

acidentes.

Essência

é

o

que

torna

o

indivíduo

semelhante

aos

outros

membros

de

sua

classe.

Maté-

ria

quantificada

é

aquilo

que

faz

o

indivíduo

diferente

dos

outros

membros de sua classe, porque a matéria, extensa em razão de

‘: \i/ tiirezti e itncào chi Liiigiitií> cni - 45

sua quantidade, precisa ser *esta* ou *aquela* matéria, que, ao limitar sua forma, o individua (princípio material da individuação, cf.

Santo Tomás de Aquino).¹” Acidentes são aquelas notas ou traços (formatos, cor, peso, tamanho, etc.) pelos quais percebemos as diferenças entre os indivíduos de uma classe. Os indivíduos pertencentes a uma espécie são essencialmente iguais. Mas eles não são diferentes por mero acidente,- eles são individualmente diferentes. Mesmo se indivíduos fossem tão parecidos quanto o são os fósforos de uma mesma caixa, seriam ainda, e não obstante, individualmente diferentes, porque a matéria em um deles não é a mesma que está em outro, além de haver quase imperceptível diferença de quantidade ou de parte, ainda que a matéria seja do mesmo tipo e em montante muito semelhante.

4. Um percepto (percepção) é a apreensão sensível de uma realidade individual (na presença desta).

5. Um fantasma é a imagem mental de uma realidade individual (na sua ausência).

6. Um conceito geral é a apreensão intelectual da essência.

7. Um conceito empírico é a apreensão intelectual indireta de um indivíduo. O intelecto pode conhecer objetos individuais apenas indiretamente nos fantasmas, porque indivíduos são materiais, com uma exceção: o intelecto mesmo,- por ser um indivíduo espiritual, o intelecto pode conhecer a si mesmo direta e reflexivamente.¹”

Num objeto natural, o que segue é tanto similar quanto distinto: substância, essência, natureza, forma, espécie. O conhecimento destes é o conceito, que é expresso por completo na definição e é simbolizado pelo nome comum.

Uma vez que o homem não pode criar substância e pode apenas amoldar/talhar substâncias fornecidas pela natureza, um objeto artifi-

r “(...) Talvez uma solução melhor seja supor que a noção de indivíduo pode possuir diferentes graus. O próprio Aristóteles insinua uma solução parecida quando parece conceber a alma do homem como uma forma individual. Nesse caso o princípio de individuação seria mais ‘material’ na classe dos

seres que possuísse menos individualidades que outras, e mais ‘formal’ no caso inverso. P ex., enquanto a distinção entre a pedra x e a pedra y seria quase imperceptível no que diz respeito à individualidade, a diferença entre João e Pedro seria muito acusada. (...)” (Jose Ferrater Mora, *Dicionário de Filosofia*. São Paulo, Loyola, 2001, t. 2, p. 1484). (N. T.)

I(‘ Ver Santo Tomás de Aquino, *Síntese Teológica*, Parte I, Questão 86, Artigos 1 e 3. Tomás de Aquino (1224?-1274) foi um dos fundadores, junto com seu mestre e depois seu maior divulgador, Santo Alberto Magno, do movimento intelectual conhecido como escolasticismo. Monge dominicano, Tomás de Aquino reconciliou a perspectiva cristã com as obras de Aristóteles. A *Síntese Teológica* apresenta uma visão geral, ou um “sumário”, da teologia cristã. [De fato, a extensa obra de Santo Tomás de Aquino trata da filosofia e da teologia como absolutamente distintas em alguns aspectos, mas complementares em outros.

O

tomismo

é

uma

doutrina

escolástica.

(N.

T.)|

ciai, tal como uma cadeira, tem *duas essências*: a essência da sua matéria 46
- () *Trinidade*

(madeira, ferro, mármore, etc.) e a essência da sua forma (cadeira). A essência da forma é expressa na definição (de cadeira).

Freqüentemente,

um

nome

comum

simboliza

um

conceito

que

não é simples nem equivalente à essência da espécie natural, como é o caso do ser humano, mas é então um composto, como advogado ou atleta,

incluindo

em

sua

definição

certos

acidentes

que

determinam

não a espécie natural, mas classes que diferem apenas acidentalmente. Um conceito composto pode ser chamado de constructo.

Advogado

e

atleta

são

constructos,

pois

sua

definição

adiciona

ao conceito simples de ser humano certos acidentes, tais como o conhecimento das leis ou a agilidade física, que são essenciais à definição de advogado ou de atleta, mas não são essenciais à definição de

um
constructo.

Por
exemplo,
um
advogado
em
particular
pode

ser alto, loiro, irritável, generoso, etc., mas esses acidentes não são tão essenciais para que ele seja um advogado quanto para que seja um ser humano.

Um
constructo
pode
ser
analisado
(decomposto)
em
seus
com-
ponentes,
revelando
em
que
categorias
seus

significados

essenciais

residem.

ILUSTRAÇÃO: Análise de constructos

Carpinteiro

Substância - ser humano

Qualidade - habilidade em construir com madeira

Legislador

Substância - ser humano

Ação - fazer leis

Relação - com um eleitorado

Nevasca (Blizzard)

Substância - água

Qualidade - gelada

Paixão - vaporizada, congelada em neve seca, soprada por ventos fortes Na
língua

inglesa,

um

constructo

é

usualmente

simbolizado

por

uma única palavra, o que não torna explícito o carácter composto do
constructo.

Numa

língua

aglutinada

como

a

alemã,

um

constructo

é

mais

comumente

simbolizado por

uma

palavra

composta,

o

que

torna explícito o seu carácter composto, p. ex., *Abtwehrflamtnenwerfer* (lança-chamas

defensivo).

A

palavra

tanc/ue

(em

inglês,

tank),

em

\<iturez<i e 'l-iinçilo du Languageiu - 4-

alemão é *Rauf)enschlep()er[Mnzerkíiml)ftoiigeu* (veículo de uso bélico semelhante

a

uma

lagarta,

autopropulsado

e

blindado).

Isto

tudo

foi

encurtado para *panzer*, um termo comum em filmes e livros.

Dimensões Lógica e Psicológica da Linguagem

A

linguagem

tem

aspectos

lógicos

e

psicológicos,

que

podem

ser

ilustrados através de um olhar mais detido sobre as palavras *house* (casa) e *home* (lar).

Se *house* for representada por a , então *home* poderá ser representada por $a \times b$. Objetivamente, as definições (a dimensão lógica) de *house* e *home* são

similares e podem ser representadas pelas linhas ab,- mas, subjetivamente, *home* é uma palavra muito mais rica, pois ao seu

conteúdo

lógico

soma-se

um

conteúdo

emocional

(a

dimensão

psicológica)

associado

à

palavra

e

representado

pela

linha

bx.

O

fato de que *house* praticamente não tem dimensão psicológica, enquanto *home* tem muita, dá conta da diferença de efeitos produzidos pelas linhas que vêm a seguir, e que são equivalentes nas dimensões lógicas.

ILUSTRAÇÃO: Dimensão psicológica da linguagem

House, house, loved, loved house!

Theres no place like my house! Theres no place like my house!

“Home, Home, sweet, sweet Home!

Theres no place like Home! Theres no place like Home!”

- John Howard Payne, “Clari, the Maid of Milan”

DIMENSÃO LÓGICA DA LINGUAGEM

A dimensão lógica ou intelectual de uma palavra é o seu conteúdo de pensamento, que pode ser expresso em

sua definição conforme

o dicionário. Em retórica isso se chama denotação da palavra.

ANALOGIA: Dimensões lógica e psicológica da linguagem

A dimensão lógica da linguagem pode ser comparada a um fio elétrico incandescente numa lâmpada transparente; o filamento mesmo é visível e seus limites estão claramente definidos. A dimensão psicológica pode ser comparada a uma lâmpada fosca, na qual toda a luz, é verdade, também vem do filamento incandescente em seu interior, mas a luz é suavizada e difusa pelo bulbo fosco, o que lhe dá um brilho mais bonito e “aconchegante”.

A

linguagem

com

uma

dimensão

puramente

lógica

é

desejável

em documentos legais e em tratados científicos e filosóficos, onde a clareza,

precisão

e

unicidade

de

sentido

são

requisitos.

Conseqüen-

temente, os sinônimos, que usualmente variam em nuances de significado, devem ser evitados, e a mesma palavra deve ser utilizada 4<S - *O Triviuni*

em todo o texto para transmitir sempre o mesmo sentido,- se usada em

outro

sentido,

tal

fato

deve

ser

deixado

absolutamente

claro.

Palavras abstratas são normalmente mais claras e mais precisas que palavras concretas, pois o conhecimento abstrato é mais claro que o conhecimento sensível, ainda que

menos

vivido. Todavia, ao comu-

nicar

conhecimento

abstrato,

o

emissor

deve

empregar

ilustrações

concretas, das quais o ouvinte ou leitor poderá fazer a abstração por si mesmo, visto que assim ele compreenderá e tomará posse das idéias abstratas com muito mais proficiência do que se o emissor lhe entregasse tudo pronto.

DIMENSÃO PSICOLÓGICA DA LINGUAGEM

A

dimensão

psicológica

da

linguagem

está

em

seu

conteúdo

emo-

cional

-

as

imagens

relacionadas,

as

nuances

e

a

emoção

esponta-
neamente
associada
às
palavras.

Em
retórica
isso
recebe
o
nome
de
conotação
da
palavra.

Propagandistas
de
todos
os
tipos
frequente-
mente abusam do valor conotativo das palavras.

Uma
linguagem
com
rica

dimensão

psicológica

é

desejável

na

poe-

sia e na literatura em geral, onde o humor, o *patbos* (o que causa alguma empatia), a grandeza, a dignidade e a sublimidade são comunicados.

Numa

composição

literária,

devem

ser

usadas

palavras

que

sejam

mais

concretas

que

abstratas,

que

sejam,

pois,

vernáculos

e

ricas

em
imagens.
Sinônimos
devem
ser
usados
para
se
evitar
a
monotonia
de
sons
e
para
transmitir
as
sutis
nuances
de
significado,
tanto
na
dimensão lógica quanto na psicológica.
Uma
atenção

sensível
quanto
às
sutilezas
da
linguagem,
particu-
larmente
na
sua
dimensão
psicológica,
permite
que
se
reconheça
o

bom estilo da fala ou escrita de outros, além de cultivar o bom estilo em
nossas próprias composições, quer orais ou escritas.

Na
dimensão
lógica,
a
substância
de
uma
dada

composição
pode
ser
traduzida
quase
que
perfeitamente
de
uma
língua
para
outra.
Na
dimensão
psicológica,
porém,
a
tradução
é
raramente
satisfató-
ria.
E
por
isso
que

poesia
traduzida,
usualmente,
é
menos
agradável
que na língua original.

O som e a dimensão psicológica

Várias
características
das
palavras
afetam
a
dimensão
psicológica
da linguagem.

e Ln nção da Linguagem - 49

O mero som de uma palavra pode produzir um efeito agradável, ausente em outra palavra de mesmo sentido. Em “Silver”, de Walter de la Mare, a substituição que o poeta faz das palavras *shoes* por *shoon* e *Windows* por *casements* é exemplo do uso que o poeta faz do som para criar um efeito psicológico.

IIUSTRACÃO: O valor psicológico do som

S/EVER

Slowly, silently, now the moon

Walks the night in her silver shoon;

Th is way, and that, she peers, and sees
Silver fruit upon silver trees;
One by one the casements catch
Her beams beneath the silvery thatch;
Couched in his kennel, like a log,
With paws of silver sleeps the dog;
From their shadowy cote the white breasts peep
Of doves in a silver-feathered sleep,
A harvest mouse goes scampering by,
With silver claws and a silver eye;
And moveless fish in the water gleam,
By silver reeds in a silver stream.

- Walter de la Mare

Estilo pedante

Um estilo pedante ou pomposo é psicologicamente desagradável.
Compare os pares de frases, idênticas em seu significado lógico.

ILUSTRAÇÃO Estilo pedante

Atentai!

Todos

os

habitantes

se

retiraram

para

seus

domicílios.

Vejam! As pessoas foram todas para as suas casas.

O domo abobadado do céu é cerúleo.

O céu é azul.

Expressões idiomáticas (caráter específico de uma dada língua) e efeito emocional

O efeito emocional de uma palavra, freqüentemente um sub-produto de sua evolução histórica, diz respeito a esse caráter particular e específico de uma língua em determinado lugar e tempo, embutido nas expressões idiomáticas, que, não raro, se perde nas traduções. Os exemplos a seguir mostram que frases semelhantes quanto à dimensão lógica podem ser muito diferentes na dimensão psicológica.

ILUSTRAÇÃO: Expressões idiomáticas

Um jovem diz a uma jovem: “O tempo pára quando olho em seus olhos”.

\$0 - O Triviimi

Um outro diz: “Seu rosto faz o relógio parar”.

Durante uma reunião na ONU, um americano causou espanto e confusão entre os tradutores ao referir-se a uma proposta como sendo “*pork barreí flóating on a pmk cloud*”. Já um seu compatriota poderia facilmente entender essa intervenção como algo equivalente a “*um plano impraticável financiado com fundos públicos e projetado somente para auferir ganhos políticos locais de caráter chentehsta*”. [Aqui, uma possível tradução literal da expressão idiomática referida seria “*um barril de carne de porco flutuando numa nuvem cor-de-rosa*”. Evidentemente, o resultado da tradução não tem sentido real algum.]

As sras. Smith e Baker jantaram juntas. O sr. Schofield perguntou a elas: “Que *tipo de carne* vocês comeram?” A sra. Smith respondeu: “*Eu comí porco assado*”. A sra. Baker disse: “*Eu comi suíno assado*”.

Nós achamos a resposta da sra. Baker revoltante, porque “*suíno*”

tem sido considerada palavra inadequada para o discurso polido em inglês e certamente inadequada para designar um tipo de carne.

Isso é assim desde a conquista normanda em 1066. Depois disso, os anglo-saxões, conquistados e depostos, passaram a cuidar do animal vivo e o

chamavam de suíno. Mas os aristocráticos normandos, a quem era servida a carne às mesas de banquete, chamavam-na de porco (pork), uma palavra derivada do latim via francês. Nestas línguas, a mesma palavra é utilizada para designar o animal vivo e sua carne. As associações que ao longo dos séculos se desenvolveram em torno da palavra *swine* são sentidas por pessoas falantes do inglês moderno, mas que muitas vezes sequer imaginam a resposta emocional a que, não obstante, dão ensejo.

Alusão

Uma alusão é uma passagem no texto que faz referência a frases ou a outras passagens mais longas, e que o escritor dá como certo serem familiares ao leitor. As vezes o escritor muda um pouco as frases, mas, tanto iguais quanto modificadas, as alusões dependem do seu efeito de lembrança no leitor,- p. ex., *With Malice Toward Some* é um título que deliberadamente pretende lembrar o leitor da frase de Lincoln em seu discurso de posse do segundo mandato, “with malice toward *none*”.

Para muito do seu efeito, uma alusão depende da dimensão psicológica da linguagem, pois ela enriquece a passagem onde ocorre com nuances emocionais e idéias associadas ao contexto em que originalmente surgiu.

^ítiirezii e Função da Linguagem - 5/

Most of the paper is as blank [em branco, sem ser atingido] as Modreds shield.¹

- Rudyard Kipling, “The Man Who Would Be King”

E foi assim que cheguei à cláusula dos meus dias; foi assim que me encaminhei para o *undiscovered country* de Hamlet sem as ânsias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego, como quem se retira tarde do espetáculo.

- Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

Friend, on this scaffold Thomas More lies dead

Who would not cut the Body from the Head.

[Amigo, neste cadafalso jaz TThiomas More, ele que não queria separar o Corpo da Cabeça].¹⁷

- J. V. Cunningham, “Friends, on this scaffold...”

Para aqueles cuja experiência literária seja inadequada e que, portanto, desconhecem a fonte da alusão, obras tais como as concordâncias da Bíblia ou de Shakespeare, ambos fontes frequentes de alusões, serão muito úteis. Um dicionário de pessoas e lugares mencionados nas literaturas grega e latina explicará as alusões clássicas.

Obviamente, a expectativa dos escritores que fazem alusões é a de que os leitores tenham tido contato direto com a literatura a que se referem. Uma das recompensas do estudo de literatura é a posse de uma herança de poesia e narrativa que faz com que muitos nomes e frases ecoem em ricas reverberações através dos séculos.

A linguagem da alusão muitas vezes provê uma espécie de atalho verbal, que conecta e comunica em poucas palavras experiências partilhadas por pessoas em face de situações similares em todos os períodos da história humana.

Combinação de palavras

A dimensão psicológica das palavras é especialmente afetada por suas combinações.

Algumas

combinações,

particularmente

de

adjetivos

e

substan-

tivos e de substantivos e verbos, são “exatamente aquelas”, p. ex.,

17 Modred, personagem da mitologia anglo-saxã, enfrenta o mago Merlin e tem seu escudo atingido ferozmente por este último. Assim, o texto de Rudyard Kipling faz alusão a outro, muito mais antigo e tido como de conhecimento geral. (N. T.) Talvez a mais rica alusão citada pela irmã Miriam Joseph. Thomas More, católico devoto e conselheiro do rei Henrique VIII, foi decapitado por se recusar a obedecer ao rei numa disputa político-religiosa com o papa,- More acreditava na unidade do Corpo Místico (Igreja) com a sua Cabeça (Cristo), representada pelo papa. Henrique VIII cria a

Igreja Anglicana, cuja cabeça é ele mesmo, ressacralizando assim o estado (criação do Estado moderno). Por não poder servir a duas cabeças, Thomas More perdeu a dele. (N. T.) as seguintes combinações em Milton:1”

“dappled dawn” [alvorecer rajado];

“checkered

shade”

[matiz

xadrezado],-

“leaden-stepping

hours” [marcha plúmbea das horas],- “disproportioned sin jarred against nature s chime” |um pecado desproporcional em clamorosa 52 - O *Trivium*

desarmonia com o ritmo da natureza].

Cai bem falar em azure light [luz azul-celeste], ou azure sky [céu de anil], ou num vestido de noite azul-celeste, mas não é adequado falar em avental azul-celeste, pois avental e azul-celeste se chocam na dimensão psicológica.

Algumas

combinações

de

palavras

e

pensamentos

produzem

uma

concentração vivida de significado rico na dimensão psicológica.

ILUSTRAÇÃO: Combinação de palavras

I have stained the image of Cod in my soul.

[Eu manchei a imagem de Deus em minha alma.]

-

Catarina de Siena, *Diálogo*

The flesh-smeil hatred.

[O ódio cheirando a carne humana.]

-

Eavan Boiand, “The Death of Reason”

Entendimento lógico e poético

O

que

é

falso

quando

tomado

literalmente

na

dimensão

pura-

mente

lógica

pode

ser

verdadeiro

quando

entendido

imaginativa

ou

poeticamente na dimensão psicológica.

ILUSTRAÇÃO Ordjsopôétícoda linguagem ”

SONG

Go and catch a falling star,
Get with child a mandrake root,
Tell me where all past years are,
Or who cleft the devils foot,
Teach me to hear mermaids singing,
Or to keep off envy's stinging,
And find
What wind
Serves to advance an honest mind.

If thou be come to strange sights,
Things invisible to see
Ride ten thousand days and nights,
Till age snow white hairs on thee,

11 John Milton (1608-1674), poeta, dramaturgo e político inglês, autor de *O Paraíso Perdido*. (N. T.) Thou, when thou returnst wilt tell me

All strange wonders that befell thee,
And swear
Nowhere

Lives a woman true, and fair.
If thou findest one, let me know,
Such a pilgrimage were sweet -

Yet do not, I would not go,

Diitirezu e Pimção da Linguagem - 53

Though at next door we might meet;
Though she were true, when you met her,

And last, till you write your letter,

Yet she

Will be

False, ere I come, to two, or three

- John Donne

[Vai e agarra uma estrela cadente, (idéia de algo impossível, mas associada ao tempo passado, real e vivido, que não volta mais, mas por isso mesmo imutável)

Emprenha uma raiz de mandrágora, (a mandrágora é uma planta usada em rituais de magia, com grande apelo ao imaginário, visto que a forma de suas raízes se assemelha ao corpo humano) Diz-me onde estão os anos que se foram,

Ou quem fendeu os cascos do diabo, (nova alusão aos tempos imemoriais, quando tudo era bom e puro; os cascos fendidos do diabo são o símbolo bíblico que remete à bifurcação da vontade - ao pecado original -, também simbolizada pela língua bifurcada da serpente no paraíso) Ensina-me a ouvir o canto das sereias,

Ou então a manter-me longe das ferroadas do ciúme e da cobiça, Descobre que vento serve bem à alma honesta

Se tu estás acostumado a estranhas visões,

Às coisas invisíveis,

Cavalga por dez mil noites e dias, (trinta anos - aqui a exatidão não importa -, dando idéia do transcurso de uma vida, do envelhecimento)

Até que a idade os teus cabelos cubra de branca neve,

Tu, quando retornares, tu me contarás

Todas as estranhas maravilhas que a ti sobrevieram,

E darás testemunho

Que em lugar algum

Vive uma mulher fiel, e formosa.

Se tu achares uma, faz-me saber,

Fosse doce tal peregrinação -
Mas não me contes, eu não iria,
Pois ainda que na porta ao lado a pudéssemos encontrar;
Ainda que ela fosse fiel quando a conheceste,
Até que escrevas tua carta,
Já terá ela sido infiel a dois ou três.]

Entendido literalmente em sua dimensão lógica, este poema é falso e até mesmo ridículo. Mas se entendido imaginativamente, como tem a intenção de sê-lo, uma vez que é metafórico, o poema

⁴ - *O rrviiimi*

contém verdade emocional. O som mesmo e o movimento das palavras, além da simetria - o paralelismo das estruturas gramatical e lógica — das três estrofes, contribuem para o efeito agradável.

A Ambigüidade da Linguagem

Uma vez que uma palavra é um símbolo, um signo arbitrário sobre o qual é imposto um significado, não pela natureza nem pela semelhança, mas por convenção, é por sua natureza mesma sujeita à ambiguidade,- porque, obviamente, mais de um significado pode ser imposto a um dado símbolo. Numa língua viva, de tempos em tempos e sob situações cambiantes,
as
pessoas
comuns
impõem
novos
sentidos
a

uma mesma palavra. Assim, as palavras estão mais sujeitas à ambiguidade do que estão os símbolos da matemática, da química ou da música, cujos significados são a eles impostos por especialistas.

A ambigüidade de uma palavra pode surgir a partir: (1) dos vários significados a ela impostos no curso do tempo, constituindo a história da palavra,- (2) da natureza de um símbolo, de onde brotam as três imposições de uma palavra e as duas intenções de um termo,-

(3) da natureza do fantasma do qual a palavra é originalmente um substituto (ver Cap. 2, “Geração de um Conceito”).

AMBIGUIDADE QUE BROTA DA HISTÓRIA DAS PALAVRAS

O

símbolo

ou

palavra

adquire

vários

significados

no

decorso

do

tempo. O fato de um som ou palavra poder ter vários sentidos pode gerar

ambigüidade

porque

o

significado

que

está

sendo

simboliza-

do

pode

não

ser

conhecido.

Tais

palavras

são

homônimos,

ambí-

guos ao ouvido, e que podem ou não se diferenciar na ortografia quando escritos. O som ambíguo pode ocorrer na mesma língua ou em línguas diferentes.

ILUSTRAÇÃO: Ambigüidade quanto ao som



Na mesma língua:

road, rode; right, rvr/ght, rite, write;

sound (“som, aquilo que se ouve”); *sourid* (uma massa d’água, canal, estreito); *sound* (sólido, confiável)

Em línguas diferentes:

pax (latim, “paz”) e *pox* (inglês, “erupção cutânea”) *Bell* (alemão, “brilhante, vivo”; inglês, “inferno”) *nix* (latim, “neve”; gíria inglesa, “nada”) *bnght* (inglês, “brilhante, lustroso”) e *breit* (alemão, “amplo, largo”) Uma dada notação é ambígua quando simboliza diferentes significados, quer na mesma língua quer em línguas diferentes. Alguns homônimos perdem sua ambigüidade quando escritos, p. ex., *road, rode, bright, breit*. Alguns a retêm, p. ex., *sound, hell*. Já algumas palavras, não ambíguas quando faladas (sons diferentes), tornam-se ambíguas quando escritas, p. ex. *tear* (aqui se pronuncia *tér* — rasgar, romper) e *tear* (lágrima).

Um dicionário registra os significados que foram impostos sobre uma dada notação ao longo da história daquela língua. Uma obra como *A Dictionary of Modern English Usage*, de Fowler, concentra-se particularmente nos usos atuais. Já o *Oxford English Dictionary* se dá ao trabalho de, se possível, fornecer as datas de quando novos sentidos foram impostos sobre uma palavra, citando passagens que *Natureza e Intenção da Linguagem* - \$\$ ilustram aquele uso particular.

Um exemplo de uma nova imposição é aquele sobre *suástica*, tanto sobre a palavra quanto sobre o símbolo gráfico. Depois da revolução de 1918 na Alemanha, a suástica, que era um antigo símbolo de boa sorte, foi adotada pelo Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (Partido Nazista).

Ainda um outro exemplo é a imposição do sentido de “grupo de traidores, trabalhando desde dentro” sobre *quinta coluna*. Em 1936, durante a Guerra Civil Espanhola, o general Emilio Mola declarou que capturaria Madri porque, além das quatro colunas de tropas de que dispunha cercando a cidade, tinha também uma quinta coluna de simpatizantes dentro da cidade.

A relação entre os vários sentidos que foram sendo impostos sobre uma dada notação pode ser *equívoca*, nada tendo em comum - p.

ex., *sound*, “estreito, canal”, e *sound*, “som” -, ou *analógica*, tendo algo em comum — p. ex., *march*, “um passo medido e regular”, e *march*,

“uma composição musical para acompanhar o marchar”.

AMBIGUIDADE SURGIDA DA IMPOSIÇÃO E DA INTENÇÃO

A ambigüidade é causada pela própria natureza de um símbolo, da qual surgem as três imposições de uma palavra e as duas intenções de um termo.

O propósito último das palavras e dos termos é o de transmitir a outrem idéias acerca da realidade. Mas entre a realidade tal como ela existe e como alguém a apreende e a expressa há uma quantidade de passos intermediários: a criação de um fantasma, a criação de um percepto e a criação de um conceito.

Se alguém usa uma palavra, ou um termo, para que esta se refira diretamente a uma realidade que não ela mesma, a aquilo que conhecemos,

então é usada predicativamente (i. e., dita sobre outra palavra, referida à outra, referida à realidade que simboliza). Este é o uso comum de uma palavra ou um termo: é então usada na primeira imposição e na primeira intenção. Se, contudo, alguém usar uma palavra, ou um termo, para que esta se refira a si mesma, como um instrumento em qualquer dos passos intermediários pelos quais sabemos ou simbolizamos o que sabemos, então é usada reflexivamente (i. e., referindo-se a si mesma, como um conceito, um som, um sinal, um substantivo, etc.). Este é o uso peculiar de uma palavra ou um termo numa imposição ou intenção diferentes do uso comum, como pode ser visto nos exemplos a seguir.

ILUSTRAÇÃO. Imposição e intenção

Joana amava um homem. (Aqui, *homem* refere-se a um outro, a um homem real que existe; portanto, *homem* é aqui usado na primeira imposição e na primeira intenção).

Homem é um dissílabo. (Aqui, a palavra *homem* refere-se a si mesma como um mero som; pode-se saber que *homem* é um dissílabo sem sequer saber o significado; portanto, *homem* é aqui usado na imposição zero. É falso dizer “Um homem é um dissílabo”, pois o artigo indefinido “um” refere-se a um homem real e não a um mero som. Joana não amava um dissílabo).

Homem tem cinco letras. (Aqui, *homem* refere-se a si mesmo como uma mera notação; pode-se ver que *homem*, quando escrito ou impresso, tem cinco letras sem saber o significado; portanto, *homem* é aqui usado na imposição zero. É falso dizer “Um homem tem cinco letras”, pois o artigo indefinido

“um” refere-se a um homem real e não a uma mera notação. Joana não amava cinco letras).

Homem é um substantivo. *Homem* é o objeto direto de *amava*. (Aqui, *homem* - e também *amava* -

refere-se a si mesmo como uma palavra, um signo com significado. Não é possível classificar gramaticalmente uma palavra, quer como parte de um discurso quer como sujeito ou algo semelhante, sem saber o seu significado; *homem* aqui é usado precisamente como uma palavra, como um signo com significado, e é dito para ser usado na segunda imposição. É falso dizer “*Um* homem é um substantivo” ou “*Um* homem é o objeto direto de *amava*”, pois

com o artigo, *homem* refere-se a um homem real, e não à palavra. Joana não amava um substantivo nem um objeto direto).

Homem é um conceito. Homem é um termo. Homem é uma espécie. (Aqui o termo *homem* refere-se a si mesmo como uma idéia na mente, ou como uma idéia comunicada, ou como uma natureza de classe

- todos eles [termos] abstrações lógicas; aqui o termo *homem* é usado na segunda intenção ao referir-se a si mesmo como termo e não como homem real. É falso dizer “Um homem é um conceito” - ou um termo ou uma espécie - porque, com o artigo, *homem* refere-se a um homem real, a uma entidade física, e não a uma entidade lógica. Joana não amava um conceito, ou um termo, ou uma espécie).

Homem é uma substância. (Aqui, a palavra ou o termo *homem* refere-se a um outro, a um homem real, que é uma substância. As categorias são, principal e fundamentalmente, classificações metafísicas do ser real; homem é aqui usado na primeira imposição e primeira intenção. É verdadeiro dizer “Um homem é uma substância”. Joana amava uma substância).

Uma vez que uma palavra é um símbolo, i.e., um signo sensível *com* significado, pode ser usada em qualquer uma das três imposições.

hliiturezii e “Fhhçüo du Lin»iui«ew -

A

primeira

imposição

é

o

uso

predicativo

habitual

de

uma

palavra

com referência apenas ao seu significado e à realidade que simboliza (sua referência a outro, p. ex., a uma criança real, um cachorro, uma árvore), sem chamar a atenção para a palavra em si como um signo sensível.

A palavra é então usada como uma janela ou como óculos através dos quais vemos objetos dos quais não estávamos cientes.

A **imposição zero** é o uso reflexivo de uma palavra com referência apenas a si mesma, enquanto signo sensível (um som ou uma notação), sem chamar a atenção para o seu significado, o qual não precisa sequer ser conhecido.

Quando uma palavra é usada na imposição zero, é como se olhássemos para a janela ou para os óculos como objetos finais, e não através deles. A propósito, esse não é o uso

habitual

das

palavras

janela

e

óculos.

A

fonética

preocupa-se

com a palavra enquanto som, pois lida com sua pronúncia correta, com a similitude dos sons finais em palavras que rimam, etc. A ortografia, por sua vez, preocupa-se com a palavra enquanto notação.

ILUSTRAÇÃO: Imposição zero

Rubrica é comumente pronunciada incorretamente.

Árvore é uma proparoxítona.

Mulher tem duas sílabas.

Apague *menina* e escreva *moça*.

Humilde tem sete letras.

A imposição zero é também a base de um tipo de enigma ou charada.

ILUSTRAÇÃO: Imposição zero em charadas

Nabucodonosor, Rei dos Judeus!

Soletre isso com seis letras e eu lhe conto as novidades.

Resposta: j- U- D- E- U- S (quatro para *Jews*).

Que palavra em inglês é pronunciada mais frequentemente incorretamente?

[Aqui é também uma questão de ordem na frase e a resposta óbvia é “incorretamente”. Que outra palavra, além de “incorretamente”, poderia ser pronunciada *corretamente* como signo de incorretamente além de “incorretamente” mesmo?]

A

segunda

imposição

é

o uso reflexivo de uma palavra,- refere-se

a si mesma precisamente como palavra, com referência tanto ao signo sensível quanto ao significado. Este uso da palavra é confinado à gramática,- uma palavra não pode ser classificada pela gramática sem

58 - *O Trivium*

que seu significado seja conhecido. A gramática é, assim, a ciência das segundas imposições.

ILUSTRAÇÃO: Segunda imposição

Pular é um verbo.

Sobre o morro é uma sentença.

Bolo é o objeto direto de *está comendo*.

Cada palavra, frase ou oração, não importando que classificação morfológica tenha no uso habitual, torna-se um substantivo quando na segunda imposição ou na imposição zero, pois então nomeia a si mesma. Palavras na imposição

zero ou na segunda imposição devem ser apresentadas graficamente em *itálico*.

Palavras da ciência da gramática e palavras das ciências da fonética e da ortografia, como todas as palavras, podem ser usadas em cada uma das três imposições.

ILUSTRAÇÃO: Palavras da gramática, fonética e ortografia, usadas em variadas imposições.

Fr/amente é um advérbio. (*Friamente* está na segunda imposição; *advérbio* está na primeira imposição, pois se refere a uma outra palavra, *afnamente*, e não a si mesma).

[A palavra] *Advérbio* é um substantivo. (*Advérbio* está na segunda imposição.) Um *advérbio* não é um substantivo. (*Advérbio* está na primeira imposição e *substantivo* está na primeira imposição porque ambas se referem a outras palavras, e não a si mesmas.) *Advérbio* tem três sílabas. (*Advérbio* está na imposição zero; *sílabas* está na primeira imposição porque se refere a outra palavra, a *advérbio*, e não a si mesma.) *Sílabas* é um substantivo plural. (*Sílabas* está na segunda imposição; *substantivo* está na primeira imposição.)

Escreva *sílabas* no quadro-negro. (*Sílabas* está na imposição zero, referindo-se a si mesma como mera notação.)

Primeira imposição: uma palavra usada para fazer referência direta à realidade.

Imposição zero: uma palavra usada reflexivamente com referência a si mesma enquanto signo sensível.

Fonética (pronúncia)

Ortografia (soletração)

Segunda imposição: uma palavra usada reflexivamente com referência ao signo sensível e ao significado. A gramática é a ciência da segunda imposição.

2.5 Imposição das palavras

bçtlurcza e Função du Eiiiioiugeiu - çp

Uma vez que um termo é uma palavra ou símbolo que transmite um significado particular, pode ser usado em qualquer das duas intenções. A **primeira intenção** é o uso predicativo usual do termo para se referir à realidade. Esta é a sua referência ao outro, à realidade (a um indivíduo ou a uma essência). Um termo usado na primeira intenção corresponde exatamente a uma palavra usada na primeira imposição.

O termo é então usado como óculos através dos quais vemos objetos de que não tínhamos ciência. A **segunda intenção** é o uso reflexivo de um termo para referir-se a si mesmo como um termo ou conceito, aquele pelo qual conhecemos, e não o que conhecemos.²¹

ILUSTRAÇÃO: Segunda Intenção

Cadeira é um conceito. Cadeira é um termo. Cadeira é uma espécie de móvel. (Não podemos nos sentar num conceito, ou num termo, ou numa espécie, ou em qualquer ente meramente lógico.

Podemos nos sentar numa cadeira real, que é um ente físico). Aqui, o termo é usado como óculos para os quais olhamos, em vez de através deles para ver alguma outra coisa.

O uso de um termo na segunda intenção é restrito à lógica,- portanto, a lógica é a ciência das segundas intenções, tanto quanto a gramática é a ciência das segundas imposições. Os termos peculiares à ciência da lógica, assim como outros termos, podem ser usados em qualquer das duas intenções.

ILUSTRAÇÃO: Termos lógicos usados na primeira e segunda intenções

Quadrado é um conceito. (Quadrado está na segunda intenção porque se refere a si mesmo como conceito; conceito está na primeira intenção porque se refere ao quadrado e não a si mesmo).

Um quadrado é um conceito. (Quadrado está na primeira intenção; conceito está na primeira intenção. Nenhum se refere a si mesmo e a afirmação é falsa).

Um conceito deveria ser claro. (Conceito é um termo usado na primeira intenção, porque predicativamente se refere a outros conceitos e não reflexivamente a si mesmo).

Um cavalo não pode formar um conceito. (Conceito está na primeira intenção).

Conceito é um termo. (Conceito está na segunda intenção, referindo-se a si mesmo como um termo).

Primeira intenção: uma palavra é usada para se referir à realidade.

Segunda intenção: uma palavra é usada reflexivamente para referir-se a si mesma como termo ou como conceito. A lógica é a ciência das segundas intenções.

2.6 *Intenção das palavras*

Palavras na segunda intenção não são grafadas em itálico.

6o - *O Trivium*

AMBIGUIDADE QUE SURGE DA NATUREZA DO FANTASMA

O

fantasma

é

uma

imagem

mental

de

um

objeto

ou

objetos

fora

da

mente

(a

designação

ou

extensão²¹

do

termo);

desta

imagem

o

intelecto

abstrai

o

conceito

(o

significado

ou

intenção

do

termo)

na

mente.

Por

causa

desse

caráter

triplo

do

fantasma,

do

qual
a
palavra
é
originalmente
um
substituto,
a
palavra
é
sujeita
a
três
tipos
de
ambigüidade:
1. A
ambigüidade
pode
surgir
da
imagem
que
a
palavra
evoca.

A

palavra

cachorro

espontaneamente

evoca

imagens

diferentes

num

montanhês

suíço,

num

caçador

inglês

ou

num

explorador

do

Ár-

tico.

Assim,

o

poder

das

palavras

afeta

a

dimensão

psicológica

da

linguagem e é especialmente importante na composição literária.

A

ambigüidade

pode

emergir

da

extensão

ou

designação

de

uma

palavra

-

o

objeto

ou

objetos

aos

quais

o

termo

pode

ser

aplicado,
sua
referência
externa.

O
propósito
fundamental
de
um
nome
pró-
prio
é
designar
um
indivíduo
em
particular
ou
um
agregado,-
ainda
assim,

um

nome

próprio

é

por

vezes

ambíguo

na

designação

porque

o mesmo nome foi dado a mais de um indivíduo ou agregado dentro da

mesma

espécie,

p.

ex.,

William

Shakespeare,

poeta

dramático,

1564-1616, e William Shakespeare, um carpinteiro.

Fazer

com

que

nomes

próprios

sejam

claros
e
sem
ambigüidade
é
um
problema
especial
na
confeção
de
documentos
legais
tais
como
testamentos,
escrituras
e
contratos.
Se
um
homem
deixasse
metade
de
seus

bens

a

João

da

Silva,

muitos

requerentes

aparece-

ríam,

a

menos

que

o

herdeiro

fosse

designado

menos

ambiguamen-

te a ponto de excluir qualquer outra pessoa exceto o João da Silva que o doador realmente tinha em mente.

Listas

telefônicas

adicionam

endereços

e

outras

descrições
em-
píricas
aos
nomes
próprios
num
esforço
de
evitar
a
ambigüidade
em
suas
referências.

As
fichas
de
identificação
de
criminosos
são
tentativas
de
tornar
nomes

próprios
não-ambíguos,
adicionando
a
eles
uma
descrição
empírica,
uma
fotografia
e
impressões
digitais,
que
são
consideradas
únicas,
no
mais
verdadeiro
sentido
do
termo,
pois não há duas exatamente iguais.
Uma
descrição

empírica

é

menos

ambígua

na

designação

do

que

um nome próprio, p. ex., o primeiro presidente deste país.

2. A

ambigüidade

pode

surgir

porque

um

nome

comum,

tal

como homem, navio, casa, morro, pretende ser aplicado a qual-

21 A extensão refere-se a todos os itens que uma palavra denota. Por exemplo, na frase “Árvores

decíduas perdem suas folhas

no outono”,

a sentença

árvores decíduas

|que trocam/per-

dem folhas periodicamente | inclui todas as árvores decíduas que existiram ou existirão.

Natureza e Função da Linguagem - 6

quer objeto da classe nomeada e, portanto, pretende ser geral, ou universal, em sua designação. Por exemplo: as designações ou a extensão plena de oceano são cinco,-22 de amigo, referindo-se a você, é o número de seus amigos,- de montanha, árvore, livro, é o número total de objetos passados, presentes ou futuros a que o termo pode ser aplicado.

3. A ambigüidade pode surgir porque tanto nomes comuns quanto próprios podem adquirir muitos significados,- em outras palavras, a intensão,²² ou intensidade, ou significado, ou conceito podem ser muitos. O propósito primeiro de um nome comum é ser preciso quanto ao significado, ou intensão,- não obstante, um nome comum freqüentemente é ambíguo na intensão porque uma variedade de significados foram sobre ele impostos. Por exemplo, *somid* pode significar “algo que se ouve” ou “uma massa d água”. Cada uma dessas descrições de *sounã* é dita uma descrição geral, ou universal.

A descrição geral é menos ambígua no sentido/significado do que o nome comum.

Uma definição é uma descrição geral perfeita. O dicionário lista os vários significados que constituem a ambigüidade intensional das palavras. As palavras definidas são nomes comuns,- as definições são descrições gerais ou universais. Um nome comum é usado primeiramente em intensão (apesar de ter extensão) em contraste com um nome próprio, que, por sua vez, é usado primeiramente em extensão (apesar de ter intensão).

Um nome próprio, como George Washington, p. ex., apesar de usado primordialmente para designar um indivíduo, deve designar um indivíduo de alguma espécie em particular: um homem, uma ponte, um hotel, uma cidade, porque cada indivíduo é membro de alguma classe.

Uma vez que o indivíduo designado pode ser um de várias espécies diferentes, um nome próprio pode ser ambíguo na intensão.

Por exemplo, Bryn Mawr pode designar uma famosa escola superior ou uma pequena cidade na Pensilvânia.

Madeira pode designar um grupo de ilhas no Oceano Atlântico próximas ao Marrocos, um rio no Brasil ou um tipo de vinho forte.

” Conforme alguns dicionários: Oceanos Antártico, Ártico, Atlântico, Índico e Pacífico. (N. T.) 21 A palavra *nileiisdo* (intensidade) significa a soma de atributos contidos numa palavra. *Iiilch-çJo* significa a maneira na qual a palavra é usada. Na frase “Rosas margeando o caminho que leva ao chalé do jardim”, *rosas* é usada na primeira intenção porque simboliza a realidade da flor. Sua intensão (ou significado) é uma flor com caule espinhoso, folhas arranjadas de forma pinulada e pétalas coloridas variegadas.

62 - O “Iriiitiii

AMBIGUIDADE DELIBERADA

Apesar

de

a

ambiguidade

ser,

nas

comunicações

intelectuais,

uma

falha

contra

a

qual

todos

os

cuidados

*devem
ser
tomados,
ela
é,
por
vezes,
buscada
deliberadamente
na
comunicação
esté-
tica ou literária.*

*A ironia é o uso das palavras com o fito de transmitir um significado
exatamente
oposto
àquele
normalmente
transmitido
por*

*elas. (É uma forma de ambigüidade deliberada na intensão [soma de
atributos contidos na palavra]).*

*Um trocadilho ou jogo de palavras é o uso de uma palavra
simultaneamente em dois ou mais sentidos. (Também é uma forma de
ambigüidade deliberada na
intensão). Em
nossa época, o trocadilho*

*é comumente considerado uma forma trivial de humor. Todavia, já foi tido em alta estima por Aristóteles, Cícero e pelos mestres da retórica*²⁴

da

Renascença

(que

classificavam

o

trocadilho

entre

as

quatro figuras de linguagem). Foi usado por Platão, pelos dramaturgos gregos e pelos pregadores e escritores da Renascença, freqüentemente de uma maneira séria.

ILUSTRAÇÃO: Ambigüidade deliberada

If he do bieed,

i'll gild'' the faces of the groom withal,

For it must seem their guilt.

- Macbeth 2.2.52-54

Now is it Rome indeed, and room'' enough

When there is in it but one only man!

- juius Caesar 1.2.156-7

William Somer, o bobo da corte de Henrique VIII, vendo que ao rei faltava dinheiro, disse: “Vós tendes tantos Fraudadores, tantos Contraventores e tantos Receptadores para obter-vos dinheiro que eles o obtêm todo para eles mesmos”. [Fazendo jogo de palavras com auditores, supervisores e recebedores ou coletores],

- Thomas Wilson, The Arte of Rhetorique (1553)

21 Talvez seja útil fazer a distinção entre *rdor* e *retórico-*, o primeiro, o praticante da técnica, o segundo, o estudioso da técnica. Cícero, p. ex., exerceu as duas atividades. (N. T.)

- Cobrir com ouro, folhear a ouro. Aqui, o sentido de *pt/ei* é *smear* *leith* *blood*, lambuzar com sangue. *Gold* era, com frequência, também chamado *red* (vermelho). A referência inicial a *bleed* (sangrar) e a rima de <)dd com *quilt* (culpa) e a aparência desta dão conta da ambigüidade pretendida. (N. T.)

2” Shakespeare, o mestre do />u», joga com os sons de *Rome* e *room*. Na intensão, *room* é quarto e é também espaço. Para o homem que tomara o poder de toda Roma, não haveria mais quem ocupasse o seu espaço de único senhor. (N. T.)

bfitiirezci e *Tuiição chi Lingitugem* - (q

Metáfora é o uso de uma palavra ou sentença para evocar duas imagens simultaneamente, uma literal e outra figurada. (E a ambigüidade deliberada de imagens).

A metáfora é de grande valor na poesia e em toda a produção literária imaginativa,

incluindo

os

melhores

escritos

científicos

e

filosóficos.

Aristóteles

considerava

a

metáfora

como

uma

propor-

ção comprimida, uma afirmação de igualdade entre duas razões. A proporção pode ser representada por extenso assim.- $a.b.:c.d$ ($a/b = c/d$). A proporção comprimida é $a é c$.

‘ ■ - -

A..

- : w

O Wild West Wind, thou breath of Autumns being. (a é c)

- Percy Bysshe Shelley, “Ode to the West Wind”

West Wind [vento] (a) está para Autumn [outono]]b) assim como breath [o sopro de vida] (c) está para o ser humano (d), (aibscd’)

The moon is a boat. [A Lua é um barco] (a é c)

The moon [a lua] (a) move-se pelo céu (b) como um boat [barco] (c) navega sobre o mar (d). (a.b:.c.-d).

Uma metáfora morta é aquela que por certo tempo evocou duas imagens, mas que agora falha em fazê-lo e normalmente porque aquilo que uma vez foi apenas o sentido figurado suplantou completamente o que fora o sentido literal. Na citação “Teus pesares [dores, sofrimentos]

são as tribulações da tua alma”, tributações é uma metáfora morta.

Tribulum já significou debulhadeira [para separar o milho da casca,- para deixar o melhor], Esta metáfora, usada pela primeira vez por um escritor cristão dos primeiros tempos, era tão boa que tributação veio a significar sofrimento e pesar e perdeu seu significado original, debulhação. Seu uso metafórico tornou-se o próprio uso habitual. Nós não mais reconhecemos a metáfora. Tributação agora evoca apenas uma imagem, e não duas,-

portanto, a frase é uma metáfora morta.

Maii-of-uw

é

uma

metáfora

morta.

Originalmente,

tinha

a

força

da seguinte proporção: um navio está para uma batalha naval assim como um guerreiro está para uma batalha em terra (a.T.- wd). Portanto, um navio de guerra é um mau of toar (a é c). O sentido figurado transformou-se em sentido literal, pois mau-of-war significa hoje apenas um navio de guerra. Candidato “vestido de branco” e arranha-céu são outras metáforas que perderam seu sentido original.²

27 A metáfora Guididãle “clotbed in tcbile” (Candidato “vestido de branco”, perdeu o sentido original na língua inglesa (metáfora originária do latim: oiik/níilns, passando pelo francês can-Mit, até chegar à língua inglesa como CíiíidiUiitó. Gim/id significa cândido, franco, honesto, 64 - O Iriciuin

Na série de significados atribuídos a uma palavra como spring, p. ex., é possível observar como significados novos,

derivados do

fundamental

por

uso

figurado,

mais

tarde

se

tornaram

significados

usuais,

perdendo

assim

sua

qualidade

figurada.

O

dicionário

lista

os seguintes significados para spriu: (1) Saltar, pular, saltitar,- (2) O brotar de uma planta a partir de uma semente, o brotar de uma corrente a partir de sua fonte, etc.,- (3) Uma saída, fluxo de água a partir da terra,- (4) Um dispositivo elástico que recupera sua forma original quando liberado após ter sido distorcido [mola],- (5) Uma estação em que as plantas começam a crescer,- (6) Tempo de crescimento e progresso. (Apesar de o dicionário listar este último como um sentido habitual de spriiip, a frase “A juventude é a primavera (spritig) da vida” ainda é tida, mesmo que suavemente, como uma metáfora).

Ironia: o uso das palavras para transmitir o sentido exatamente contrário àquele normalmente transmitido pelas palavras.

Trocadilho (jogo de palavras): o uso de uma palavra em dois ou mais sentidos, simultaneamente.

Metáfora: o uso de uma palavra ou sentença para evocar duas imagens simultaneamente.

2-7 Ambiguidade deliberada

O I RI\ II \I

Após

as

considerações

precedentes,

o

leitor

pode

agora

entender

melhor o escopo e o alcance comparativo das três artes do trivium: lógica, gramática e retórica, já discutidas no capítulo anterior.

Ao observador é possível distinguir as faculdades da mente: cognição, apetição e emoção. A cognição inclui a cognição inferior ou sensória, que produz perceptos, e a cognição superior ou racional, que

produz

conceitos.

A

apetição

inclui

os

apetites

inferiores

ou

sensíveis, que basicamente buscam comida, vestuário e abrigo, e o apetite superior ou racional, a vontade, que busca o bem e a unidade da verdade e beleza como aspectos do bem.

isto é, alvo e imaculado. A metáfora original fazia descrição das togas brancas dos candidatos ao senado da antiga república romana. Por sua vez, o branco das togas simbolizava a ausência de nódoas no candidato, porque este deveria possuir atributos de honorabilidade e incorruptibilidade. Em inglês, porém, cloibcii, além de vestido e coberto,

tem também o sentido de oculto, escondido, dissimulado, o que vai de encontro ao sentido original, dando a entender que o candidato apenas finge ser alguém sem mácula. De metáfora, a expressão passou a ser entendida como ironia sarcástica. (N. T.)

‘i\aliirezu e limeaii da Liuguageiu - 65

A emoção é um tom agradável ou doloroso que pode acompanhar o exercício tanto das faculdades sensoriais quanto racionais. O

prazer é concomitante ao exercício normal e saudável de qualquer uma das faculdades. A dor é concomitante ao exercício excessivo, inadequado ou mesmo inibido de qualquer uma de nossas faculdades.

A Lógica diz respeito ou lida apenas com as operações do intelecto, com a cognição racional, e não com a volição, nem com as emoções.

A Gramática dá expressão a todos os estados da mente ou da alma-cognitivo, volitivo e emocional - em frases que são afirmações, perguntas, desejos, orações [preces], ordens e exclamações. Neste sentido, a gramática tem um escopo mais amplo do que a lógica,- e assim também a retórica, que tudo isso comunica a outras mentes.

A Retórica faz um cotejo entre símbolos gramaticais equivalentes para então escolher a melhor idéia a ser comunicada numa dada circunstância, p. ex., corcel ou cavalo. A gramática lida apenas com a frase, com um pensamento,- a lógica e a retórica lidam com o discurso estendido, projetado, com as relações e combinações de pensamentos.

A lógica dirige-se apenas ao intelecto,- a retórica, incluindo a poesia, dirige-se não apenas ao intelecto, mas também à imaginação e às afeições, a fim de comunicar o agradável, o cômico, o patético e o sublime.

A lógica pode funcionar sem a retórica ou a poesia, mas estas são rasas sem a lógica. A gramática é requisito de todas.

Se as imperfeições de uma língua comum, especialmente a sua ambigüidade, são percebidas, podemos mais prontamente entender o valor das regras da gramática, da lógica e da retórica como meio de interpretação. Por exemplo, as regras da gramática nos guiam para a correta leitura das linhas seguintes, freqüentemente mal interpretadas. Qual é o sujeito da primeira frase? Qual é o predicado?28

*Ajactância dos brasões, a pompa do poder,
E toda aquela beleza, tudo que a riqueza jamais pôde dar
A hora inevitável igualmente espera: —
Pois os caminhos da glória, inexoráveis, também levam à sepultura.*
- Thomas Cray, “Elegy Written in a Country Churchyard”

“ Na estrofe da “Elegy”, de Cray, cspmi está na terceira pessoa do singular do verbo rspcnir.

Hora é o sujeito de Na ordem normal |em inglês ou português | das palavras, a frase seria lida assim: “A hora inevitável espera a jactância dos brasões, a pompa do poder e toda aquela beleza, tudo que a riqueza jamais pode dar”.

66 - O 7 riiauni

E verdade que o uso correto da gramática, da retórica e da lógica (com freqüência com base apenas em conhecimento implícito) é da máxima importância. Os hábitos diários de pensamento e expressão em casa e na escola medem nosso domínio pessoal prático da língua. Não obstante, o conhecimento formal da gramática, da retórica e da lógica (conhecimento explícito) é também valioso, pois nos permite saber por que certos raciocínios e expressões estão corretos ou são eficazes, e já outros, exatamente o oposto,- ademais, esse conhecimento explícito nos permite aplicar as regras à fala, escrita, audição e leitura.

*O **ser** é o ser do todo individual ou é a essência que é comum aos indivíduos de uma espécie ou gênero.*

*O **fantasma** é (1) uma imagem mental de (2) um objeto fora da mente (sua referência extensional) a partir da qual o intelecto abstrai (3) o conceito na mente (sua referência intensional).*

*Um **símbolo** é um signo sensível arbitrário que tem um significado sobre ele imposto por convenção.*

(Um conceito não é arbitrário.)

*A **linguagem** tem uma dimensão lógica e uma dimensão psicológica.*

***Matéria e forma** constituem um todo composto.*

2-8 Idéias-chave no Capítulo 2

‘Njilitreou e T itupuo du Liiigiiupeiii - 6-

3 GRAMÁTICA GERAL

GRAMÁTICA GERAL E GRAMÁTICAS ESPECIAIS

A gramática geral’ diz respeito à relação das palavras com as idéias e com as realidades, enquanto uma gramática especial, tal como a inglesa, a latina, a francesa ou a portuguesa, diz respeito principalmente à relação das palavras com as palavras, como, por exemplo, na concordância entre sujeito e verbo quanto a pessoa e número, ou,

então,

na

concordância

entre

adjetivo

e

substantivo

quanto

a

número, gênero e caso.

A gramática geral é mais filosófica que as gramáticas especiais porque está mais diretamente relacionada à lógica e à metafísica -

ou ontologia. Conseqüentemente, ela difere um pouco das gramáticas especiais no que diz respeito ao ponto de vista e à classificação resultante, tanto na análise morfológica² quanto na análise sintática.³

MORFOLOGIA DA GRAMÁTICA GERAL

L

Do ponto de vista da gramática geral, a distinção essencial entre as palavras é entre palavras categoremáticas e sincategoremáticas.

Palavras

categoremáticas

são

aquelas

que

simbolizam

alguma

forma

do

ser

e

que

podem,

correspondentemente,

ser

classificadas

*nas dez categorias do ser - substância e nove acidentes.*⁴ *Palavras
categoremáticas,*

portanto,

são

de

duas

grandes

classes:

(1)

subs-

tantivas, que fundamentalmente simbolizam a substância, e (2) atributivas, que simbolizam acidentes? A partir deste ponto de vista, O Capítulo 3 apresenta conceitos gramaticais que podem ser aplicados a todas as línguas -

àquelas hoje existentes, às não mais usadas e àquelas ainda por inventar. A gramática geral descreve a relação entre linguagem e realidade. A gramática geral formula a pergunta: como é que o intelecto usa a linguagem para traduzir a realidade?

2 Na língua inglesa, a análise morfológica faz parte de uma morfologia mais ampla.

Em português, análise morfológica é tradução adequada para [Morfologia]. (N. T.) 1 A sintaxe se refere aos arranjos de palavras em frases.

4 As dez categorias do ser, apresentadas no Capítulo 2, são a substância e os nove acidentes: quantidade, qualidade, relação, ação, paixão, fundo, onde, postura e estado.

A palavra acidente vem do latim accidere, acontecer. Normalmente, acidentes se referem aos eventos que não podem ser previstos. Nas dez categorias do ser, porém, acidentes são aqueles elementos que não podem existir sozinhos. Acidentes existem na substância.

Alguns acidentes são essenciais à substância, no sentido de torná-la o que é; já outros (mimético geral - 69

verbos

e

adjetivos

são

adequadamente

classificados

igualmente

como

atributivos,

como

acidentes

que

existem

na

substância,

por-

que a ação, assim como a qualidade ou a quantidade, deve existir na substância.

Estas

distinções

são

um

notável

exemplo

das

diferenças

de pontos de vista entre as gramáticas geral e as especiais.

Palavras

sincategoremáticas

são

aquelas

que

só

têm

significado

junto a outras palavras, pois, tomadas por si mesmas, não podem ser classificadas nas categorias. Elas não simbolizam o ser. De fato, são mero cimento gramatical, por meio do qual, numa frase, relacionamos

palavras

categoremáticas

que

simbolizam

o

ser.

Por

esta

razão, são às vezes chamadas de palavras gramaticais. As palavras sincategoremáticas são de duas classes: (1) definitivas, que chamam a atenção para as substâncias, e (2) conectivas, que ligam ou palavras, ou frases ou sujeitos e predicados.

ANALOGIAS: Diferença entre símbolos categoremáticos e

sincategoremáticos *Na música, as notas são símbolos categoremáticos, enquanto as marcações do tempo, do fraseado, do staccato ou legato, etc. são símbolos sincategoremáticos de operação. Na matemática, os números, figuras, ângulos, etc. são símbolos categoremáticos, enquanto +, -, x, %, =, etc. são símbolos sincategoremáticos de operação que indicam como os símbolos categoremáticos se relacionam.*

Dando

prosseguimento,

na

gramática

geral

distinguimos

quatro

categorias

morfológicas

fundamentais:

substantivos,6

atributivos,

definitivos e conectivos.

Porém, podemos ainda subdividir essas quatro e distinguir nove categorias,- e se adicionarmos a interjeição, que por razões explicadas mais adiante não pode ser considerada precisamente como categoria morfológica, a lista sobe a dez, como segue: substantivos (nomes),’ pronomes, verbos, adjetivos, advérbios, definitivos (especificam o indivíduo referido),

preposições,

conjunções,

a

“pura”

cópula

(aquela

parte

da

proposição que conecta o sujeito [S] e o predicado [P], segundo o modelo S eP,- o verbo ser como mero signo de predicação, sem significação semântica,- um outro verbo com função similar) e as interjeições.

acidentes não são essenciais. Considere a frase “Uma pessoa pensa”. Pessoa é uma substância e como tal é uma realidade designada por um substantivo. Pensei é uma ação (um dos nove acidentes dentro das categorias do ser) e como tal é uma realidade designada por um verbo. A habilidade de pensar é uma qualidade essencial à natureza humana, mas não é uma qualidade que exista fora da pessoa.

” No original, snbshuilire refere-se ao que expressa existência (verbo) ou designa a substância (substantivo). E nesta segunda acepção que aparece como iioim (stibslinlin- iioiin), linhas adiante. (N. T.)

‘ Substcinliec ioun. (N. T.)

70 - O Trifiitm

Palavras Categoremáticas (palavras significantes por si mesmas)

Designadoras de substância (palavras substantivas)

Substantivos⁸

Pronomes

Atributivas

Primárias - atributos da substância

Verbos (e as inflexões)

Adjetivos

Secundárias - atributos dos atributos: Advérbios

Palavras Sincategoremáticas (palavras significantes apenas quando acompanhadas de outras) Definitivas, associadas a uma palavra

Artigos

Dêicticos

Conectivas, associadas a muitas palavras

Preposições - conectam palavras

Conjunções - conectam frases (expressas ou implícitas)

A pura cópula, que conecta sujeito e predicado

3.1 Categorias morfológicas

As

interjeições

são

nomeadas

entre

as

categorias

morfológicas

apenas porque é desejável que haja um nome para toda classe de palavras.

Todavia, as interjeições não são classe morfológica, e por duas razões.

Elas não podem ser assimiladas na estrutura de uma frase

e,

portanto,

não

têm

importância

gramatical.

Elas

expressam

emoções, não pensamento,¹ e, assim, não têm importância lógica.

MORFOLOGIA CATEGOREMÁTICA

Designadoras de Substância (Substantivos): Substantivos e

Pronomes

De acordo com tipo de realidade a que se refere, um substantivo pode simbolizar tanto uma substância concreta quanto uma abstração.

s Ver notas 8 e 9 do Cap. 2. (N. T.)

‘ Palavras tais como mim, amor e felicidade expressam emoção, mas é o intelecto que abstrai aquelas qualidades emocionais da experiência. O processo de abstrair idéias a partir da realidade difere da emoção expressa por uma interjeição, a qual expressa uma emoção não processada pela mente.

(gramáticas) (geral - ~i

Uma substância concreta é um objeto que existe em si mesmo, seja natural ou artificial. Arvore, pedra e cavalo são exemplos de substância natural. Cadeira, vidro e relógio são exemplos de substância artificial.

Uma abstração é um acidente”” concebido pela mente, a bem da ênfase, como se existisse por si mesma e à parte da substância concreta na qual pode realmente existir,- por exemplo, suavidade, quantidade, forma ou prudência existem realmente como parte da substância. Uma abstração é também substância considerada em sua essência, a bem da ênfase e à parte de sua existência concreta,-

por exemplo, humanidade, corporeidade, “cadeiridade” e “arvori-dade” realmente existem como parte da substância.

Substantivos abstratos simbolizam idéias em cada uma das dez categorias, por exemplo: animalidade, extensão, brancura, similaridade,

movimento,

sensibilidade,

futuridade,

ubiquidade,

verticali-

dade. Na verdade, os nomes mesmos de sete” das nove categorias de acidentes são exemplos de substantivos abstratos.

Assim, a habilidade humana de distinguir, selecionar e abstrair um aspecto da realidade e torná-lo objeto de pensamento foi o meio indispensável de onde a mente humana foi capaz de avançar em busca da verdade. Cada uma das várias ciências e ramos da filosofia abstrai da realidade um aspecto selecionado,- por exemplo, a matemática lida apenas com a quantidade,- a física, com o movimento,- a metafísica, com o ser. A capacidade humana de abstrair e estudar um aspecto selecionado da realidade é a medida do progresso intelectual que contrasta de forma impressionante com a total ausência de tal progresso entre os animais irracionais, a despeito de seus instintos maravilhosos que frequentemente são superiores aos instintos do homem. A medida que a civilização humana avança, cresce a proporção de substantivos abstratos na linguagem.¹²

” Lembre que acidente refere-se àqueles elementos que só podem existir na substância.

Ao conceber o acidente como uma qualidade abstrata, o ser pensante faz da qualidade um substantivo. A palavra iimor é uma realidade que só pode existir no ser que experimenta a emoção. A habilidade que a mente tem de abstrair, de conceber qualidades à parte da realidade na qual elas existem, cria a necessidade de substantivos abstratos.

‘ As categorias referidas são: quantidade, qualidade, relação, ação, paixão, postura e estado (condição).

2 Tbe Slory cf Enijlísb, escrito por Robert McCrum, William Cran e Robert MacNeil (Nova York, Viking Press, 19X6), fornece uma nota interessante acerca da introdução de substantivos abstratos no inglês. “A importância desta revolução cultural |a introdução do cristianismo na Inglaterra pelo monge beneditino Sto. Agostinho de Canterbury em 597|

na história da língua inglesa não se limita ao fato de ter fortalecido e enriquecido o Old Eui/lisb com novas palavras, das quais mais de 400 sobrevivem até hoje, mas também ao fato de que deu ao inglês a capacidade de expressar pensamento abstrato. Antes da vinda

- O rriviuni

De acordo com sua classificação lógica, um substantivo (desig-nador de substância) simboliza tanto um indivíduo como uma espécie ou um gênero.¹³

ILUSTRAÇÃO: Classificação lógica de um substantivo

Indivíduo

Espécie

Gênero

Eleanor Roosevelt

humana

animal

Excalibur

espada

arma

Atlântico

oceano

corpo d'água

CARACTERÍSTICAS GRAMATICAIS DOS SUBSTANTIVOS

Número

Um substantivo que nomeia uma espécie ou um gênero tem número,- isto é, pode ser singular ou plural porque pode designar um ou mais dos indivíduos que constituem a espécie ou o gênero. Tal substantivo pode ser um nome comum ou uma descrição geral.¹⁴

Em sentido estrito, um substantivo que nomeia um indivíduo não tem número, porque um indivíduo é único e não pode ser pluralizado naquilo que o torna um indivíduo, mas apenas naquilo que o torna um membro de sua espécie ou gênero. Um substantivo que nomeia um indivíduo é um nome próprio ou uma descrição empírica.

Gênero

Um substantivo pode ser masculino, feminino, neutro ou comum.

Os substantivos

no inglês

moderno têm

gênero natural (ou gênero

lógico),- os substantivos no francês, latim, alemão e em muitas outras línguas têm gênero gramatical (que requer diferentes formas de concordância com determinantes, adjetivos ou outras palavras).

Pessoa

Esta

é

uma

característica

muito

mais

importante

para

pronomes

do que para substantivos. Tem sua origem natural na conversação, de Sto. Agostinho de Canterbury, era iácil expressar a experiência comum da vida — Sol e Lua, mão c coração, mar e terra, calor e frio — mas muito mais difícil era expressar idéias mais sutis” (pp. 55-56).

‘■ Em português, a palavra iJítcto é utilizada tanto para designar uma classe mais abrangente que a espécie, quanto para se referir às classes masculino e fciiiiiiio. Em inglês, são usadas as palavras (jcims, no primeiro caso, e ileitder, no segundo. (N. T.) 14

Substantivos,

tal

como

definidos

na

gramática

geral,

incluem

tanto

sentenças

como

palavras isoladas.

” Ver nota K) do Gap. 2. (N. T.)

(iRiiiiílicii (Jerul - -2,

pois a primeira pessoa é quem fala,- a segunda pessoa é a quem se fala,- e a terceira pessoa é de quem se fala.

*Um pronome concorda em pessoa, número e gênero com o seu antecedente, o substantivo ao qual se refere,- seu caso, porém, é determinado por seu uso em sua própria oração.1**

O pronome relativo desempenha simultaneamente três funções: (1) faz a vez de um substantivo,- (2) conecta orações,- (3) subordina uma oração à outra.

Gaso

O caso mostra a relação de um substantivo ou pronome com outras palavras na frase. Na gramática geral, são distinguidos quatro casos de substantivos, pois estas são as relações necessárias em qualquer língua, ainda que não em todas as frases.

Quatro Casos de Substantivos

Nominativo é o caso do sujeito. É o único caso necessário a todas as frases.

Genitivo é o caso que nomeia quem possui.

Dativo é o caso que nomeia o termo¹ para o qual a ação segue. (O. I.)

Acusativo é o caso que nomeia o objeto que recebe a ação. (O. D.) 3-2

Caso

A gramática especial de uma língua particular pode distinguir menos ou mais casos do que esses quatro, sendo que o número normalmente depende mais das formas de declinação do que das relações subjacentes entre idéias e palavras. Assim, a gramática inglesa moderna distingue apenas três casos: nominativo, genitivo e acusativo. Todavia, é óbvio que os usos do caso dativo‘1’ estão presentes na língua inglesa tão claramente quanto estão no latim,- ade-16 Considere a frase “Sofia é a garota que eu conheci na escola”. Na oração - que eu conheci na escola -i|ne está no caso acusativo porque recebe a ação de conhecer. (ue refere-se à garota, que está no caso nominativo, mas o caso de cjuc é determinado pelo seu uso na oração.*

” A distinção entre termo e palavra é explicada no Capítulo 4. Em resumo, um termo é uma palavra usada para comunicar um conceito.

IH A autora não cita o caso vocativo, mas em inglês este é considerado como caso especial do caso nominativo, separado por vírgula do restante da frase e, em muitos casos, considerado como interjeição. Por exemplo, na frase “I don’t know, John” |Eu não sei, John|, John é a expressão vocativa que indica o interlocutor a quem é dirigida a fala. (N. T.) Na gramática inglesa, as palavras no caso dativo são chamadas objetos indiretos. Na frase

“Shakespeare deu Hamlet ao mundo”, mundo é um objeto indireto (caso dativo) e Hamlet é o objeto direto (caso acusativo). O caso dativo acompanha os verbos <Cr, contar, entregar, etc., que predicam um receptor e algo a ser recebido. “The quarterback threw Dan the football.” O zagueiro não lançou Dan,- ele lançou a bola e esta recebeu a ação.

mais, o caso dativo e o caso instrumental, que é análogo ao ablativo 74 - O

no latim, tiveram formas de declinação e usos distintos no período do Old English (antes de 1150 d.C.).

Os casos de substantivos podem ser expressos pela ordem das palavras, por preposições ou pelas terminações dos casos (no inglês moderno, são mantidas apenas as do caso possessivo).

ILUSTRAÇÃO: Caso

Ordem das palavras

João matou a cobra. A cobra matou João.

Preposições

A mãe está **no** jardim. A decisão **do** árbitro foi aplaudida.

T

Terminações

Fathers, him, puero, noctis. ’’

AS DEZ FUNÇÕES GRAMATICAIS DOS SUBSTANTIVOS

Substantivos podem atuar como sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto de um verbo ou de uma forma nominal, objeto indireto de um verbo ou de uma forma nominal, predicativo do objeto, objeto de uma preposição,

modificador possessivo, nominativo absoluto, nominativo de discurso direto (vocativo), ou um aposto de qualquer um desses.

ILUSTRAÇÃO: Funções gramaticais dos substantivos

Senna ultrapassou Prost na curva, fazendo uma manobra que definiu a corrida.

Senna é o sujeito. Prost é o objeto direto de ultrapassou; manobra é o objeto direto do gerúndio Jazendo; corrida é o objeto direto de definiu; curva é o objeto da contração da preposição em +

artigo a = na; que, como exemplo de substantivo da gramática geral, é sujeito de definiu e dêictico de manobra; na gramática da língua portuguesa, que é conjunção subordinativa da oração adjetiva definiu a corrida.

João, o sócio do meu tio considera que aquele homem é um salafrário.

João é o nominativo do discurso direto. Do meu tio é o possessivo que modifica o sujeito sócio.

Salafrário é um complemento subjetivo, ou substantivo predicativo, pois completa a cópula é e refere-se ao sujeito da oração, homem.

Tendo dito estas coisas, um galo cantou naquele lugar. “Haec dicente eo gallus gallinaceus cantavit.”

(Petrônio, O Satíncon)

O galo é o ablativo absoluto (nominativo absoluto), pois a sentença de que faz parte não tem qualquer relação gramatical com o restante da frase.

Puero é o dativo singular de pír e significa “para o menino” Nochs é o genitivo singular de iiox e significa “da noite”.

Atributivas

Atributivas são as palavras que expressam os acidentes que existem na (jraiiuiticu (Jerul - 75

substância. Atributivos primários incluem verbos, substantivos verbais (formas nominais) (“Ela cultiva o sorrir”), adjetivos verbais (formas nominais) (“Relata refero”: “Conto o que me contaram”) e adjetivos.

VERBOS E SUAS FUNÇÕES

Um verbo possui quatro funções. Um verbo expressa um atributo juntamente com a noção de tempo. Um verbo indica distinção temporal da ação denotada (tense). Um verbo expressa modo (mode ou mood). Um verbo afirma.

Expressar

um

atributo

juntamente

com

a

noção

de

tempo

é a

função essencial de um verbo e constitui a sua definição. Aristóteles, no Organon, define um verbo como aquele que, além do seu significado próprio, transmite também a noção de tempo. E por esta sua característica, de com ele transmitir a noção de tempo ou de mudança, que Aristóteles distingue-o do adjetivo e de qualquer outra classe morfológica.

Para compreender essa definição, é necessário compreender o que se entende por tempo. Tempo é medida de mudança. O ano mede uma mudança, o movimento da Terra em torno do Sol. O dia mede uma mudança, o movimento de rotação da Terra sobre seu eixo. A hora mede um movimento artificial tal como aquele da areia da metade superior à metade inferior de uma ampulheta ou de um ponteiro de minutos ao redor de um mostrador de relógio.

Uma vez que ação é mudança e mudança envolve tempo, um verbo, que expressa uma ação, necessariamente envolve tempo. A ação particular expressa varia de verbo para verbo, como em pular, falar, cantar, nadar. Cada um destes verbos tem significado próprio, mas uma vez que a noção de mudança é comum a todos, cada verbo leva consigo a noção de tempo.

O verbo existir, quando predicado de seres contingentes, implica ter sido deslocado da potência à atualidade e a continuar naquela atualidade. Portanto, envolve duração ou tempo.

Logo, o tempo é concomitante do significado dos verbos, e não o seu significado principal. Quando desejamos que o tempo assuma o significado principal, nós o fazemos pelo uso de substantivos abstratos, tais como ano, dia, hora, ou por meio de advérbios: anualmente, diariamente, de hora em hora, instantaneamente, ígradualmenle.

O tempo verbal, por sua vez, é a relação entre o tempo do ato mesmo e o tempo em que se faz a referência ao ato. Se eu falo de uma ação enquanto ela ocorre, uso o tempo presente (*O pássaro 76 - O Triviii!*)!

voa); se depois da ocorrência, o tempo pretérito (O pássaro voou); se antes da ocorrência, o tempo futuro (O pássaro voará). Além destes, em português, há os tempos pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito e futuro do pretérito.

Devemos

tomar

cuidado

para

não

confundir

tempo

verbal

com

tempo. O tempo é essencial ao verbo. O tempo verbal não é essencial: é uma mera variação accidental. Aristóteles compara os tempos verbais aos casos de substantivos.

Na

declaração

de

*uma
verdade
geral
não
há,
estritamente
fa-
lando,
qualquer
tempo
verbal.*

Exemplos:

*“Fogo
queima”.
“Ácidos
contêm
hidrogênio”.*

*“O
homem
adquire
conhecimento
pelo
ra-*

*ciocínio”. “O bem deve ser feito”. “O mal deve ser evitado”. “Um
triângulo tem três lados”.*

Tais

declarações

gerais

expressam

uma

relação

que

não

cessa

de existir nem começa a existir por obra de nossa observação,- é uma relação constante. Assim, a relação entre o tempo desses atos mesmos e o tempo em que se fala desses atos nunca varia. O uso do tempo pretérito ou futuro violaria a verdade de tais afirmações gerais. Nem se pode dizer que o tempo presente é usado, pois este tem uma significação temporal que não é aqui pretendida. Apesar de ser usada a forma gramatical do tempo verbal presente, as declarações de verdades gerais, na realidade, não têm tempo verbal.

O modo

declara de que maneira sujeito e predicado³¹ estão relacionados: como certos, possíveis, condicionais, etc.

1. Modo Indicativo (declarativo): declara a relação como um fato, uma certeza.

Exemplos:

“O

carro

passou

correndo”.

“Ele

desejou-

me sucesso”.

2. Modo Potencial: afirma a relação como possível ou contingente.

Exemplos: “Uma rosa pode ser branca”. “Esta semente pode se transformar numa árvore”. “Os freios podiam estar defeituosos”.

3. Modo Interrogativo: pede informação e requer uma resposta em palavras. Exemplos: “Ele está vindo?”. “Onde você o achou?”.

4. Modo Volitivo: busca a gratificação das volições e requer uma resposta, usualmente em forma de ações. Faz referência direta somente ao futuro. Isto é tão verdadeiro que o futuro do indicativo freqüentemente tem a força de uma ordem, como nos Dez Manda-mentos: “Não roubarás”.

?l O predicado é aquilo que é afirmado acerca do sujeito. A predicação é o tipo de relação que o verbo mantém com o sujeito da oração.

(jniiuíticii (jerul -

O tom do volitivo poderá ser imperativo ou optativo. O imperativo diz respeito a uma ordem, usualmente emitida a um subordinado.²² Por exemplo: “João, feche a porta”. O optativo ou exortativo²²

relaciona-se a um desejo, e é normalmente dirigido a um igual ou a um superior. Exemplos: “Que você tenha sucesso”. “Quisera eu dispor dos meios para ajudá-los!”.

Aqui, novamente, e agora na distinção dos modos verbais, vemos a diferença de pontos de vista entre a gramática geral e as gramáticas especiais. As gramáticas especiais, que se preocupam principalmente com as relações entre palavras, distinguem (no inglês, português, latim, etc.) três modos, marcados por uma diferença na forma gramatical: (1) o modo indicativo, que expressa a relação como uma atitude de certeza, seja numa afirmação ou numa pergunta,- (2) o modo subjuntivo, que expressa as relações potenciais, subjuntivas e optativas, e, às vezes, as interrogativas, quando se pede permissão, por exemplo,- (3) o modo imperativo, que expressa uma ordem.

Nas gramáticas inglesa, latina, portuguesa ou francesa, é razoável não fazer distinção entre os modos interrogativo e indicativo, tratando-os como a um só, porque normalmente as mesmas formas gramaticais do verbo são usadas na pergunta e na resposta. Porém, na gramática geral, é razoável, e

até mesmo necessário, distinguir entre esses dois modos, pois do ponto de vista da lógica, ao qual a gramática geral está intimamente relacionada, esses dois modos diferem na essência: o modo indicativo expressa uma declaração que pode ser verdadeira ou falsa,- o modo interrogativo expressa uma pergunta que, em si, é incapaz de ser verdadeira ou falsa.

Somente os modos indicativo e potencial são capazes de expressar a veracidade ou a falsidade,- os modos interrogativo e volitivo não. O modo potencial afirma não um fato, mas uma possibilidade ou contingência,- portanto, sua veracidade ou falsidade depende da conformidade não ao fato, como no caso do modo indicativo,

mas

à

possibilidade

ou

contingência.

Por

exemplo,

“Pode chover amanhã” é uma afirmação verdadeira de uma possibilidade. Sua veracidade não depende de que realmente chova no dia seguinte ao da declaração.

Um verbo afirma. *Esta função é necessária à formação da frase, que deve expressar um pensamento completo.*

?- O refinamento de dirigir-se aos subordinados no imperativo e aos superiores no optativo é, hoje, pouco observado.

“ O optativo refere-se a desejar, e o exortativo, a persuadir.

C lasses de Verbos: Intransitivos e Intransitivos O

verbo

transitivo

expressa

uma

ação

que

começa

no

sujeito

(agente) e “vai até” (irans + ire) o objeto (receptor), O objeto pode ser o mesmo que o sujeito, por exemplo: “Ele se cortou”. Mas não é necessário que seja o mesmo, por exemplo: “Ele cortou o bolo”.

“Ele leu o livro”. Um verbo transitivo sempre requer um complemento, isto é, uma palavra que complete o sentido do predicado.

Todo verbo transitivo requer ao menos um complemento, o objeto direto,- alguns verbos transitivos, como dar, requerem tanto um objeto direto quanto um indireto,- outros, como eleger, podem requerer dois acusativos para completar o seu sentido, um o objeto direto, e o outro, o predicativo do objeto, por exemplo: “Nós o elegemos presidente”.

O verbo intransitivo expressa a ação que começa e termina no agente, o sujeito,- conseqüentemente, o sujeito deve ser tanto agente quanto paciente, por exemplo: “O pássaro voa”. Há duas classes de verbos intransitivos: (1) Alguns expressam a ação completa por si mesma, p. ex., brotar, murchar. (2) Alguns requerem um complemento, uma palavra para completar o sentido do predicado, p. ex., tornar. Um verbo intransitivo que requer um complemento é um verbo copulativo.²⁴

CÓPULA: UM CASO ESPECIAL

Uma cópula é uma palavra que liga um atributivo ou um substantivo ao sujeito. Tal atributivo (adjetivo ou verbal) ou substantivo é denominado de

maneira

variada

pelos

gramáticos:

predicativo

ad-

jetivo

ou

predicativo

substantivo,

complemento

predicativo,

com-

plemento

atributivo

ou

complemento

subjetivo

(significando

que

completa o predicado e modifica o sujeito).

A pura cópula é, em português, é um verbo predicativo, também chamado

verbo

abstrato

quando

desempenha

função

meramente

copulativa ou de ligação. Portanto, a pura cópula não expressa um atributo

juntamente

com

a

noção

de

tempo.

Na

gramática

geral,

é

uma

palavra

sincategoremática

de

operação

e

será

discutida

em

conjunto com aquela categoria de palavras.

Já o verbo intransitivo flexionado é, que é uma palavra categoremática e dá a idéia de existência, não é um verbo copulativo (ou de ligação), e deve, portanto, ser distinguido da cópula e. Tal como outros verbos, a forma flexionada é admite um modificador adverbial, 24 Um verbo intransitivo nunca requer um objeto direto, pois o objeto direto recebe a ação do verbo e um verbo intransitivo não transmite a ação a um complemento.

Cjriimíticii (jertil - 79

o qual não teria vez a menos que é já expressasse um atributo, pois um advérbio é um atributo de um atributo, conforme será explicado mais

adiante.

ILUSTRAÇÃO: Sér como vérbo intransitivo

João é. (João existe).

Um verbo copulativo é aquele que desempenha simultaneamente as funções de uma cópula e de um verbo. Há duas classes de verbos copulativos: a cópula verdadeira e a pseudocópula.

A cópula verdadeira, ficam, por exemplo, é uma cópula e é um verbo. Por exemplo: “As folhas verdes ficam amarelas”. (1) Ficam é mesmo um verbo porque expressa um atributo juntamente com a noção de tempo,- envolve mudança. (2) Ficam é uma cópula porque liga um atributivo ao sujeito,- faz a ligação entre o antes e o depois da mudança.

A pseudocópula é verbo verdadeiro e expressa uma percepção sensível: parecer, soar, saber, cheirar. “A maçã cheira a azedo”. Aqui, cheira age como uma cópula ao ligar azedo à maçã. A frase é exemplo de bom português, mas é ilógica e literalmente falsa, pois a maçã não pode, ela mesma, cheirar coisa alguma. Em seu sentido principal, a pseudocópula é um verbo transitivo. A frase é uma condensação gramatical de duas frases: Eu cheiro a maçã. A maçã está azeda.

Aqui, cheirar é um verbo transitivo indireto.

At ributivos: I ormas Vci b; iis Nominais

Há três classes²¹ de formas verbais nominais: o infinitivo, o particípio e o gerúndio. Assim como o verbo, a forma nominal: (1) expressa um atributo juntamente com a noção de tempo (noção de mudança),- (2) indica o tempo verbal.

Diferente do verbo mesmo, a forma nominal: (I) não afirma,-

(2) não expressa modo. Uma vez que a forma verbal nominal não afirma, dá ensejo a frequentes erros de frases fragmentadas e incompletas. 26

Sob a categoria de atributivos, as formas verbais nominais são consideradas em conjunto com os verbos. () outro atributivo primário é o adjetivo.

J(> Por sua extensão e porque contem uma oração dependente, a sentença seguinte poderia ser erroneamente tomada por uma frase, mas é,

obviamente, um fragmento: “Nadando tão longe que chegou aos limites da baía e podia olhar e ver o litoral”. Não se poderia sequer classificar esse fragmento como sentença gerundial ou participial se não fosse parte de uma frase.

<So - O Irivuiiii

O infinitivo é um substantivo abstrato e, portanto, pode desempenhar todas as funções gramaticais de um substantivo. Por exemplo: *Pensar é exercitar a mente.*²⁷

O gerúndio é uma forma verbal nominal que, tal como o infinitivo, pode desempenhar todas as funções de um substantivo. Em inglês, o gerúndio tem a mesma forma que o particípio presente, mas difere na função. Por exemplo: *Thinking is exercising the mind.*

Na língua inglesa, o particípio é uma forma verbal nominal que gramaticalmente

funciona

como

adjetivo,

pois

modifica

um

subs-

stantivo.

Por

exemplo:

John,

thinking

clearly,

solved

the

problem.

John,

pensando

claramente,

solucionou

o

problema.

Na

língua

por-

*tuquesa, todavia, o gerúndio assumiu a função do particípio presente latino.*²⁸

\tribi11i\os: Adjclitos

A diferença essencial entre o adjetivo e o verbo e a forma verbal nominal é

que

estes

últimos

expressam

um

atributo

da

substância

e também a noção de tempo e, portanto, de mudança, enquanto o adjetivo expressa um atributo simplesmente.

Atributivos Secundários: Advérbios

Atributivos

secundários

funcionam

como

atributos

de

atributos

-

a

saber,

advérbios.

Por

exemplo:

“O

homem

anda

rapidamente”.

An-

dar é uma ação existente no homem,- logo, é um atributo da substância.

Rapidez é uma qualidade existente no andar, logo, rapidamente expressa um atributo de um atributo de uma substância. A realidade de que se fala é a de um homem andante rapidamente.

Designadores de Substância: substantivos e pronomes

Atributivos: verbos, formas verbais nominais e adjetivos

Atributivos Secundários: advérbios

3-3 Morfologia categorernática

Em inglês, um infinitivo pode também desempenhar a função de um adjetivo (The play to see is Hanilet) ou de um advérbio (Robert joined the health club to lose weight).

*“O particípio presente latino, que nos deu as formas em **ante** (amante), **ente** (movente) e **inte** (coiisiíliínk), perdeu em português o valor participial, é hoje considerado mero adjetivo (homem iimaliinlr, voz suplicante, rapaz impertinente) (...) Encontram-se no velho português essas formas com seu etimológico valor, isto é, com força verbal: ‘Aníbal jxissiiitr os montes Alpes’ (Soares Barbosa) — ‘Mandou recado a certos mouros estantes em Cananor’ (João de Barros)”. (Napoleão Mendes de Almeida, (mimulíai melódica da língua portuguesa. 45. ed. São Paulo, Saraiva, 2005, pp. 554-55 (§ 935).) (N. T.)*

(jraináticn (jentl - Si

MORI OLOGIA SIM ATI GOREMATIGA

A morfologia sincategoremática refere-se a palavras que só têm significado quando associadas a outras palavras. As definitivas (ou determinativas) e conectivas são palavras sincategoremáticas.

Definitivas (Determinativas)

Uma palavra definitiva é aquela que, quando associada a um nome comum, é capaz de selecionar ou destacar um indivíduo ou um grupo de indivíduos “para fora” da classe designada pelo nome comum.

Esta é a função essencial da palavra definitiva. A uma palavra definitiva combinada a um nome comum dá-se o nome de descrição empírica. As palavras definitivas incluem artigos e dêicticos.

James Harris²⁹ observa que uma definitiva pode designar indivíduos tais como:

Conhecido: o homem.

Definido: um certo homem.

Presente e próximo: este homem.

Presente e distante: aquele homem.

Uma multidão definida: mil homens.

Uma multidão indefinida: muitos homens, alguns homens.

As unidades da multidão tomadas distintamente: cada homem.

As unidades da multidão tomadas em ordem: o primeiro homem, o segundo homem.

O ARTIGO

O artigo nunca está sozinho. Ele pode ser indefinido ou definido.

*Um **artigo indefinido** seleciona um indivíduo, mas não designa qual.*

*Ele significa também o primeiro encontro, a primeira impressão de algo ou alguém. Por exemplo: “Hoje, no centro, eu vi **um** homem alto, ruivo e de nariz adunco”.*

A repetição do artigo é, freqüentemente, um auxílio à clareza.

Por exemplo, a frase, “Ele hospedava um poeta e filósofo” é pouco clara. E a mesma pessoa um poeta e filósofo ou há duas pessoas? A frase “Ele hospedava um poeta e um filósofo” é clara ao mostrar que duas pessoas foram hospedadas.

James Harris (1709-1 /80), autor de Hermes or a Pbilosofrbiciil liitfuiry Ccvceniiiiij Liiiiĩjuiiĩje and Uiiiwrsiĩl (iKĩiinmĩir.

82 - O Triviuiii

O

artigo

definido

singulariza

um

indivíduo

particular.

Pode

tam-

bém

significar

uma

*relação
de
familiaridade
estabelecida
ou
indicar
a eminência.*

ILUSTRAÇÃO: O uso do artigo definido

Familiaridade estabelecida: *Lá vai o homem alto, ruivo e de nariz adunco que eu vi no centro ontem.*

Eminência: *o poeta; o filósofo; a Maria.*

O DÊICTICO1

A função primária do dêictico é agir como uma palavra definitiva, isto é, limitar um nome comum. Algumas vezes, porém, ele aparece sozinho e, portanto, desempenha as funções de um pronome. Por exemplo, na locução “este lápis”, este é uma palavra definitiva. Na frase “Este é um lápis”, este é um pronome.

*Dêicticos
usados
como
definitivos
podem
ser
empregados
para
expressar
antíteses.
Por*

exemplo:

“Deste

livro

eu

gosto,

mas

da-

quele não”.

Um modificador de uma designação de substância, seja uma palavra, uma locução ou uma oração, possui ou função definitiva ou função

atributiva

(adjetival).

O

modificador

definitivo

está

essen-

cialmente

associado

ao

sujeito,

enquanto

o

modificador

atributivo

é

essencialmente um predicado.

Por exemplo, na locução “esta maçã”, esta é uma palavra definitiva porque esta é associada ao sujeito,- esta não predica sobre algo do sujeito. Na locução “maçã verde”, verde é atributiva porque verde poderia ser predicado da maçã.

Essa profunda e essencial diferença de função entre o definitivo e o adjetivo requer que eles sejam distinguidos nitidamente na gramática geral. Tão grande é a diferença entre eles que o adjetivo é uma palavra categoremática e o definitivo é uma sincategoremática.

Aqui, novamente, percebemos que o ponto de vista da gramática geral difere radicalmente daquele das gramáticas especiais. Estas últimas, tais como as gramáticas latina, alemã, francesa ou portuguesa, tratam o definitivo como um adjetivo, uma vez que, a exemplo do adjetivo, tem terminação flexionada e deve, do mesmo modo, concordar em número, gênero e caso com o substantivo que modifica.

O

definitivo

não

é

uma

das

oito

classes

morfológicas

distinguidas

nas gramáticas especiais, mas nelas é classificado como um adjetivo.

Do grego dêixis, o dêictico aponta,- é um designativo que demonstra sem conceituar. (N. T.) (jriuiiíticu (jend - 8\$

Regras de Pontuação para os Modificadores Definitivo e Atributivo Uma vez que sua função é apontar, delimitar, o modificador definitivo é

*restritivo*¹ e nunca é separado por vírgulas do substantivo que ele modifica. Por exemplo: “O homem de pé mais próximo à porta é um líder sindical”.

Uma vez que sua função é descrever, o modificador atributivo é não-restritivo e se for uma oração deverá ser separado por vírgulas do substantivo que ele modifica. Por exemplo: “John Lewis, que está de pé e mais próximo à porta, é um líder sindical”.

3.4 Pontuação dos modificadores definitivo e atributivo

Vale notar que a distinção entre um modificador definitivo e um modificador

atributivo

é

funcional.

Se

um

modificador

descreve

com o intuito de ressaltar, é um definitivo, tal como no primeiro exemplo acima. Se o indivíduo já está designado por um nome próprio, o modificador não é mais necessário para ressaltar o indivíduo e torna-se um atributivo — é então descritivo, não-restritivo e meramente aditivo, tal como no segundo exemplo acima.

E

importante

distinguir

a

análise

funcional

da

morfológica.

Por

exemplo,

um

modificador

definitivo

não

precisa

conter

definitivo

único: “A garota ruiva é minha prima”. Ruiva é um modificador definitivo de garota, mas nenhuma palavra nessa sentença é em si e isoladamente uma definitiva.

Conectivos

Os

conectivos

são

classes

sincategoremáticas

que

associam

palavras

a outras palavras. Os conectivos incluem preposições, conjunções e a pura cópula. As palavras conectivas são análogas ao cimento, pois mantêm juntas as classes categoremáticas na unidade de pensamento expressa na frase.

PREPOSIÇÕES

Preposições ligam palavras. Uma preposição une substantivos, que não se misturam naturalmente. Na natureza, os acidentes existem na substância,- e na gramática, atributivos e substantivos misturam-se e aglutinam-se naturalmente. Por exemplo: rosa vermelha. Mas,

*” Na gramática, a palavra *restringir* significa limitar, definir (daí, restringir) o significado.*

Alguns livros de gramática discutem elementos restritivos como essenciais e os não-restritivos como não-essenciais. Dito de outro modo, se uma oração modificante limita o significado de forma que sem a oração a frase não comunica a informação correta, então a oração é essencial.

<Sg - O Trivium

na natureza, substâncias não se unem umas às outras,³² nem as substâncias se misturam na gramática. Por exemplo: “o lençol sobre a cama”. Sobre une lençol a cama.

Se você somar cinco maçãs, três mesas, quatro cadeiras e dois cachorros, qual é o resultado? A resposta é: cinco maçãs, três mesas, quatro cadeiras e dois cachorros. E verdade que há quatorze objetos, ou coisas, ou substâncias e, sob o aspecto mais geral, a soma

pode

ser

expressa

como

quatorze,-

mas

amontoar

objetos

dessa forma é ignorar a sua natureza específica. Todavia, é possível

dizer,

“Dois

cachorros,

perseguido

um

ao

outro,

derrubaram

cinco maçãs de sobre três mesas para debaixo de quatro cadeiras”.

As

preposições

expressam

uma

relação

entre

essas

substâncias

sem

lhes roubar a sua natureza específica.

As preposições apresentam as relações precisas entre as substâncias. Por exemplo: O cachorro correu em redor da mesa, rastejou sob a mesa, pulou sobre a mesa, deitou ao lado da mesa, ficou perto da mesa.

A repetição da preposição é frequentemente um meio de assegurar a clareza. Exemplos: (1) A invasão dos anglos e saxões (uma invasão),- (2) A invasão dos dinamarqueses e a dos normandos (duas invasões).

Relações,

especialmente

aquelas

de

lugar,

podem
sofrer
uma
transferência
para
relações
intelectuais.

Exemplos:

ficar
sob
a

autoridade,- agir **por** ciúme. Tais relações podem também fazer parte de compostos - overlook, quando comparado a look over; understand, quando comparado a stund uiider. Em português, podemos comparar entrever a ver entre, percorrer a correr por (atravessar). Com frequência as preposições são usadas para expressar as relações genitivas (ex.: das crianças) e dativas (ex.: para as crianças) dos substantivos.

As preposições podem perder a função conectiva e tornar-se advérbios,- então, é claro, tornam-se palavras categoremáticas. Os advérbios derivados de preposições transmitem um significado mais vago, menos específico do que a correspondente sentença preposicional.

ILUSTRAÇÃO: A mesma palavra como preposição e advérbio

He walked around the house. He walked around.

They gazed up the shaft. They gazed up.

A declaração de que na natureza as substâncias não se misturam parece ser contradita pelos elementos químicos, que se misturam para formar diferentes substâncias. Talvez a distinção que a irmã Miriam Joseph tivesse em mente fosse exatamente esta: quando substâncias misturam-se na natureza, elas mudam e tornam-se uma nova substância.

CONJUNÇÕES

Conjunções unem frases. As frases unidas podem ser tanto explícitas quanto implícitas.

d'-":'...

d o- -o

Explícita: Os convidados chegaram e o jantar foi servido.

Implícita: Exército e marinha prepararam-se para a guerra.

Explícita: O exército preparou-se para a guerra e a marinha preparou-se para a guerra.

Conjunções puras são coordenativas. Elas unem orações ou frases independentes. Elas podem ligar ou separar. Por exemplo, e liga,- isto é, e liga tanto as frases quanto o sentido. Conjunções tais como mas, ou, quer... quer..., nem... nem..., nem... ou... separam,- isto é, elas unem as frases, mas não o sentido.

Regra para pontuação de orações coordenativas ligadas por uma conjunção coordenativa A menos que as orações coordenativas unidas sejam bastante curtas, use uma vírgula antes da conjunção coordenativa.

3-5 Pontuando orações coordenativas

Advérbios

conjuntivos

podem

ser

coordenativos.

Estes

ligam

frases e orações independentes. Exemplos incluem *ãac*fui, por isso, consequentemente, portanto, então, não obstante. Advérbios conjuntivos podem ser subordinativos. Estes ligam uma oração dependente a uma oração independente, formando uma frase complexa. Exemplos incluem *enquanto*, *onde*, *quando*, *embora*, *a menos que*, *senão*, *se*.

Regras para a pontuação entre orações com um advérbio conjuntivo Use ponto e vírgula ou um ponto entre orações ou frases ligadas por um advérbio conjuntivo. Por exemplo: Choveu; portanto, nós adiamos o passeio. A violação desta regra resulta no grave erro de frases truncadas quando se encadeiam em períodos longos, sem pontuação própria ou com uma união indevida através de uma vírgula.

Exemplos;

Errado; Maria foi à mercearia, ela precisava comprar açúcar.

Certo: Maria foi à mercearia. Ela precisava comprar açúcar.

Certo: Maria foi à mercearia; ela precisava comprar açúcar.

Certo: Maria foi à mercearia porque ela precisava comprar açúcar.

Use uma vírgula ou nenhuma pontuação onde uma oração dependente é ligada a uma independente por uma conjunção adverbial. Por exemplo: Uma vez que choveu, nós adiamos o passeio. A violação desta regra resulta no grave erro de fragmentação da frase ou de meia-frase, pontuada como se fosse uma frase completa.

<S'6 - O Tnriitni

Exemplos:

Certo: Voltamos ao restaurante, onde esperamos por nossos amigos. [Indica onde se deu uma espera em particular].

Certo: Voltamos ao restaurante onde esperamos por nossos amigos. [Indica o lugar onde se dava uma espera habitual].

Errado: Voltamos ao restaurante. Onde esperamos por nossos amigos.

3-6 Pontuando advérbios conjuntivos

A PURA CÓPULA

A pura cópula conecta sujeito e predicado. Por causa de sua relação com a lógica, não há nada na gramática que seja tão necessário entender quanto a natureza e função da pura cópula.

A pura cópula é uma palavra estritamente sincategoremática que declara a relação entre um sujeito e um predicado, os quais são ambas palavras categoremáticas. Vale notar que na gramática geral, assim como na lógica,

a pura cópula não é nem o predicado nem uma parte deste, mas sim completamente distinta do predicado. O predicado mesmo é equivalente, no sentido amplo, a um complemento subjetivo (predicativo do sujeito) que completa a pura cópula.

Toda frase declarativa simples é composta de sujeito, pura cópula e predicado. A pura cópula e o complemento subjetivo (predicativo do sujeito), ou predicado, podem ser explícitos ou implícitos.

Se a frase contém uma cópula explícita, conterà, é claro, um complemento subjetivo explícito, que pode ser um adjetivo, uma forma verbal nominal ou um substantivo. Exemplos: A grama é verde. A rosa está desabrochando. O cavalo é um animal.

Se a frase contém um verbo que expressa ação simples, a cópula e o complemento subjetivo estão implícitos no verbo e na língua inglesa podem ser tornados explícitos pela mudança da ação simples para a locução verbal que indica a continuidade da ação.³³ Se o verbo tem modificadores, ou se é um verbo transitivo ou um verbo copulativo, então o complemento subjetivo é uma combinação (constructo) da qual os modificadores e o objeto direto, ou outros complementos, formam as partes.

ILUSTRAÇÃO: Ação simples e ação continuada

O sol brilha.

O sol está brilhando.

As folhas verdes ficam amarelas.

As folhas verdes estão ficando amarelas.

O vento fustiga a árvore.

O vento está fustigando a árvore.

Ele dá a ela um livro.

Ele está dando a ela um livro.

Em inglês, denominada l>ra/rcssii'e on couliiiiimis form. (N. T.) (jriniuíl ica C/Criil - X-

“O vento fustiga a árvore” ilustra um constructo.³⁴ Fustigando a árvore é um constructo porque é um atributivo ligado a vento pela pura cópula está.

A realidade da qual se fala é um vento “fustigante de árvores”.

Na locução verbal que indica a continuidade da ação, a pura cópula está liga o atributivo (um gerúndio, que é uma forma verbal nominal) ao sujeito. Conseqüentemente, torna clara e explícita a natureza precisa e as funções da pura cópula e do verbo (ou da forma verbal nominal). Na forma simples do verbo, essas funções não estão tão claras.

Tempo verbal da ação

Ação simples

Ação continuada

Presente do Indicativo

O pássaro voa.

O pássaro está voando.

Pretérito imperfeito

O pássaro voava.

O pássaro estava voando.

Futuro do presente

O pássaro voará.

O pássaro estará voando.

Pretérito perfeito

O pássaro voou.

O pássaro esteve voando.

O pássaro estivera voando.

Pretérito mais-que-perfeito

O pássaro voara.

O pássaro estaria voando.

Futuro do pretérito

O pássaro voaria.

3-7 Ação simples e ação continuada

A locução verbal que indica a continuidade da ação deixa claro que a pura cópula está, sofrendo flexão, desempenha três funções importantes na gramática geral: (1) afirma,- (2) expressa o modo,-

(3) indica o tempo verbal.

O verbo, que na locução que indica a continuidade da ação se reduz à forma verbal nominal - a um gerúndio -, desempenha a sua função genuína, essencial e própria, que é a de expressar um atributo juntamente com a noção de tempo,- o ato de voar envolve mudança e daí envolve tempo.

O vôo do pássaro requer tempo, mas o tempo verbal expresso é irrelevante para o ato,- o tempo verbal indica apenas que aquele que fala escolhe fazer a observação durante, depois ou antes do ato. Portanto, o tempo verbal não é uma característica essencial do verbo.

A pura cópula está é estritamente sincategoremática,- a única realidade simbolizada aqui é o pássaro que voa. Por outro lado, os dois exemplos a seguir têm um significado diferente: O pássaro que voa é. O pássaro que voa era. Nestas duas frases, é e era são verbos, significando existe e existia,- não são cópulas, de forma alguma.

A segunda frase pode até dar a entender que o pássaro foi atingido,- em qualquer caso, declara que o pássaro deixou de existir.

34 Um constructo é um conceito composto. Frequentemente, uma palavra simboliza um conceito que combina tanto espécie natural quanto qualificações que são apenas acidentais. Ser fustigada não é pertinente à espécie árvore.

88 - O /riviiii/

Verbo Intransitivo Ser

Um verbo intransitivo significando “existir”

Deus é.

Verbo Copulativo (Predicativo) ou Cópula Verdadeira

Um verbo que requer complemento

Deus é bom.

A Pseudocópula

Um verbo que expressa uma percepção sensível

O ar cheira bem.

A Pura Cópula

Um verbo de ligação (abstrato) que conecta sujeito e predicado O céu é azul.

3'8 A cópula e os verbos de ligação

ANÁLISE SINTÁXICA NA GRAMÁTICA GERAL

Qualquer frase simples ou complexa pode ser dividida em sujeito completo e predicado completo. Uma frase composta pode ser dividida em frases simples.

No estudo da lógica, a análise importante de uma frase declarativa simples é aquela que a divide em sujeito completo, pura cópula e predicado completo, tal como explicado acima.

Uma

análise

sintática

menos

importante,

mas

mais

detalhada,

é

aquela que divide uma frase em no máximo cinco unidades funcionais-, 1. Sujeito simples.

2. Predicado

simples,

incluindo

o

complemento

ou

complemen-

tos, se presentes. Há quatro tipos de complementos: o subjetivo, o objetivo, o objeto direto e o objeto indireto.

3. Uma oração. Esta é um grupo de palavras que contém um sujeito e um predicado e que funciona como um substantivo, como um atributivo ou como um definitivo.

4. Um modificador de um modificador.

5. Conectivos para ligar estas partes ou para ligar frases simples de modo a formar uma frase composta.

Um outro tipo de análise sintática é aquela que mostra que cada unidade funcional deve ser classificada materialmente como:

1. Uma palavra.

2. Uma sentença. Esta é um grupo de palavras que não contém um sujeito e um predicado e que funciona como um substantivo,

Çnimática Qeral - 89

como um atributivo ou como um definitivo,- pode ser classificada como sentença preposicional ou como sentença verbal. Por exemplo, *oh that day* e *into the bouse* são sentenças preposicionais.

To sing, to make excuses são sentenças infinitivas (verbais). Na frase

“Making excuses is the weakling’s first thought” [*“Dar desculpas é o que primeiro ocorre aos fracos”*], *making excuses* é, em inglês, uma sentença gerundial. Na frase *“John stood before his em-ployer, making excuses”*, *making excuses* é uma sentença participial (ver nota 28 deste capítulo).

3. Uma oração. Esta é um grupo de palavras que contém um sujeito e um predicado e que funciona como um substantivo, como um atributivo ou como um definitivo.

A diferença entre a análise sintática e a análise requerida para o estudo da lógica pode ser ilustrada através de uma analogia. Funcionalmente, uma construção pode ser um hotel, uma igreja, uma escola, uma casa, uma fábrica, um celeiro. Materialmente, pode ser feita de tijolos, de pedras ou de madeira.

FUNÇÃO DA GRAMÁTICA

A função fundamental da gramática é estabelecer leis para relacionar símbolos de modo a expressar pensamento. Uma frase expressa um pensamento — uma relação de idéias — numa declaração, numa pergunta, numa ordem, num desejo, numa prece ou numa exclamação. Símbolos categoremáticos são aqueles que são relacionados,-

símbolos sincategoremáticos são os meios de relacioná-los,- a frase é a relação mesma.

As regras para relacionar símbolos regem três operações gramaticais: substituir símbolos equivalentes, combinar símbolos e separar símbolos.

Regras para a Substituição de Símbolos Equivalentes

EXPANSÃO

1. Todo nome próprio é conversível em uma descrição empírica. Por exemplo: Benjamin Franklin = o homem que descobriu que o raio é eletricidade = o inventor do pára-raios = o diplomata representante do Congresso Continental junto à França durante a Guerra de Independência americana.

90 - O Triunfo

2. Todo

nome

comum

é

conversível

em

uma

descrição

geral.

Por

exemplo:

gato

=

um

animal

pequeno,

peludo,

com

garras

afiadas,

bigodes e que mia.

3. Uma palavra pode ser estendida numa frase, num grupo de palavras.

Por exemplo: horseshoe (ferradura) = a shoe for a horse,- book-seller = a seller of books. Em português: planalto = um plano alto.

Todavia,

nem

todas

as

palavras

compostas

podem

ser

estendidas

sem

mudança de significado, e é este o caso da maioria das palavras compostas da língua portuguesa, inclusive no exemplo fornecido, que, expandido, não é inequívoco. Em inglês, a expansão de palavras tais como wallflower, moonshine, goldenrod, sheepskin, etc.

altera

total-

mente os significados. Goldenrod não é uma haste de ouro, mas uma flor, assim como cantochão não é um canto no chão, mas um canto litúrgico da Igreja Católica, na acepção de “plano”, “igual”.

4. Uma

sentença

pode

ser

expandida

numa

frase

ou

grupo

de

frases.

Por

exemplo:

Este

relógio

=

Este

objeto

é

um

relógio.

Céu

nublado = O céu está nublado.

CONTRAÇÃO

1. Teoricamente,

toda

descrição

empírica

pode

ser

convertida

em

um

nome

próprio.

Na

verdade,

nós

não

temos

nomes

próprios

para todos os objetos existentes.

2. Teoricamente,

toda

descrição

geral

pode

ser
convertida
em
um
nome
comum,
por
exemplo:
uma
corrente
violenta,
estrondosa
e
rápida
=
torrente,-
walked
with
long
and
measured
steps
|andava
a
passos
largos

e

bem

medidos]

=

strode,-

walked

slowly

and

aim-

lessly = sauntered [passeava],

3. *Uma*

frase

pode

ser

contraída

numa

sentença.

Por

exemplo:

O

homem tem uma barba ruiva = o homem com uma barba ruiva = o homem de barba ruiva.

4. *Uma*

sentença

pode

ser

contraída

numa

palavra.

Por

exem-

plo: homem que vende = vendedor,- luz da lua = luar. A contração de

algumas

sentenças

cria

uma

mudança

tanto

na

dimensão

lógica

quanto

na

psicológica.

Por

exemplo:

man

fearing

God,

God-fearing

man,-

man

of

God,

godly

man

[respectivamente:

homem

temente

a

Deus,

homem

profundamente

devoto,-

homem

criado

à

imagem

e

semelhança de Deus, homem pio],

A

contração

e

a

expansão

são

artifícios

determinantes

do

estilo

e

de

seus

efeitos.

A

contração

caracterizaria

a

linguagem

dirigida

a

adultos,- a expansão, aquela dirigida a crianças.

(')niimíticu Cjeral - g

Bcgras para a Combinação <lc Símbolos

Há cinco meios de combinação de símbolos: palavras gramaticais, flexões, ordem das palavras, ênfase (acento) e entonação.

1. As palavras gramaticais são palavras de operação sincategoremáticas: a pura cópula, auxiliares verbais, 35 conjunções, preposições, definitivos. As palavras gramaticais são os mais importantes meios de relacionar palavras numa frase. São indispensáveis a qualquer língua.

2. As flexões têm as mesmas funções gramaticais das palavras gramaticais. Por exemplo, puero expressa a relação dativa por meio de uma terminação flexionada (desinência),- para o menino expressa uma relação dativa por meio de palavras gramaticais.

3. A ordem de palavras é muito importante numa língua comparati-vamente pouco flexionada como o inglês. Provavelmente, a dependência do inglês

da ordem de palavras deu origem a algumas de suas construções gramaticais ilógicas, tal como o chamado *retained object*.¹

A frase seguinte ilustra a voz ativa: (1) *She gave me a pencil*. [Ela me deu um lápis] (*Pencil* [lápis] é o objeto direto). Na verdadeira voz passiva, o objeto direto da ação é o sujeito. Por exemplo: (2) *A pencil was given to me by her*. (*Pencil* é o sujeito).

(3) “*I was given a pencil by her*” ilustra a voz pseudopassiva.

Pencil é um *retained object* (objeto retido). É provável que na língua inglesa a dependência da ordem de palavras tenha ocasionado o desenvolvimento da voz pseudopassiva com o chamado objeto retido.

A verdadeira voz passiva, com a ordem de palavras da voz pseudopassiva, é ilustrada pela frase seguinte: (4) “*To me was given a pencil by her*”. Aqui, *pencil* aparece na sua verdadeira função, como sujeito, e não como objeto, retido ou de outra maneira, e *I* torna-se *me* para expressar com precisão a sua verdadeira função como objeto indireto. Somente a verdadeira voz passiva, expressa na ordem normal como na frase (2) e em ordem anormal como na frase (4), pode ser traduzida para línguas precisas e lógicas, tais como o latim e o francês.³⁷ Apesar de ilógica, a voz pseudopassiva, assim como a

” Ou verbos auxiliares que se combinam com outros verbos. Na língua inglesa, as palavras *has* e *have* atuam como auxiliares verbais na criação dos tempos verbais perfeitos.

il’ Quando uma frase é convertida da voz ativa para a voz passiva, o objeto direto deveria tornar-se o sujeito. Numa frase com um *retained object*, o objeto é “retido” na posição de objeto direto, ainda que logicamente devesse ser o sujeito. Tal anomalia ocorre quando a frase na voz ativa tem um objeto indireto que então se torna o sujeito da frase na voz passiva. Ex: *picture*. *They showed him the picture*. *He was shown the picture* (*The picture* nis shoipu to him é a voz passiva verdadeira).

3/ (2) “Um lápis me foi dado por ela”. (4) “A mim foi dado um lápis por ela”. (N. T.) 92 - O ‘irivium

pseudocópula, é inglês correto, vernacular,- está em uso desde pelo menos o século XIII.

4. A ênfase é a força relativa com a qual um som é pronunciado,-
é um meio de expressar as relações das palavras. Sua importância maior é na linguagem falada. As frases seguintes requerem interpretação através do uso da ênfase.

That that is is not that is not. [Aquele que é não é o que não é].

He was my friend. (He [e não outro] was my friend) (He ivas [era,- não é mais] my friend) (He was myfriend [e não outra coisa]).

Compare

o

efeito

da

ênfase

dentro

das

palavras,

acentuando

cada uma das seguintes, na primeira e na segunda sílabas: record, object, converse, projecl, compact, august, entrance.

Por exemplo:

record:

registro,

anotação,

relatório,

crônica,-

record:

gravar,

re-

gistrar, anotar

object: objeto,- object: objetar

converse:

conversa,

conversação,

convertido,

contrário,-

converse:

conversar

5. Entonação é o uso controlado do tom e uma outra maneira de expressar as relações das palavras. Sua importância maior é na linguagem falada.

As

frases

seguintes

requerem

interpretação

através

do uso da entonação.

He's a fine fellow.

Oh she is dead.

Yet Brutus says he was ambitious

And Brutus is an honorable man.

— Julius Caesar 3.2.86-87

Macbeth If we should fail?

Lady Macbeth. We fail!

But screw your courage to the sticking place

And we'll not fail.

[Macbeth ... E se falharmos?

Lady Macbeth. Falharmos?

(jmmiíticn Çeml - 93

Basta que aperteis vossa coragem até o limite, E não falharemos.]

-Macbeth 1.7.58-61

Nenhuma língua pode prescindir das palavras gramaticais. Nenhuma língua pode se valer exclusivamente da ordem de palavras, da ênfase e da entonação. O inglês depende principalmente da ordem de palavras e das palavras gramaticais, tal como o chinês,- assim, as línguas inglesa e chinesa são estruturalmente, ou morfológicamente, similares. O latim se assenta principalmente na flexão,- o inglês se relaciona com o latim genealogicamente, pois muitas palavras inglesas são derivadas do latim. Do mesmo modo, muitas palavras inglesas são derivadas do germânico,³⁸ e, portanto, o inglês é também genealogicamente relacionado ao alemão. E também relacionado morfológicamente ao alemão, pois ambas as línguas fazem amplo uso de palavras gramaticais. Inglês, alemão, latim, grego e um bom número de outras línguas são todas derivadas da família indo-européia.

Pontuação Oral

As marcas de pontuação estão para a linguagem escrita como o fraseado, a ênfase e algumas formas de entonação - tal como erguer a voz para uma pergunta — estão para a linguagem falada.

O fato de que a pontuação oral faz pela leitura aquilo que as marcas de pontuação fazem pela escrita fica evidente quando se tenta ler textos não pontuados. Uma passagem lida com fraseado grotesco, isto é, com métodos errados de combinação e separação, torna-se quase sem sentido.

Interprete:

There s a divinity that shapes our ends

Rough hew them how we will. w

— *Hamlet* 5.1. 10-11

That that is is that that is not is not. “1 | Aquilo que é é,- aquilo que não é não é].

O germânico é um ramo da família de línguas indo-européias, que contém o alemão e o inglês.

Tbetu refere-se a cuJs, i.e., há uma divindade que apara nossas arestas, ainda que nós imaginemos poder fazê-lo de forma tosca.

1(1 Separar a frase ajuda a entender o significado. That “that is” is; that “that is not” is not.

94 - O ‘Irviiiiiu

*He said that that that that that sentence contains is a definitive.*⁴¹ [Ele disse que aquele “que” que aquela frase contém é um definitivo].

*The boy said his father was to blame.*⁴²

Uma vez que as línguas são imperfeitas por obra de sua extrema riqueza de

significados,

o

problema

da

gramática

é

interpretar

a

página escrita. A linguagem falada é esclarecida por quem a fala e a pontua

oralmente.

O

emissor

também

combina

e

separa

elementos

através do fraseado, aplicando ênfase e modulando a entonação. As dificuldades da escrita são idênticas às da leitura. Estudantes falham na expressão, ao falar ou escrever, pela mesma razão que falham na impressão, ao ouvir ou ler,- eles não entendem ou não aplicam as regras da

gramática

que

devem

guiar,

indistintamente,

quem

escreve,

quem lê, quem fala e quem ouve.

” Prestar atenção à função gramatical de cada ibiit ajuda a entender o significado. He said that (conjunção subordinativa, inicia a oração substantiva) that (um pronome) thnt (deveria estar em itálico, porque neste caso é usado na segunda imposição) that (conjunção subordinativa, inicia a oração adjetiva) that (um pronome) sentence contains is a definitive.

12 A frase poderia ser lida assim: The boy, said his father, was to blame (culpa do menino).

Ou: The boy said |that | his father was to blame (culpa do pai).

(jniDuíticn (jeral - 95

4 TERMOS E SEUS EQUIVALENTES

GRAMATICAIS: DEFINIÇÃO

E

DIVISÃO

TERMOS E SEUS EQUIVALENTES GRAMATICAIS

Palavras são símbolos criados para representar a realidade. Um termo é um conceito comunicado através de um símbolo. Assim que as

palavras

são

usadas

para

comunicar

um

conceito

de

realidade,

tornam-se termos.

A comunicação é dinâmica,- é a transmissão de uma idéia de uma mente a outra, através de um meio material, palavras ou outros símbolos. Se o ouvinte ou o leitor recebe através da linguagem precisamente as idéias que nela colocou o emissor ou o escritor, esses dois chegaram a um acordo quanto ao significado dos termos - a idéia foi transmitida exitosa e claramente do emissor ao receptor, de um extremo ou termo da linha de comunicação ao outro, sem ambiguidade.¹

Um termo difere de um conceito apenas no seguinte: um termo é uma idéia em trânsito, logo, é dinâmico, um eus commuica-tiouis;

o

conceito

é

uma

idéia

que

representa

realidade,

um

eus

meutis. Um conceito é um termo potencial que se atualiza quando é comunicado através de um símbolo. Assim, um termo é o significado, a forma (alma) do conteúdo lógico das palavras (ver, no Capítulo

2,

A

Natureza

da

Linguagem).

Palavras

são,

portanto,

símbolos,-

são

os

meios

pelos

quais

os

termos

são

transmitidos

de uma mente a outra.

ANALOGIA: Realidade e símbolos da realidade

O café na cafeteira só pode chegar a mim por meio de um transportador, tal como uma xícara.

Uma idéia pode ir de uma mente a outra também somente por meio de um transportador, de um símbolo. A idéia é análoga ao café; o símbolo, à xícara. A palavra usada como transportadora toma-se um termo quando o pensamento é efetivamente comunicado.

*No original, “come to terms”. A expressão implica a idéia de acordo entre os comunicantes, sem ambigüidades. Ver Mortimer J. Adler e Charles Van Doren, *How to Read a Book*.*

Nova York, Simon & Schuster, 1972, p. 96-113. (N. T.)

Termos e seus símbolos (nomenclatura: Definição e Interpretação - 97

Todavia, nem toda palavra pode simbolizar um termo lógico.

Apenas

palavras

categoremáticas

(substantivas

e

atributivas)

po-

dem fazê-lo. Apesar de uma palavra sincategoremática (uma preposição, uma conjunção, um definitivo) não poder simbolizar um termo lógico, gramaticalmente pode ser parte de um

símbolo

completo, o qual expressa um termo lógico. Um símbolo completo, que deve ser ou um nome próprio, ou uma descrição empírica, ou um nome comum, ou uma descrição geral, é, portanto, o equivalente gramatical de um termo

lógico. Não importando se o símbolo completo é uma palavra ou um grupo de palavras, ele expressa apenas um termo lógico.

O termo é o elemento da lógica, assim como a palavra é o elemento da gramática e a letra é o elemento da ortografia.

Um termo é sempre não-ambíguo, ou unívoco, porque é sempre um: é ele mesmo e não um outro. Porém, o símbolo gramatical que expressa um termo pode ser ambíguo, pois o mesmo símbolo é capaz de expressar termos diferentes. Para cada palavra, o dicionário lista vários significados. Quem quer que use uma palavra normalmente pretende transmitir apenas um de seus significados numa instância particular.

O mesmo termo, quer signifique um indivíduo particular quer uma essência, pode ser expresso através de símbolos diferentes na mesma língua ou em línguas diferentes.

EXEMPLOS: Termo expresso em símbolos diferentes

Indivíduo

Essência

O homem da barba ruiva

Um retângulo equilátero

O homem com uma barba ruiva

Um equilátero retangular

O homem que tem uma barba ruiva

Um retângulo com lados iguais

Lhomme qui a une barbe ruge

Um quadrado

Der Mann mit einem roten Barte

Un caré

El barblroja

Em gleichseitiges Rechteck

Símbolos completos que são logicamente equivalentes no significado, na designação ou em ambos são substituíveis um pelo outro (ver, no Capítulo 3, Regras para a Substituição de Símbolos Equivalentes). Tal equivalência torna possível a tradução de uma língua 98 - O Triviiiui

em outra,- também permite uma variedade de estilos numa mesma língua, além de fornecer meios de aprimorar o estilo.

Palavras

em

línguas

diferentes

são

normalmente

equivalentes

na sua dimensão lógica, mas frequentemente não o são na sua dimensão psicológica. E por isso que é difícil traduzir poesia sa-tisfatoriamente. E raro que sinônimos na mesma língua tenham exatamente o mesmo significado. O menos ambíguo de todos os símbolos é uma descrição geral, especialmente uma tão perfeita quanto uma definição.

CLASSIFICAÇÃO DOS TERMOS

Termos Empíricos e Termos Gerai

s

A distinção fundamental entre termos é aquela que os classifica de acordo com o tipo de realidade significada: como um termo empírico ou como um termo geral.

Um termo empírico designa um indivíduo ou um agregado de indivíduos. Este termo deve ser simbolizado por um nome próprio ou por uma descrição empírica. Por exemplo: Cristóvão Colombo, a mesa nesta sala.

Um termo geral, também chamado um termo universal, significa essência (de uma espécie ou gênero). Este termo deve ser simbolizado por um nome comum ou por uma descrição geral. Por exemplo: árvore, uma figura plana retilínea de três lados.

Ser capaz de distinguir entre um termo empírico e um termo geral é da mais alta importância.² Para fazê-lo, não se pode depender de códigos gramaticais,- é preciso olhar através das palavras até a realidade simbolizada.

EXEMPLOS: Termos gerais e termos empíricos

Um pássaro tem penas.

(Pássaro é um termo geral.)

Um pássaro voou pela minha janela.

(Pássaro é um termo empírico.)

A dança foi até a meia-noite.

(Dança é um termo empírico.)

A dança é uma forma de arte.

(Dança é um termo geral.)

3 Ao considerar se um termo é geral ou empírico, pergunte se o termo se refere a uma categoria inteira de seres (geral), ou se a um indivíduo ou indivíduos naquela categoria (empírico). (TAD

Termos e seus léxicos (juntivos: Definição e 'Divisão - gs) Termos Contraditórios: Termos Positivos e Negativos

los

Termos são contraditórios quando um é positivo e o outro

é o cor-

respondente negativo. Um termo positivo é aquele que

Termos Contraditórios: Ter

mos Positivos e Negativos

Termos são contraditórios quando é positivo e o outro é o correspondente negativo. Um termo posi

tivo é aquele que expressa o que está presente na

realidade um territo negativo é aquele que expressa o que está ausente
Alguns exemplos; conscie

nte, incons- ciente, completo. incompleto,
ciente,

conclusivo, inconclusivo. - completo, incompleto,- conclusivo, inconclusivo.

Algumas palavras gramaticalmente negativas simbolizam termos
logicamente positivos. Exemplos: infinito (a ausência de limite conota
plenitude do ser), impaciente (significando positivamente ra-bugento
ou

mal-humorado),

inclemente

(significando

positivamen-

te duro, cruel, malevolente).

Um termo privativo (restritivo) é um tipo de termo negativo que expressa a
privação, a ausência de uma característica de uma realidade que pertence
à sua natureza e que deveria estar presente.

Exemplos: manco, cego, morto, descabeçado. Um cachorro pode ser cego,-
uma pedra não pode ser cega, pois a visão não pertence à natureza da
pedra.

Termos Concretos e Terrnos Abstratos

Um termo concreto é aquele que representa realidades como elas realmente
são na ordem do ser. Exemplos: animal, veloz, suave, comprido, próximo e
tépido.

Um termo abstrato é aquele que representa uma substância ou um acidente
mentalmente abstraído da realidade concreta e considerado, com
finalidade de ênfase, como um objeto do pensamento,- é simbolizado por
um substantivo abstrato. Exemplos: animalidade,

velocidade,

suavidade,

comprimento,

proximidade,

tepidéz.

Lembre-se de que no Capítulo 2 a importância dos termos abstratos foi enfatizada. Lá também foi observado que termos concretos são mais vividos (para os sentidos),- termos abstratos são mais claros (para o intelecto).

Termos Absolutos e Termos Relativos

Um termo absoluto é aquele que pode ser entendido por si mesmo sem referência a outro termo. Exemplos: homem, árvore, cachorro, campo, vermelho, sólido.

Um termo relativo é um de dois termos, numa relação em que cada um deve ser entendido com referência ao outro. Exemplos: marido, mulher,- pais, filhos,- professor, aluno,- causa, efeito,- amigo, amigo,- maior, menor,- mais longo, mais curto.

ioo - O 7 riviiiui

Termos

relativos

são

correlativos

e

são

sempre

absolutos

em

pelo menos uma das categorias/ Eles têm significado em pelo menos duas e frequentemente em três ou mais categorias; uma destas é a categoria relação,- uma outra é, normalmente, ação ou paixão, pois uma destas é o mais freqüente elo pelo qual os dois termos estão relacionados um com o outro. O exemplo professor e aluno pode ser assim analisado.

EXEMPLOS: Termos relativos e suas categorias

Professor é um termo que tem significado nas seguintes categorias:

Substância: homem

Qualidade: conhecimento e a habilidade de comunicá-lo

Relação: a um aluno

Ação: comunicar conhecimento

Aluno é um termo que tem significado nas seguintes categorias:

Substância: homem

Qualidade: ignorância

Relação: a um professor

Paixão: receber conhecimento

Note que o receber conhecimento não pode ser puramente passivo, apesar de ser passivo com referência ao seu correlativo, o comunicar conhecimento. Ensinar e ser ensinado devem ser ações cooperativas.

Termos (coletivos e Distributivos)

Um termo coletivo é aquele que pode ser aplicado apenas a um grupo considerado como tal, mas não aos membros do grupo tomados isoladamente.

Exemplos:

exército,

júri,

tripulação,

grupo,

senado,

família,

time,

equipe,

rebanho,

*multidão,
manada
(Joa-
na pode ser membro do júri, mas não pode ser o júri). A regra gramatical
que
requer
a
concordância
entre
sujeito
e
verbo
(ou
cópula),
e
também
entre
pronome
e
antecedente,
torna
neces-
sário
distinguir
dois
usos*

de

um

substantivo

que

simboliza

um

termo coletivo.

O uso coletivo exige que o verbo (ou cópula) e os pronomes estejam no singular. Por exemplo: The audience shows its pleasure by demanding encore after encore.

O uso distributivo exige que o verbo (ou cópula) e os pronomes estejam no plural, pois os membros do grupo são imaginados como 1

A

referência

é

às

categorias

aristotélicas:

substância,

qualidade,

quantidade,

relação,

lugar, tempo, situação, posse, ação, paixão.

leriinis e scns ‘Xi/iiiruleiit<‘s (jniiintliciii’.: Dc/tuiçio e Divido - 101

se agissem individualmente e não coletivamente. Por exemplo: The audience

demonstrate

uproarious

approval

by

tossing

their

hats

*into the air and shouting with loud voices.*⁴

Um termo distributivo é aquele que pode ser aplicado a membros individuais de um grupo tomados isoladamente. Por exemplo: homem é aplicável tanto a qualquer homem individual quanto à espécie homem.

As Dez Categorias do Ser

As

dez

categorias

de

termos

constituem

uma

classificação

impor-

tante.

Elas

correspondem

exatamente

às

dez

categorias

metafísicas

do

ser,

a

saber:

substância,

quantidade,

qualidade,

relação,

ação,

paixão,

tempo

(quando),

lugar

(onde),

situação

ou

postura,

estado

(posse ou condição).

DIFERENÇA ENTRE

TERMOS

Conforme

o

princípio

fundamental

da
diferença,
os
termos
podem
ser
diferentes
categoricamente,
genericamente,
especificamente
ou
individualmente.

Diferença Baseada em Categoria, Gênero. I. espécie e indivíduo

1. Os

termos
são
categoricamente
diferentes
se
estão
em
cate-

gorias diferentes (ver, no Capítulo 2, As Dez Categorias do Ser).

Exemplo: maçã, grande, vermelho, lá, agora, escolhido.

2. Os termos são genericamente diferentes se pertencem a gêneros diferentes na mesma categoria. Exemplos: redondo, liso, azedo,- pedra, árvore, animal.

3. Os termos são especificamente diferentes se pertencem a diferentes espécies de um

mesmo

gênero. Exemplos: vermelho,

azul,

amarelo,

cinza,

preto,-

redondo,

quadrado,

triangular,-

pi-

nheiro,

cedro,

carvalho,

ipê,-

cachorro,

elefante,

cavalo,-

andar,

rastejar, voar.

4. Os termos são individualmente diferentes se designam indivíduos da mesma espécie, pois todo indivíduo é único. Exemplo: esta mulher, minha mãe, o rio Amazonas, o rio Paraná, o rio Tietê.

** A distinção não vale para o português, onde os coletivos são sempre empregados no singular. (N. T.)*

loa - O Triviuiii

Diferença pela Natureza: Repugnante ou Não Repugnante Conforme a natureza da diferença, os termos são repugnantes⁵ ou não. Os termos são repugnantes quando são incompatíveis, isto é, quando significam realidades que são mutuamente excludentes, que não podem coexistir na mesma substância ao mesmo tempo e no mesmo período.

1.

Os

termos

que

são

categoricamente

diferentes

ou

genericamente

mente

diferentes

não

são

necessariamente

repugnantes,

pois

com

freqüência

significam

realidades

que

*podem
coexistir
na
mesma
substância/’*

2. Os termos a seguir são necessariamente repugnantes:

*Todos
os
termos
individualmente
diferentes
são
repugnantes.*

*Um
indivíduo não pode ser ele mesmo e um outro ao mesmo tempo.*

*Todos
os
termos
que
são
especificamente
diferentes
são
repug-
nantes.*

Por

exemplo:

pinheiro,

cedro,

carvalho,-

cachorro,

cavalo,-

quadrado, círculo, triângulo.

Termos

contraditórios

são

necessariamente

repugnantes.

Por

exemplo: branco, não branco.

Termos contrários, os quais ou são pares de termos que são espécies

em

um

mesmo

gênero

(por

exemplo:

preto,

branco

[cor],-

longo,

curto

[comprimento]]),

ou

espécies

em

gêneros

contrários

(por

exemplo:

veracidade

e

falsidade,

a

primeira

uma

espécie

de

virtude e a outra, de falta) são repugnantes.

Gêneros contrários são repugnantes. Por exemplo: bem e mal.

Termos

contrários

representam

extremos

de

diferença.

Nem

todo termo tem um contrário. Por exemplo, não há contrários nos seguintes

gêneros:

animal,

árvore,

veículo,

formato.

Algumas

das

classificações

de

termos

neste

capítulo

são

termos

contrários

que

juntos

constituem

um

gênero,-

eles

são,

portanto,

especificamen-

te

diferentes

e,
conseqüentemente,
repugnantes
ou
incompatíveis.

Isto é verdadeiro para cada um dos seguintes pares: termos gerais e empíricos,- termos positivos e negativos,- termos concretos e abstratos,- termos absolutos e relativos.

‘ O leitor deve considerar a aceção de icfutcptcitle referida à lógica. (N. T.) O exemplo do professor e do aluno, usado na seção Termos Absolutos e Termos Relativos, mostra que termos categoricamente diferentes podem coexistir na mesma substância.

O termo professor inclui as categorias da substância, qualidade, relação e ação. Na verdade, a maioria dos termos inclui várias categorias.

Termos e seus L(Jnivulentes (jrumu 1 icuis: Definição e Divisão - 102,

Os membros de cada par de termos contrários são repugnantes e, portanto, mutuamente excludentes,- mas um dado termo pode ser simultaneamente membro de mais de um par, porque os pares em si não são mutuamente excludentes. Assim, um dado termo não pode ser igualmente geral e empírico, ou igualmente positivo e negativo, etc. Porém, um dado termo pode ser, a um só tempo, geral, positivo, abstrato e absoluto,- por exemplo: coiiil>rinieiiilo é tudo isso simultaneamente. Minha avó é um termo, a um só tempo, empírico, positivo, concreto e relativo.

De grande importância é a distinção entre termos contrários e termos contraditórios. Não há meio-termo nem qualquer área comum entre termos contraditórios. Por exemplo, ou tudo é branco ou é não-branco,- e ou tudo é uma árvore ou é uma não-árvore.

Assim, todo par de termos contraditórios faz uma dicotomia, isto é, divide tudo exatamente em dois, não deixando nada em comum entre os termos.

Entre os termos contrários há um meio-termo. Por exemplo: nem tudo precisa ser branco ou preto,- pode ser cinza, ou vermelho ou azul.’

Todo termo tem o seu contraditório,- nem todo termo tem um contrário. Termos contrários representam o maior grau de diferença. Termos contraditórios representam uma diferença definida.

A EXTENSÃO E A INTENSÃO DOS TERMOS

Definições: Extensão e Intensão

Todo termo tem tanto extensão quanto intensão. A extensão de um termo é a sua designação: o conjunto total de objetos ao qual o termo pode ser aplicado. Esta é a sua referência objetiva e extramental à realidade. Por exemplo: a extensão de amigo é o conjunto de pessoas que são amigas de um indivíduo,- a extensão de oceano são todos os oceanos do planeta Terra,- a extensão de árvore são todas as árvores. Um termo é usado em sua extensão completa quando é aplicado a todos os objetos que designa. Não é necessário saber o número de objetos.

Este importante conceito é revisto e torna-se mais claro no capítulo sobre silogismos.

s “Em muitos textos de lógica contemporâneos usa-se o termo ‘intensão no lugar do termo tradicional ‘compreensão’. Os motivos desse uso são dois: 1) o termo ‘intensão’ oferece uma estrutura linguística análoga à do termo contraposto ‘extensão’,- 2) os significados de ‘intensão’ na lógica contemporânea nem sempre coincidem com os de ‘compreensão’ (Mora, op. cit., p. 1543). Em inglês, intension = intensão,- intention — intenção. Cf. ibidem. (N. T.) 04 - O 7 rivium

A intensão do termo é o seu significado, a soma das características essenciais que o termo implica.¹ Esta é a referência conceptual ou lógica. Tornar explícita a intensão — o significado — de um termo é defini-lo. Por exemplo, a intensão de amigo é a soma das qualidades que fazem um amigo, tais como lealdade, congenialidade, afeição mútua, dedicação desinteressada, integridade de caráter, fidelidade.

Igualmente, a intensão de oceano ou de árvore se torna explícita em sua definição.

A extensão e a intensão dos termos têm suas raízes na referência dupla do fantasma, que é a imagem mental dos objetos (referências extensionais), da qual o intelecto deriva o conceito (referência intensional).

Relação entre Extensão e Intensão

Há uma relação entre a extensão e a intensão dos termos tal como expressa na seguinte lei.

Relação entre Extensão e Intensão dos Termos

À medida que um termo cresce em intensão, decresce em extensão.

À medida que um termo cresce em extensão, decresce em intensão.

4-1 Extensão e intensão dos termos

*A Arvore de Porfírio ilustra a relação inversa entre a extensão e a intensão dos termos, bem como a relação entre estas e a definição e a divisão. Esta é uma divisão progressiva, essencial e dicotômica, que vai da substância do *summum genus* até a *infima species* homem. Ela foi delineada por Porfírio.”*

*O *summum genus* é o maior e mais alto gênero,- este não pode tornar-se uma espécie, pois não há gênero acima e do qual possa ser uma espécie ou parte. A *infima species* é a mais baixa e menor das espécies,- esta não pode tornar-se um gênero por divisão subsequente em espécies essencialmente diferentes.*

*A divisão que emana do *summum genus* até a *infima species* é, portanto, uma série completa: não pode ser continuada acima daquela primeira nem abaixo dessa última.*

*” A intensão é um conjunto de condições necessárias e suficientes para aplicar o termo. (TA/I) Porfírio (2327-305?) foi um filósofo neoplatônico que tentou combinar as filosofias de Platão e Aristóteles. Ele escreveu uma importante obra, *Isagoge*, sobre as *Categories* de Aristóteles.*

Termos e seus Lógicos (joimuticilis: J) e Hicilo e Divisão - io

Árvore de Porfírio

- Substância

Imaterial

Material

Corpo

Animado

Inanimado

Organismo

Sensível

Insensível

Animal

Racional

Irracional

Homem

4-2 Árvore de Porfírio

Ao observar a Arvore de Porfírio, note que cada termo entre o summum gentis e a ínfima s/recics pode ser tanto um gênero quanto uma espécie, pois para termos intermediários, gênero e espécie são relativos conforme o ponto de vista: um termo é um gênero daqueles que lhe estão abaixo e uma espécie daqueles que lhe estão acima.

Um termo é o gênero próximo do termo diretamente abaixo dele,-

por exemplo: animal é o gênero próximo de homem,- corpo é o gênero próximo de organismo. Todos os termos acima de um dado termo, mas não imediatamente acima, são gêneros remotos desse termo,- por exemplo: organismo, corpo e substância são gêneros remotos de homem, sendo substância o mais remoto.

Consequentemente, a Arvore de Porfírio ilustra a lei de relação inversa entre a extensão e a intensão dos termos: à medida que é aumentada a intensão da substância (pela adição dos atributos material, animado, sensível e racional), sua extensão é diminuída.

A substância, o summum gentis, tem a maior extensão e a mínima intensão. Homem, a ínfima species, tem a mínima extensão e a maior intensão, isto é, o maior número de notas características: o homem é uma substância racional, sensível, animada e material.

DEFINIÇÃO

Uma definição torna explícita a intensão ou significado de um termo, a essência que este representa. Uma definição é simbolizada por uma descrição geral, não por uma palavra só. Uma definição é

uma

descrição

geral

perfeita.

Há

dois

tipos

de

definição

construí-

dos a partir de um ponto de vista lógico: uma definição lógica e uma definição distintiva.

Definição Lógica

Uma definição lógica expressa a essência de uma espécie em termos de seu gênero próximo e de sua diferença específica. O padrão é: espécie é seu gênero próximo mais diferença específica. Por exemplo: o homem é um animal possuidor de racionalidade.

A espécie é o termo a ser definido,- o sujeito de uma definição é, portanto, sempre uma espécie.

A diferença específica

é aquela parte da essência que pertence

somente a uma dada espécie e que a distingue de todas as outras espécies do mesmo gênero. Por exemplo: a racionalidade é a parte da sua essência que faz o homem diferente de toda outra espécie de animal.

O gênero é aquela parte da essência que é comum a todas as espécies que constituem o gênero. Por exemplo: animalidade é aquela parte da sua

essência que o homem compartilha com outras espécies do seu gênero, tais como cavalo, pardal, ostra.

A Arvore de Porfírio fornece dados para a definição lógica de homem, animal, organismo e corpo.

Uma definição lógica não pode ser construída para cada termo porque para alguns termos não há gênero próximo, ou então a diferença específica não é conhecida. Todavia, tais termos podem ser esclarecidos por uma descrição geral que não é uma definição lógica.

Uma definição lógica não pode ser elaborada para: um summum gentis, um conceito transcendental ou o indivíduo.

Um sHiiwiiiiii í/emis, tal como substância ou qualquer outra das dez categorias,

ou

um

predicável

(gênero,

espécie,

diferença,

proprieda-

de,

acidente),

não

pode

ser

definido

logicamente.

Poderia

parecer

que o ser é o gênero da substância e das outras categorias, uma vez que as dez categorias classificam o ser. Porém, o ser não é entendido da mesma maneira que o são substância e acidente,- ademais, o ser transcende as categorias e, portanto, não pode ser seu gênero.

Um conceito transcendental é um conceito que não pode ser classificado porque se estende através e além de todas as categorias. Os transcendentais são o ente e seus atributos transcendentais: unidade, veracidade, bondade, res, iliquid; 11 alguns filósofos incluem a beleza.

Rcs significa “c uma coisa” eilii/uid, “algo”.

Ictii/os e seus IZcfii ivcile n l es () ri mal ica is: ‘Definição e Divisão - io~

O indivíduo, sendo individual, não pode ser definido, pois sua essência é aquela que compartilha com outros indivíduos da sua espécie. Aquilo que faz o indivíduo único e diferente de outros indivíduos de sua espécie serve mais para designação do que para significação.

Consequentemente,

apenas

a

espécie

pode

ser

definida.

Quan-

do um termo tal como animal é definido, deve ser definido como espécie

de

seu

gênero

(organismo),

e

não

como

gênero

de

suas

espécies (homem, cavalo, etc.). Por exemplo: um animal! é um organismo sensível.

Definição Distintiva

Uma definição distintiva é definição pela propriedade. O padrão é o seguinte: espécie é gênero (próximo, remoto ou no mesmo nível) mais propriedade. Por exemplo: homem é um ser (ou animal, ou organismo) suscetível de hilaridade.

Propriedade não é a essência nem uma parte da essência, mas é um concomitante necessário da essência e dela resulta. Assim, hilaridade não é essência do homem, nem uma parte de sua essência, mas é consequência de sua essência, isto é, tanto do gênero quanto da diferença: porque o homem é racional, ele pode ver que algo é engraçado,- porque ele é um animal, pode rir. Um homem possui uma capacidade para a hilaridade, quer ele a exerça ou não. A risada de uma hiena não é alegre,- é uma mera gargalhada, um som, um barulho horrendo, mas não alegre.

ILUSTRAÇÃOj Relação entre concomitante e essência

Numa tarde ensolarada, minha sombra é concomitante do meu corpo.

Se eu desenho uma linha convexa, ela é concomitantemente uma linha côncava quando vista do outro lado.

O paladar é o concomitante da alimentação de um animal; não é concomitante da nutrição de uma árvore.

Uma

definição

distintiva

por

propriedade

normalmente

é

a

me-

lhora definição que uma ciência pode alcançar. Na química, elementos tais como hidrogênio, cloro, sódio, cobre e zinco são definidos por

suas

propriedades

específicas,

tais

como

estado

físico

natural

(sólido,

líquido,

gasoso),

peso

atômico,

gravidade

específica

e

va-

lência. Na geometria, as proposições a serem provadas simplesmente

explicitam

as

propriedades

do

triângulo,

do

círculo,

da

esfera,

etc. E de se notar que uma espécie tem só uma diferença específica,-
pode ter várias propriedades específicas.

108 - O 'Irviiiíiii

Outros Tipos de Definição

Uma **definição causai** é aquela que explicita o significado ou intensão de um termo ao nomear a causa que produziu a realidade que o termo significa.

Uma

definição

causa!

pode

nomear

qualquer

uma

das quatro causas: eficiente, material, formal e final.¹² Por exemplo:
pneumonia

é

a

doença

*causada
pelo
pneumococo
(causa
eficiente).*

Água é H₂O (causa material, nomeando os constituintes,- causa formal, indicando como eles estão relacionados).

Uma definição por matéria e forma é, por vezes, chamada de definição genética. Assim são todas as fórmulas e equações químicas, bem como todas as receitas. Uma definição por causa final é às vezes chamada de definição intencional.

Uma

definição

descritiva

faz

mera

enumeração

das

características

pelas quais a espécie pode ser reconhecida. Por exemplo: um elefante é

um

quadrúpede,

mamífero,

enorme,

atarracado,

quase

sem

pelos,

com uma probóscide longa e muscular e duas longas presas.

Definição

por

exemplo

fornece

dados

para

a

definição,

em

vez

de

uma

definição

mesma.

As

vezes,

a

apresentação

de

exemplos

familiares permite à mente fazer, a partir deles, uma abstração que lhe é mais clara do que seria uma abstração já pronta e apresentada por uma definição. Exemplo: um gênio militar é um homem como Alexandre,

o

Grande,

Júlio

César,

Washington,

Napoleão,

George

S. Patton Jr. Já a única definição autêntica e realmente esclarecedora de próximo é aquela dada, por exemplo, na parábola do Bom Samaritano.

Definição

gramatical

e

retórica

ou

nominal

traz

o

problema

de

tornar claro qual termo é imposto a um dado símbolo, a uma palavra ou a uma sentença, mais do que tornar explícito o significado do termo.

Consequentemente,

o

problema

é

o

esclarecimento

da

lin-

guagem e a eliminação da ambigüidade,- é um problema de acordo entre comunicantes, entre leitor e escritor, entre ouvinte e emissor, os quais devem atribuir o mesmo significado ao símbolo dado.

1. Definição

por

etimologia.

Uma

palavra

é

freqüentemente

en-

tendida mais claramente a partir de sua origem. Exemplos: Infinito

é derivado do latim in (não) mais finil (limite),- eleito é derivado do latim e (de dentro; para fora) mais lectus (escolhido).

I? Causa eficiente é o agente e os instrumentos. Causa material refere-se ao que foi usado para fazer alguma coisa. Causa formal c; que tipo de coisa está sendo feita. Causa final é o propósito que motivou o agente. As quatro causas metafísicas, tal como definidas por Aristóteles, serão tratadas mais detalhadamente no Capítulo 10.

Esteja ciente de que a etimologia não é um guia seguro, pois às Termos e seus Liiuivuleiiles (jriiuiaticuis: Definirão e 'Divisão - 109

vezes o significado atual não concorda com o significado etimo-lógico. Etimologicamente, hidrogênio significa formador de água, e oxigênio significa formador de ácido. Mas na realidade o hidrogênio é o formador de ácido, e o oxigênio é o principal formador da água, no sentido de que equivale a aproximadamente oito vezes o peso do hidrogênio na composição da água. Portanto, seus nomes deveriam ser trocados, mas isto não será feito, pois apesar de o oxigênio ser chamado por nome errado, este se tornou permanentemente associado ao elemento antes que o erro fosse descoberto. Esta é apenas suma instância notável a mostrar que a etimologia não é um guia seguro para os significados correntes das palavras, ainda que seja bastante útil e esclarecedora. Por uma estranha anomalia, bens transportados num carro (car) ferroviá-rio são chamados um sbifrmettt e aqueles transportados num navio (ship) são chamados cargo.

2. Definição por sinônimos. Esta ilustra exatamente o fato de que a gramática fornece uma escolha entre símbolos quase equivalentes para o mesmo termo. Porém, tais símbolos diferem de alguma maneira, seja na dimensão lógica, na psicológica ou em ambas.

3. Definição arbitrária. Há certas palavras, palavras muito importantes, sobre cujo significado não há consenso. O dicionário oferece pouca ajuda prática na definição de tais palavras.

Certos termos legais, tais como larceny (apropriação indébita, roubo, furto), traição e vadio, precisam ser definidos por leis para as cortes de cada Estado. Assim, a traição tal como definida pela Constituição dos Estados Unidos é um termo bastante diferente daquele definido por lei à época de Henrique VIII, ou de Elizabeth I da Inglaterra, ou, ainda, sob os czares da Rússia.

Muitos termos comumente usados, tais como liberdade, patriotismo, justiça, religião, cortesia, cultura, e muitos termos literários, por questão de clareza, deveriam ser definidos por cada usuário da palavra. Um leitor deve ter cuidado para saber exatamente qual significado o escritor está atribuindo a palavras tão ambíguas quanto essas,- do contrário, leitor e escritor não podem “chegar a um acordo”. Debatedores, em especial, devem ao menos concordar quanto ao objeto do debate,- caso contrário, argumentarão em vão.

Para definir palavras de significado tão amplo e mutável, deveria ser declarado o que o termo inclui e o que ele exclui, tratando especialmente das instâncias limítrofes discutíveis, e não meramente daquelas obviamente incluídas ou excluídas.

i io - () 1 ri'iu 11/

EXEMPLOS: Definições famosas

A caridade¹ ‘ é paciente, é benigna, a caridade não é invejosa, não obra temerária nem precipitadamente, não se ensoberbece. Não é ambiciosa, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal. Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade. Tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo sofre. A caridade nunca há de acabar, ou deixem de ter lugar as profecias, ou cessem as línguas, ou seja abolida a ciência.

- I Cor. 13:4-8

Literatura é o que de melhor foi pensado e dito no mundo.

- Matthew Arnold, “Literatura and Science”

Um clássico é uma obra que dá prazer aos poucos apaixonados que estão permanente e intensamente interessados em literatura.

- Arnold Bennett, “Why a Classic is a Classic”

Regras de Definição

Uma definição deveria ser:

1. Conversível em relação ao sujeito, à espécie e ao termo a ser definido. Por exemplo: Um homem é um animal racional. Um animal racional é um homem. O termo a ser definido e suas definições coincidem

perfeitamente,

tanto

na

intensão

quanto

na

extensão,-

logo,

são

mutuamente

conversíveis.

Conversibilidade

é

o

teste

de

uma definição. Uma declaração é conversível se for igualmente verdadeira com o sujeito e o predicado permutados.

2. Positiva, preferencialmente à negativa. Eis uma violação desta regra: Um homem bom é aquele que não faz mal a seus semelhantes. (Não é muito esclarecedor simplesmente dizer o que alguma coisa não é).

3. Clara, simbolizada por palavras que não sejam obscuras, vagas, ambíguas nem figurativas. Uma violação dessa regra é a famosa definição que Samuel Johnson deu para uma rede: “Uma rede é alguma coisa

reticulada

ou

decussada

a

distâncias

iguais,

com

interstícios

entre as intersecções”.

4. Livre de uma palavra derivada da mesma raiz da palavra a ser definida. Uma violação da regra é uma definição como a que segue: Sucesso é ser bem-sucedido no que quer que você empreenda.

5. Simbolizada por uma estrutura gramatical paralela e não misturada. Por exemplo-, um

gerúndio deveria ser usado para definir

um

gerúndio,-

um

infinitivo,

para

definir

um

infinitivo.

Exemplos

de violações à regra: Pessimism is when a pcrson looks on the dark Por vezes traduzida como “amor”. De fato, um dos maiores apologistas cristãos do século XX, C. S. Lcwis, em seu livro Adere Cbrishãñity, dedicou um capítulo inteiro à virtude da

caridade.

Nele,

o

autor

a

define

como

“mnor

no

sentido

cristão”.

(N.

T.)

side of everything (o correto seria: Pessimism is to look on the dark side of everything). To cheat is defrauding or deceiving another (o correto seria: Cheating is defrauding or deceiving another).

lernos e seus IZcjuivalcntes Cframaticais: 7)elmição e ‘Divisão - m

DIVISÃO

A divisão é uma ferramenta do pensamento extremamente valiosa.

Em Fedro, de Platão, Sócrates diz: “Ora, caro Fedro, eu também sou amigo desta maneira de compor e decompor as idéias. E a melhor maneira de aprender a falar e a pensar. E quando me convenço de que alguém é capaz de apreender, ao mesmo tempo, o conjunto e os detalhes de um objeto, sigo esse homem como se caminhasse nas pegadas de um deus”.¹¹

A divisão lógica é a análise da extensão de um termo, enquanto a definição é a análise da sua intensão. A Suimiia Tbeolotjica de Santo Tomás de Aquino ilustra como a divisão aprofunda a compreensão clara e torna patente a ordem abrangente.

A Divisão Lógica Dislinguida de Outros Tipos de Divisão

Divisão lógica é a divisão de um gênero em suas espécies constituintes.

Por exemplo: árvore pode ser dividida em suas espécies — pinheiro, carvalho, ipê, etc. O teste da divisão lógica é que o todo lógico (gênero) sempre pode ser predicado de cada uma de suas partes (espécies). Por exemplo: árvore pode ser predicado de qualquer uma de suas espécies.

Pinheiros são árvores. Ipês são árvores. Nenhum outro todo, além do todo lógico, pode ser predicado de suas partes. A divisão lógica nunca lida com o indivíduo, mas sempre com a divisão de um grupo (gênero) em grupos menores (espécies),- nunca de uma espécie em seus membros individuais. Isto seria enumeração e não divisão.

Divisão quantitativa é a divisão de um todo singular extenso, tal como uma linha ou um corpo, em suas partes quantitativas. Por exemplo: um quilograma de manteiga pode ser dividido em porções.

Divisão física é a divisão de um todo singular composto em suas várias partes essenciais. Um composto pode ser dividido em matéria e forma. Por exemplo: um ser humano pode ser dividido em corpo e alma,- um corpo humano, em cabeça, mãos, pés, coração, etc.

1 Platão, “Fedro”. Em Dúilo^os. Trad. Jorge Paleikat. 21. ed. Rio de Janeiro, Ediouro, 1999, p. 170.

112 - () Jriviuni

Divisão virtual ou funcional é a divisão de um todo potencial ou funcional em suas várias partes virtuais ou funcionais.¹⁵

EXEMPLOS: Divisão virtual ou funcional

“Basta dizer que a alma está toda em qualquer parte do corpo, quanto à totalidade da perfeição e da essência; não, porém, quanto à totalidade da virtude, porque está em qualquer parte do corpo, não por qualquer potência sua, mas, pela visão nos olhos, pela audição, nos ouvidos e assim por diante”. ”

Um governo é um todo funcional que exerce uma autoridade única através de pessoas diferentes e em lugares diferentes, mas não com a mesma potência em cada um desses.

A sociedade humana é um todo funcional com partes funcionais (família, escola, estado, igreja, comunidade local) que juntas educam o indivíduo. A

escola é um todo funcional do qual currículo, palestras gerais, teatro, concertos, esportes, organizações de docentes e discentes, etc. são partes funcionais. O currículo é um todo funcional dirigido ao saber e do qual as várias disciplinas são partes, cada uma fazendo sua contribuição.

Uma peça ou estória, na qual um tema unificante informa o todo, expressão tema mais vigorosamente em certas cenas e personagens do que em outras.

Divisão metafísica é a distinção entre substância e acidentes ou entre os acidentes. Por exemplo, uma laranja (substância) é distinta de seus acidentes (cor, tamanho, formato, peso, doçura, perfume, etc.), e estes são distintos uns dos outros. Uma divisão metafísica é uma distinção e não uma separação. E uma divisão que não pode se dar fisicamente,- por exemplo, a forma de uma laranja não pode ser verdadeiramente separada da laranja mesma,- do mesmo modo, não podem seu gosto, tamanho e cor ser separados da laranja, nem um do outro.

As distinções percebidas na divisão

metafísica são usadas como

as bases da divisão lógica,- por exemplo, nós podemos dividir frutas de acordo

com

acidentes,

tais

como

cor,

formato,

tamanho,

con-

teúdo de açúcar, etc. Ou podemos dividi-las de acordo com suas naturezas essenciais em laranjas, maçãs, bananas, cerejas, etc.

Divisão verbal é a distinção que o dicionário faz entre os significados que foram impostos sobre uma palavra, isto é, entre os termos que uma dada notação pode simbolizar.

” Os exemplos de divisão virtual ou funcional demonstram que algumas realidades podem ser pensadas como se partes tivessem, mas verdadeiramente não podem ser divididas.

Também demonstram que o princípio unificante da realidade existe no interior de cada parte, mas não no mesmo grau.

!(‘ S. Tomás de Aquino, Sniiki teolójicd I. Trad. Alexandre Corrêa (Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes. UCS). Caxias do Sul, Sulina, 1980, questão 76, artigo 8.

Elementos cki Divisão Lógica

A divisão lógica inclui três elementos: o todo lógico, a base ou Fennos e seus Lijnivelentes (jnnnatienis: ‘Definição e ‘Divisão - ii^

Elementos da Divisão Lógica

princípio fundamental da divisão e os membros divisores. O todo lógico que está para ser dividido é o gênero. A base ou princípio fundamental da divisão é o aspecto metafísico, o ponto de vista a partir do qual é feita a divisão. Os membros divisores são as espécies resultantes da divisão lógica.

Tipos de Divisão Lógica

DIVISÃO LÓGICA CONFORME O CARÁTER DA BASE OU PRINCÍPIO DA

DIVISÃO

Conforme o caráter da base da divisão, distinguimos entre objetos naturais e entre objetos artificiais.

Objetos Naturais

Entre os objetos naturais, a **divisão essencial** visa determinar espécies naturais. Por exemplo, a divisão das plantas comestíveis em cenoura, alface, ervilha, beterraba, espinafre, batata, etc.

A **divisão accidental** se baseia em acidentes que não determinam espécies naturais. Por exemplo, a divisão das plantas comestíveis conforme a cor, o formato ou o valor nutritivo,- a divisão de homens conforme a cor, a nacionalidade, a religião, a ocupação, a altura ou o peso.

Note que a ínfima species, tal qual o homem, resultante de uma divisão essencial natural, pode sofrer divisão ulterior apenas em base accidental.

Objetos Artificiais

*Entre os objetos artificiais, a **divisão essencial** se baseia na forma imposta pelo homem sobre a matéria. Esta é a divisão de um gênero artificial em espécies artificiais. Por exemplo, a divisão da prataria em facas, garfos, colheres, conchas, etc.,- a divisão de veículos em carroças, caminhões, carros, bicicletas, etc.*

*A **divisão accidental** se baseia em acidentes que não determinam espécies artificiais. Por exemplo, a divisão de cadeiras conforme cor, tamanho, peso, etc.*

DIVISÃO LÓGICA CONFORME A MANEIRA DE APLICAR A BASE OU PRINCÍPIO DE DIVISÃO

Conforme a maneira de aplicar a base da divisão, distinguimos divisão positiva e dicotomia.

114 - O Irvimu

Divisão Positiva

A divisão positiva divide um gênero em suas espécies constituintes. Por exemplo, a divisão dos elementos em hidrogênio, oxigênio, nitrogênio, enxofre, carbono, prata, ouro, etc.,- a divisão da cor em branco, vermelho, amarelo, azul, cinza, preto, etc. Este é o tipo de divisão que a ciência visa efetuar.

Dicotomia

Dicotomia

é

a

divisão

por

termos

contraditórios.

Por

exemplo,

a divisão de elementos em ouro e não-ouro,- da cor em vermelho e não-vermelho, ou branco e não-branco.

Na

divisão

por

dicotomia,

o

termo

negativo

é

inexplorado

ou

desconhecido, no sentido de que possa conter em si mesmo quer um número de espécies positivas quer apenas uma. Assim, a investigação

revela

que

não-branco

contém

muitas

espécies

positivas:

vermelho,

amarelo,

azul,

verde,

marrom,

cinza,

preto,

etc.,-

mas

não-par é um termo negativo que contém apenas um único termo positivo, ou seja, ímpar.

Regras da Divisão Lógica

1. Uma divisão lógica deve ter uma e apenas uma base (princípio).

2. As

espécies

constituintes

devem

ser

mutuamente

excludentes

(sem sobreposição).

3. A divisão deve ser coletivamente exaustiva, ou completa,- isto é, as espécies constituintes, em sua totalidade, devem igualar-se ao gênero.

Nenhuma espécie pode se igualar ao gênero, pois então não ha-veria divisão alguma. Este é o erro presente num sumário quando alguém

tenta

dividi-lo

em

apenas

um

subtópico. Tal

tentativa

não

resulta em qualquer divisão,- deve haver ao menos duas espécies, ao menos dois subtópicos.

Uma mudança na base da divisão é o erro de aplicar simultaneamente, mas incompletamente, dois ou mais princípios fundamentais de divisão. Por exemplo, a divisão de livros em latim, inglês, francês, poesia, história, ciência, em formato de oitava, em formato de quarto, azuis, vermelhos. Uma mudança na base de divisão é o principal erro na divisão, criando confusão e desordem. Torna impossível atingir aquilo que a divisão lógica almeja - uma divisão que seja coletivamente exaustiva (completa) e mutuamente excludente (sem sobreposição).

De um ponto de vista estritamente lógico, ainda que não de um ponto de vista científico, a dicotomia é superior à divisão positiva porque - e considerando que não há meio-termo entre termos contraditórios - a dicotomia garante a realização dos objetivos da divisão lógica tais como declarados na regras precedentes, enquanto a divisão positiva com seus Líf uivulciiles (Jrctuiciicuis: 'Defini-lo e 'Divisão - n<y

são positiva não pode assim fazer com a mesma certeza e segurança.

O princípio da contradição¹ - pelo qual uma coisa não pode, ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto, ser e não ser - é um axioma do pensamento, uma lei da razão, de maior certeza do que qualquer outra lei da ciência. A dicotomia emprega esse princípio.

A divisão positiva baseia-se em conhecimento empírico, o qual requer freqüentes revisões porque investigações posteriores podem provar que conclusões anteriores eram incompletas, inadequadas, enganosas. Por exemplo, os observadores gregos antigos classificavam os elementos em quatro: terra, água, fogo e ar. A química moderna¹⁸ distingue mais de cem elementos e demonstra que nenhum daqueles quatro, antes considerados elementos, o é realmente. Não podemos estar certos sobre quantos elementos a ciência irá distinguir daqui a quinhentos anos. Visto que a divisão positiva depende de investigação e não de um princípio da razão, é inferior a partir de um ponto de vista lógico.

A Arvore de Porfírio é uma divisão por dicotomia. Por nenhum outro meio poderíamos atingir uma divisão progressiva, essencial, exaustiva e mutuamente excludente de toda substância.

Subdivisão e Co-divisão

Subdivisão é uma divisão subordinada a uma divisão precedente,- ela pode empregar a mesma base de divisão ou uma diferente e deve resultar num único sistema ordenado. Um exemplo é a Arvore de Porfírio.

Co-divisão é uma série de divisões independentes, mas do mesmo todo, cada uma empregando uma diferente base de divisão. Por exemplo, uma co-divisão de livros poderia ser feita pela aplicação sucessiva, e a cada vez, exaustivamente, destas quatro bases de divisão: assunto, língua, tamanho, cor da encadernação.

A parte inicial deste capítulo lida com a co-divisão dos termos.¹⁴

Cada uma das seis classificações divide todos os termos conforme uma base de divisão em espécies mutuamente exclusivas e coletivamente exaustivas.

‘ Ou da “nao-contradição”. (N. T.)

IS Os químicos identificaram todos os elementos encontrados naturalmente, mas a possibilidade de sintetizar novos elementos está em aberto.

1,1 Os seis métodos de classificação de termos são pelo tipo de realidade significada, pelos termos contraditórios, pelos termos concretos e abstratos, pelos termos absolutos e relativos, pelos termos coletivos e distributivos e pelas dez categorias lógicas dos termos.

itó - O ‘Iriiim

5 PROPOSIÇÕES E SUA EXPRESSÃO

GRAMATICAL

A PROPOSIÇÃO: DEFINIÇÃO E DISTINÇÕES

Proposição e Relação de Termos

A proposição afirma uma relação de termos. Consiste de um sujeito, cópula e predicado. Os termos (o sujeito e o predicado) constituem a matéria da proposição,- a cópula que os relaciona constitui sua forma.¹

Proposição: Modal e Categórica

PROPOSIÇÃO MODAL

Uma proposição pode ou não afirmar o modo² da relação de seus termos. Se o fizer, é modal,- se não, é categórica, isto é, afirmada simplesmente como um fato.

Uma
proposição
modal
afirma
explicitamente
a
relação
de
seus
termos como necessária ou contingente.

Necessária

Se a proposição afirma uma relação que é necessária, a necessidade pode ser metafísica, física, moral ou lógica.

Necessidade

metafísica.

A
relação
é
metafisicamente
necessária

se não puder ser de outra maneira, pela razão de que assim será impossível, inconcebível, envolvendo contradição completa.

A necessidade metafísica é tal que nem mesmo Deus pode fazê-la diferente. Deus é a fonte da ordem, não da desordem e confusão. Ser incapaz de fazer

o que é contraditório não é uma limitação de Sua Onipotência,- não é uma imperfeição, mas perfeição. Assim, Deus não pode fazer um círculo quadrado, nem pode fazer uma pedra tão grande que Ele não pudesse levantá-la.

1 Os conceitos apresentados neste parágrafo — uma proposição expressando uma relação de termos e uma proposição consistindo de sujeito, cópula e predicado — referem-se ao tipo mais comum de proposição simples. Proposições complexas serão apresentadas mais adiante neste livro. (7 A-1)

- Modo (*in*ode, no original) refere-se à maneira pela qual os termos se relacionam numa proposição. Proposições categóricas meramente declaram que este é o modo que a realidade é. Uma proposição modal que é necessária declara que este é o modo que a realidade deve ser. Uma proposição modal que é contingente declara que este é o modo que a realidade poderia ser.

Proposições e sua Expressão (jruiiutieiil - u~

ILUSTRAÇÃO: Proposições que expressam relações metafisicamente necessárias Um triângulo equilátero é necessariamente equiangular.

O efeito não pode ser maior que sua causa.

Um ser é necessariamente ele mesmo e não um outro.

Coisas iguais a uma mesma coisa são necessariamente iguais entre si.

Necessidade física. A necessidade física repousa sobre as leis da natureza. Em contraste com as leis metafísicas, Deus pode suspender as leis da natureza. Milagres tais como os três jovens no forno flamejante (Daniel 3:20-30) e Cristo andando sobre o Mar da Galiléia (Mateus 14:29) demonstram que abrogar a necessidade física é a essência de um milagre.

ILUSTRAÇÃO: Proposições que expressam relações fisicamente necessárias Fogo necessariamente queima.

Água necessariamente ferve a 100°C ao nível do mar.

Mercúrio (Hg) é necessariamente líquido a temperatura ambiente.

Necessidade

moral.

A

necessidade

moral

é

uma

necessidade

normativa referida a um agente livre. Por causa do livre-arbítrio, os humanos podem agir contrariamente a essas leis. Mesmo assim, as leis

permanecem,

quer

expressando

tendências

humanas

naturais,

tal

como nas leis econômicas,- quer expressando as demandas de ordem na sociedade, tal como nas leis civis,- quer, o que é mais importante ainda, expressando um dever de consciência, tal como na lei moral.

ILUSTRAÇÃO: Proposições que expressam relações moralmente necessárias Sendo igual a qualidade dos bens, as pessoas tendem

necessariamente a comprar bens que tiverem preço mais baixo. Esta tendência pode ser contrabalançada, até certo ponto, por um apelo contrário, ao livre-arbítrio, como, por exemplo, por uma campanha de apelo patriótico: *“Compre produtos feitos no Brasil”*.

Os carros devem parar quando a luz do sinal está vermelha.

O bem deve ser feito e o mal evitado.

Necessidade

lógica.

Para uma consideração de relações de necessi-

dade e contingência em bases estritamente lógicas, ver os predicáveis: *ii < S - () Triviinii*

espécie,

gênero,

diferença,

definição,

propriedade

e

acidente.

Estes

predicáveis são explicados em detalhe posteriormente neste capítulo.

Contingente

Se uma proposição modal não afirma as relações de seus termos como necessárias, então a relação é contingente. O que quer que não seja necessário, é contingente. Uma relação é contingente, ou possível, quando não envolve necessidade nem incompatibilidade metafísica,- ela pode ou não existir na ordem natural. Também pode ser contingente quanto a atos ou eventos futuros ou quanto a nosso conhecimento.

EXEMPLOS: Proposições contingentes

Um corvo pode ser vermelho.

Um leão pode ser manso.

Um triângulo pode ser isósceles.

Esta água pode conter germes tifóides.

Sua mãe pode estar lhe escrevendo uma carta agora.

PROPOSIÇÃO CATEGÓRICA

Uma proposição categórica afirma a relação de seus termos tal como são verdadeiramente relacionados, sem expressar o modo de sua relação. Se posteriormente o modo for considerado, será considerado, é claro, necessário ou contingente. Conseqüentemente, a cópula numa proposição categórica é

ambígua no sentido de que, se examinado, o simples é significa tanto *é necessariamente (deve ser)* quanto *é de maneira contingente (pode ser)*.

Nota Acerca da Gramática

O modo' indicativo da cópula expressa a relação categórica.

O modo potencial expressa as relações contingentes.

5-1 Modo das proposições categóricas e contingentes

3 Em português, usamos *imito* indistintamente para referirmo-nos tanto ao caráter de uma proposição (ver nota 2 deste capítulo) quanto aos grupos de formas verbais que indicam se a ação é representada como um fato oti de outra maneira, i.e., na gramática. Em inglês, por vezes faz-se essa distinção, como na versão original deste livro, onde a autora usa *moite* quando trata da lógica e *mooii* quando se refere à gramática. Originalmente não havia tal distinção entre os termos em inglês. Na verdade, e nessas acepções específicas, permanecem intercambiáveis, cf. o *Oxford Eiu/lish Diitiomry* (N. T.) *Proposições e sita Expressão riimuticnl - ui*)

Proposição: Simples ou Complexa

Uma proposição é simples ou é complexa.

Uma *proposição simples* é aquela que afirma a relação de dois, e apenas dois, termos. Uma proposição simples é categórica se afirma a relação como um fato. Toda proposição categórica é uma proposição simples, mas nem toda proposição simples é categórica.

Uma proposição simples é modal se explicitamente afirma a relação como necessária ou contingente.

Uma *proposição complexa* é aquela que relaciona pelo menos três termos.

Uma

proposição

complexa

pode

ser

tanto

hipotética

quanto

disjuntiva.

Uma

proposição

hipotética

afirma

a

depen-

dência de uma proposição quanto a uma outra. Por exemplo: Se ele não estudar, será reprovado (três termos).⁴ Uma proposição disjuntiva afirma que de duas ou mais suposições, uma é verdadeira. Por exemplo-. Um triângulo é equilátero, isósceles ou escaleno (quatro termos).

CARACTERÍSTICAS DAS PREPOSIÇÕES

As proposições são caracterizadas pela referência a realidade, quantidade, qualidade, modalidade e valor. Cada uma dessas características divide as proposições em duas classes.

Referência à Realidade: Geral e Empírica

A referência à realidade, que é a distinção fundamental entre proposições, é determinada pela referência do sujeito.

Uma proposição *geral* é aquela cujo sujeito é um termo geral, referente a uma essência e simbolizado por um nome comum ou por uma descrição geral.

Uma proposição *empírica* é aquela cujo sujeito é um termo empírico, referente a um indivíduo ou a um agregado e simbolizado por um nome próprio ou por uma descrição empírica.

‘ Em português, é possível formular uma proposição hipotética com dois termos: St *ele mio estudar, reprovará* |será rcprovado|, mas esta sera uma proposição hipotética simples, e não complexa. (N. T.)

Quantidade: Total ou Parcial

A *quantidade* de uma proposição é determinada pela extensão do sujeito. Uma proposição é total se o sujeito é um termo usado na sua extensão completa.

Uma
proposição

geral

não

tem

quantidade

no

sentido

concreto,

pois seu sujeito é essência, uma natureza de classe. Todavia, o sujeito de uma proposição geral é usado em sua extensão completa e, nesse

sentido,

é

considerado

como

total.

Uma

proposição

categori-

ca, na qual o sujeito é usado em sua extensão completa e, portanto, é total em quantidade, pode ser enunciada de várias maneiras.

EXEMPLOS: Proposições gerais afirmadas categoricamente

Espinafre é um vegetal.

Um coelho é um animal.

Todos os pássaros têm penas. (Esta proposição é explicitamente quantificada por “Todos”).

Ser um quadrado é ser um retângulo.

Quando uma proposição geral é afirmada como uma modal necessária, pode ser enunciada assim: Um quadrado deve ter quatro lados iguais.

Uma proposição empírica singular, pois seu sujeito é um indivíduo, é usada em sua extensão completa e é, nesse sentido, considerada como total.

Quando a proposição empírica singular é afirmada categoricamente, pode ser enunciada assim: Este homem é um ladrão. Quando a proposição empírica singular é afirmada como uma modal necessária, pode ser enunciada assim: João é necessariamente mortal.

Quantidade,

no

sentido

estrito,

é

própria

apenas

das

proposições

empíricas plurais. Uma proposição empírica plural é total quando o sujeito é um agregado de indivíduos total.

EXEMPLOS: Proposições empíricas totais

Todos os membros deste clube são adultos.

Nenhuma cadeira nesta sala é uma cadeira de balanço.

Estas mulheres são advogadas.

Doze cavalos participaram da corrida.

Uma proposição é parcial se o seu sujeito é um termo usado em apenas parte de sua extensão. Nas proposições empíricas plurais, a extensão parcial de um sujeito é expressa por palavras limitantes, tais como “alguns” ou algo equivalente.

‘Proposições e sua ‘Expressão Cjramatical - 121

EXEMPLOS: Proposições empíricas parciais

Alguns homens são bonitos.

Algumas rosas não são vermelhas.

Todas as violetas não são roxas. (“Todas não são”, de modo idiomático, significa “Algumas não são”).

Nem todo dia é chuvoso. (= Alguns dias não são chuvosos).

Quando uma proposição geral ou uma proposição empírica singular é contingente na modalidade, o sujeito é usado em apenas parte de sua extensão (como fica provado pelo teste da conversão).⁵

EXEMPLOS: Proposições contingentes

Uma proposição contingente geral: Um retângulo pode não ser um quadrado.

Uma proposição contingente singular: João pode não estar triste.

Qualidade: Afirmativa ou Negativa

A qualidade de uma proposição é determinada pela cópula, a qual une ou separa, compõe ou divide os termos. Uma proposição é afirmativa se afirma a inclusão do sujeito (todo ele ou uma parte dele) no predicado. Uma proposição é negativa se afirma a exclusão do predicado (sempre de todo ele) do sujeito.

Modalidade; Necessária ou Contingente

A modalidade de uma proposição é determinada pela cópula. Relações necessárias e contingentes foram explicadas e exemplificadas no início deste capítulo.

Valor: Verdadeira ou Falsa

A veracidade ou falsidade de uma proposição pode ser conhecida pela investigação, pela experiência, por um apelo aos fatos. Neste sentido, é

sintética: é um agregado de fatos.

‘ Conversão e a inversão de sujeito e predicado.

- *O IrivíiHi*

“Todo curso colegial na América ensina cálculo”. Para descobrir a veracidade

ou

falsidade

desta

proposição,

alguém

deveria

visitar

todos os colégios secundários⁶ na América, ou, por outros meios, obter informação autêntica acerca de cada um deles.

A

veracidade

ou

falsidade

de

uma

proposição

geral

pode

ser

conhecida

através

de

uma
análise
dos
termos,
sem
necessida-
de
de
investigação
de
todos
os
fatos.

Neste
sentido
é
analítica.

Uma
vez
que
depende
de
um
hisiifhl
intelectual
acerca

de
uma
natureza
de
classe
ou
essência,
nosso
conhecimento
de
sua
vera-
cidade ou falsidade tem maior grau de certeza do que o de uma proposição
empírica,
a
qual
depende
da
investigação
de
casos
individuais.

“Um círculo não pode ser quadrado”. Para descobrir a veracidade ou falsidade desta proposição não é necessário achar todos os círculos no mundo e tentar transformá-los em quadrados. O *insight* intelectual revela a incompatibilidade dos termos, uma vez que sejam entendidos.

Uma proposição deve ser ou verdadeira ou falsa. O que quer que seja capaz de ser verdadeiro ou falso deve ser uma ou mais proposições,

pois

esta

característica

(veracidade

ou

falsidade)

é

uma

propriedade das proposições.

Uma proposição é verdadeira se a relação que afirma é realmente tal como afirmada,- caso contrário, é falsa. Por exemplo, uma proposição que afirma uma possibilidade é verdadeira se a relação é realmente possível, ainda que não seja atualizada na realidade: Um corvo pode ser vermelho. Todavia, é falso afirmar isso como um fato: Alguns corvos são vermelhos.

Três Tipos de Verdade

Verdade metafísica é a conformidade de uma coisa com a idéia desta, primariamente na mente de Deus e, secundariamente, na mente dos homens. Todo ser tem verdade metafísica.

Verdade lógica é a conformidade do pensamento à realidade; seu oposto é a falsidade.

Verdade moral é a conformidade da expressão ao pensamento; seu oposto é a mentira.

5-2 Três *tipos de verdade*

No original, *hiph-scboul*, equivalente nominal ao antigo Colegial, ao 2º Crau, ou ao atual Ensino Médio”. (N. T.)

‘Proposições e sua Expressão bjninwticnl - 123

FORMAS PROPOSICIONAIS: FORMAS A E I O

Desde o período clássico, as proposições foram classificadas de acordo com a qualidade e de acordo com a quantidade ou com a modalidade. Todas as proposições são negativas ou positivas.

Todas as proposições são categóricas ou modais. Se uma proposição é modal, pode ser necessária ou contingente. Estas distinções foram apresentadas neste capítulo e formam as bases da conceituação e do manejo das proposições. Usando a qualidade, ou tanto a quantidade quanto a modalidade, como base, toda proposição pode ser classificada como A, E, I ou O. Conseqüentemente, temos formas A E I O quantitativas (também chamadas categóricas) ou modais.

A tabela 5-3 apresenta um sumário das formas A E I O. Nas fórmulas, S simboliza o sujeito, e P o predicado. Tot. é abreviação de total, e pare., de parcial. Afirm. é abreviação de afirmativa, e neg., de negativa. Nec. é abreviação de necessária, e cont., de contingente. Por exemplo, uma proposição A é total (sujeito usado em sua extensão completa) e afirmativa (o predicado é afirmado acerca do sujeito). Considerar uma proposição como uma das formas A E I O rapidamente se torna uma segunda natureza no estudo da lógica.

Formas A E I O Quantitativas (As proposições são categóricas) A

Tot. afirm.

S a P

Todo S é P.

Todos os leões são animais.

E

Tot. neg.

Se P

Nenhum S é P.

Nenhum leão é cavalo.

Pare, afirm.

Si P

Algum S é P.

Alguns leões são mansos.

O

Pare. neg.

So P

Algum S não é P. Alguns leões não são mansos.

F

Formas A E I O Modais (As proposições são explicitamente modais) A

Nec. afirm.

Sa P

S precisa ser P.

Um leão precisa ser um animal.

E

Nec. neg.

Se P

S não pode ser P. Um leão não pode ser um cavalo.

1

Cont. afirm.

Si P

S pode ser P.

Um leão pode ser manso.

O

Cont. neg.

S 0 P

S pode não ser P. Um leão pode não ser manso.

5

-3 *Formas de proposições*

A característica de indefinição das proposições I e O pode ser expressa tanto pelo indefinido *alçjum* como pelo pode contingente.

A quantidade de uma proposição é determinada pelo seu sujeito e, por esta razão, pela matéria e não pela forma. A modalidade e a qualidade de uma proposição são determinadas pela cópula.

Uma vez que a cópula é a forma de uma proposição, as formas

124 - O *Triviiiit*

modais,

determinadas

inteiramente

pela

cópula,

expressam

mais

propriamente

as

formas

proposicionais.

Ainda

assim,

as

formas

quantitativas

normalmente

são

mais

convenientes

e
mais
fre-
quentemente
usadas,
pois
somos
mais
propensos
a
usar
proposi-

ções categóricas com frequência maior do que as modais.

As designações A E I O são um artifício mnemônico em latim.

A e I são as duas primeiras vogais de *affirmo*, eu afirmo, e assim designam as proposições afirmativas. E e O são as vogais em *nego*, eu nego, e assim designam as proposições negativas.

A DISTRIBUIÇÃO DOS TERMOS

A
distribuição
é
uma
característica
dos
termos
usados
numa

pro-
posição e não de um termo isolado. Um termo é distribuído se for usado
em
sua
extensão
completa.

E
não-distribuído
se
for
usado
numa extensão menor do que a completa.

As Regras Normais de Distribuição

A quantidade (ou modalidade) de uma proposição determina a distribuição do seu sujeito. A qualidade de uma proposição determina a distribuição de seu predicado.

1. Uma proposição total (ou necessária) distribui o seu sujeito.

2. Uma
proposição
parcial
(ou
contingente)
tem
o
seu
sujeito
não-distribuído.

3. Uma
proposição
negativa
distribui
o
seu
predicado
(porque
este se exclui todo do sujeito).

4. Uma
proposição
afirmativa
tem
seu
predicado
não-distribuí-
do (porque o predicado é normalmente um termo mais amplo em extensão
do que o sujeito).

O
predicado de
uma
proposição
afirmativa
é,
todavia,
distribuí-

do onde quer que a proposição seja uma definição e em virtude do seguinte raciocínio: (1) uma definição é sempre uma proposição A (afirmativa necessária)

e,

portanto,

o

sujeito

é

distribuído

através

da forma,- (2) o predicado, sendo a definição do sujeito (seja pelo gênero e pela diferença ou pela propriedade), tem não apenas a mesma intensão do sujeito, mas também a mesma extensão, ou seja, extensão

completa,

e

é,

portanto,

distribuído

(através

da

matéria,

dos termos, ainda que não através da forma, da cópula). O fato mesmo de que uma definição seja conversível prova que o predicado tem a mesma extensão que o sujeito e, portanto, uma vez que o sujeito é distribuído, também o é o predicado. A conversão é o *Vroposições e sim Expressão (jriinmticîil - 12[^]*

teste da distribuição.

Aplicando tis Regras às I ornias A E I O

A distribuição é um importante conceito na lógica. As regras formais de distribuição podem ser reduzidas a fórmulas aplicáveis às formas A E I O. Ao considerar a fórmula, note que d significa distribuído, e **nd**, não-distribuído.

d nd

1. S a P Porque é total (ou necessária), uma proposição A distribui seu sujeito,- porque é afirmativa, seu predicado é não-distribuído. (Todos os leões são animais).

d d

2. S e P Porque é total (ou necessária), uma proposição E distribui seu sujeito,- porque é negativa, distribui seu predicado. (Nenhum leão é cavalo).

nd nd

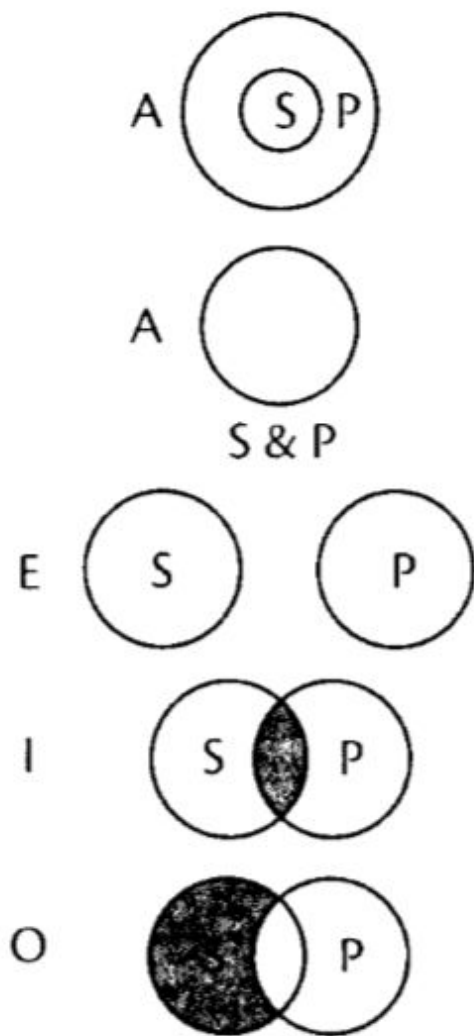
3. S i P Porque é parcial (ou contingente), uma proposição I tem seu sujeito não-distribuído,- porque é afirmativa, seu predicado é não-distribuído. (Alguns leões são mansos).

nd d

4. S o P Porque é parcial (ou contingente), uma proposição O tem seu sujeito não-distribuído,- porque é negativa, distribui seu predicado. (Alguns leões não são mansos).

Note que conhecer a distribuição dos termos é tão indispensável ao sucesso no estudo da lógica quanto é indispensável conhecer os axiomas básicos no estudo da geometria. Se você ficar confuso, ou parecer perdido em meio ao nevoeiro, volte a este ponto, faça um esforço para compreendê-lo com clareza, e então avance rumo à luz.

/2Ó - O 7 riviiiiii



A Relação e a Distribuição dos termos: Círculos de Euler

A relação e distribuição dos termos nas formas A E I O pode ser representada graficamente pelos círculos de Euler.⁷ Dois termos, S e P, podem se relacionar de quatro maneiras.

1. Total inclusão de S em P. S é distribuído. Se P excede S em extensão, como normalmente acontece, P não é distribuído. Se P coincide exatamente com S em extensão, como quando uma moeda é sobreposta a outra de valor, P é distribuído da mesma maneira; isto ocorre apenas quando P é a definição ou a

propriedade de S.

2. P totalmente excluído de S. Ambos distribuídos.

3. Inclusão parcial de S em parte de P. Nenhum é distribuído.

4. Exclusão de todo P de parte de S. Portanto, S é não-distribuído; P é distribuído.

OS PREDICÁVEIS

Classificação pelos Predicáveis

Os predicáveis representam a mais completa classificação das relações que possam ser afirmadas de um predicado em relação a um sujeito, tanto quanto as categorias são a mais completa classificação do ser-tal-como-é (as categorias metafísicas) e do ser-tal-como-é-conhecido (as categorias lógicas).

Na lógica, a classificação de predicados em predicáveis é análoga à análise sintática de uma frase na gramática, tanto quanto a classificação dos termos nas categorias lógicas é análoga à análise morfológica na gramática.

Os predicáveis são espécie, gênero, diferença, definição, propriedade e acidente. Apesar de todos estes, exceto acidente, terem sido explicados quando tratamos de definição, por conveniência, são aqui repetidos.

Leonhard Euler (1707-1783), matemático suíço.

Espécie, como um predicado, expressa aquilo que os membros individuais de uma classe têm em comum. Quando uma espécie é o *Proposições e sua Expressão (jurisfilic)*

predicado de uma proposição categórica, o sujeito é sempre um indivíduo ou um agregado. *Infima species*, como um predicado, expressa toda a essência ou intensão do seu sujeito, um membro individual (ou membros) da espécie. Dois exemplos: Sócrates é um homem.

Estes animais são cavalos.

Gênero é aquela parte da essência que é comum a todas as suas espécies constituintes. Exemplos. O homem é um animal. Um quadrado é um retângulo.

Diferença é aquela parte da essência que pertence apenas a uma dada espécie e que a distingue de todas as outras espécies no mesmo gênero. Exemplos: O homem é racional. Um quadrado é equilátero.

Definição é constituída do gênero mais a diferença,- ela torna explícita a essência da espécie que se apresenta como seu sujeito, e, portanto, coincide perfeitamente com o sujeito, tanto na intensão quanto na extensão. Dois exemplos: O homem é um animal racional. Um quadrado é um retângulo equilátero.

Propriedade não é a essência nem uma parte da essência, mas flui da essência e está presente onde quer que a essência esteja presente, pois é uma concomitante necessária da essência. Portanto, coincide perfeitamente com o sujeito em extensão, mas não em intensão.

Exemplos: O homem é jovial. Por sua diagonal, um quadrado é divisível em dois triângulos retos isósceles iguais.

Acidente é um predicado contingencialmente relacionado ao sujeito, enquanto todos os outros predicáveis são relacionados ao sujeito necessariamente. A contingência pode ser tanto explícita quanto implícita. Exemplos: O homem pode ser branco. Um quadrado pode ser grande. A grama é verde.

O

acidente

predicável

deve

ser

cuidadosamente

distinguido

do

acidente

predicamental

(qualquer

das

nove

categorias

de

acidente).⁸ Os predicáveis e as categorias (ou *praedicamenta*) são co-s A referência é às dez categorias aristotélicas do ser: substância e os nove acidentes.

Nas categorias do ser, acidente inclui conceitos que seriam categorizados diferentemente nos predicáveis. Entre os predicáveis, o acidente não inclui características pertinentes a uma espécie, mas nas dez categorias do ser, acidentes certamente incluem características pertinentes a uma espécie.

128

O Triviuni

divisões

de

termos,

cada

uma

usando

um

diferente

princípio

de

di-

visão,

uma

dependendo

inteiramente

das

relações

de

termos

e

a

outra classificando termos independentemente.

Predicados Classificados por Predicável e Categoria

Proposição

Predicável

Categoria

O homem é racional

Diferença

Acidente (qualidade)

O homem é jovial.

Propriedade

Acidente (qualidade)

O homem é animal.

Gênero

Substância

João é um homem.

Espécie

Substância

João é um advogado.

Acidente

Substância (constructo)

João é alto.

Acidente

Acidente (quantidade)

A neve é branca.

Acidente

Acidente (qualidade)

5

-4 Classificação dual dos predicados

Um

acidente

inseparável,

o

qual

é

um

predicado

contingente,

não deve ser confundido com propriedade, a qual é um predicado necessário. Por exemplo, um corvo é sempre preto, mas pretura (ou pretidão) não é, por essa razão, um predicado necessário de corvo.

Assim, a proposição geral contingente “Um corvo pode ser vermelho” é verdadeira como uma possibilidade.

Durante anos, a brancura foi considerada um acidente inseparável dos cisnes, pois não havia cisnes conhecidos além dos brancos, até

que

cisnes

negros

foram

descobertos

na

Austrália.

Não

obs-

tante, mesmo antes da descoberta, o branco era corretamente tido como um predicado contingente e não como um predicado necessário de cisne.

O Número de Predicáveis

Há cinco predicáveis que classificam os predicados de uma proposição afirmativa geral (ou universal), e um sexto, que aparece apenas numa proposição afirmativa empírica.

Em sua exposição dos predicáveis, na qual ele mostra que estes analisam a

modalidade

como

necessária

ou

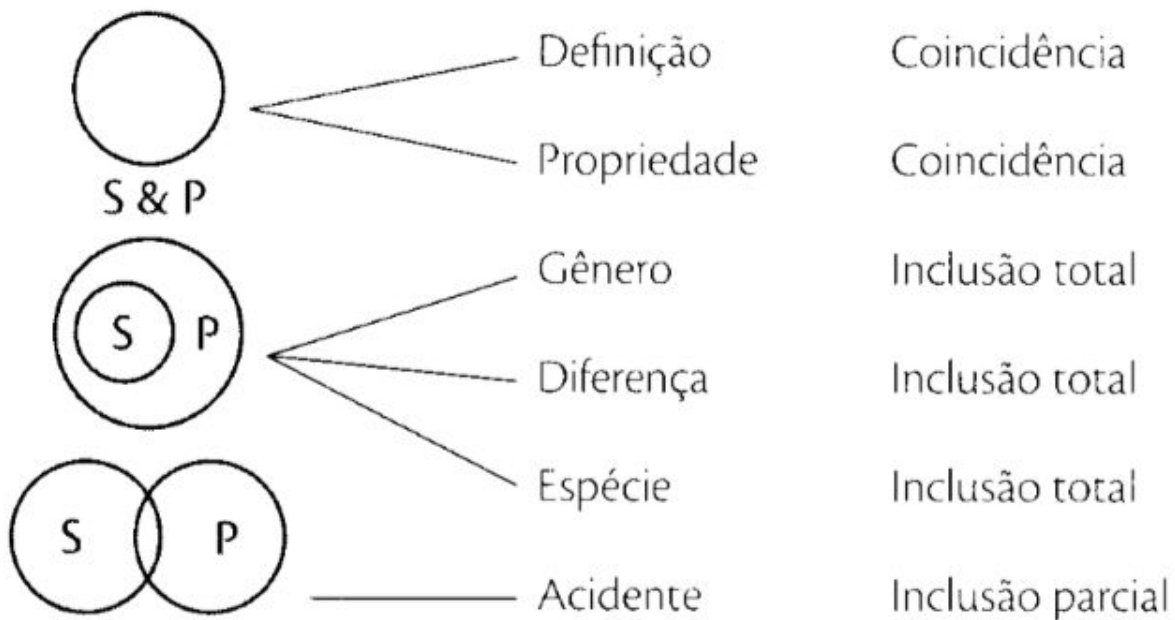
contingente,

Aristóteles

distingue cinco. Sua análise é aplicável somente a proposições afirmativas gerais. Digamos que S a P simbolize uma proposição afirmativa geral. Então, ou P é totalmente conversível em S ou não é.

Se for conversível, P é um dos elementos da definição (significando *Proposições e sua expressão (Intuitiva) - 119*

Relações Extensionais dos Seis Predicáveis



a essência) ou é uma propriedade. Se não for conversível, P ou é um dos elementos da definição (gênero ou diferença) ou não é,- se não for um dos elementos da definição, é um acidente (*Tópicos*, 1.8).

Aristóteles

também

diz,

enfaticamente

(*Categorias*,

2.5),

que

toda predicação é primária e essencialmente de substância primeira, isto é, de um indivíduo, o objeto de nossa experiência, expresso por um termo empírico singular como sujeito. Um termo geral ou universal pode se apresentar como um sujeito apenas porque pode ele mesmo ser predicado de singulares, i.e., de indivíduos.

Consequentemente,

Aristóteles

inclui

um

sexto

predicável,

espé-

cie, o qual declara a natureza de classe de um indivíduo e pode, portanto, ser predicado normalmente apenas de indivíduos. Em sua relação extensional com o seu sujeito, tal como revelada pelo teste da conversão, a espécie se assemelha ao gênero por não ser conversível, pois sua extensão é maior que aquela do sujeito. Por exemplo: Sócrates é um homem.

As relações extensionais dos seis predicáveis com o sujeito podem ser graficamente representadas pelos círculos de Euler.

5-5 Círculos de Euler apresentando relações extensionais dos seis predicáveis Porfírio e os escolásticos listavam cinco predicáveis, incluindo espécie, mas omitindo definição. E verdade que espécie e definição são idênticas tanto em extensão quanto em intensão, e que na ordem do ser, sobre a qual a classificação de Porfírio se baseia, espécie, assim como definição, significa a essência toda,- ademais, os escolásticos exemplificam o predicável espécie por meio de um predicado que é definição. Contudo, espécie, tal como normalmente entendida, e quando usada como um predicado, não pode ser identificada com o predicável definição, uma vez que espécie é o sujeito, aquele sujeito possível do predicável definição

/30 - O Iririim/

e,

normalmente,

espécie

pode

ser

predicado

apenas

de

um
sujeito
empírico
singular.
Espécie
como
predicado
tem
mais
em
comum
com gênero do que com definição, porque em ambas as relações o sujeito
está
totalmente
incluso
num
predicado
mais
amplo,
como
indicam os círculos de Euler.

.limites tki Predicação

Em sua significação estrita os seis predicáveis não representam uma análise
exaustiva
da
predicação,

nem

mesmo

da

predicação

neces-

sária.

A primeira razão disso repousa no entendimento de que um predicado é necessariamente afirmado acerca de um sujeito se for uma propriedade

ou

uma

diferença

de

um

gênero

remoto

do

sujeito,-

mas

não

pode

ser

classificado

nem

como

propriedade

nem

como

diferença

diujtiele

sujeito.

Exemplo:

Um

homem

necessariamente

tem peso (é ponderável).

Peso é uma propriedade do corpo, e corpo é um gênero remoto de homem, mas peso não é, no sentido estrito, uma propriedade do homem, pois não é um termo conversível em relação a homem.

Ainda

assim,

é

necessariamente

predicado

de

homem.

Em

termos

da análise de Aristóteles, uma propriedade ou diferença de um gênero

remoto

do

sujeito

seria

uma

parte

da

definição,

no

sentido

amplo de que está incluída em sua intensão, mas não no sentido estrito de ser a diferença, ou propriedade, duíjwdc sujeito, tal como são

definidas

diferença

e

propriedade.

(Propriedade,

tal

como

defi-

nida, não é, obviamente, uma parte da definição no sentido estrito, porque não é uma parte da essência, apesar de dela derivar). O

mesmo

vale

para

a

interpretação

dos

escolásticos,

i.e.,

de

espécie

como um predicável.

A segunda razão é: porque o indivíduo é um membro de uma espécie,
pode-se
predicar
necessariamente
de
um
indivíduo
não
apenas
a
espécie,
mas
outros
predicados
necessários
que
ele
tem

em virtude de sua espécie. Por exemplo, João é necessariamente um homem,
um animal, um animal racional, capaz de jovialidade.

Animal é um gênero de homem, mas não de João. Animal racional é
definição de um homem, mas não de João, pois um indivíduo não
pode
ser
definido.

Jovialidade
é

uma
propriedade
de
homem,
mas não de João, pois não é conversível em João.

Os
predicáveis
são,
além
disso,
uma
classificação
dos
predica-
dos
apenas
em
proposições
afirmativas,
pois
o
predicado
em
uma

proposição negativa está sempre totalmente excluído do sujeito e
Proposições e sua Expressão (jñioicitul -
obviamente não pode ser relacionado ao sujeito como sua espé-

cie, gênero, diferença, definição, propriedade ou acidente. Ainda, o predicado pode ser necessariamente excluído do sujeito. Algumas das mais importantes proposições na filosofia são proposições negativas necessárias. Dois exemplos: Juízos contraditórios não podem ser ambos verdadeiros. Um quadrado necessariamente não é um círculo.

Predicados podem, é claro, ser classificados nas categorias ou *praedicameiita*. Quando o predicado está na mesma categoria que o sujeito, ele declara a espécie ou o gênero do sujeito com maior ou menor determinação.

EXEMPLOS: Sujeito e predicado nas mesmas categorias do ser

João é um homem, um organismo, um corpo, uma substância.

Um quadrado é uma figura, uma forma, uma qualidade.

Prudência é um hábito, uma virtude, uma qualidade.

As categorias são universais metafísicos diretos, chamados termos de primeira intenção porque classificam nossos conceitos do ser ou da realidade. Os predicáveis são universais lógicos reflexivos, chamados termos de segunda intenção porque são completamente mentais, uma vez que classificam as relações que a mente percebe entre nossos conceitos de realidade.

I BASES E PROPOSIÇÕES

Símbolos gramaticais são requeridos para expressar proposições.

Símbolos Gramaticais e Proposições

Se uma proposição é simbolizada por uma frase, esta precisa ser uma frase declarativa. Uma frase não declarativa (ordem, prece, desejo, pergunta ou exclamação) não pode simbolizar uma proposição, pois não é nem verdadeira nem falsa,- uma frase não declarativa expressa volição e não cognição, e, portanto, não tem status na lógica, apesar de ter status perfeitamente válido na gramática.

Pelo motivo de que cada frase declarativa simples é feita, explícita ou implicitamente, de sujeito, cópula e complemento subjetivo, pode perfeitamente simbolizar a proposição lógica feita de sujeito, cópula e

predicado. Consequentemente, toda frase declarativa simboliza uma proposição ou um número de proposições, sejam a cópula e o complemento subjetivo explícitos ou não.

132 - O Trivium

Uma proposição geral precisa ser simbolizada por uma frase cujo sujeito é um nome comum ou uma descrição geral. Se o nome comum ou a descrição geral não simbolizam uma essência que seja possível, então não expressam um termo, pois não se pode ter um conceito de uma essência impossível.

Eis um exemplo de violação dessa regra: Um círculo quadrado é uma figura curvilínea.

Esta

frase

não

simboliza

uma

proposição

porque

não

expressa

uma relação de dois termos,- ela tem apenas um termo. Seria necessário um sujeito lógico, mas círculo quadrado não tem qualquer significado,

apesar

de

círculo

e

quadrado,

entendidos

separadamen-

te, serem palavras que têm sentido. Essa frase não é nem falsa nem verdadeira, pois somente uma proposição é verdadeira ou falsa.

Uma
proposição
categórica
empírica
precisa
ser
simbolizada
por

uma frase cujo sujeito seja um nome próprio ou uma descrição empírica. Se o nome próprio ou a descrição empírica não simbolizam um indivíduo ou um agregado existentes no presente ou no passado, de fato ou em ficção, então não expressam um termo, pois não se pode experienciar o que é inexistente.

Eis uma violação desta regra: Astronautas em Marte vivem em construções subterrâneas.

Visto
que
não
expressa
uma
relação
de

dois termos, esta frase não simboliza uma proposição,- logo, não é verdadeira nem falsa.

As
duas
proposições

modais
empíricas
seguintes,
porém,
são
verdadeiras
enquanto
possibilidades:
Astronautas
podem
vir
a
viver

em Marte e é possível que eles o façam em prédios subterrâneos.

Uma mesma proposição pode ser expressa por símbolos gramaticais diferentes ou equivalentes na mesma língua ou em línguas diferentes.

EXEMPLOS: Mesma proposição com diferenças de língua

The first man elected as executive head of the United States is noted for his skill as a military leader.

The first President of the United States is famed as a great general.

Le premier président des États-Unis est renommé comme un grand général.

Der erste Präsident der Vereinigten Staaten ist als ein grosser General berühmt.

O primeiro presidente dos Estados Unidos é reputado como um grande general.

Proposições e sua Expressão (jriimuliciil -

Uma frase que simboliza uma proposição pode ser ambígua.

Mas uma proposição não pode ser ambígua, porque o significado, o juízo, que a mente pretende expressar precisa ser um, i.e., unívoco. Quando o ouvinte ou o leitor obtém da e através da língua a proposição idêntica àquela pretendida pelo emissor ou escritor, ele compreende,- eles se entendem sem ambigüidades.

O propósito da tradução é expressar em símbolos de outra língua as proposições corporificadas e embutidas nos símbolos de uma dada língua. A menos que o conteúdo proposicional de um tratado científico disponível em quatro diferentes línguas

seja unívoco e comum a todas as versões, haverá quatro tratados, e não um. Esses livros diferem na língua, isto é, nos símbolos utilizados para embutir e corporificar o mesmo e único conteúdo lógico.

Quando uma dada composição é comparada com a sua tradução em outra língua, reconhecemos que há algo do mesmo (a forma, o conteúdo lógico) e algo de diferente (a matéria, os símbolos gramaticais). Se a composição é um poema, o que difere inclui não apenas a diferença de símbolos, mas também diferenças na dimensão psicológica da linguagem, nas suas qualidades sensíveis e emocionais, tais como som, ritmo, tom, idéias e sentimentos associados, todas tendo suas raízes na língua em particular. Corporificar em símbolos diferentes apenas o conteúdo lógico de um poema é traduzir apenas parte do todo complexo que é um poema. Consequentemente, poesia é, em seus efeitos totais, praticamente intraduzível.

Diferenças de estilo na expressão de um dado conteúdo lógico na mesma língua são ocasionadas por uma diferença de escolha entre símbolos lógicos,

mas não psicologicamente, equivalentes — diferença entre palavras, sentenças e orações que variam em ritmo, estrutura e conotação emocional. Aprimorar o estilo através da revisão é substituir aqueles símbolos escolhidos primeiro por equivalentes melhores. A arte mestra da retórica nos guia nessa escolha.

Conteúdo Proposicional e Símbolos Gramaticais

O conteúdo proposicional pode ser simbolizado através de uma frase declarativa simples, de uma frase declarativa complexa, de uma frase declarativa composta, ou ainda, em raras circunstâncias, por meio de uma “não-frase”.

FRASE DECLARATIVA SIMPLES

Uma

frase

declarativa

simples

pode

simbolizar

uma

única

proposi-

ção simples, duas ou mais proposições simples, ou uma proposição disjuntiva.

Um exemplo de uma proposição simples é: Aquela cadeira pode ser desconfortável.

Um exemplo de duas ou mais proposições simples é: Este menino alto e bonito é excepcionalmente inteligente. Aqui há quatro proposições:

Este menino é alto.

Este menino é bonito.

Este menino é inteligente.

Sua inteligência é excepcional.

Exemplos

de

proposições

disjuntivas:

Um

retângulo

ou

é

qua-

drado ou oblongo. Os oradores da turma serão ou Maria ou João ou Tiago.

Aqui, deve-se notar que uma frase simples pode ter um sujeito composto ou um predicado composto.

FRASE DECLARATIVA COMPLEXA

Uma frase declarativa complexa pode simbolizar uma única proposição simples,

duas

ou

mais

proposições

simples,

uma

proposição

hipotética ou um silogismo.

Um exemplo de uma única proposição simples: O gato amare-lado que ontem perambulava por nossa garagem foi atropelado. A oração é definitiva na função, pois chama a atenção para um gato em particular.

Um exemplo de duas ou mais proposições simples: Alto e ma-gro,
Abraham
Lincoln,
o
primeiro
republicano
a
tornar-se
presi-
dente
dos
Estados
Unidos
e
aquele
que
editou
a
Declaração
de
Emancipação
dos
Escravos,
foi
assassinado.
(Cinco

proposições).

As orações são atributivas na função, pois declaram atributos de um indivíduo já claramente designado por um nome próprio.

A

modificação

gramatical,

exceto

aquela

por

definitivos,

é

predicação

lógica

implícita.

Conseqüentemente,

se

o

modifica-

dor não for definitivo na função, isto é, se não for necessário à designação do sujeito, é um predicado implícito, e, em relação *Proposições e sim Expressão* (.jrúnicitíd -

ao sujeito, simboliza uma outra proposição,- se for definitivo na função, constitui um só termo com o sujeito e não simboliza uma outra proposição.

Por exemplo: Aquele homem alto, de olhos e

cabelos castanhos, com um pequeno bigode e de pé ao microfo-

ne, é um francês. (Esta frase simboliza uma só proposição, pois os modificadores são definitivos). Charles de Gaulle, que é um francês alto, de olhos e cabelos castanhos e que tem um pequeno bigode, estava de pé ao

microfone. (Esta simboliza sete proposições, pois os modificadores são atributivos na função).

Um exemplo de proposição hipotética: Se não chover esta tarde, iremos ao bosque.

Um exemplo de silogismo: Dezoito é um número par porque é divisível por dois. Esta frase simboliza três proposições numa relação silogística (a ser explicada no Capítulo 7):

Dezoito é um número divisível por dois.

Todo número divisível por dois é um número par.

Logo, dezoito é um número par.

FRASE DECLARATIVA COMPOSTA

Uma frase declarativa composta pode simbolizar duas ou mais proposições simples ou uma proposição disjuntiva.

Exemplo de duas ou mais proposições simples: Os salários são altos, mas os preços também são.

Exemplo de proposição disjuntiva: Ou o trem está atrasado ou nós o perdemos.

MENOS QUE LIMA FRASE

Menos que uma frase pode, às vezes, simbolizar uma proposição simples. Por exemplo: “Fogo!”. Isto é equivalente a, e mais idiomático que, “Irrompeu fogo!”. Gritar “Fogo!” é dar um alarme que ou é verdadeiro ou falso. Isto prova que sob tais circunstâncias a palavra é entendida como uma proposição. “Fogo!” significando

“Atire!” é uma ordem e não simboliza uma proposição.

Uma frase declarativa que é gramaticalmente completa, mas que viola as regras que regem nomes comuns e descrições gerais ou nomes próprios e descrições empíricas (ver, no Capítulo 2, Linguagem e seus Símbolos), não simboliza proposição alguma, pois simboliza menos que dois termos lógicos.

RELAÇÕES DE PROPOSIÇÕES

SIMPLES

Desde os tempos de Aristóteles, reconhece-se que tanto a lógica quanto a retórica, como artes da composição, têm em comum a invenção e a disposição. A invenção é a arte de descobrir material para o raciocínio ou discurso, e a disposição é a arte de relacionar ou ordenar com propriedade o material.

Na lógica, a disposição inclui a definição, a divisã

o, o enquadramento

das proposições e a relação delas. Na retórica, a disposi
ção é o ordenamento

apropriado das partes de uma composição - sua introdução, corpo e conc
lusão

- de acordo com os princípios de unidade, coerência e ênfase.

Cícero simplificou o tratamento dado por Aristóteles à invenção e distinguiu dezesseis tópicos lógicos, coletivamente exaustivos, pelos quais qualquer sujeito pode ser amplificado através da análise: definição, divisão de um todo em suas partes (quer todo lógico quer físico), gênero, espécie, adjuntos (de um sujeito, incluindo todas as categorias de acidente: quantidade, qualidade, relação, ação, paixão, onde, c/uando, postura e estado [vestuário], que consiste de roupas, ornamentos ou armas com os quais os seres humanos,

por suas habilidctões, complementam suas naturezas de modo a con-servar e preservar a si mesmos ou a sua comunidade), contrários, contraditórios, similaridade, dissimilaridade, comparação (maior, igual, menor), causa, efeito, antecedente, conseqüente, notação (o nome) e conjugados (nomes derivados da mesma raiz, como justo, justiça, juslamentej. Um décimo sétimo tópico, testemunho ou prova, é externo ao sujeito da investigação e inclui todos os recursos à au-toridade, tais como leis, contratos, testemunhas, provérbios, apo-tegmas (máximas, aforismos), juramentos, penhor, compromisso, profecias, revelação.

Note que a relação entre sujeito e adjuntos é mais ampla que aquela entre substância e acidentes, os quais a ela inerem porque um acidente, enquanto é ele mesmo inerente a uma substância, pode tornar-se o sujeito ao

qual um outro acidente inere como seu adjunto,- por exemplo: O homem está andando lentamente. Aqui, homem é o sujeito ao qual i

nere o adjunto

andando, enquanto andando é, ao mesmo tempo, o sujeito ao qual inere o adjunto lento.

Os tópicos lógicos da invenção são gerais. Os tópicos retóricos são particularizados por tempo, lugar, pessoas e circunstâncias. Eles incluem questões tais como o que foi feito, quem o fez, quando, onde, como, era possível, necessário, crível, honesto, prudente, jus-to, vantajoso, difícil, fácil, agradável?

AS RELAÇÕES DAS PROPOSIÇÕES

As relações das proposições são quatro: conjunção, oposição, inferência (dedução) e o silogismo.

Conjunção

Conjunção é a mera junção de duas ou mais proposições.

CONJUNÇÃO IMPLÍCITA OU EXPLÍCITA

A junção pode ser tanto explícita quanto implícita.

Explícita-, O telefone tocou e João o atendeu (duas proposições).

Implícita-, O grande lago banhado pelo sol é tranquilo (três proposições).

CONJUNÇÃO NÃO ELABORADA (SIMPLES) E CONJUNÇÃO MATERIAL

A conjunção pode ser uma conjunção não elaborada ou uma conjunção material. Uma conjunção não elaborada viola a unidade requerida pela retórica para a frase, o parágrafo e toda a composição, enquanto a conjunção material é a base mesma dessa unidade. Uma conjunção não elaborada junta proposições que não têm relação em pensamento. Por exemplo: As cerejeiras estão em flor e muitos estudantes estão matriculados em faculdades e universidades.

Uma conjunção material une proposições que têm uma relação real ou lógica, tais como aquelas de partes com o todo, de lugar, tempo, causa,

efeito, comparação, contraste ou qualquer um dos tópicos mencionados acima.

1. Uma relação temporal, expressa por *enquanto, antes, depois, então, etc.*

A criança adormeceu depois de sua mãe lhe ter dado o remédio.

Os visitantes foram embora antes de o telegrama ter sido entregue.

2. Uma relação causal, expressa por *porque, pois, uma vez que, conseqüentemente, logo, portanto, etc.*

i

-O Irifiiim

Ela

levava

um

guarda-chuva

porque

as

nuvens

escuras

ameaçava-

va chuva.

O pai morreu,- conseqüentemente, a mãe está criando os filhos sozinha.

3. Um excelente exemplo de desenvolvimento pelos efeitos, juntamente com a causa, é a descrição que Dante faz das portas do inferno: **Vai-se por mim à cidade dolente,**

Vai-se

por

mim

à

sempiterna

dor,

Vai-se por mim entre a perdida gente.

Moveu justiça o meu alto feitor,

Fez-me a divina potestade, mais

O supremo saber e o primo amor.

Antes de mim não foi criado mais

Nada senão eterno, e eterna eu duro.

Deixai toda esperança, ó vós que entraís.

-

D. Alighieri, *Ínjenio*, C III, I-91

4. Este parágrafo da *Retórica* de Aristóteles é uma notável ilustração do desenvolvimento por divisão e será usado novamente como exemplo no Capítulo 8.

Todas as ações do homem derivam de causas exteriores ou de causas que lhe são peculiares. Entre as que provêm de causas exteriores ao homem, umas são efeito do acaso, outras da necessidade,- as ações que se fazem por necessidade provêm quer da coação, quer da natureza. Por conseguinte, todas as ações dos homens provenientes de causas exteriores dependem umas do acaso, outras da natureza, outras, enfim, da coação (...). As ações que derivam da coação ocorrem contrárias ao desejo ou à razão do homem, ainda que se dêem através dele mesmo (...). Todas as provenientes de causas que nos são próprias, e de que somos diretamente os autores, são devidas em parte a um hábito, e em parte a uma tendência que pode ser premeditada ou irrefletida.

A vontade é uma tendência para o bem, pois que ninguém quer senão o que pensa ser o bem,- as tendências irrefletidas são a ira e o desejo. Pelo que, todas as ações humanas se reduzem necessariamente às sete causas seguintes: acaso, natureza, coação, hábito, reflexão, ira, desejo.

-

Aristóteles, *A retórica*, Livro I, Cap. X, Item II.

“As ações humanas e suas causas”¹ 21

1 Dante Alighieri, *A dipínu comedia*. Tradução e notas: Italo Eugênio Mauro. São Paulo, Ed.

34, 1998.

2 Aristóteles, *Arte retórica c arte [toéliai]*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. 17. ed. Rio de Janeiro, Ediouro, [s.d.].

Regras de Proposições Simples - 139

REGRAS QUE REGEM VALOR NA CONJUNÇÃO DE PROPOSIÇÕES

No Capítulo 5 foi declarado que toda proposição deve ser verdadeira ou falsa, quer seja afirmada categoricamente como um fato, quer modalmente como uma necessidade quer como uma possibilidade. O que quer que seja provável deve, obviamente, ser possível.³

As vezes, porém, e com propósitos práticos, é desejável distinguir três valores: verdadeiro, provável e falso. As regras de conjunção lidam com estes três valores.

Regra 1. Uma conjunção de proposições é verdadeira apenas quando toda proposição associada é verdadeira. Reciprocamente, se cada uma das proposições associadas for verdadeira, sua conjunção é verdadeira.

Regra 2. Uma conjunção de proposições é falsa quando qualquer uma das proposições associadas for falsa. Reciprocamente, se ao menos uma proposição for falsa, a conjunção é falsa.

Regra 3. Uma conjunção de proposições é provável se pelo menos uma das proposições associadas for meramente provável e se nenhuma for falsa. Reciprocamente, se uma proposição é provável e nenhuma é falsa, a conjunção é meramente provável.

Ao aplicar estas regras, descobrimos que quando apenas duas proposições são associadas, há nove combinações de valor possíveis,- se mais

proposições são associadas, o número de combinações possíveis aumenta conformemente.

Essas regras estão resumidas na tabela seguinte, onde cada X e cada Y simbolizam uma proposição,- 1 simboliza veracidade,- 0, falsidade,- e .n, probabilidade.

Regra:

1 2 2 2 2 2 3 3 3

Prop. X:

1 0 1 0 n 0 1 n n

Prop. Y:

1 1 0 n 0 0 n 1 n

Prop. X e Y: 1 0 0 0 0 0 n n (n x n)

6-1 *Valores na conjunção de proposições*

3 Entre o possível e o absolutamente certo, passando pelo verossímil e o provável, há um aumento no grau de certeza, e não de veracidade. (N. T.)

140 - *O Irnõum*

Note que a fórmula final da Regra 3 mostra uma conjunção de proposições na

qual

cada

proposição

declara

um

valor

provável.

Quando

duas

ou
mais
proposições
são
meramente
prováveis,
sua
conjunção
torna-se
menos
provável
(passível
de
prova
e
teste)
e

mais verossímil (apenas acreditada pelo senso comum),⁴ a qual está indicada pela fórmula .n x .n. Por exemplo, se um corpo mutilado tem uma cicatriz triangular na canela esquerda, pode ou não ser o corpo de um certo homem desaparecido, pois é verossímil que mais de uma pessoa tenha uma marca como aquela,- mas se também tiver os dedos dos pés palmados e uma cicatriz em forma de x resultante de uma cirurgia no ombro esquerdo, e se o homem desaparecido tivesse essas marcas, torna-se menos provável que o corpo seja de uma outra pessoa que não o homem desaparecido, pois é muito improvável que essa três marcas peculiares fossem aparecer combinadas em qualquer outra pessoa.

APLICAÇÕES PRATICAS DA CONJUNÇÃO

1. Num

teste
verdadeiro-falso,
as
regras
de
conjunção
precisam
ser
aplicadas.

Uma
declaração
será
marcada
como
verdadeira
ape-

nas quando todas as suas partes forem verdadeiras,- será marcada como falsa quando qualquer parte dela for falsa.

2. Ao calcular as chances (a probabilidade) de um político ser indicado candidato e vencer as eleições, e ao calcular a probabilidade da culpa de uma pessoa acusada de um crime, é possível aplicar os princípios da conjunção de probabilidades.

3. É freqüente que seja necessário distinguir claramente que parte de uma conjunção aceitar e que parte rejeitar. Muitos jovens concordarão com Perdição que o amor verdadeiro resiste à adversidade.

Camilo - Ademais, é a ventura, sabeis disso, o laço mais potente para o amor, cuja estrutura grácil e, por ela, também o coração, com a adversidade por demais se ressentido.

Perdita - Uma de vossas proposições é certa: a adversidade pode influir nas feições, mas nunca pode vencer o coração.¹

— (*.cinto de iinvriio*, 4.4.57.3-577

4 No original *likcly*, que usualmente é traduzido como “provável”. Todavia, é necessário distinguir

entre

prohible

e

likcly,

provável

e

verossímil,

respectivamente,

conforme

uma

escala (aqui decrescente) de certeza. (N. T.)

‘ Trecho em português disponível na Internet,- não foi possível identificar o tradutor. (N. T.) Quando

o

rei

Cimbelino

declara-o

um

traidor

banido,

Belário

retruca:

De fato, um homem banido,
De que maneira um traidor, não sei.

Seleções de 'Proposições Simples - 14

— *Cimbelino*, 5.5.318-319

4. Equívocos

podem

resultar

da

ignorância

das

regras

de

con-

junção. Num grupo, alguém faz o comentário de que Joana é uma garota
linda,

brilhante

e

honestas.

Uma

amiga

de

Joana

diz

não

concordar.

(Ela

não
acha
que
Joana
seja
brilhante).

Mais

tarde,

uma intrometida conta a Joana que sua amiga disse que ela não era honesta.

5. Ao

discutirmos

política,

religião

e

assuntos

similares,

de-

vemos

lembrar

que

a

mente

humana

é

feita

para

a
verdade
e
que
instintivamente
busca

a
verdade,-

que

a
mente
freqüente-
mente

aceita

o

erro

por

não

distingui-lo

da

verdade

que

junto

dele vem,- que é raro a mente aceitar aquilo que é totalmente errado e nada
daquilo que é verdadeiro,- e que nunca aceita o erro

exceto

quando

há

má

apreensão

daquilo

que

é

verdadeiro.

Consequentemente,

numa

discussão

é

uma

boa

idéia

manter

o

foco nas verdades aceitas em comum e apontar os erros que vêm misturados

à

verdade.

Uma

pessoa

naturalmente

se

ressente

ao

ter

suas
convicções
atacadas
como
se
completamente
erradas,-
ela será muito mais receptiva às idéias de alguém que primeiro leve
em
conta
aquilo
que
de
verdadeiro
ela
sustente
antes
de
seguir e apontar erros.

Oposição de Proposições

OPOSIÇÃO

As proposições estão em oposição quando têm a mesma matéria, isto é, quando tem o mesmo sujeito e o mesmo predicado, mas diferem na forma, isto é, em qualidade, quantidade ou modalidade, ou em duas destas. Lembre que qualidade se refere a proposições afirmativas e negativas,- quantidade, a totais ou parciais,- e modalidade, a necessárias ou contingentes.

As quatro relações de oposição existem entre as formas A E I O

de qualquer proposição dada. Estas formas podem ser tanto quantitativas quanto modais.

142 - O Triviiin/

Formas Quantitativas (Categóricas)

Todo S é P.

Todos os leões são animais.

Nenhum S é P.

Nenhum leão é animal.

Algum S é P.

Alguns leões são animais.

Algum S não é P.

Alguns leões não são animais.

Formas Modais

S precisa ser P.

Um leão deve ser (definitivamente) um animal.

Um leão não pode ser (definitivamente) um animal.

S não pode ser P.

Um leão pode (talvez) ser um animal.

S pode ser P.

Um leão pode não ser (talvez) um animal.

S pode não ser P.

6-2 Oposição em formas A E I O

AS QUATRO RELAÇÕES DE OPOSIÇÃO E SUAS REGRAS

1. As contraditórias são A e O, assim como E e I. Duas proposições se opõem como contraditórias se diferem em qualidade e quantidade ou em qualidade e modalidade. Não há meio-termo entre proposições contraditórias (tanto quanto não há meio-termo entre termos contraditórios,- por exemplo, branco e não-branco).

Proposições contraditórias representam uma diferença cujos con-tornos são bem nítidos e definidos.

Regra 1. Das proposições contraditórias, uma deve ser verdadeira e a outra, necessariamente falsa.

2. As contrárias são A e E. Duas proposições são opostas como contrárias se diferirem na qualidade e se ambas forem totais em quantidade ou necessárias em modalidade. Existe um meio-termo entre proposições contrárias (tanto quanto há entre termos contrários,- por exemplo, branco e preto).

Proposições contrárias representam o maior grau de diferença.

Regra 2. Das proposições contrárias, não podem ser as duas verdadeiras, mas podem ser ambas falsas. Logo, se uma é sabidamente verdadeira, a outra é necessariamente falsa,- mas se uma é sabidamente falsa, o valor da outra é desconhecido.

Na oposição, a falácia que mais frequentemente ocorre é a pre-sunção de que se uma proposição contrária é falsa, a outra é verdadeira (em vez de apenas desconhecida).

Note que a veracidade ou falsidade de uma proposição envolvida numa relação formal é dita desconhecida se o seu valor não puder ser sabido diretamente da forma, sendo assim determinado pela matéria, isto é, se for necessário aprendê-lo a partir de um co-lyeluções de Proposições Simples - >43

nhecimento de seus termos.

ANALOGIA: Comparação de forma.e matéria

Medidas padrão podem ser consideradas como formas vazias. Por exemplo, dois *pints* são iguais a um *quart*/' Quatro *quarts* são iguais a um galão. A veracidade ou falsidade dessas declarações pode ser conhecida diretamente a partir das formas, sem que se saiba o que essas medidas contêm.

Todavia, essas formas podem conter vários tipos de matéria, tal como leite, água, mercúrio, vinho, ácido nítrico, suco de laranja. A respeito dessas, é possível fazer várias declarações. Por exemplo: Um *quart* é saudável. Um galão é para ficar enjoado. Um *pint* é tóxico. Meio *pint* não é tóxico. A veracidade ou falsidade dessas declarações não pode ser sabida diretamente a partir das formas, mas é determinada pela matéria, isto é, pelo conteúdo

dessas formas. Um *pint* (0,437 litro) de leite não é tóxico. Um *pint* de ácido nítrico é.

3. As subcontrárias são I e O. Duas proposições são opostas como subcontrárias se diferirem em qualidade e se ambas forem quer parciais em quantidade, quer contingentes em modalidade.

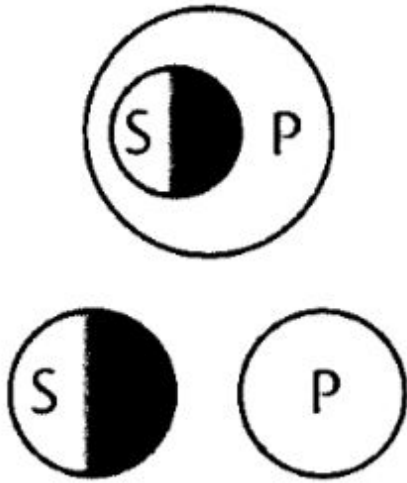
Regra 3. Das proposições subcontrárias, não podem ser falsas as duas, mas ambas podem ser verdadeiras. Logo, se uma é sabidamente falsa, a outra é necessariamente verdadeira,- mas se uma é sabidamente verdadeira, o valor da outra é desconhecido.

4. As subalternas são A e I , assim como E e O. Uma proposição é subalterna à outra se tiver a mesma qualidade mas diferir dessa por ser parcial em vez de total, ou por ser contingente em vez de necessária. Falando de forma estrita, as subalternas não são opostas, pois não diferem em qualidade. Tradicionalmente, porém, esta relação tem sido tratada tal como uma oposição, pois está presente entre as formas A E I O de uma dada proposição.

A relação normal entre sujeito e predicado numa proposição I foi explicitada no Capítulo 5 como sendo aquela de uma inclusão parcial do sujeito no predicado, e a de uma proposição O como a exclusão de parte do S de P. Tanto as proposições I quanto as O foram representadas por círculos de Euler sobrepostos,- I e O diferem nas partes sombreadas dos círculos, indicando as diferentes partes do sujeito do qual se fala.

‘■ *Pint, qticirl*, galao americano: medidas de volume de líquidos. I *pint* = 0,43/ litro,- I *qnnrl*

= 1/4 galão americano,- I galão americano = aprox. 3,8 litros. (N. T.) igg - ()
Triviitni



Contudo,
na
oposição
de
proposições,
as
proposições
I
e
O
de-
vem
ser
entendidas
como
includentes

do

que

segue

(as

partes

das

quais se Fala estão sombreadas):

Se é verdade que todo S é FJ deve s

er verdade que alguma

parte de S seja P Todos os leões

são animais. Alguns leões

são animais. (Ambas são verdadeiras).

Se é verdade que nenhum S é P deve ser ver-dade que

alguma parte de S não seja P Ne-nhum leão é elefante.

Alguns leões não são elefantes. (Ambas são verdadeiras).

Regra

4.

Das

subalternas,

se

a

proposição

total

(ou

necessária)

é

verdadeira,
a
parcial
(ou
contingente)
é
necessariamente
verda-
deira,-
mas
se
aquela
é
sabidamente
falsa,
o
valor
da
última
é
desco-
nhecido.
Inversamente,
se
a
proposição

parcial
(ou
contingente)
é
falsa,
a
total
(ou
necessária)
é
necessariamente
falsa,-
mas
se
aquela
é
sabidamente verdadeira, o valor da última é desconhecido.
Nas
formas
categóricas,
a
oposição
de
proposições
empíricas
singulares

está
restrita
à
contradição,
e
esta
relação
se
dá
somente
através
de
uma
diferença
de
qualidade.

Por

exemplo:

Maria

é

alta.

Maria não é alta.

A Maria é alta.

E Maria não é alta.

Nas

formas

modais,
a
oposição
de
proposições
empíricas
singulares inclui todas as quatro relações.

A Maria é necessariamente amável.

E Maria não pode ser amável.

I

Maria pode ser amável.

O Maria pode não ser amável.

O QUADRADO DE OPOSIÇÕES

As
quatro
relações
de
oposição
são
representadas
graficamente
pelo
quadrado
de
oposições.

Conforme

a

numeração,

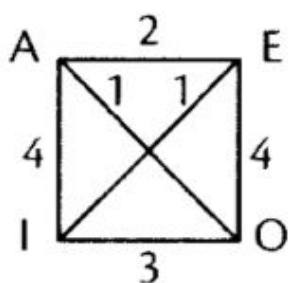
as

linhas

re-

presentam as quatro relações:

Relações de Proposições Simples - 14Ç



1. Contraditórias: A e O; E e I.
2. Contrárias: A e E.
3. Subcontrárias: I e O.
4. Subalternas: A e I; E e O.

Para usar de uma analogia familiar, neste quadrado de oposição, as linhas entre as proposições contraditórias, AO e EI, representam as únicas “vias de mão dupla”,- pois se A é verdadeira, O é falsa, e se O é falsa, A é verdadeira,- ou se A é falsa, O é verdadeira, e se O

é verdadeira, A é falsa,- o mesmo se mantém para as relações de E e I. Todas as outras linhas representam “vias de mão única”: AE, IO, AI, EO, portanto, se A é verdadeira, E é falsa, mas se é dado que E

é falsa, o valor de A é desconhecido.

Quando uma forma é dada tanto como verdadeira quanto como falsa, é possível chegar ao valor das outras três formas pela aplicação de apenas duas das regras, ou seja, a das contraditórias e a das contrárias.

Dado que A é verdadeira, então O é falsa, pois das contraditórias uma deve ser verdadeira e outra deve ser falsa (*Regra 1*); E é falsa, pois das contrárias não podem ser as duas verdadeiras (*Regra 2*),- I é verdadeira, pois é a

contraditória de E, a qual acabamos de demonstrar ser falsa (*Regra 1*).
(Podemos, é claro, demonstrar que I é verdadeira aplicando a *Regra 4*).

Dado que A é falsa, então: O é verdadeira (*Regra 1*),- E é desconhecida, pois das contrárias ambas podem ser falsas,- I também é desconhecida, pois é a contrária de E, e se a veracidade ou falsidade de uma fosse conhecida, a da outra poderia ser disso deduzida.

(Também de acordo com a *Regra 4*, se A é falsa, I é desconhecida,- isto é, I pode ser tanto verdadeira quanto falsa, dependendo dos termos relacionados).

Em ambos os conjuntos de proposições apresentados a seguir, A é falsa,- mas num dos conjuntos, E é falsa e I é verdadeira, enquanto no outro conjunto E é verdadeira e I é falsa. A possibilidade de haver resultados tão contrastantes demonstra que quando A é falsa, a veracidade ou falsidade de E é determinada pela matéria, e não pela forma, pois matérias diferentes envolvidas na mesma relação formal produzem resultados diferentes. Lembre-se de que 1 simboliza veracidade e 0 simboliza falsidade.

146 - O /riviuni

EXEMPLOS: Oposição

0

A

Todas as rosas são vermelhas.

0 A Todos os quadrados são círculos.

0

E

Nenhuma rosa é vermelha.

1 E Nenhum quadrado é círculo.

1

I

Algumas rosas são vermelhas.

0

I

Alguns quadrados são círculos.

1

O

Algumas rosas não são vermelhas.

1

O

Alguns quadrados não são círculos.

Segue um sumário de todas as relações envolvidas no quadrado de oposições:

Dado que E é verdadeira, então I é falsa (*Regra 1*); A é falsa (*Regra 2*); O é verdadeira (*Regras 2, 1 e 4*).

Dado que E é falsa, então I é verdadeira (*Regra 1*); A e O são desconhecidas (*Regras 2, 1 e 4*).

Dado que I é verdadeira, então E é falsa (*Regra 1*); A e O são desconhecidas (*Regras 2, 1, 3 e 4*).

Dado que I é falsa, então E é verdadeira (*Regra 1*); A é falsa (*Regras 2 e 4*); O é verdadeira (*Regras 2 e 4*).

Dado que O é verdadeira, então A é falsa (*Regra 1*); E e I são desconhecidas (*Regras 2, 1, 3 e 4*).

Dado que O é falsa, então A é verdadeira (*Regra 1*); E é falsa (*Regras 2 e 4*); I é verdadeira (*Regras 1 e 3*).

As vezes, uma frase que parece simbolizar apenas uma proposição na realidade simboliza uma conjunção de duas ou mais proposições.

Tal

conjunção

deve

ser

decomposta

em

suas

proposições

constituintes simples antes que possa ser expressa nas formas A E

I O. Uma conjunção é, por exemplo: Toda a tripulação, exceto um, se afogou. Sua simplificação: Um membro da tripulação não se afogou. O restante da tripulação se afogou.

A NATUREZA DE UMA RELAÇÃO FORMAL

Uma vez que a oposição é a primeira relação formal que estudamos e considerando que a lógica se preocupa especialmente com as relações formais, será proveitoso considerar aqui a diferença essencial entre uma relação formal, tal como a oposição, e uma relação material, tal como a conjunção.

1. Diferentemente da conjunção de proposições, a qual é verdadeira, ou falsa, ou provável, uma relação formal, tal como a oposição, não é nem verdadeira, nem falsa, nem provável,- ela é ou formalmente correta, ou formalmente incorreta.

2. A distinção básica entre uma relação material de proposições

Le/í/ções de Proposições Simples - 147

e uma relação formal de proposições é esta: A veracidade ou falsidade de uma conjunção de proposições depende da veracidade ou falsidade de cada uma das proposições associadas, e o valor de cada uma

precisa

ser

determinado

independentemente

por

referência

aos fatos,- mas a veracidade ou falsidade das proposições relacionadas formalmente é interdependente, e se o valor de uma proposição é conhecido,

o valor das outras pode ser determinado a partir disso pela aplicação das regras da relação formal, sem um conhecimento dos

termos

relacionados

ou

qualquer

conhecimento

dos

fatos,

isto

é,

sem

qualquer

conhecimento

material.

Assim,

a

correção

formal

da oposição de proposições contraditórias A e O não determina se A é verdadeira ou falsa ou se O é verdadeira ou falsa. Mas determina que se A é verdadeira, O é necessariamente falsa,- do mesmo modo, se O é verdadeira, A é necessariamente falsa.

3. Uma

relação

material

se

mantém

entre

quaisquer

proposições,

a despeito de suas formas, enquanto uma relação formal se mantém apenas entre proposições que tenham certas formas.

4. Uma relação formal é, na realidade, uma relação de formas proposicionais, uma fórmula. Ela se mantém a despeito de qual matéria ou de quais termos substituem os símbolos da fórmula.

ANALOGIA: Entre oposição e álgebra e entre conjunção e entre conjunção e aritmética Uma relação de formas proposicionais, tal como uma oposição, é análoga a uma fórmula algébrica.

As relações são corretas a despeito de qual matéria ou de quais números substituem os símbolos da fórmula.

$$(x + y)^2 = x^2 + 2xy + y^2$$

$$C = 2\pi R$$

Em contraste, uma relação material de proposições, tal como uma conjunção, é análoga a uma equação aritmética; a veracidade ou falsidade de toda equação dessas deve ser verificada em face dos fatos, caso a caso, e é determinada inteiramente pela matéria e de maneira alguma pela forma, pois tal equação não é uma fórmula.

$$3 \times 8$$

$$=$$

$$2 \times 12$$

$$6 \times 3 = 9 \times 2$$

5. Uma fórmula proposicional, tal como a da oposição, educação ou o silogismo, opera como uma regra de asserção da seguinte maneira-, Se uma dada proposição portadora de uma certa forma tem um dado *148 - O Iriviiun* valor, então uma outra proposição, a ela relacionada por uma fórmula correta, necessariamente tem o valor requerido pela fórmula.

tckição

Edução é o processo formal de tornar explícito tudo o que está implícito numa dada proposição. Por esta razão, não é um avanço no conhecimento.

Nisto,

difere

radicalmente

da

dedução,

da

qual

o silogismo é a forma. Através da educação, nós, por assim dizer, ví-ramos uma proposição do avesso e de cima para baixo até termos explorado todo o seu conteúdo.

Na amostra de versos ruins que vai a seguir, um parodista anôni-mo expressou

uma

idéia

muito

simples

com

uma

eficácia

explícita

análoga àquela da educação.

Hiawatha's Mjttens

He killed the noble Mudjokivis.

**Of the skin he made him mittens,
Made them with the fur side inside,
Made them with the skin side outside.
He, to keep the warm side inside,
Put the inside skin outside,-
He, to get the cold side outside,
Put the warm side fur side inside.
That's why he put the fur side inside,
Why he put the skin side outside,
Why he turned them inside outside.⁷**

A educação é um processo formal que nunca envolve uma mudança de valor.
Desde que as eduções sejam feitas corretamente e que a

proposição

original

seja

verdadeira,

as

eduções

serão,

necessaria-

mente,

logicamente

equivalentes,-

se

a

proposição

original

for
falsa,
a educação será necessariamente falsa.

A
edução
emprega
dois
processos,
obversão
e
conversão.

Pela
aplicação
alternada
desses
dois
processos
podem
ser
obtidas
sete
formas
educativas
(seus
nomes
aparecem

abaixo

de

onde

derivam)

a

partir de uma proposição geral ou de uma total, e um número menor a partir de uma parcial ou de uma contingente.

Mitten: luva de proteção com o polegar separado, mas sem divisão para os quatro dedos restantes. Skin: pele, couro (de animal). Fur: pele (de animal), pelagem. Inside: lado interno, por dentro, dentro de, interior. Outside: lado externo, por íora, do lado de fora.

(N.T.)

7^</(çws de *Proposições Simples* - 149

OBVERSÃO

A obversão vira uma proposição “ao contrário” ao mudar a qualidade e o predicado, mas não o significado.

Regras para a obversão de uma proposição:

1. Mudar a qualidade (determinada pela cópula).
2. Substituir o predicado (P) pelo seu contraditório (P')_

Para evitar a obversão ilícita: não confunda um modificador contraditório de um termo com o termo contraditório completo.

Termos contraditórios são sempre dicotômicos,- eles dividem o ser todo e não apenas um gênero. Por exemplo, o contraditório de alimento amidoado não é alimento não-amidoado,- é não-alimento amidoado. Lápis, maçanetas e estrelas são não-alimentos amidoados, pois nenhum é sequer alimento (atente para a partícula *não* separada por hífen).

Obversão das formas A E I O. Cada uma destas pode ser obvertida. Na fórmula seguinte, P' simboliza não-P

S a P é obvertida para S e P'.

Todo eleitor é cidadão.

Nenhum eleitor é não-cidadão.

S e P é obvertida para S a P’.

Nenhum muçulmano é cristão.

Todos os muçulmanos são não-cristãos.

S i P é obvertida para S o P’. Algumas cadeiras são confortáveis. Algumas cadeiras não são desconfortáveis.

S o P é obvertida para S i P’. Alguns alunos não são atenciosos.

Alguns alunos são desatenciosos.

Um princípio da obversão é: se S está incluído em P, está certamente excluído de não-P. A obversão é uma aplicação da Lei do

Meio-Termo

Excluído:

entre

termos

contraditórios,

não

há meio-termo.

\$0 - *O Iriiinir/*

APLICAÇÃO PRÁTICA DA OBVERSÃO

A figura de retórica chamada lítotes, usada em profusão na literatura inglesa antiga e ainda amplamente usada na literatura inglesa moderna e em outras literaturas, é uma aplicação da obversão. A lítotes tem um efeito importante no tom que se pretende dar.

Original: Eu fui bem-sucedido naquela empreitada. (S a P) *Obversa-*, Eu não fui malsucedido naquela empreitada. (S e P') *Original:* Ela conhece os próprios encantos. (S a P)

Obversa-, Ela não desconhece os próprios encantos. (S e P') *Original:* Ele agiu nobremente naquelas circunstâncias difíceis.

(SaP)

Obversa-, Ele não agiu ignobilmente naquelas circunstâncias difíceis. (S e P')

Adam observed, and with his eye the chase

Pursuing, not unmoved to Eve thus spake. [...não impassível, não incomovido].

— John Milton, *Paradise Lost* 11.191

One of the heavenly host, and by his gait

None of meanest. [Um das hostes celestes, e por seu porte e modo de andar, não dos mais humildes],

-John Milton, *Paradise Lost* 1 1.230

I remained upon the field wholly discomfited. [Eu permaneci sobre o campo, totalmente desanimado],

-James Boswell, *The Life of Samuel Johnson*, L.L.D.

My death's sad tale may yet undeaf his ear. [A triste narrativa de minha morte pode ainda destampar seu ouvido |.

- *Richard II* 2.1.1

I have no hope that he s undrown'd. [Não tenho esperança de que ele não se tenha afogado].

— *The Tempest* 2.1.237-238

Let me unkiss the oath 'twixt me and thee.

— *Richard II* 5.1.74

l{elcições de Proposições Simp/es - 151

Lest her beauty... unprovide my mind again. [Com receio... de que seus encantos me desarmem o intento novamente].

-*Othello* 4.1.204-206

Tremble, thou wretch, That hast within thee undivulged crimes

Unwhipped of justice. [Treme patife, que tu tens dentro de ti crimes não revelados, ainda não punidos pela justiça],

— *Kiiuj Lear* 3.2.51 -53

Não é nada bobo.

O garoto não se esquecera da conversa que tivera com o pai.

CONVERSÃO

Regras para converter uma proposição:

1. Inverta o sujeito e o predicado.
2. Se for necessário, e a fim de evitar um processo ilícito, altere a quantidade (ou a modalidade), e, por meio disso, converta por limitação ou [*>er accideiis*].
3. Não altere a qualidade (determinada pela cópula).

Para evitar um processo ilícito na conversão, nenhum termo que foi não-distribuído na proposição original poderá ser distribuído na proposição convertida. Um processo ilícito é uma tentativa de obter mais de uma proposição do que nela há, usando um termo em sua extensão plena quando na proposição original o uso foi apenas em parte de sua extensão. A conversão ilícita está entre as mais prolíficas fontes de erro às quais está propensa a mente humana. As falácias resultantes desse erro serão discutidas no Capítulo 9.

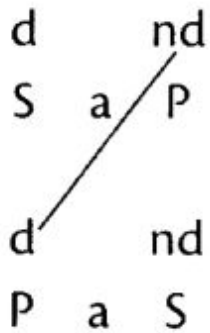
CONVERSÃO DAS FORMAS A E I O

Nem toda proposição pode ser convertida. S a P é normalmente convertida por limitação (ou seja, *por* perda da quantidade total ou da modalidade necessária) em P i S, a fim de evitar um processo ilícito. Um exemplo: *Todos os leões são animais. Alguns animais são*

-

O

Trivimri



leões.

Normalmente,

P

a

S

nao

pode

ser

derivada

corretamente

de

S a P pois essa tentativa envolve um processo ilícito de P.

Nesta

proposição

original,

P

é

não-dis-

tribuído

(nd),
pois
é
o
predicado
de
uma
proposição
afirmativa.
Nessa
convertida
ilícita,
P
é
distribuído
(d),
pois
se
tornou
o
sujeito
de
uma
proposição
total
(ou

de
uma
necessária).

A
linha

que

vai

de

nd

a

d

indica o processo ilícito.

S a P é convertida corretamente em P a S quando P é conhecido como a definição ou como a propriedade de S, pois então P

é distribuído pela matéria e não pela forma. E o teste da definição e propriedade

que

indica

se

esses

predicados

são

conversíveis

em

sujeito.

EXEMPLOS: Conversões de S a P corretas

;

Definição: O homem é um animal racional. Um animal racional é um homem.

Propriedade: O homem é capaz de rir. Um ser capaz de rir é um homem.

S e P é convertida de maneira simples em P e S, uma vez que uma proposição E distribui tanto S quanto R o que impede a ocorrência de um processo ilícito quando os termos são transpostos ao converter

a

proposição.

Nenhum

leão

é

elefante.

Nenhum

elefante

é leão.

S i P é convertida de maneira simples em P i S, uma vez que uma proposição I não distribui nem S nem R o que impede a ocorrência de um processo ilícito quando os termos são transpostos ao converter

a

proposição.

Algumas

rosas

são

vermelhas.

Algumas

coisas

vermelhas são rosas.

S o P não pode ser convertida de maneira alguma, pois convertê-la de maneira simples envolveria um processo ilícito de S. Na proposição original, S é não-distribuído, pois é o sujeito de uma proposição

parcial

(ou

de

uma

contingente).

Numa

convertida

ilí-

cita, S é distribuído, pois se tornou o predicado de uma proposição negativa. Não pode ser convertida por limitação (como o é no caso de S a P), pois S o P já é parcial em quantidade (ou contingente em modalidade). Uma vez que a conversão nunca envolve uma mudança na qualidade, não há maneira validamente possível de converter

O. E um fato que, com frequência, S o P permanece verdadeira quando convertida em P o S, mas, não obstante, o processo é sempre formalmente inválido.

EXEMPLOS: Conversões de S o P inválidas

Algumas rosas não são vermelhas. Algumas coisas vermelhas não são rosas.

Aqui, *rosas* é distribuído na proposição convertida e é não-distribuído na proposição original. Portanto, a conversão envolve um processo ilícito de S. Que ambas as proposições sejam materialmente verdadeiras é um mero acidente da matéria. Sua veracidade não pode ser garantida através do processo formal, uma vez que o processo mesmo é sempre inválido, não importando se a proposição derivada de uma S o P verdadeira é materialmente verdadeira ou falsa.

Nos exemplos seguintes, a proposição convertida é tanto materialmente falsa quanto formalmente inválida.

Categórica: Alguns animais não são leões. Alguns leões não são animais.

Modal: Um animal pode não ser um leão. Um leão pode não ser um animal.

AS FORMAS EDUTIVAS

Sete

formas

edutivas

podem

ser

derivadas

deSaPedeSeRe

três

de S i P e de S o R pela aplicação alternada e sucessiva de dois processos edutivos, obversão e conversão. Sempre que, por ter sido obrigado a converter S a P em S i P por limitação, alguém chegue a uma S o P a ser convertida, não poderá ir adiante, mas deverá retornar à proposição original, a esta aplicando o processo alternado ao que foi aplicado de início. Nessas eduções, todas as aplicações de uma dada proposição são tornadas explícitas. Na tabela a seguir, a palavra *contrapositiva* refere-se à proposição resultante quando a qualidade de uma proposição é mudada e o predicado é convertido em seu contraditório. A palavra *inversa* é o termo usado para uma proposição que usa o contraditório do sujeito e o predicado da proposição original.

Eduções de S a P

Todos os eleitores são cidadãos.

Proposição original

SaP

Processo

Nenhum eleitor é não-cidadão.

Obversa

Se P'

Obversão

Nenhum não-cidadão é eleitor.

Contrapositiva parcial

$P' e S$

Conversão

Todos

os

não-cidadãos

são

não-eleitores.

Contrapositiva total

$P' a S'$

Obversão

Alguns

não-eleitores

são

não-cidadãos.

Inversa total

SAP'

Conversão

Alguns

não-eleitores

não

são

cidadãos.

Inversa parcial

S' o P

Obversão

Alguns cidadãos são eleitores.

Convertida (da original)

PiS

Conversão

Alguns cidadãos não são não-eleitores.

Convertida obversa

PoS'

Obversão

5-3 *Eduções de S a P*

Pondere cuidadosamente o sentido exato de cada uma das proposições acima. Os círculos de Euler podem ser auxiliares úteis na demonstração gráfica do conteúdo de cada uma das proposições. Essa série pode fazer o leitor lembrar de “*Hiawatha s Mitteus*”, mas ela desempenha com toda a seriedade a função de expressar todas as relações possíveis entre cidadãos, eleitores e o contraditório de cada um desses termos.

Eduções de S e P

O processo de obversão é assinalado por um “o”, e o processo de conversão, por um “c”

Nenhum muçulmano é cristão.

Proposição original

SeP

Processo

Obversa

Todos os muçulmanos são não-cristãos.

S a P' 0

Contrapositiva parcial

Alguns não-cristãos são muçulmanos.

PÓS

c

Alguns não-cristãos não são não-muçulmanos.

Contrapositiva total

P'oS'

o

Nenhum cristão é muçulmano.

Convertida (da original)

PeS

c

Todos os cristãos são não-muçulmanos.

Convertida obversa

P a S' 0

Alguns não-muçulmanos são cristãos.

Inversa parcial

S' i P

c

Alguns não-muçulmanos não são não-cristãos.

Inversa total

S' o P'

0

6-4 *Eduções de Se P*

Eduções de S i P

Proposição original

Algumas cadeiras são desconfortáveis.

S i P

Processo

Obversa

S o P' 0

Algumas cadeiras não são desconfortáveis.

Convertida (da original)

Algumas coisas confortáveis são cadeiras.

P i S

c

Convertida obversa

P o S'

Algumas coisas confortáveis não são não-cadeiras.

0

6-5 *Eduções de S i P*

Eduções de S o P

Proposição original

Alguns alunos não são atenciosos.

SoP

Processo

Obversa

S i P'

0

Alguns alunos são desatenciosos.

Contrapositiva parcial

P' i S

Alguns seres desatenciosos são alunos.

c

Alguns seres desatenciosos não são não-alunos.

Contrapositiva total

P' o S'

0

6-6 *Eduções de So P*

Que P é a definição, ou uma propriedade, de S só pode ser sabido através da matéria (pois não pode ser sabido através da forma).

Quando isto ocorre, então S a P é corretamente conversível em P a S por toda a série, porque P e S estão em extensão total e, portanto, distribuídos. Neste caso, as sete eduções podem ser derivadas por um processo contínuo de conversão e obversa alternadas (não importa qual processo é aplicado primeiro, - se a edução for levada mais um passo adiante, obtém-se novamente a proposição original).

^lu^ões ik' Proposições Simples -

Eduções de S a P com P Totalmente Distribuído Proposição original

Todos os homens são animais racionais.

Sa P

Processo

Convertida

PaS

c

Todos os animais racionais são homens.

Convertida obversa

PeS'

0

Nenhum animal racional é não-homem.

Inversa parcial

S' e P

Nenhum não-homem é animal racional.

c

Inversa total

S'a P' 0

Todos os não-homens são animais não-rationais.

Todos os animais não-rationais são não-homens.

Contrapositiva total

P'aS' c

Contrapositiva parcial

P'eS

0

Nenhum animal não-rationaI é homem.

Obversa (da original)

Se P' c

Nenhum homem é um animal não-rationaI.

Original

Sa P

Todos os homens são animais racionais.

0

6-7 *Eduções de S a P sendo EJ uma dejimção de*

S

EDUÇÕES SUPLEMENTARES

Há

três

categorias

de

edução

suplementar:

edução

por

determinan-

tes

adicionados,

edução

por

determinantes

omitidos

e

edução

por

relação convertida.

1. Edução

por
determinantes
adicionados
(modificadores
atri-
butivos)

A fórmula é $S \text{ é } P$; logo, $Sa \text{ é } Pa$. O princípio da fórmula é: um
determinante
adicionado
diminui
a
extensão
de
um
termo
e

aumenta a sua intensão. Este processo de educação é válido se o determinante adicionado afetar S e P no mesmo grau e no mesmo aspecto. A educação é inválida se não modificá-los no mesmo grau e no mesmo aspecto.

EXEMPLOS: Determinantes não afetando os termos no mesmo grau

Original: Reis são homens.

Inválida: Uma maioria de reis é uma maioria de homens.

Original: Uma formiga é um animal.

Inválida: Uma formiga grande é um animal grande.

Válida: Uma formiga pequena é um animal pequeno.

BXEMRjOS: Determinantes não afetando os termos no mesmo aspecto

Original: A contralto is a woman. [Um contralto é uma mulher].

Inválida: A low contralto is a low woman.s

Válida: A blond contralto is a blond woman. [Um contralto loiro é uma mulher loira].

s Na classificação das extensões vocais femininas temos: soprano, mezzo-soprano, mezzo-contralto, contralto. (N. T.)

156 - O *Trieinii*

2. Educação por determinantes omitidos

A fórmula é $S \text{ é } Pa$, - logo, $S \text{ é } P$ O princípio da fórmula é: um sujeito que é incluído em um predicado mais determinado (menos estendido) está, necessariamente, incluído nesse predicado quando este for menos determinado (mais estendido). Este princípio é especialmente evidente quando dois predicados se relacionam com o sujeito como espécie e gênero, ou como gêneros próximo e remoto. Exemplos: Sócrates é um animal racional, - portanto, Sócrates é um animal. Uma cascavel é um réptil venenoso, - portanto, uma cascavel é um réptil.

A mera semelhança gramatical (das palavras) não deve ser tomada pela verdadeira semelhança lógica (dos termos). O exemplo a seguir pode parecer ir contra o que foi logo acima afirmado, mas a dificuldade é apenas verbal. Original: O indigente é um pretense príncipe. Inferência inválida: O indigente é um príncipe. Apenas verbalmente essas frases parecem exemplificar a fórmula $S \text{ é } Pa$; logo, $S \text{ é } P$ *Pretense príncipe* não expressa o termo lógico *príncipe* mais um determinante que decresce a sua extensão, - expressa, na verdade, um termo completamente diferente e que é equivalente a *im-postor*, um termo que é incompatível com príncipe e dele excluído, - certamente não nele incluído.

3. Educação por relação conversa

A fórmula é $S \text{ r}' P$; logo, $P \text{ r}_2 S$. (Aqui r_1 e r_2 simbolizam cópulas com modificadores correlativos, e não cópulas simples). O princípio da fórmula é: porque termos relativos necessariamente impli-cam seus correlativos, o sujeito e o predicado de uma proposição com uma cópula relativa poderão ser transpostos se a cópula relativa for substituída por sua correlativa. Ação e paixão (sofrimento da ação), assim como gênero e espécie, são correlativos. Quanto a proposições que declarem relações quantitativas, é também correto

inferir por relação conversa. Conseqüentemente, a mudança da forma ativa do verbo para a forma passiva simboliza educação por relação conversa.

EXEMPLOS: Correlativos “ —

Original: Aristóteles ensinou (ou foi o professor de) Alexandre, o Grande.

Inferência válida: Alexandre, o Grande, foi ensinado por (ou foi aluno de) Aristóteles.

Original: Maria viu as dunas de areia.

Inferência válida: As dunas de areia foram vistas por Maria.

Proposições Simples - i

Original: Lírio é uma espécie de flor.

Inferência válida: Flor é o gênero de lírio.

Original: A é maior do que B.

Inferência válida: B é menor do que A.

O Silogismo

Esta é a mais importante das quatro relações de proposições, pois é a forma característica do raciocínio. De acordo com o tipo de proposição

silogisticamente

relacionada,

distinguimos

quatro

tipos

de silogismo: o silogismo simples (normalmente categórico), o silogismo hipotético, o silogismo disjuntivo e o dilema. Estes tipos de silogismo serão estudados nos capítulos subseqüentes.

SUMÁRIO DAS RELAÇÕES 1)1 PROPOSIÇÕES

Há quatro relações: conjunção, oposição, educação e o silogismo. Conjunção é uma relação material,- as outras são relações formais. Uma relação formal é um processo de inferência mediata ou imediata.

1. Inferência imediata envolve apenas duas proposições,- ela procede diretamente de uma à outra sem a função mediadora de um terceiro termo ou de uma terceira proposição. Há três processos de inferência imediata; oposição, obversão e conversão. Educação é um nome comum dado aos dois processos de obversão e conversão.

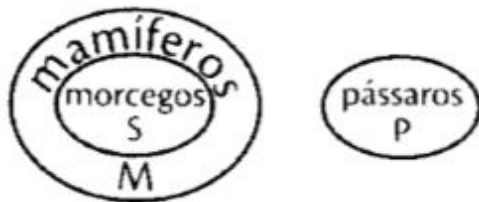
2. Inferência mediata envolve três termos em três proposições.

Dois termos, S e R relacionam-se um com o outro em virtude da relação de cada um com um terceiro termo M, que é o meio para relacioná-los. A função do terceiro termo, que é o termo médio (M), será explicada detalhadamente no Capítulo 7.

ANALOGIA DE RELAÇÃO 'de proposições

Duas varas podem relacionar-se quanto ao comprimento em virtude da relação que cada uma guarda com um padrão de medida determinado e que serve de meio entre elas.

fyS - O Triúml



7 O SILOGISMO SIMPLES

O SILOGISMO

Definição

O silogismo é o ato de raciocínio pelo qual a mente percebe que, de uma relação entre duas proposições (chamadas *premissas*) que têm um

termo

em

comum,

necessariamente

emergirá

uma

nova

e

ter-

ceira proposição (chamada *conclusão*), na qual não aparece o termo comum, este chamado de termo médio (M).

EXEMPLO: O silogismo

Um morcego é um mamífero.

Nenhum pássaro é um mamífero

Um morcego não é um pássaro.

Uma vez que todos os morcegos estão incluídos entre os mamíferos e todos os mamíferos estão excluídos dos pássaros, todos os morcegos estão, necessariamente, excluídos dos pássaros. E em virtude da relação de cada um dos termos, *morcego e pássaro*, com o termo mediador, *mamífero*, comum às duas premissas, que a relação entre uma e outra é entendida e expressa na conclusão como uma relação de exclusão total uma da outra.

Uma premissa é uma proposição relacionada com uma outra proposição, por meio de um termo comum, de tal modo que dessa conjunção segue uma nova proposição, a conclusão.

Um silogismo é uma relação formal de três termos em três proposições. Cada termo ocorre duas vezes: o termo médio em cada premissa,- cada um dos outros termos, numa das premissas e na conclusão. Toda premissa é uma proposição, mas nem toda proposição é uma premissa. Uma proposição se torna uma premissa ao ser conjugada a uma outra proposição que com ela tenha um termo em comum,- as regras que regem a conjunção válida de premissas são apresentadas mais adiante. A conclusão, uma nova veracidade, está implícita na conjunção das premissas,- não está implícita

em

qualquer

uma

delas

isoladamente.

Consequentemen-

te, o silogismo resulta num avanço no entendimento alcançado pela conjunção das premissas.

ANALOGIA: Uma nova veracidade através do silogismo

O Silogismo Simples -

Toda esposa é uma mulher, mas nem toda mulher é uma esposa. Uma mulher se torna uma esposa ao se ligar a um esposo através de laços de amor mútuo. A criança, um novo ser, deve a sua existência ao pai e à mãe, e não a apenas um deles isoladamente.

O silogismo é a fórmula do raciocínio por excelência. É a relação de formas proposicionais. Um silogismo em si não é verdadeiro nem falso,- ele é válido ou inválido. Num silogismo válido, a veracidade ou falsidade de suas proposições é interdependente e pode ser determinada a partir da fórmula. Um silogismo inválido é aquele cuja conclusão não parte das premissas.

Matéria e Forma do Silogismo

1. A matéria do silogismo consiste de suas três proposições, relativas a seus três termos (menor, maior, médio). Para analisar um silogismo,

devemos

começar

pela

conclusão,

porque

a

disposição

dos

termos

na

conclusão

determina

como

esses

termos

funcionam

nas duas primeiras proposições do silogismo. S, o termo menor de um silogismo, é o sujeito da conclusão. B o termo maior, é o predicado

da

conclusão.

A

conclusão

é

sempre

simbolizada

S____

P

(com a, e, i ou o inseridas no espaço em branco).

“Um morcego não é um pássaro”. Morcego é o sujeito da conclusão e o termo menor. Pássaro é o predicado da conclusão e o termo maior. Eles seriam assinalados da seguinte maneira:

S

P

Um morcego não é um pássaro.

A premissa menor é aquela que contém o termo menor S e o termo médio M. M é o termo presente em ambas as premissas, mas não na conclusão. “Um morcego é um mamífero” é a premissa menor do exemplo de silogismo fornecido. Morcego é o termo menor e mamífero é o termo médio. Esta premissa seria assinalada da seguinte maneira:

S

M

Um morcego é um mamífero.

A premissa maior é aquela que contém o termo maior P e o termo médio M.

“Nenhum pássaro é um mamífero” é a premissa maior do silogismo. Pássaro é o termo maior e mamífero é o termo médio. Esta premissa seria assinalada da seguinte maneira:

P

M

Nenhum pássaro é um mamífero.

/6o - *O Iriviiun*

2. A forma do silogismo é a necessidade lógica com que a conclusão decorre

a

partir

das

premissas

em

virtude

de

sua

relação

válida, a qual é obtida pela combinação de figura1 e modo (explicada abaixo).

Diclum de Omni et Nullo: Princípio do Raciocínio Silogístico O que quer que se afirme de um todo lógico, deve, necessariamente, ser afirmado das partes desse todo,- o que quer que se negue de um todo lógico, deve, necessariamente, ser negado das partes desse todo.

Isto significa que se P é afirmado acerca de M, deve também ser afirmado acerca de S, o qual é uma parte de M; se P é negado de M, deve também ser negado de S, o qual é uma parte de M (ou, menos frequentemente, se P é afirmado acerca de M e M é negado de S, P

deve também ser negado de S). No exemplo, *pássaro*, o termo maior, é negado de *mamífero*, o termo médio e, portanto, é negado de *morcego*, que está incluído em *mamífero*.

Uma outra maneira de explicar a relação é esta: Se S está incluído em M e M está incluído em P S deve, necessariamente, estar incluído em P; se S está incluído em M e M está excluído de F| ou se S está excluído de M e M está incluído em I) S deve, necessariamente, estar excluído de P. Estas relações podem ficar mais claras por meio dos círculos de Euler.

Consequentemente, a função do termo médio, o todo lógico, é, por assim dizer, a de extrair o significado do termo maior e transmiti-lo ao menor. E um termo mediador que, tendo servido nas premissas como meio de comparação, é deixado de fora da conclusão.

Regras do Silogismo e Falácias Formais

As seguintes regras regem o silogismo:

Regra 1. Um silogismo deve conter três e apenas três termos.

A falácia que resulta da violação desta regra é um quarto termo.

Regra 2. Um silogismo deve conter três e apenas três proposições. A falácia que resulta da violação desta regra é uma quarta proposição.

Regra 3. O termo médio deve estar distribuído em pelo menos uma das premissas (porque deve servir como o todo lógico sobre o qual o princípio do raciocínio silogístico se baseia). A falácia que resulta da violação desta regra é o termo médio não-distribuído.

1 A forma de um silogismo tal como determinada pela posição do termo médio. (N. T.) *Regra 4.* Não há termo que, tendo sido não-distribuído na sua premissa, possa ser distribuído na conclusão. A falácia que resulta da violação desta regra é processo ilícito do termo maior ou do termo menor. Note que um termo que está distribuído na sua premissa poderá, todavia,

O Silouismo Simples - 16

estar não-distribuído na conclusão, pois não é processo ilícito tirar de alguma coisa menos do que nela há.

Não pode haver processo ilícito do termo médio, pois as duas premissas são independentes. Uma premissa não deriva da outra, em contraste com a conclusão, que deriva das duas premissas.

Regra 5. De duas premissas negativas não há conclusão que possa ser tirada. Só se pode inferir uma relação entre dois termos dados quando pelo menos um deles se relaciona com um terceiro comum,- este é exatamente o princípio no qual se baseia o raciocínio silogístico. A falácia que resulta da violação desta regra são duas premissas negativas.

Regra 6. Se uma premissa for negativa, a conclusão será negativa.

De modo inverso e a fim de provar uma conclusão negativa, uma premissa precisa ser negativa. Se um termo está incluído no termo médio e outro está dele excluído, na conclusão os dois termos devem estar reciprocamente excluídos um do outro. A falácia que resulta da violação desta regra é uma conclusão negativa sem uma premissa negativa.

Regra 7. A partir de duas premissas parciais ou singulares (ou contingentes), não há conclusão a ser tirada. (Esta regra é um corolário das *Regras 3, 5 e 6*). A falácia que resulta da violação desta regra são duas premissas parciais (ou contingentes).

Regra 8. Se uma premissa for parcial, a conclusão será parcial.

(Esta regra é um corolário das *Regras 3 e 6*). A falácia que resulta da violação desta regra será uma conclusão geral num silogismo onde há uma ou mais premissas parciais.

Regra 9. Se uma das premissas for contingente, a conclusão será contingente. A fim de provar uma conclusão necessária, ambas as premissas deverão ser necessárias na modalidade. A falácia que resulta da violação desta regra é uma conclusão necessária ou categórica com uma premissa contingente.

Regra 10. Se uma ou ambas as premissas forem empíricas, a conclusão será empírica. A fim de provar uma conclusão geral, ambas as

premissas

devem

ser

proposições

gerais.

A

falácia

que

resulta

da violação desta regra é uma conclusão geral com uma premissa empírica.

Duas das regras gerais do silogismo se preocupam com a sua matéria (f e a),- duas com a distribuição, a consideração mais importante (3 e 4); duas com a qualidade (5 e 6); duas com a quantidade (7 e 8); duas com a modalidade (9 e 10); e uma com a referência à realidade, à essência ou ao indivíduo (11).

Modo

As formas A, E, I ou O das três proposições componentes constituem o modo de um silogismo. O modo é designado por essas letras

dispostas

numa

ordem

definida

e

convencional.

Adotaremos

esta ordem: a premissa menor, a premissa maior, a conclusão.²

Uma vez que há quatro formas proposicionais, A, E, I e O, há dezesseis combinações possíveis de premissas, a saber: AA, AE, AI, AO,- EA, EE, EI, EO, IA, IE, II, IO, OA, OE, OI, OO.

A *Regra 5*, ao proibir duas premissas negativas, requer a eliminação de quatro dessas combinações: EE, EO, OE e OO.

A *Regra 7*, ao proibir duas premissas parciais (ou contingentes), requer a eliminação de mais três (OO é eliminada de acordo com a *Regra 5*, mas seria também eliminada pela *Regra 7*): II, IO e Ol.

Mais adiante veremos que uma oitava combinação, El, precisa ser eliminada porque, ainda que não viole nenhuma das regras gerais, não está de acordo com qualquer das regras especiais, as quais serão explicadas ainda neste Capítulo 7.

Restam,

pois,

oito

combinações

válidas

de

premissas.

Podemos

determinar

se

a

conclusão

derivada

de

cada

uma

dessas

combina-

ções será A, E, I ou O pela aplicação das *Regras 6 es*,

A tabela abaixo lista as combinações válidas de premissas. A coluna da “adaptação para evitar uma falácia” antevê o problema que surge da

disposição dos termos. A disposição dos termos é explicada na próxima seção, Figuras.

■' Mais adiante neste capítulo, a irmã Miriam Joscphe explica por que escolheu essa ordem.

Outros textos de lógica usam esta ordem: a premissa maior, a premissa menor, a conclusão. Qualquer das duas está correta.

O Silogismo Shuple - /ó}*

Figura I	Figura II	Figura III	Figura IV
S _____ M	S _____ M	M _____ S	M _____ S
M _____ P	P _____ M	M _____ P	P _____ M
S _____ P	S _____ P	S _____ P	S _____ P

Combinações Válidas de Premissas

As Oito Combinações Padrão

Adaptação para Evitar uma Falácia

AAA

AAI

AEE

AEO

AI

AOO

EAE

EAO

IAI

IEO

OA0

7-1 Combinações válidas de premissas

A figura de um silogismo é determinada pela posição do termo médio nas premissas. Juntos, figura e modo constituem a forma de um silogismo, isto é, a necessidade lógica pela qual a conclusão deve ser deduzida das premissas.

Há quatro posições possíveis para o termo médio e, conseqüentemente, há quatro figuras.

7

-2 Quatro figuras: determinadas pela posição do termo médio

Não tem a menor importância se a premissa maior está posicionada em primeiro ou em segundo lugar,- a figura e as regras da figura permanecem as mesmas. A primeira figura é aquela na qual o termo médio é o predicado da premissa menor e o sujeito da maior,- a segunda figura é aquela na qual o termo médio é o predicado de ambas as premissas,- a terceira, aquela na qual o termo médio é o sujeito de ambas,- a quarta, aquela na qual o termo médio é o sujeito da premissa menor e o predicado da maior. Note, contudo, que o diagrama da Figura I e da Figura IV parecería diferente se a premissa maior fosse a primeira, e a menor, a segunda.

O exemplo de silogismo está na Figura II porque o termo médio é o predicado de ambas as premissas.

164 - O Trivium

S

M

Um morcego é um mamífero.

P

M

Nenhum pássaro é um mamífero.

S

P

Um morcego não é um pássaro.

Testando a Validade de um Silogismo

Para determinar a validade de um silogismo, basta testá-lo pelas regras gerais, particularmente aquelas de distribuição. As regras de distribuição, explicadas primeiramente no Capítulo 5, são aqui repetidas para guiar o leitor, visto que a distribuição é um componente de especial importância na análise de um silogismo.

Distribuição nas Formas A E I O

da

da P Uma vez que uma proposição A é total (ou necessária), ela distribui o seu sujeito.

E porque uma proposição A é afirmativa, o seu predicado é não-distribuído. (Todos os leões são animais).

da

da e P Uma vez que uma proposição E é total (ou necessária), ela distribui o seu sujeito.

E porque uma proposição E é negativa, distribui o seu predicado. (Nenhum leão é cavalo).

da da

da i P Uma vez que uma proposição I é parcial (ou contingente), ela tem o seu sujeito não-distribuído. E porque uma proposição I é afirmativa, o seu predicado é não-distribuído.

(Alguns leões são mansos).

da da

da o P Uma vez que uma proposição O é parcial (ou contingente), o seu sujeito é não-distribuído. E porque é negativa, distribui o seu predicado. (Alguns leões não são mansos).

7-3 Distribuição nas formas A E I O

Para analisar um silogismo, siga o procedimento delineado nesta seção.

1. Encontre a conclusão e escreva S acima de seu sujeito e P acima de seu predicado.

S

P

Um pássaro não é um morcego.

2. Escreva S e P acima dos mesmos termos onde esses aparecem nas premissas.

O Silogismo Simples - 165

P

Um morcego é um mamífero.

S

Nenhum pássaro é um mamífero.

M

Um morcego é um mamífero.

M

Nenhum pássaro é um mamífero.

3. Escreva M acima do termo que aparece em ambas as premissas, mas não na conclusão.

4. Determine o modo e a figura do silogismo. Para determinar o modo, observe a forma A E I O de cada premissa. A combinação, tanto de tipo como de ordem, das proposições dentro do silogismo constitui o seu modo. Determine a figura do silogismo. Para determinar a figura do silogismo, observe a posição do termo médio. À direita da fórmula, nomeie a figura e o modo.

Um morcego é um mamífero.

A E E

Nenhum pássaro é um mamífero.

Figura II

Um morcego não é um pássaro.

5. Marque a distribuição dos termos de acordo com a forma de cada proposição (mas se uma proposição for uma definição, quer por gênero e diferença, quer por propriedade, escreva *def.*

acima do seu predicado, para indicar que é distribuída através de sua matéria). Note (1) se o termo médio está distribuído em pelo menos uma premissa, e (2) se P ou S está distribuído na conclusão,

mas

não-distribuído

na

sua

premissa.

Desenhe

uma

linha entre o uso distribuído e o não-distribuído do mesmo termo, tal como nos exemplos a seguir, para indicar qualquer erro na distribuição. Tal linha não é necessária neste exemplo, visto que não há erro na distribuição.

S M
Alguns vendedores não são cortesões.

nd d
S o M Figura II

P M
Todos os verdadeiros cavalheiros são cortesões.

d nd
P a M Modo O A O

S P
< ∴ Alguns vendedores não são verdadeiros cavalheiros.

nd d
S o P Válida

S M
Nenhum quadrado é oblongo.

d d
S e M Figura I

M P
Todo oblongo é retângulo.

d nd
M a P } Modo E A E

S P
∴ Nenhum quadrado é retângulo.

d d
S e P } Inválida: processo ilícito
do termo maior

d nd

Um morcego é um mamífero.

S a M

d d

Nenhum pássaro é um mamífero. P e M

Nenhum erro na distribuição

d d

Um morcego não é um pássaro.

S e P

6. Teste a fórmula um pouco mais para ver se há (1) duas premissas negativas,

(2)

duas

premissas

parciais

(ou

contingentes),

(3)

quatro termos, (4) quatro proposições.

7.

Se

nenhuma

falácia

for

descoberta,

escreva

Válida

à

direita,-

se

for descoberta alguma, escreva *Inválida* e nomeie a falácia,- se houver

duas ou mais falácias, nomeie cada

uma.

d nd

Um morcego é um mamífero.

S a M

Figura II

d nd

Nenhum pássaro é um mamífero. P e M

Modo A E E

d d

Um Morcego não é um pássaro.

S e P

Válida

ILUSTRAÇÃO; Testando a validade de silogismos

M S
Todos os homens são capazes de rir.

d def.
M a S Figura III

M P
Todos os homens são mortais.

d nd
M a P Modo A A A

S P
∴ Todos os seres capazes de rir são mortais.

d nd
S a P Válida: processo ilícito do termo menor é evitado através da definição

M S
Alguns times de futebol não são bons perdedores.

nd d
M o S Figura IV

P M
Nenhum time de basquetebol é um time de futebol.

d d
P e M Modo O E O

S P
∴ Alguns bons perdedores não são times de basquetebol.

nd d
S o P Inválida: duas premissas negativas

Entimema

DEFINIÇÃO

Um entímema é um silogismo logicamente abreviado pela omissão de uma proposição, seja a premissa maior, a premissa menor ou a conclusão. Ele contém três termos que podem ser expandidos num silogismo completo.

Um entimema deve ser distinguido de um silogismo logicamente completo, mas gramaticalmente abreviado. Um exemplo seria: Escalar os Alpes é um empreendimento fascinante, mas perigoso.

Portanto, alguns empreendimentos fascinantes são perigosos.

Neste silogismo logicamente completo, a premissa menor está apenas gramaticalmente abreviada e as regras da gramática são suficientes para a expansão que precisa ser feita antes que sua validade possa ser determinada. Apenas uma expansão pode ou necessita ser feita, pois, se a frase for analisada ou delineada através de diagrama, está perfeitamente claro que

“Escalar os Alpes” é o sujeito da premissa menor (assim como da maior) e que um “empreendimento fascinante” é o seu predicado. A fórmula do silogismo é M a B M a S, S i P; está na Figura 111, Modo A A I e é válida.

Num entimema, a proposição omitida está logicamente abreviada porque não há regra da gramática ou da lógica para determinar a posição de seus termos na expansão que deve ser feita antes que a

S M
Um carvalho é uma árvore.

M P
Uma árvore é uma planta.

S P
∴ Um carvalho é uma planta.

d nd
S a M Figura I

d nd
M a P Modo A A A

d nd
S a P Válida

validade

do

entimema

possa

ser

determinada.

Exemplo:

Um

carva-

lho é uma planta porque é uma árvore.

REGRAS PARA DETERMINAR A VALIDADE DE UM ENTINEMA

Encontre a conclusão observando os seguintes indícios: (1) *desde c]ue, []ore]ue, timu vez ejtte* ou *visto cftie* iniciam uma premissa (uma causa, da qual a conclusão é o efeito) e, portanto, a outra proposição é a conclusão,- (2) *portanto, consec(iientemente, assim* ou *loejo* iniciam a conclusão,- (3) *e* ou *mas* ligam as duas premissas e indicam que a proposição omitida é a conclusão.

Escreva S acima do sujeito da conclusão e P acima do seu predicado. Um desses termos aparecerá associado a M na outra proposição dada (se o entimema for do tipo usual, com a conclusão e uma premissa declarada). Assinale ambos os termos na premissa dada.

Substitua

os

substantivos

pelos

pronomes

correspondentes.

Uma

vez que não há regra lógica ou gramatical para determinar a posição dos termos na proposição faltante, essa proposição pode ser declarada em qualquer das duas maneiras. Logo, há duas expansões possíveis, em duas figuras diferentes.

Os princípios para a determinação da validade de um entimema são: (1) Se um entimema é válido em uma expansão, é um entimema válido, a despeito de ser ou não válido na outra expansão. (2) Se um entimema é considerado inválido na primeira expansão, é necessário expandi-lo na figura recíproca a fim de certificar se é um entimema válido ou não,- mas se for considerado válido na primeira expansão, não é necessário expandi-lo de ambas as maneiras.

EXEMPLOS: Entimemas expandidos

Um carvalho é uma planta porque é uma árvore.

Expansão a

Uma vez que este entimema, assim expandido num silogismo completo, é válido, não é necessário expandi-lo na figura recíproca. Mas se o for, será considerado inválido na Figura II. Porém, deve ficar bem entendido que um entimema é um raciocínio bom e sólido se for formalmente válido em *uma* de suas expansões possíveis. Só poderá ser declarado inválido se contiver erro em *ambas* as expansões.

O ésilogisuió ésinifiles - i(><)

S M
Estes sapatos não são curtos demais.

d d
S e M Figura II

P M
Sapatos que machucam os pés são curtos demais.

d nd
P a M Modo E A E

S P
∴ Estes sapatos não machucarão seus pés.

d d
S e P Válida

S M
Estes sapatos não são curtos demais.

d d
S e M Figura I

M P
Sapatos que são curtos demais machucam os pés.

d nd
M a P Modo E A E

S P
∴ Estes sapatos não machucarão seus pés.

d d
S e P Inválida: processo
ilícito do termo maior

S M
Um carvalho é uma árvore.

d nd
S a M Figura II

P M
Todas as plantas são árvores.

d nd
P a M Modo A A A

S P
∴ Um carvalho é uma planta.

d nd
S a P Inválida: termo médio
não-distribuído

Expansão b

Estes sapatos não machucarão seus pés porque não são curtos demais. (A premissa maior foi omitida).

Expansão a

Expansão b

Apesar de a expansão b ser formalmente válida, a premissa maior é falsa. É verdadeiro que sapatos curtos demais machucam os pés, mas não é verdadeiro que todos os sapatos que machucam os pés são curtos demais,

pois eles podem machucar os pés porque são estreitos demais ou por outras razões. Uma proposição A não é validamente conversível em A, a menos que seja uma definição, e esta proposição A não é uma definição. Este entimema é um raciocínio errôneo porque há um erro em ambas as expansões.⁵

1 Aqui, a irmã Miriam Joseph está fazendo uma distinção entre os aspectos formais e materiais de um silogismo, ou de um entimema. Se um silogismo, ou um entimema, segue as regras da lógica, resulta em um silogismo, ou um entimema, válido. A validade é uma relação tal entre premissas e conclusões que se as premissas forem verdadeiras, a conclusão não poderá ser falsa. Analisar um silogismo formalmente não envolve análise da veracidade ou falsidade das premissas. É possível ter um silogismo formalmente válido com as premissas falsas e uma conclusão verdadeira, ou com premissas falsas e uma conclusão falsa, mas nunca com premissas verdadeiras e uma conclusão falsa. (TM) 170 - *O Trivium*

S	M	d	nd	
Os limpos de coração verão a Deus.		S	a M	Figura I
	M	d	nd	
Aqueles que verão a Deus são bem-aventurados.	P	M	a P	Modo A A A
	S	d	nd	
∴ Os limpos de coração são bem-aventurados.	P	S	a P	Válida

Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus. (Mt. 5:8)
A conclusão está declarada numa ordem de palavras anormal, com o predicado (um particípio ou um adjetivo) em primeiro lugar, para efeito de ênfase. A expansão natural é como segue: Uma vez que este entimema é válido nesta expansão, não é necessário expandi-lo na segunda figura.

Isso é bom demais para ser verdade.

Nesta frase há três termos e duas proposições. (Por economia de espaço, os termos e a distribuição não são assinalados em algumas das expansões que seguem).

Isso é bom demais.

Sa M

Figura I

O que quer que seja bom demais não pode ser verdade. M a P

Modo A A A

Isso não pode ser verdade.

S a P

Válida

Ainda que este silogismo seja válido, ambas as premissas são falsas. Nada pode ser literal e absolutamente bom demais: se, contudo, *bom demais* for usado para significar *muito bom*, a premissa menor pode ser aceita como verdadeira. Mas somente um cínico incorrigível poderia afirmar a premissa maior como verdadeira. Não obstante, este entimema é repetido correntemente por muitos que negariam a premissa maior implícita se dela fossem advertidos explicitamente.

Você é um ladrão e um ladrão deveria estar atrás das grades.

Neste entimema, a proposição omitida é a conclusão.

Você é um ladrão.

SaM Figurai

Um ladrão deveria estar atrás das grades.

M a P Modo A A A

Você deveria estar atrás das grades.

SaP Válida

Um prêmio é um incentivo ao esforço, pois as pessoas desejam obtê-lo.

Este entimema ilustra o fato de que a expressão gramatical freqüentemente obscurece relações lógicas. A reformulação é necessária para esclarecê-las. Seja especialmente cuidadoso onde houver um objeto direto. Este normalmente requer conversão à voz passiva. Por este meio, o objeto direto pode ser desembaraçado de outros termos com os quais está misturado, podendo então ser colocado como um termo não misturado em um dos lados da cópula. A não ser que alguém possa discernir relações lógicas tal como são de fato expressas no quotidiano, o estudo da lógica não é realmente

prático. As pessoas raramente seguem formas de expressão estritamente lógicas.

Um prêmio é algo que as pessoas desejam obter.

SaM Figurai

O que as pessoas desejam obter é um incentivo ao esforço.

M a P Modo A A A

Um prêmio é um incentivo ao esforço.

SaP Válida

() <Si/og'í.s»ío *Sint/iles - i~i*

Uma baleia não é um peixe, pois não tem escamas nem guelras e alimenta o seu filhote com leite.

Este é um entimema duplo; chega-se à mesma conclusão a partir de dois conjuntos diferentes de premissas.

Expansão;

Uma baleia não tem escamas nem guelras.

SeM

Figura II

Um peixe tem escamas e guelras.

P a M Modo E A E

Uma baleia não é um peixe.

SeP

Válida

Note que se esse silogismo fosse construído na Figura IV, declarando a premissa maior M a P, um processo ilícito do termo maior não se faria presente, pois ter escamas e guelras é uma propriedade de peixe. Portanto, ambos os termos estão distribuídos, um através da forma e o outro através da matéria.

Uma baleia alimenta o seu filhote com leite.

SaM Figura II

Um peixe não alimenta seu filhote com leite.

P e M Modo A E E

Uma baleia não é um peixe.

SeP Válida

O exemplo seguinte é um entimema quintuplo, pois uma e a mesma conclusão é obtida a partir de cinco diferentes conjuntos de premissas. Enquanto o parágrafo ilustra claramente esta estrutura lógica, ilustra também o princípio retórico da variedade: na clareza de expressão, na estrutura e extensão das frases, na harmonia, na introdução de uma alusão bíblica e em alguma repetição enfática, na nomeação agrupada e antecipada daqueles que detêm a terceira e quarta premissas, para então apresentar essas premissas, e, finalmente, no uso do contrário, do abstrato e do negativo ao declará-las.

Há um coro de vozes (...) erguido em favor da doutrina (...) de que todos devem ser educados. Os políticos nos dizem, “Vocês devem educar as massas porque elas serão os senhores”. O clero se junta ao clamor pela educação, pois afirma que as pessoas estão se desgarrando das igrejas e capelas, rumo à mais vasta infidelidade. Os fabricantes e os capitalistas aumentam o coro vigorosamente. Eles dizem que a ignorância produz maus trabalhadores; que a Inglaterra logo será incapaz de produzir tecidos de algodão e máquinas a vapor mais baratos do que outros povos; e então, Icabod! Icabod! A glória nos terá abandonado. E umas poucas vozes se levantam em *favor* da doutrina que diz que as massas deveriam ser educadas porque são compostas de homens e mulheres com capacidades ilimitadas de ser, fazer e sofrer, e que é tão verdadeiro agora quanto sempre foi que as pessoas perecem por falta de entendimento.

- Thomas H. Huxley, “A Liberal Education””

A Importância do Entimema

Ao

entimema

foi

dada

cuidadosa
consideração
em
função
de
sua

grande importância prática.

No entimema, uma proposição — mais frequentemente a premissa maior - está apenas implícita, e não explícita,- assim, é mais provável que seja descuidadamente tomada como verdadeira, sem um exame, tornando-se uma fonte de erro e de raciocínio falacioso.

‘ I Samuel 4:19-22.

‘ Thomas H. Huxley, “A Liberal Education and Where to Find it”,
Aulobio(<)ml>by iimi Essays.

Nova York, Gregg Publishing Co., 1919, pp. 181-210.

172. - *O irivium*

O entimema é a forma de raciocínio que empregamos constantemente
quando
pensamos,
conversamos
e
escrevemos,
e
é
aquela

que deveríamos notar quando lemos e ouvimos. A lógica é realmente prática quando é usada habitualmente como uma ferramenta em nossa vida diária.

O entimema é usado extensivamente na exposição e no debate.

Sempre que três, quatro ou qualquer número de razões são dadas para um evento na história, essas razões constituem um entimema múltiplo - triplo, quádruplo, etc. O sumário formal para um debate

é

uma

série

de

entimemas

interligados:

cada

ponto

principal

declara uma conclusão e os subtítulos, antecidos pelo *pois (visto cfuej*, são as razões que a sustentam. Quando os pontos principais tiverem

sido

estabelecidos

e

sumarizados,

o

raciocínio

seguirá

adiante

até

a

conclusão

final,

tal
como
no
epiquerema,
discutido
mais adiante.

SORI I IS

Um sorites é uma cadeia de entimemas ou silogismos abreviados na qual a conclusão de um silogismo se torna a premissa do seguinte,-

é um polissilogismo no qual está subentendida a conclusão de cada silogismo (i.e., a premissa do silogismo seguinte), exceto a última, que se torna explícita.

Há dois tipos de sorites: (1) aquele no qual a conclusão de um silogismo se torna a premissa maior do seguinte,- (2) aquele no qual a conclusão se torna a premissa menor do seguinte.

Ainda que seja possível construir sorites válidos em cada uma das

quatro
figuras
e
combinar
silogismos
de
diferentes
figuras
em
um
sorites,
consideraremos

apenas

os

dois

tipos

tradicionais

na

Figura

1,

os

sorites

aristotélicos

e

os

sorites

goclenianos, '1

ambos

de

extensão

formalmente

ilimitada.

Estas

duas

são

as

únicas

formas

que
provavelmente
usemos
de
fato
em
nossos
raciocínios.

A unidade formal da cada um desses sorites é enfatizada se o consideramos como um silogismo na Figura 1, com muitos termos médios.

”

Também
chamados
sorites
goclenicos
ou
progressivos,
devido

a

Rudolf

Goclenius

(1547-1628). (N. T.)

O Silogismo Simple.

EXEMPLO: Sorites aristotélico

Sócrates é um homem.

S

a

M'

Um homem é um animal.

M'

a

M2

Um animal é um organismo.

M2

a

M3

Um organismo é um corpo.

M1

a

M'

Um corpo é uma substância.

M''

a

P

.'. Sócrates é uma substância.

S

a

P

Note que a numeração do expoente distingue um termo médio do outro. Por exemplo, *M'* é homem; M2 é animal, etc.

EXEMPLO; Sòrités gocleniano

Um corpo é uma substância.

M1

a

P

Um organismo é um corpo.

M2

a

M'

Um animal é um organismo.

M3

a

M2

Um homem é um animal.

W

a

M5

Sócrates é um homem.

S

a

M(

.'. Sócrates é uma substância.

S

a

P

Um sorites de seis proposições é expandido para um de doze proposições (quatro silogismos) pela explicitação das premissas su-primidas e das conclusões de cada um dos silogismos.

ILUSTRAÇÃOt Sorites aristotélico expandido

Sócrates é um homem.

S

a

M'

Homem é um animal.

M1

a

M2

.'. Sócrates é um animal.

S

M2

a

Sócrates é um animal.

s

a

M2

Um animal é um organismo.

M2

a

M3

.'. Sócrates é um organismo.

S

M3

a

Sócrates é um organismo.

S

a

M3

Um organismo é um corpo.

M!

a

W

.'.Sócrates é um corpo.

S

a

M'

Sócrates é um corpo.

S

a

M1

Um corpo é uma substância.

a

P

.'.Sócrates é uma substância.

S

a

P

ILUSTRAÇÃO: Sorites gocleniano expandido

Um corpo é uma substância.

M1

a

P

Um organismo é um corpo.

M2

a

M

.'. Um organismo é uma substância.

M2

a

P

- () Iririiin/

Um organismo é uma substância.

M2

a

p

Um animal é um organismo.

M3

a

M2

Um animal é uma substância.

M3

P

a

Um animal é uma substância.

M3

a

P

Um homem é um animal.

M1

a

M3

.'.Um homem é uma substância.

M4

P

a

Um homem é uma substância.

M'

a

P

Sócrates é um homem.

S

a

M4

Sócrates é uma substância.

S

a

P

Sorites Aristotclicos c Goclcniianos

No sorites aristotélico a primeira proposição é a premissa menor do seu silogismo e todas as restantes são premissas maiores, exceto a última, que é uma conclusão,- a conclusão omitida em cada silogismo se torna a premissa menor do silogismo seguinte.

Regra 1. Somente uma premissa, a última, pode ser negativa.

(Caso contrário, haverá um processo ilícito do termo maior).

Regra2. Somente uma premissa, a primeira (a menor), poderá ser parcial, contingente ou singular. (A Figura 1 requer que a premissa menor seja afirmativa,- ela poderá ser parcial ou contingente).

No sorites gocleniano a primeira proposição é a premissa maior do seu silogismo e todas as restantes são premissas menores, exceto a última, que é uma conclusão,- a conclusão omitida em cada silogismo se torna a premissa maior do silogismo seguinte.

Regra 1. Somente uma premissa, a primeira, pode ser negativa.

(Caso contrário, haverá um processo ilícito do termo maior).

Regra 2. Somente uma premissa, a última (a menor), poderá ser parcial, contingente ou singular. (As outras proposições são premissas maiores e devem ser totais ou necessárias na Figura I).

O sorites aristotélico é mais importante que o gocleniano, pois representa um movimento mais natural da mente e é mais freqüentemente usado.

O Silogismo Simple.

O I PIOLI RIMA

Um epiquerema, tal como um sorites, é um polissilogismo abreviado,- mas diferentemente de um sorites, é de extensão formalmente limitada.

O movimento da mente é em parte para trás e em parte para frente.

Definição

Um epiquerema é um polissilogismo abreviado que combina figuras quaisquer, e de cujas premissas ao menos uma é um entimema. Se ambas as premissas forem entimemas, o epiquerema será duplo,- se apenas uma premissa for um entimema, o epiquerema será simples.

EXEMPLO: Epiquerema simples

O bife (que é comido) não é armazenado no corpo porque é proteína.

Alimento não armazenado no corpo não engorda.

Bife não engorda.

Ao lidar com negações, é muito importante lembrar que a negação pode ser posicionada tanto na cópula quanto no termo,- mas nunca é permissível numa premissa posicionar a negação na cópula e, em outra premissa, posicionar a negação no termo médio, pois isto criaria quatro termos: M, M', S e P. Para deixar claro que um *termo* é negativo, freqüentemente é necessário inserir uma palavra após a cópula. Se o entimema, que é a

premissa menor neste epiquerema, fosse independente, a premissa maior implícita

“Proteína não é armazenada no corpo” seria tratada normalmente como uma proposição E. Mas, uma vez que o termo médio na premissa maior do epiquerema é negativo, não é apenas permissível, mas necessário, tratá-lo como uma proposição A, tal como na expansão a seguir.

ILUSTRAÇÃO: Um epiquerema expandido

Bife é proteína.

SaM Figura IV

Proteína é alimento que não é armazenado no corpo.

MaP Modo A A A

Bife é alimento que não é armazenado no corpo.

Sa P Válida

Bife

é

alimento

que

não

é

armazenado

no

corpo.

SaM Figura IV

Alimento que não é armazenado no corpo não engorda.

MeP Modo A E E

Bife não engorda.

Se P Válida

i~C> - () Irviiim

EXEMPLO: Um epiquerema duplo

SsfUfcítSíítS

Estas pedras não são diamantes, pois não cortam vidro.

As pedras preciosas roubadas são indubitavelmente diamantes, pois assim foram declaradas pelos maiores peritos mundiais em diamantes.

Estas pedras não são as pedras preciosas roubadas.

Ao expandirmos os dois entimemas, temos neste epiquerema três silogismos completos (o número máximo), sendo que as conclusões dos dois primeiros fornecem as premissas do terceiro.

ILUSTRAÇÃO: Um duplo epiquerema expandido

Estas pedras não corram vidro.

SeM

Figura II

Diamantes cortam vidro.

PaM

Modo E A E

Estas pedras não são diamantes.

Válida

SeP

As pedras preciosas roubadas foram declaradas diamantes pelos maiores peritos mundiais em diamantes.

SaM

Figura 1

As pedras declaradas diamantes pelos maiores peritos em diamantes são, indubitavelmente, diamantes.

Ma P

Modo A A A

.'.As pedras preciosas roubadas são indubitavelmente diamantes.

Válida

Sa P

Estas pedras não são diamantes.

SeM

Figura II

As pedras preciosas roubadas são indubitavelmente diamantes.

PaM

Modo E A E

Estas pedras não são as pedras preciosas roubadas.

SeP

Válida

O epiquerema duplo é a forma de argumento em cinco partes, a qual era particularmente admirada e usada por Cícero em seus discursos. As cinco partes são (1) a premissa maior,- (2) a prova da maior,- (3) a premissa menor,- (4) a prova da menor,- (5) a conclusão.

Em sua roupagem retórica, esta forma de argumento foi cuidadosamente exemplificada e, por isso, consideravelmente ampliada.

Um entimema múltiplo difere de um epiquerema por ter somente uma conclusão, embora declare muitas razões para apoiá-la. Um epiquerema simples tem duas conclusões,- um epiquerema duplo tem três, pois as conclusões de seus dois entimemas se tornam premissas que levam a uma terceira conclusão.

De um Sorites a um Epiquerema

A

transformação

de

um

sorites

em

um

epiquerema

permite

uma

comparação de estrutura. Um sorites que não exceda cinco proposições pode ser transformado em um epiquerema duplo.

O Silogismo Simples - 177

Analogia	Fórmula
S' Centelhas de uma máquina elétrica são descargas elétricas, S' pois elas são caracterizadas por movimento rápido e condutividade.	P $S' \text{ é } P, \text{ pois}$ M $S' \text{ é } M.$

EXEMPLO •: Um sorites transformado em um epiquerema duplo

S

M2

S

M1

Sócrates é um animal porque ele é um homem.

M2 P M2 M!

Um animal é um corpo porque ele é um organismo.

S P

Sócrates é um corpo.

A conclusão do primeiro silogismo se torna a premissa menor do último.

A conclusão do segundo silogismo se torna a premissa maior do último.

S^2 assemelha-se a S^1 em M .

$\therefore S^2$ é provavelmente P .

Em 1749, Franklin empinou seu papagaio de papel e descobriu que o raio é condutível. O pára-raios foi um resultado prático desse experimento: ele conduz a descarga elétrica para o solo, onde não causa dano.

O valor de uma inferência analógica depende mais da importância das semelhanças do que do número de semelhanças. A validade do raciocínio requer que o ponto de semelhança M seja provavelmente uma propriedade resultante da natureza de P e que não seja diferente de S1. Como observou Aristóteles, o raciocínio por analogia é uma inferência, não do todo lógico até suas partes (dedução), mas de parte a parte, quando ambas se classificam sob o mesmo gênero (M) mas uma das duas (S') é por nós mais bem conhecida do que a outra (S2).

OPOSIÇÃO MEDIATA

Definição

Oposição

mediata é a oposição entre duas

proposições que juntas

contêm três termos, sendo um termo comum a ambas.

EXEMPLO: Oposição mediata

A testemunha está mentindo.

A testemunha está dizendo a verdade.

Em

discussões

e

debates,

a

oposição

mediata

provavelmente

ocorre mais freqüentemente do que a oposição imediata. A oposição imediata oporia a primeira proposição, no exemplo dado acima, à sua contraditória: A testemunha não está mentindo.

A oposição mediata combina as regras de oposição com as regras do silogismo.

Lima

vez

que

duas

proposições

mediatamente

opos-

tas têm três termos, estes podem tomar a forma de um silogismo, o qual, combinado

com

a

oposição

imediata,

expressa

claramente

as

relações de todas as proposições envolvidas.

Faça com que X simbolize a premissa menor, Y, a premissa maior, e Z, a conclusão de um silogismo. Faça com que X' simbolize a contraditória de X, e Z', a de Z.

O Silogismo Simples - /-

ILUSTRAÇÃO: Oposição mediata

X A testemunha está mentindo. X' A testemunha não está mentindo.

Y Quem mente não diz a verdade.

Z A testemunha não está dizendo a verdade. Z' A testemunha está dizendo a verdade.

Regras Determinantes da Validade de uma Oposição Mediata

1. O silogismo envolvido na relação de proposições opostas mediatamente deve ser formalmente válido.

2. A terceira proposição (Y), a qual serve para estabelecer a oposição mediata entre duas outras, deve ser materialmente verdadeira.

As

seguintes

falácias

resultam

da

violação

dessas

regras:

ilícita,

ilusória ou uma meramente aparente oposição mediata.

Relações de Oposição Mediata

Estas

relações

podem

ser

entendidas

pela

aplicação

das

regras

de

oposição mediata ao exemplo apresentado.

Contanto que Y seja materialmente verdadeira, X e Z' serão validamente opostas como contrárias mediatas genuínas, sendo que ambas não podem ser verdadeiras. Lembre que as contrárias são proposições que diferem em qualidade (afirmativa/negativa) e são totais em quantidade,

ou

necessárias

em

modalidade.

Entre

as

contrárias,

não

podem ser ambas verdadeiras, mas ambas podem ser falsas.

Contanto que Y seja materialmente verdadeira, Z e X' serão validamente

opostas

como

subcontrárias

mediatas,

sendo

que

ambas

não podem ser falsas. Lembre que as subcontrárias são proposições que diferem em qualidade e são parciais em quantidade, ou contingentes

em
modalidade.
Entre
as
subcontrárias,
ambas
não
podem
ser falsas e ambas podem ser verdadeiras.

A
oposição
mediata
é
fonte
frequente
de
falácias
porque
os
contestantes
normalmente
desconhecem
as
regras
formais
para

a
determinação
de
sua
validade,-
tampouco
atentam
conscientemente

para a terceira proposição (Y), a qual cada uma de suas alegações está relacionada e em virtude da qual estão opostas mediatamente

/<So - *O Imiiriu*

(tanto quanto em qualquer entimema, a premissa omitida à qual não for feita referência será fonte freqüente de falácia). Os termos de Y

devem ser repugnantes. Lembre que “repugnante” significa que os termos são incompatíveis. Cada termo simboliza uma realidade que exclui o outro termo.

O exemplo a seguir mostra quão fundamental para a oposição mediata genuína é a regra que diz que Y deve ser materialmente verdadeira.

EXEMPLO: Y deve, necessariamente, ser materialmente verdadeira X

João
estava
em
Curitiba
no
último
domingo.
X'
João

não
estava
em
Curitiba
no
último domingo.

Y Um homem que estava em Curitiba no último domingo não poderia ter estado em Salvador no último domingo.

Z João não estava em Salvador no último domingo. Z' João estava em Salvador no último domingo.

Se João fosse acusado de um crime cometido em Curitiba no último domingo, este raciocínio poderia estabelecer um álibi, desde que Z' pudesse ser provada? Temos aqui um silogismo válido,- mas para que X e Z' sejam validamente opostas como contrárias mediatas, é necessário também que Y seja materialmente verdadeira. Y seria materialmente verdadeira há cem anos, mas não atualmente,- logo, X e Z'

não são validamente opostas como contrárias mediatas genuínas, mas simplesmente assim aparentam ser, e ambas podem ser verdadeiras.

A fonte de muitas falácias no uso diário da oposição mediata é a suposição falsa e subentendida de que os termos não comuns às proposições

opostas
mediatamente
são
termos
mutuamente
exclu-
sivos. Por exemplo, uma pessoa diz “Maria é formada em Direito”.
Uma outra retruca “Isso não é verdade,- ela é formada em Filosofia”.
Nenhum

dos

contestantes

atenta

para

o

raciocínio

completo

e

ex-

plícito, o qual é explicado na ilustração a seguir.

ILUSTRAÇÃO: Y deve, necessariamente, ser materialmente verdadeira

X Maria é formada em Direito. X' Maria não é formada em Direito.

Y Quem quer que seja formado em Direito não pode ser formado em Filosofia.

Z Maria não é formada em Filosofia.

Z' Maria é formada em Filosofia.

De pronto vemos que, apesar de o silogismo ser válido, Y não é materialmente verdadeira. Portanto, X e Z' podem ser ambas verdadeiras, e X' e Z podem ser ambas falsas. Na verdade, Maria é formada em Direito e também em Filosofia. Ocorre que cada O *Silogismo Simples* - i<S

contestante só sabe de uma das formações de Maria e não da outra. Neste, como em muitos raciocínios quotidianos, não há uma oposição genuína, pois ambos os contestantes estão certos. Uma compreensão disto e um conhecimento das regras de oposição mediata evitariam muita discussão fútil e desnecessária. Isto se aplica a muitas das discussões acerca da ortografia e pronúncia das palavras, pois o dicionário apresenta muitos exemplos nos quais duas ou mais formas são válidas.

UTILIDADE OU VALOR DO SILOGISMO

As várias formas e combinações do silogismo discutidas neste capítulo são úteis apenas se o próprio silogismo for um meio pelo qual a mente possa

avançar no conhecimento. John Stuart Mill e outros empiristas ingleses especialistas em lógica criticaram o silogismo, argumentando que a conclusão já está contida na premissa maior e tem de ser conhecida antes que a premissa maior possa ser declarada,- e que, portanto, toma a questão como provada ao assumir a forma mesma da proposição a ser provada,- e que, portanto, isso não representa um avanço no conhecimento.’

Uma refutação ao argumento dos empiristas é que, enquanto este pode ser verdadeiro a respeito de um silogismo cuja premissa

maior

é

uma

mera

proposição

empírica

enumerativa

da qual a conclusão tem de ser conhecida antes que a premissa maior possa ser declarada, nunca é verdadeiro quando a respeito de um silogismo cuja premissa maior é uma proposição geral, pois a veracidade de uma proposição geral é conhecida não pela contagem, adição e reunião das instâncias, mas a partir de uma análise de cada um dos termos em relação a outro,- sua veracidade não depende da investigação dos fatos individuais, pois é entendido em sua intensão e não em sua extensão. Em outras palavras, os termos são entendidos por seus significados em vez de por suas aplicações.

‘ John Stuart Mill (1806-18/3) expôs seu argumento na obra *System of Logic*, publicada em 1843.

182 - O Irii’iin/

EXEMPLO: Silogismo no qual a premissa maior é uma proposição empírica enumerativa Todo carro novo produzido para o mercado americano tem airbags.

O carro novo da família Smith foi produzido para o mercado americano.

.'.O carro novo da família Smith tem airbags.

EXEMPLO: Silogismo no qual a premissa maior é uma proposição geral Um homem cego não poder apitar um jogo de futebol.

Tom Jones é um homem cego.

Tom Jones não pode apitar um jogo de futebol.

O segundo silogismo não toma a questão como provada, pois a conclusão, isto é, a proposição a ser provada, não está implícita na premissa maior nem na premissa menor, mas na conjunção das duas premissas.

O silogismo é um avanço no conhecimento porque sua conclusão é uma verdade distinta da de cada uma das premissas, que é tornada aparente somente por sua conjunção.

E uma experiência comum que uma pessoa tenha conhecimento de apenas uma das premissas e que, ao tomar conhecimento da segunda, reconheça a veracidade da conclusão que emerge num ato espontâneo de raciocínio silogístico. Por exemplo, alguém pode já saber que “Um pássaro não é um mamífero”. Mas esse alguém pode ainda não saber que “Um morcego é um mamífero”. A conclusão

“Um morcego não é um pássaro” lhe será, então, não apenas um elemento de

conhecimento

distintamente

novo,

mas

o

contraditório-

rio daquilo que essa pessoa até então acreditava, ou seja, que “Um morcego é um pássaro”.

E possível ir ainda além na refutação do argumento de J. S. Mill se observarmos que até mesmo a conclusão a partir de duas premissas empíricas às vezes representa um avanço no conhecimento, que nasce a partir da conjunção das premissas. Este é o meio por excelência para criar

suspense e despertar o interesse em muitas narrativas romanceadas ou em partes delas. Por exemplo, no livro de Nathaniel Hawthorne, *A Casa das Sete Torres*, o leitor sabe que a família Maule era hostil à família Pyncheon, pois Matthew Maule amaldiçoara

o

coronel

Pyncheon

e

seus

descendentes

depois

que o coronel Pyncheon o perseguira. O leitor sabe também que

■ Título original. *The House of the Seven Gables* (TMcs. Nathaniel Hawthorne (1804-1864) foi autor também de outros romances famosos, incluindo *A Letra Escarlate*. Publicou também contos, tais como “Young Goodman Brown” e “My Kinsman Major Molineux”.

O óiolo^iSDK) Ôiniplcs -

Holgrave está interessado em Phoebe Pyncheon. Mas vem como uma surpresa, como um avanço no conhecimento, a descoberta, ao fim da estória, de que Holgrave é um Maule. A situação pode ser expressa assim:

Os Maule não têm amor pelos Pyncheon.

Holgrave é um Maule.

Holgrave não amará uma Pyncheon.

Todavia, seres humanos vivos, ainda que racionais, não são completamente governados

pela

lógica

fria,

especialmente

aque-

la de uma maldição proferida por um antepassado, mas também pela emoção e pelo discernimento independente. Assim, os enamorados desconsideram a premissa maior e põem um fim à rixa entre as famílias.

Um outro exemplo está em *Um Conto de Duas Cidades*, 9 de Charles Dickens,”

nele,

o

personagem

dr.

Manette

sabe

que

Charles

Darnay, um jovem a quem ele admira e por quem tem afeição, deseja se casar com Lucie Manette, sua filha. Ele sabe também que a família Evermonde o prejudicou gravemente. Mas quando ele descobre o verdadeiro nome de família de Charles Darnay, essas proposições separadas e previamente conhecidas unem-se no perturbador sorites formado por dois silogismos:

Minha filha ama Charles Darnay.

Charles Darnay é um Evermonde.

Os Evermonde me prejudicaram gravemente.

Minha filha ama alguém que é de uma família que me prejudicou gravemente.

O dr. Manette finalmente consente em que Charles Darnay se torne seu genro, mas é tão grande o choque emocional provocado por esse novo conhecimento nascido da conjunção de premissas, que o dr. Manette temporariamente perde o uso da razão.

Outros

exemplos

poderiam

ser

apresentados

indefinidamente,

te, tanto da literatura quanto da vida real: casos de identidade trocada, de confirmação de um álibi perante um tribunal e assim por diante. 11

11 Título original-. *A Tiro Cilés*. (N. T.)

Charles Dickens (1812-1870) foi autor de outras obras famosas: *David Copperfield*, *Great Expectations*, *A Christmas Carol* e *Oliver Twist*.

O SILOGISMO COMO UMA FÓRMULA OU REGRA DE INFERÊNCIA

Um silogismo válido, assim como qualquer outra relação de formas proposicionais,

é

uma

fórmula

ou

regra

de

inferência

que

requer

que uma dada afirmação deva ser feita se determinadas outras afirmações forem feitas. Contanto que o silogismo seja válido, ele opera como uma regra de inferência.

Regra 1. Se ambas as premissas forem verdadeiras, a conclusão será, necessariamente, verdadeira.

Regra 2. Se a conclusão for falsa, pelo menos uma das premissas será, necessariamente, falsa.

Juntas,

as

premissas

constituem

uma

conjunção de proposições. Por isso, quando uma for falsa, a conjunção será falsa.

Regra 3. Se uma ou ambas as premissas forem falsas, o valor da conclusão é desconhecido.

EXEMPLOS; Silogismos com premissas falsas

1

2

0 Todos os quadrados são círculos.

0 Todos os quadrados são círculos.

1 Nenhum círculo é um triângulo.

Nenhum círculo é um retângulo.

1 Nenhum quadrado é um triângulo.

0 Nenhum quadrado é um retângulo.

Uma vez que em ambos os exemplos uma das premissas é falsa, e considerando que em um deles a conclusão é verdadeira, enquanto no outro, é falsa, fica evidente que se as premissas forem falsas o valor da conclusão será desconhecido através da forma, ainda que possa ser conhecido a partir da matéria.

Regra 4. Se a conclusão for verdadeira, o valor das premissas é desconhecido.

Regra 5. Se uma ou ambas as premissas forem prováveis, a conclusão pode ser somente provável, não pode ser categoricamente verdadeira ou falsa.

Regra 6. Se a conclusão for provável, o valor das premissas é desconhecido, pois no primeiro exemplo que ilustra a *Regra 3* a conclusão é verdadeira e uma das premissas é falsa, enquanto em todo silogismo perfeito, tanto a conclusão quanto as premissas são verdadeiras. Por isso, quando a conclusão for verdadeira, o valor das premissas não pode ser conhecido através da forma, mas aprendido a partir da matéria.

As duas primeiras regras são as mais importantes. As *Regras 3 a 6* estão implícitas nas *Regras 1 e 2*.

REGRAS

ESPECIAIS

DAS

QUATRO

I

IGI

RAS

DO

SIEOGISMO

Como já foi declarado anteriormente neste capítulo, um entendimento das regras gerais do silogismo, particularmente aquelas da distribuição, é suficiente para determinar a validade de qualquer silogismo.

Todavia, é um bom exercício lógico aplicar as regras gerais a cada figura abstratamente, a fim de determinar as regras especiais para cada uma. É mais fácil entender as regras para a Figura II e, portanto, é por ela que começaremos.

Regras Especiais para a Figura II

S ____ M

Considerando que o termo médio, o qual deve ser distribuído ao menos uma vez, é predicado em

P ____ M

ambas as premissas e de

sde que somente uma

proposição negativa distribui formalmente o seu

S ____ P

predicado, a primeira regra fica logo aparente:

Regra Especial 1. Uma premissa precisa ser negativa a fim de distribuir M (em concordância com a *Regra 3*).

Desta, deriva uma segunda regra especial. Visto que a conclusão será negativa (*Regra 5*), o termo maior P será lá distribuído e deverá, conformemente, ser também distribuído em sua própria premissa (*Regra 4*), mas lá está como sujeito, e considerando que somente uma proposição total ou necessária distribui o seu sujeito, a segunda regra especial é:

Regra Especial 2. A premissa maior precisa ser total ou necessária a fim de evitar um processo ilícito do termo maior.

186 - O Triviii

Aplicando essas regras especiais às nove combinações de premissas permitidas pelas regras gerais, descobrimos que os modos válidos na Figura II, com a premissa menor em primeiro, são AEE, EAE, IEO e OAO.

Negras Especiais para a Figura I

S ____ M

Ao considerar a posição dos termos, não vemos de imediato, tal como o fizemos na Figura II, que

M ____ P

regra especial é necessária, pois o raciocínio é indireto, ou seja, pela refutação do contraditório

S ____ P

da regra especial.

Regra Especial 1. A premissa menor precisa ser afirmativa.

A necessidade desta regra torna-se clara ao considerarmos o que resultaria se a premissa menor fosse negativa: a conclusão seria então também negativa (*Regra 6*) e, conseqüentemente, o termo maior P lá se distribuiria e teria então de ser também distribuído em sua própria premissa (*Regra 4*), onde ocupa a posição de predicado,- a premissa maior teria então de ser negativa, já que somente uma proposição negativa distribui o predicado. Mas nós já tínhamos tomado como certo que a premissa menor é negativa, e de duas premissas negativas não se pode tirar qualquer conclusão.

Portanto, a fim de evitar, de um lado, um processo ilícito do termo maior e, de outro, a falácia formal de duas premissas negativas, é óbvio que a premissa menor precisa ser afirmativa. Disto decorre a segunda regra especial:

Regra Especial 2. A premissa maior precisa ser total ou necessária a fim de evitar um termo médio não-distribuído.

Visto que na Figura 1 a premissa menor precisa ser afirmativa, o termo médio M, como seu predicado, lá não poderá ser distribuído pela forma (ainda que, se for uma definição, o termo será distribuído pela matéria),- nesta figura, portanto, M pode ser distribuído formalmente (*Regra 3*) somente como sujeito da premissa maior, a qual, conseqüentemente, precisa ser total ou necessária porque somente essas distribuem o sujeito.

Aplicando estas regras especiais, descobrimos que os modos válidos desta figura são AAA, AEE, 1AI e IEO.

O Silogismo Simples - 187

Regras Especiais para a Figura III

M _____ S Uma vez que nesta figura, assim como na Figura I,

o termo maior é predicado na premissa maior,

M _____ P segue a mesma regra especial e pelas mesmas razões,

as quais não precisam ser aqui repetidas.

S _____ P

Regra Especial 1. A premissa menor precisa ser afirmativa.

Regra Especial 2. Esta decorre da primeira regra. Uma vez que a premissa menor precisa ser afirmativa, o termo menor S, seu predicado, lá é formalmente não-distribuído e deve, do mesmo modo, ser não-distribuído na conclusão (*Regra 4*), onde está como sujeito. Mas apenas as proposições parciais e contingentes têm o sujeito não-distribuído, ■ portanto, a conclusão precisa ser parcial ou contingente.

Aplicando estas regras especiais, descobrimos que os modos válidos da Figura III são AAI, AH, 1A1, AEO, AOO e IEO.

Regras Especiais para a Figura IV

Apesar de Aristóteles conhecer a Figura IV tanto ele como os especialistas em lógica da Renascença discutiram apenas as primeiras três figuras.

Todavia, a Figura IV foi tratada na lógica por um longo tempo. Não é uma figura muito satisfatória, sendo instável no sentido de que suas regras são uma série de “ses”, duas das quais (sem o se) foram discutidas em relação a outras figuras.

M _____ S

P _____ M

S _____ P

Regra Especial 1. Se a premissa maior for afirmativa, a menor precisa ser total ou necessária.

Se a premissa maior for afirmativa, o termo médio M, seu predicado, é formalmente não-distribuído na premissa maior e precisa ser distribuído na menor (*Regra 3*); mas lá ocupa a posição de sujeito, e já que apenas uma proposição total distribui o sujeito, a premissa menor precisa ser total ou necessária.

Regra Especial 2. Se a menor for afirmativa, a conclusão precisa ser parcial ou contingente. Ver *Regra Especial 2* da Figura III.

<S<S' - O Tnriuiu

Regra Especial 3. Se a conclusão for negativa, a premissa maior precisa ser total ou necessária. Ver *Regra Especial 2* da Figura II.

Aplicando estas regras especiais, descobrimos que os modos válidos da Figura IV são AA1, EAE, AI1, AEO e 1EO.

COMPARAGÃO

DAS

QUATRO

FIGURAS

DO

SILOGISMO

A **Figura I** é chamada de figura perfeita porque apenas ela é capaz de produzir uma proposição total ou necessária como conclusão.

Tais conclusões são a meta da ciência, da filosofia e de todo conhecimento geral, pois proposições negativas, parciais ou contingentes normalmente expressam limitações do conhecimento em vez de aperfeiçoamentos deste. O modo perfeito da figura perfeita é, portanto, o Modo AAA na Figura I.

A Figura I é também chamada de figura perfeita porque é só nela que o termo médio realmente está na posição média e natural,-

somente nela há a síntese natural dos termos dados nas premissas mesmas. Ela representa o movimento espontâneo e natural do pensamento no processo de raciocínio. Na Figura I o *dictum*, o princípio fundamental do raciocínio silogístico, tem aplicação imediata e óbvia, pois assim como o

termo maior é afirmado (ou negado) acerca do termo médio, o todo lógico, também é afirmado (ou negado) acerca do termo menor, a parte lógica.

Note que neste livro a premissa menor vem sendo posicionada como a primeira e isto porque (1) fica mais claramente evidente que o termo médio está no meio (S__ M, M__R logo, S__ P); (2) corresponde mais de perto à nossa experiência, pois nós nos inte-ressamos primeiro por um objeto em particular, depois o colocamos numa classe, talvez após um exame cuidadoso (Este é um cogumelo venenoso e não um cogumelo comestível), juntamos a ele o que sabemos dessa classe (Cogumelos venenosos são fungos venenosos) e disto tiramos uma conclusão (Isto é venenoso e eu não devo comê-lo) - a segunda conclusão compondo com esta, pela premissa implícita (O que for venenoso eu não devo comer), dois silogismos,-

(3) este é o movimento natural do pensamento, como fica evidente a partir do fato de que consideramos os sorites aristotélicos, os quais situam a premissa menor em primeiro lugar, muito mais confortáveis do que os sorites goclenianos, que, por sua vez, colocam a premissa () *Siipismo Simples* -

maior em primeiro. E é verdade que certos argumentos parecem mais satisfatórios com a premissa maior em primeiro lugar, enquanto outros, com a menor em primeiro. No que tange à validade ou correção formal, não faz diferença qual premissa é colocada primeiro.

A Figura II, exceto quando uma premissa for uma definição, pode produzir apenas conclusões negativas. E, portanto, particularmente apropriada à refutação.

A Figura III é a figura mais fraca porque, exceto quando uma premissa for uma definição, ela pode produzir apenas uma conclusão que será parcial, singular ou contingente. E apropriada a provar exceções.

A Figura IV, cujas premissas são opostas às da Figura I, é tão artificial quanto ao movimento do pensamento que dá à mente menos satisfação e menos sentido de convicção, enquanto a primeira figura dá o máximo no que tange a esses dois aspectos.

RIÍDUCÃO 1)1 SILOGISMOS

Este é um exercício engenhoso, mas de pouca importância prática. A redução é um processo pelo qual um silogismo em uma das figuras

imperfeitas (II, III ou IV) é expresso como um silogismo da primeira figura, a qual é chamada de figura perfeita.

O propósito da redução é demonstrar a validade de uma figura imperfeita como processo formal de raciocínio ao mostrar que um argumento levado adiante de acordo com as regras de uma figura imperfeita é válido na figura perfeita.

São duas as suposições da redução: que as premissas da figura imperfeita são verdadeiras tal como dadas e que a primeira figura (ou figura perfeita) é formalmente válida.

As séries mnemônicas a seguir são um engenhoso artifício medieval que enumera os dezenove” modos válidos das quatro figuras, indicando os métodos para reduzir os modos das figuras imperfeitas aos modos correspondentes da figura perfeita.

Barbara, Celarent, Darii, Ferio, *cjue priorts*,

Cesare, Camestres, Festino, Baroco, *secuudae*.

Tertia Darapti, Disamis, Datisi, Felapton

Bocardo, Ferison *babet*, *Quarta insuper addil*

Bramantip, Camenes, Dimaris, Fesapo, Fresison.

” Apesar de em outras partes deste livro o número de modos válidos ser apontado como onze, esta lista inclui duplicatas dos modos que são válidos em mais de uma figura.

190 - *O trívium*

M o P
M a S
S o P

M a P
S a M
S a P

A chave para as séries mnemônicas é que as vogais indicam o modo nesta ordem tradicional premissa maior, premissa menor, conclusão. B, C, D, F indicam a qual modo correspondente da primeira figura serão reduzidos os modos das outras figuras,- s (*simpliciter*) significa que a proposição indicada pela vogal precedente será convertida simplesmente,- p (*per accidens*) significa que a proposição indicada pela vogal precedente precisa ser convertida por limitação (A em I e, em um caso, I em A, ou seja, Bramantip em Bárbara),- m (*muln*) significa que as premissas devem ser transpostas,- c (*per contriidiictoriiui proposilioiieem*) significa que a redução será indireta, por refutação de uma conclusão contraditória num silogismo da primeira figura,- r, b, l, n, t, d não têm significação.

ILUSTRAÇÃO: Redução (Camestres a Celarent): (a a b)

Camestres decodificada significa:

a Todos os círculos são curvilíneos.

P a M

m - Transpor as premissas.

Nenhum quadrado é curvilíneo.

S e M

s - Converter simplesmente.

Nenhum quadrado é um círculo.

SeP s - Converter simple smente.

b

Nenhuma

figura

curvilínea

é

um

quadrado.

M

e

P

Todos os círculos são curvilíneos.

S a M

Nenhum círculo é um quadrado. SeP

ILUSTRAÇÃO: Redução (Bocardo a Barbara): (a a b)

Bocardo decodificada significa: c - Mostra que a conclusão de um silogismo correspondente na Figura I contradiz uma premissa dada como verdadeira na Figura III. O método é: A partir de Barbara, usando como premissas a A de Bocardo e a contraditória de sua conclusão, extrai-se a conclusão implícita nestas premissas.

a Alguns leões não são mansos.

Todos os leões são animais.

Alguns animais não são mansos.

b Todos os animais são mansos.

Todos os leões são animais.

Todos os leões são mansos.

Esta conclusão em Barbara, uma vez que é a contraditória da premissa O de Bocardo, a qual foi dada como verdadeira, precisa ser falsa.

Mas Barbara é aceita como um processo válido de raciocínio. Portanto, o erro deve estar na matéria, já que não está na forma,- pois se a conclusão de um silogismo válido for falsa, ao menos uma das premissas precisa ser falsa. Mas a premissa menor de Barbara, emprestada de **O Silogismo Simples - kji**

Bocardo, é dada como verdadeira,- logo, a premissa maior de Barbara precisa ser falsa. Uma vez que esta premissa maior é a contraditória da conclusão de Bocardo, esta conclusão precisa ser verdadeira.

Thomas Fuller (1608-1661), em “The General Artist”,¹² observa os muitos usos da lógica:

A lógica é a armadura da razão, guarnecida de armas ofensivas e também de defensivas. Há silogismos, espadas longas,- entimemas, adagas curtas,-

dilemas, espadas de dois gumes, cortantes nos dois lados,- sorites, palanquetas.” E para a defesa, distinções, feito escudos,- retorções,¹⁴ as quais são como alvos com uma lança no meio deles, tanto para defender como para atacar.

EXERCÍCIOS

Examine os raciocínios a seguir. Expanda aqueles que estão abreviados. Para cada um, determine (1) o tipo, (2) a figura, (3) o modo, (4) a validade, (5) a falácia, se houver.

O coral é usado em joalheria. O coral é um animal com carcaça.

Assim, alguns animais com carcaça são usados em joalheria.

Todos os seres humanos são inteligentes. Todos os seres humanos são finitos. Logo, todos os seres inteligentes são finitos.

Rita é uma tia porque ela tem uma sobrinha.

Um cavalo é um mamífero. Um mamífero é um vertebrado. Um vertebrado é um animal. Um animal tem percepção sensível. Logo, um cavalo tem percepção sensível.

Ele teve uma educação liberal, pois ele está, tão completamente quanto um homem possa estar, em harmonia com a Natureza.

-T. H. Huxley, *A Liberal Education*

12 Thomas Fuller, “The General Artist”, *Thx Holy Shile iwd tbe Profane State*. Ed. Maximilian Walter. Nova York, A. M. S. Press, 1966, p. 73.

11 Palanqueta: bala de canhão encadeada,- projétil composto por duas esferas ou semi-esferas de ferro unidas por uma corrente ou haste. (N. T.)

11 A retorção é um tipo de refutação, ou réplica, que faz com que os argumentos do adver-sário se voltem contra ele próprio. (N. T.)

192 - O “*Jrívium*”

Ovos escurecem a prata, pois eles contêm enxofre. Ovos escurecem estas colheres. Logo, há alguma quantidade de prata nestas colheres.

Alguns políticos recebem propinas. Todos os que recebem propinas são desonestos. Todos os desonestos são uma ameaça à sociedade.

Pessoas que são uma ameaça à sociedade deveriam ser punidas pela lei.
Portanto, alguns políticos deveriam ser punidos pela lei.

O presente é a única coisa da qual o homem pode ser privado, pois essa é a única coisa que ele tem, e um homem não pode perder algo que não tem.

- Marco Aurélio, *Meditações*

Três vezes eu ofereci-lhe a coroa

A qual ele três vezes recusou.

Seria isso ambição?

— *Júlio César*

Um balão cheio de hélio subirá, pois o hélio é mais leve do que o ar.

Este balão não sobe. Portanto, este balão não está cheio de hélio.

Raios de luz são raios de energia, pois eles produzem uma imagem

de

um

objeto

obstruinte

sobre

um

filme

fotográfico.

Raios

emitidos pelo urânio se assemelham a raios de luz no que tange à produção de uma imagem de um objeto obstruinte sobre um filme fotográfico.

Assim,

raios

emitidos

pelo

urânio
são,
provavelmen-
te, raios de energia.

— Henri Becquerel

Olívia. Y'are servant to the Count Orsino, youth.

Cesario. And he is yours, and his must needs be yours.

Your servant's servant is your servant, madam.

— *Tioelftb Nijibi*

O propósito específico para o qual existe uma instituição de ensino superior

é

o

desenvolvimento

das

virtudes

intelectuais.

O

desenvolvimento

das

virtudes

intelectuais

exige

honestidade

inte-

lectual.

Quaisquer
que
sejam
as
exigências,
a
honestidade
intelec-

tual é incompatível com a fraude. Portanto, o propósito específico para o qual existe uma instituição de ensino superior é incompatível com a fraude.

Flavius. Have you forgot me, sir?

Timon. Why dost thou ask that? I have forgot all men.

Then, if thou grant'st th'art a man, I have forgot thee.

- *Timon of Athens*

Uma mentira é intrinsecamente má, pois é a perversão de uma faculdade natural. O que quer que seja intrinsecamente mau, jamais poderá ser justificado, pois não pode se transformar em bom por qualquer circunstância extrínseca. Assim, uma mentira nunca poderá ser justificada.

Isso não podemos suportar. Melhor morrer, pois a morte é muito mais suave do que a tirania.

- Esquilo, *Ajumenou*

A morte certamente, assim como a vida, a honra e a desonra, a dor e o prazer, são todas coisas que acontecem igualmente a homens bons e maus, sendo, então, coisas que não nos tornam nem melhores, nem piores. Portanto, não são nem boas nem más.

- Marco Aurélio, *Meditações*

Seriedade é gravidade. Gravidade é uma lei da natureza. Logo, a seriedade é uma lei da natureza.

/Q4 - () iriviltiii

8 RELAÇÕES DE PROPOSIÇÕES

HIPOTÉTICAS E DISJUNTIVAS

PROPOSIÇÕES HIPOTÉTICAS

Uma proposição hipotética é aquela que afirma a dependência de uma proposição a outra. Exemplo: Se um homem beber veneno, ele morrerá. Normalmente é uma proposição *se...então*; u *menos* *cfne*, significando *d nio ser* *cjne*, *contiinlo cjue* e, às vezes, *^uiiiílo*, também poderá expressar esta relação. A proposição que depende da outra é chamada de conseqüente,- a proposição da qual a outra depende é chamada de antecedente. A dependência mesma é o nexos, o qual é a conexão, o elo entre as proposições.

A

proposição

hipotética

expressa

uma

relação

de

proposições,

enquanto

a

proposição

simples

expressa

uma

relação

de

termos.

Uma

relação
de
proposições
expressa
uma
relação
condicional
de
dependência
e,
portanto,
de
limitação,
enquanto
a
proposição
ca-

tegórica simples expressa, sem limitação, uma relação entre um sujeito e um predicado.

Uma vez que uma proposição hipotética expressa uma dependência que é primeiramente de ordem lógica, a antecedente será mais corretamente chamada de razão, em vez de causa, da conseqüente. Uma razão é a relação na ordem lógica, enquanto uma causa é, estritamente falando, uma relação na ordem metafísica. Assim, a existência do mundo é uma razão para crer em Deus, mas não é uma causa da Sua existência,-

pelo contrário, o mundo é um efeito da Sua existência.

I ipos de Proposições I lipotélicas

Há dois tipos de proposições hipotéticas: o de três termos e o de quatro termos.

1. No tipo de três termos, sendo um termo comum à antecedente e à conseqüente, a fórmula é: Se S é M, então é P Se você estudar, você aprenderá.

2. No tipo de quatro termos, onde nenhum termo é comum à antecedente e à conseqüente, a fórmula é: Se B é C, então D é E.

Se ele vier, eu irei.

lyclítcòcs de Proposições J li/iotel/cus e Disjuilivíis - /çç

Red lição de Proposições I lipoleticas

A proposição hipotética pode ser reduzida a uma proposição categórica e vice-versa, mas normalmente isso envolve uma mudança de significação ou uma distorção de significado. A distorção ocorre especialmente na redução do segundo tipo. Caso não houvesse qualquer outra diferença, exceto na forma, não haveria justificativa real para

considerar

as

proposições

categóricas

e

hipotéticas

como

ti-

pos

distintos

logicamente

em

vez

de

distintos

apenas

verbalmente.

Uma proposição hipotética genuína é aquela na qual a dependência entre

a

antecedente

e

a

consequente

não

pode

ser

adequadamente

expressa

em

forma

categórica,

ou

aquela

na

qual

tal

dependência

persiste mesmo na forma categórica.

Fórmula para a Redução de Proposições Hipotéticas

1. O primeiro tipo: Se S é $/VI$, *então é P* transforma-se em S/VI é P .

2. O segundo tipo: Se B é C, então D é E transforma-se em BC é DE.

1. Se um homem beber veneno, ele morrerá.
2. Se um homem for virtuoso, ele será recompensado.
3. Se ela esteve presente à reunião de calouros na semana passada, ela é uma cidadã americana.
4. Se você não devolver o livro à biblioteca em tempo, será multado.
5. Se uma criança for mal na escola, a mãe sofrerá.

Proposições categóricas

1. Quem quer que beba veneno morrerá.
2. Um homem virtuoso será recompensado.
3. Todos os que estiveram presentes à reunião de calouros na semana passada são cidadãos americanos.
4. A sua falha em devolver o livro à biblioteca em tempo é a causa da multa que lhe foi imposta.
5. Uma criança ir mal na escola é causa de sofrimento para a mãe.

E de se notar que todos esses exemplos, exceto o último, representam o primeiro tipo: SM é P Os dois primeiros sofrem pequena distorção,- já os dois últimos sofrem mais, e é especialmente neles que a dependência entre antecedente e conseqüente persiste e é sentida mesmo na forma categórica, pois a causalidade é a relação expressa em ambas as formas.

De maneira também bastante clara, a natureza categórica da terceira persiste e é sentida quando é expressa em forma hipotética,

- () *Im inui*

pois sua antecedente não é a razão da conseqüente, nem uma depende da outra. Esta é uma proposição empírica, à qual a forma categórica é natural.

A

natureza

composta

de

todas

essas

proposições

(especialmente

o exemplo categórico 2, “Um homem virtuoso será recompensado”) torna-se óbvia se relembramos que modificação gramatical é predicação lógica implícita,- portanto, cada um desses exemplos é uma conjunção

de

proposições,

e

não

uma

proposição

simples.

Porém,

não é tampouco uma conjunção simples, mas uma que expressa uma relação de dependência. Deste modo, apesar de a proposição hipotética ser composta e poder ser reduzida a suas proposições simples componentes ou a uma proposição simples com termos compostos, ela representa uma espécie de juízo, um tipo particular de relação entre proposições e não meramente entre termos, e assim merece ser tratada como uma forma lógica distinta.

Características especiais de proposições injutivas

VERACIDADE OII FALSIDADE

A

proposição

hipotética

não

declara

qualquer
uma
das
proposições
simples componentes como verdadeira ou
falsa,- ela apenas afirma
que uma depende da outra, que há um nexó entre elas. Logo, uma proposição
hipotética
é
verdadeira
quando
o
nexo
se
sustenta
na
ordem real,- e será falsa quando isso não ocorrer.

**EXEMPLOS: Proposições hipotéticas e dependência da veracidade do
nexo** r Se um homem beber veneno, morrerá. (Verdadeira)

Se um homem beber água, morrerá. (Falsa)

QUALIDADE

A proposição hipotética é sempre afirmativa no sentido de que sempre
afirma o nexó, isto é, a conexão de suas proposições componentes

simples,-
estas,
todavia,
se

tomadas

separadamente,

podem

ser ambas afirmativas, ambas negativas, ou uma pode ser afirmativa e a outra, negativa.

EXEMPLOS: Proposições hipotéticas sempre afirmativas

Se você parar de comer, morrerá.

Se você não comer, morrerá.

Se você não comer, não viverá.

Se você parar de comer, não viverá.

de l'ri>i>iKÍçi'/i's d Hi>otidiciis e 1)isjmild'iis - ii)~

Uma proposição que nega uma proposição hipotética nega o nexos, ainda que uma tal proposição não seja realmente uma proposição hipotética, pois ela não afirma a dependência entre uma proposição e outra, mas nega tal dependência.

Proposição

hipotética

e

sua

contraditória

Se um homem beber água, morrerá.

Se um homem beber água, não morrerá.

Tomada em relação à primeira proposição, que é falsa, a segunda, a sua negação (contraditória), é verdadeira,- mas, tomada isoladamente, a segunda não é verdadeira, pois por beber água um homem não deixa de morrer. Não obstante, em relação a uma dada proposição, tais negações provêm a mudança de qualidade necessária à oposição e educação de proposições hipotéticas.

Proposições Dijunti vas

Uma proposição disjuntiva é aquela que afirma que de duas ou mais suposições, uma é verdadeira. É uma proposição do tipo *um ou outro*.

Tipos de Proposições Disjuntivas

Há três tipos representados pelas fórmulas a seguir. A primeira é o tipo mais importante.

1. $S \text{ é } P \text{ ou } Q \text{ ou } R$.

EXEMPLOS Primeiro tipo de proposição disjuntiva

Um triângulo é equilátero, ou isósceles, ou escaleno.

Um retângulo é quadrado ou oblongo.

Este tipo de proposição disjuntiva é

normalmente um su-

mário dos resultados de uma divisão lógica de um gênero em suas espécies constituintes e atende às mesmas regras, pois as alternativas

são

(1)

coletivamente

exaustivas,

(2)

mutuamente

exclusivas, (3) espécies resultantes da divisão de acordo com uma única base.

/yS 'OIriviiim

2. $S \text{ ou } T \text{ ou } U \text{ é}$

EXEMPLO: Segundo tipo de proposição disjuntiva

A bolsa de estudos será concedida ou a João, ou a Helena, ou a Henrique.

3. $B \text{ é } C \text{ ou } D \text{ é } E$

EXEMPLOS: Terceiro tipo de proposição disjuntiva

Ou o homem cometeu suicídio, ou alguém o assassinou.

Ou o capitão falhou em dar a ordem, ou o soldado falhou em obedecê-la.

Redução de Proposições Disjuntivas

Uma proposição disjuntiva que tenha duas alternativas pode ser expressa numa proposição hipotética que negue uma alternativa e afirme a outra.

EXEMPLOS: Redução de proposição disjuntiva a proposições hipotéticas Se este homem não cometeu suicídio, alguém o assassinou.

Se um retângulo é quadrado, não é oblongo. (Se S é M, não é P).

A redução poderá ser levada ainda mais adiante, pela redução da proposição hipotética a uma proposição simples (SM___ P).

EXEMPLOS: Redução de disjuntiva convertida a uma proposição simples Um retângulo que seja um quadrado não é oblongo. (SM_eP)

Um retângulo não-quadrado é oblongo. (SM'_aP)

Se uma proposição disjuntiva tiver mais do que duas alternativas, poderá, é verdade, ser expressa numa proposição hipotética, mas, nesse caso, a consequente será disjuntiva. Exemplo: Se um triângulo não for equilátero, será isósceles ou escaleno.

Características Especiais das Proposições Disjuntivas

VERACIDADE OU FALSIDADE

Uma proposição disjuntiva é estritamente verdadeira se enumerar todas as possibilidades, isto é, se as alternativas forem mutuamente exclusivas e coletivamente exaustivas. De outro modo, estritamente falando, será falsa.

Relações de Proposições 'I hipotéticas e 1)isjuntivas -

igg

Assim, o propósito estrito da proposição disjuntiva de qualquer tipo é o de limitar a escolha de alternativas, de modo que, se uma for verdadeira, qualquer outra será, necessariamente, falsa.' Somente sob esta condição é que ela serve como instrumento de raciocínio na direção do verdadeiro. E esta limitação de escolha que torna a proposição disjuntiva distinta da hipotética e da categórica. Ela é em si mesma uma conjunção de proposições

simples unidas pelo *ou*, mas não uma conjunção simples, pois a série de alternativas é fixa,-

acrescentar ou subtrair falsificaria a série.

No discurso comum ou habitual, a proposição disjuntiva é freqüentemente usada livremente, sem o propósito disjuntivo estrito, ainda que este propósito esteja muitas vezes presente no contexto, a despeito de estar ausente da proposição mesma. Por exemplo: O

pacote está na sala de estar ou na sala de jantar.

Esta proposição não parece esgotar as possibilidades, mas assim o fará se o contexto na mente de quem fala for este: Uma vez que eu tinha o pacote quando entrei na casa e agora, tendo saído da casa, não o tenho comigo, e também considerando que estive somente nos cômodos mencionados, o pacote só pode estar em um cômodo ou no outro.

Para negar uma proposição disjuntiva, alguém poderá:

1. Negar as possibilidades assim como a escolha.

Original-, Um estudante é um trabalhador ou um cavalheiro.

Negação-, Um estudante não é nenhum dos dois.

2. Negar que as alternativas sejam mutuamente exclusivas.

Negação-, Um estudante é tanto um trabalhador quanto um cavalheiro.

3. Negar que as alternativas sejam coletivamente exaustivas.

Negação-. Um estudante não é um trabalhador nem um cavalheiro.

O último é o método mais eficaz de negação deste exemplo, pois um estudante pode ser uma mulher,- todavia, a proposição original é falsa em todas as três avaliações.

1 Na lógica moderna, este tipo de proposição disjuntiva é chamada de disjuntiva exclusiva. A lógica moderna admite também a disjuntiva inclusiva, na qual a disjuntiva será verdadeira se pelo menos uma disjunta for verdadeira. Por exemplo: “Nessa loja você pode comprar lençóis ou toalhas” continuaria verdadeira se você pudesse comprar os dois produtos. Por outro lado, a disjuntiva exclusiva requer que as escolhas sejam mutuamente exclusivas. (TA1) 200 - () / rivilllll

QUALIDADE

A proposição disjuntiva é sempre afirmativa, no sentido de que afirma uma série de possibilidades. A proposição que nega uma proposição disjuntiva não é realmente uma proposição disjuntiva, como pode ser visto no primeiro e terceiro exemplos acima, pois não afirma que de duas ou mais suposições, uma é verdadeira,- mais propriamente, é a negação de uma tal asserção. Em relação a uma dada proposição disjuntiva, porém, tais negações provêm a mudança de qualidade necessária à oposição e educação da proposição disjuntiva.

A proposição hipotética e a disjuntiva são eficazes no teatro e nas narrativas. Shakespeare usou com frequência a proposição hipotética para enunciar uma questão importante.

ILUSTRAÇÃO: Uso da proposição hipotética por Shakespeare

Hamlet [sobre Cláudio], Se seu crime não se manifestar ante um discurso, é que era alma penada o que nós vimos e mais negras as minhas fantasias que a forja de Vulcano.‘1

-

Hamlet 3.2.73-77

Carlisle [sobre Bohngbroke] Se o coroardes, faço a profecia que o sangue dos ingleses irá o solo da pátria fertilizar e que as futuras gerações gemerão por esse crime odioso.

-

Ricardo II 4.1.136-138

Ford. Se as minhas suspeitas forem infundadas, podeis zombar de mim; tornar-me-ei assunto de galhofa para todos vós, o que será muito bem merecido.

-

As alegres senhoras de Windsor 3.3.149-151

A

proposição

disjuntiva

é

particularmente

apta

para

expressar

escolhas das quais a personagem ou a ação dependa.

ILUSTRAÇÃO: Proposições disjuntivas, importantes na criação da personagem ou da ação; A Antônio. Estes fortes grilhões egípcios devo romper, ou me perco em desvarios.

-

Antônio e Cleópatra 1.2.116-17

Príncipe Hal. A terra queima; Percy está nos cimos; eles ou nós a sorte decidimos.'

-

Henrique IV, Parte I, 3.3.203-04

O Bastardo. Procuremo-los, ou seremos procurados. Já em nossos calcanhares está o Delfim enraivecido.

-

Rei João 5.7.79-80

3 Cf. tradução de Carlos A. Nunes, disponível na Internet. (N. T.)

' No texto original de Shakespeare, essa importância fica ainda mais clara através do *finn* (jogo de palavras): "*Tlxluiul is hiniiiiil, Pcny slciiuls ou ÍQ/>, Anil cillxr uxor tlxy iiiusl loim lie*". Em inglês, a expressão *iN lie o[tlx LiiiJ* significa o *esCuío* <le coisas, no caso, a sorte da batalha. (N. T.)

/((('/ações de Proposições .) lipoleticus e 1)isjimtieiis - aoi

O parágrafo a seguir ilustra o uso da proposição disjuntiva contínua, ou subdivisão, em raciocínios intimamente entrelaçados. A frase final reúne as partes expostas pela divisão.

ILUSTRAÇÃO: Disjunção contínua

Todas as ações do homem derivam de causas exteriores ou de causas que lhe são peculiares. Entre as que provêm de causas exteriores ao homem, umas são efeito do acaso, outras da necessidade; as ações que se fazem por necessidade provêm quer da coação, quer da natureza. Por conseguinte, todas as ações dos homens provenientes de causas exteriores dependem umas do acaso, outras da natureza, outras, enfim, da coação (...). As ações que derivam da coação ocorrem contrárias ao desejo ou à razão do homem, ainda que se dêem através dele mesmo (...). Todas as provenientes de causas que nos são próprias, e de que somos diretamente os autores, são devidas em parte a um hábito, e em parte a uma tendência que pode ser premeditada ou irrefletida. A vontade é uma tendência para o bem, pois que ninguém quer senão o que pensa ser o bem; as tendências irrefletidas são a ira e o desejo. Pelo que, todas as ações humanas se reduzem necessariamente às sete causas seguintes: acaso, natureza, coação, hábito, reflexão, ira, desejo.

- Aristóteles, *A arte retórica*, Livro I, Cap. X, Item II. ‘As ações humanas e suas causas’”

RELAÇÕES DE PROPOSIÇÕES HIPOTÉTICAS E DISJUNTIVAS

As
relações
hipotéticas
e
disjuntivas
têm
todas
as
relações
que
as
proposições
simples

têm,
e
as
regras
que
governam
essas
relações
são praticamente as mesmas.

ANALOGIA: Estrutura gramatical e relações de proposições

Quem entender a estrutura gramatical de uma frase simples só terá de aplicar os mesmos princípios aos padrões mais complicados, mas não de todo novos, da frase composto-complexa.

Conjunção

Apesar de as proposições hipotéticas e disjuntivas serem elas mesmas relações de proposições simples, são também capazes de ser associadas. A conjunção pode ser uma conjunção simples ou uma conjunção material.

Oposição

DAS PROPOSIÇÕES HIPOTÉTICAS

Tal como já foi dito, apesar de toda proposição hipotética, tomada em si mesma, ser, estritamente falando, uma proposição afirmativa, 1 Aristóteles, op. cit., p. 67-68.

pela variação da conseqüente podemos construir formas A E I O a 202 - O 7
rivium

partir de hipotéticas que, em relação umas às outras, diferem em qualidade e também em quantidade ou em modalidade. O quadro

de oposição de proposições hipotéticas pode ser construído tanto com formas A E I O quantitativas quanto com modais.

EXEMPLOS: Proposições hipotéticas nas formas A E IO

Formas Quantitativas

A Se um animal for listrado, será sempre uma zebra.

E Se um animal for listrado, nunca será uma zebra.

I Se um animal for listrado, às vezes será uma zebra.

O Se um animal for listrado, às vezes não será uma zebra.

Formas Modais

A

Se o coração de
um homem
parar de
bater, ele necessariamente morrerá.i

E

Se o coração de
um homem
parar de bater, ele não necessariamente morrerá.

I

Se o coração de um homem
parar de bater, ele poderá morrer.

O

Se o coração de um homem
parar de bater, ele poderá não morrer.

As formas modais são mais apropriadas às proposições hipotéticas. As formas quantitativas do exemplo acima não transmitem as relações tão bem quanto as formas modais.

4

DAS

PROPOSIÇÕES

DISJUNTIVAS

;

A

oposição

de

proposições

disjuntivas

também

pode

ser

expressa

;

tanto em formas quantitativas quanto em formas modais.

EXEMPLÕES: Proposições disjuntivas nas formas A E í O

Formas Quantitativas

A Todo número é par ou ímpar.

E Nenhum número é par ou ímpar.

I Alguns números são pares ou ímpares.

O Alguns números não são nem pares nem ímpares.

Formas Modais

A

Um triângulo precisa ser ou equilátero, ou isósceles, ou escaleno.

E

Um triângulo não pode ser ou equilátero, ou isósceles, ou escaleno.

I Um triângulo poderá ser ou equilátero, ou isósceles, ou escaleno.

O Um triângulo não poderá ser ou equilátero, ou isósceles, ou escaleno.

hdução

DE PROPOSIÇÕES HIPOTÉTICAS

Todas as sete formas podem ser derivadas.

EXEMPLO: Educação de proposição hipotética

Içekições de Proposições .7 tii»ilelicus e /)isjuutii'iis -

Original: Se uma árvore for um pinheiro, necessariamente terá folhagem perene.

Obversa: Se uma árvore for um pinheiro, necessariamente não terá folhagem não-perene.

Contrapositiva parcial: Se uma árvore tiver folhagem não-perene, necessariamente não será um pinheiro.

Contrapositiva total: Se uma árvore tiver folhagem não-perene, necessariamente será um não-pinheiro.

Inversa total: Se uma árvore for um não-pinheiro, poderá ter folhagem não-perene.

Inversa parcial: Se uma árvore for um não-pinheiro, poderá não ter folhagem perene.

Convertida: Se uma árvore tiver folhagem perene, poderá ser um pinheiro.

Convertida obversa: Se uma árvore tiver folhagem perene, poderá não ser um não-pinheiro.

Note que a proposição hipotética *sine cjua non é* uma proposição cuja antecedente c aquela sem a qual a conseqüente não se seguirá. *Sine cjua non* significa que o item assim designado é essencial.

O

sentido

da

locução

latina

é

que,
sem
esse
elemento,
o

sujeito

em discussão não pode ser o que é. A sua antecedente é a única razão de sua conseqüente, e sua conseqüente não poderá partir de nenhuma

outra
antecedente.

Portanto,

uma
proposição
hipotética

sine

cfua

non,

tal

como

uma
definição,

é

conversível
simplesmente.

Exemplo:

Se

uma

substância

mudar

a

cor

do

papel

de

tornassol

azul para vermelho, será um ácido. Se uma substância for um ácido,

ela

mudará

a

cor

do

papel

de

tornassol

azul

para

vermelho.5

As sete eduções de uma proposição hipotética *sine cfua non* podem,
portanto,

tais

como

aquelas

de

uma

definição,

ser

derivadas

em

um

processo

contínuo

de

obversão

e

conversão

alternada,-

a

oitava

operação retorna à original.

A

suposição

ignorante

de

que

uma

proposição

hipotética

é

con-

versível quando não o é está ilustrada por um incidente narrado por São Thomas More:

‘ Na lógica moderna, uma proposição hipotética *sine* i/im *non* pode também ser representada como uma proposição “se e somente se”, que é chamada bicondicional. Assim, “se e somente se uma substância mudar a cor do papel de tornassol azul para vermelho, será um ácido”, (T/VI)

204 - *O f-ivimii*

ILUSTRAÇÃO: Conversão errônea de uma proposição hipotética

Testemunha:

Este
doutor
disse-me
que
se
Hunne
não
tivesse
invocado
a
supremacia
do
rei,⁶
jamais
teria sido acusado de heresia.

Doutor: Na verdade eu disse que se Hunne não tivesse sido acusado de heresia, jamais teria invocado a supremacia do rei.

Testemunha: Oh, meus lordes, estou contente que me considereis homem sincero e fiel.

Lorde: Eu percebí, bom homem, é que desde que as palavras sejam as mesmas, não te importa como estejam postas; pois tudo te é igual: um

moinho movido a cavalo ou um cavalo que move moinho, beber antes de ir ou ir antes de beber.

Testemunha: Não, meus lordes, não beberei.

E com isso, seguiu ele o seu caminho, deixando alguns lordes a rir do Fato, pois, ainda que fossem contrárias

as

narrativas

e

mesmo

depois

de

ouvi-las

novamente,

tomou-lhas

ambas

como

se

uma

só

fossem, pela razão de que, afinal, as palavras eram as mesmas.

- *A Refutação das Respostas de Tyndale*

DAS PROPOSIÇÕES DISJUNTIVAS

Uma proposição disjuntiva estrita que expresse o resultado de uma divisão lógica será, tal como uma proposição hipotética *sitie cjuu ttoii* e uma definição, conversível simplesmente. Portanto, suas sete eduções podem ser derivadas em um processo contínuo de obversão e conversão alternada,- a oitava operação retorna à original.

” Originalmente, *pciiniin’* ou */iriiemiiiure*. Trata-se de um estatuto estabelecido por Ricardo II (1377-1399) que tornava ilegal e ofensivo ao rei levar questões inglesas para julgamento em tribunais fora da Inglaterra (i.e., sob jurisdição papal), o que implicava desrespeitar a autoridade eclesiástica do rei. Esse estatuto, adaptado ao longo do tempo, serviu como uma das bases legais ao Ato de Supremacia de Henrique VIII (1534) e ao de Elizabeth I (1559).

E importante notar que, não obstante as disputas entre papas e reis da Inglaterra serem de longa data, o rompimento definitivo se deu somente com Henrique VIII, que instituiu a si mesmo como chefe (head) supremo da Igreja da Inglaterra (anglicanismo), numa atitude de grande valor como símbolo da ressacralização do Estado,- na verdade, é também considerado como o evento que marcou o surgimento do Estado moderno. (N. T)

‘ *The Coihitiitioii of TyiiTilc s Aiiisims* é a mais extensa das várias obras de São [sir] Thomas More (1478-1535), das quais a mais conhecida atualmente é *Llto/iiu*. Sir Thomas More foi nomeado lorde chanceler da Inglaterra em 1529 (o mais alto posto do judiciário inglês, o que lhe dava também a presidência da Câmara dos Lordes e da Corte de Apelações), pelo rei Henrique VIII, o mesmo que, mais tarde, iria mandar decapitá-lo por não reconhecer o Ato de Supremacia acima referido. Sir Thomas More foi canonizado pelo papa Pio XI em 1935. *The (wifulcilioii* foi escrita durante os anos 1532-33 e trata de questões doutrinárias da Igreja Católica em contraposição às asserções do protestante Tyndale (Tindal). Independente do mérito das questões, é notável que, segundo estudiosos, More tenha usado cerca de vinte palavras para cada uma das de Tyndale, o que indica ser a refutação algo mais trabalhosa que a afirmação de qualquer coisa. (N. T.)

lyeluções de “l’n>yi>sições J (ipo/é/icm.s e Disjiiiitieux - 205

EXEMPLO: Educação de proposição disjuntiva

Original: Uma substância material deve ser ou um gás, ou um líquido, ou um sólido.

Convertida: Uma substância que for ou um gás, ou um líquido, ou um sólido deverá ser uma substância material.

Convertida obversa: Uma substância que for ou um gás, ou um líquido, ou um sólido não poderá ser uma substância não-material.

Inversa parcial: Uma substância não-material não pode ser ou um gás, ou um líquido, ou um sólido.

Inversa total: Uma substância não-material não pode ser nem um gás, nem um líquido, nem um sólido.

Contrapositiva total: Uma substância que não é nem um gás, nem um líquido, nem um sólido deve ser uma substância não-material.

Contrapositiva parcial: Uma substância que não é nem um gás, nem um líquido, nem um sólido não pode ser uma substância material.

Obversa: Uma substância material não pode ser nem um gás, nem um líquido, nem um sólido.

Original: Uma substância material deve ser ou um gás, ou um líquido, ou um sólido.

Silogismo

O SILOGISMO HIPOTÉTICO

Há dois tipos de silogismos hipotéticos: o silogismo hipotético puro e o misto.

O hipotético puro

Todas as três proposições seguintes são hipotéticas.

IXEMPLOS: Silogismo hipotético puro

Se os bens se tornarem escassos, os preços aumentarão (mantidas iguais outras coisas).

Se

os
preços
aumentarem,
nossas
economias
não
mais
poderão
comprar
tanto
quanto
comprariam hoje.

Se os bens se tornarem escassos, nossas economias não mais poderão comprar tanto quanto comprariam hoje.

O hipotético misto

O
silogismo
hipotético
misto
é
usado
amplamente.

A
premissa
maior é uma proposição hipotética e a premissa menor é uma proposição simples.

206 - O Trivimii

Regras para o Silogismo Hipotético Misto

A premissa menor deve fazer uma das duas coisas:

- 1, afirmar a antecedente ou
2. negar a consequente da premissa maior.‘5

Falácias:

1. negar a antecedente;
2. afirmar a consequente.

8‘2 *Regras para o silogismo hipotético misto*

Afirmar

a

antecedente

é

reafirmá-la

como

fato,

mantendo

a

mes-

ma

qualidade:

se

for

negativa

na

premissa

maior,

deverá

ser

negativa

na menor,- se for afirmativa na maior, deverá ser afirmativa na menor.

Negar

a

consequente

é

reafirmar

como

um

fato

seu

contradi-

tório.

Isto

requer

uma

mudança

de

qualidade:

se

for

afirmativa

na

premissa

maior,
deverá
ser
negativa
na
menor,-
se
for
negativa
na
maior, deverá ser afirmativa na menor.

Note
que
a
regra
se
refere
apenas
ao
que
a
premissa
menor
faz
à
maior.

Sempre
que
a
premissa
menor
afirmar
a
antecedente,
a
con-
clusão
afirmará
a
conseqüente.

E
sempre
que
a
premissa
menor
ne-
gar
a
conseqüente,
a
conclusão

negará

a

antecedente.

Isto

é

correto

e não conflita com a regra.

Há

dois

modos

de

silogismo

hipotético

misto:

o

construtivo,

que

afirma, e o destrutivo, que nega. Apenas duas formas são válidas.

O modo construtivo válido afirma a antecedente.

EXEMPLO: Afirmando a antecedente

Este homem não é honesto.

Este homem não é um funcionário público apto.

O modo destrutivo válido nega a conseqüente.

EXEMPLO: Negando a conseqüente

Se todos os estudantes fossem igualmente competentes, todos adquiririam a mesma quantidade de conhecimento a partir de um mesmo curso.

Mas todos não adquirem a mesma quantidade de conhecimento a partir de um mesmo curso.

Todos os estudantes não são igualmente competentes.

A primeira regra é chamada de *modus ponens*, significando “modo que afirma”. A segunda regra é chamada de *modus tollens*, “modo que nega”.
(T/V1) *Introduções de Proposições, Hipotéticos e Disjuntivos* - 207

Note que, quando a consequente é negada, a conclusão deveria ser a contraditória, e não a contrária, da antecedente. Termos contraditórios e contrários estão explicados no Capítulo 4. Não há meio-termo entre termos contraditórios; eles dividem tudo em uma ou em outra esfera (árvore e não-árvore). Termos contrários podem ter um meio-termo. Eles expressam graus de diferença; por exemplo, bem e mal são termos contrários. As pessoas, ou os comportamentos, em sua maioria, não são nem bons nem maus, mas gradações de ambos.

Falácias e tipos de silogismos hipotéticos mistos e silogismos simples

1. A falácia da negação da antecedente num silogismo hipotético misto é equivalente à falácia de um processo ilícito do termo maior num silogismo simples.

EXEMPLO: Negando a antecedente

Se um homem beber veneno, ele morrerá.

Falácia: Negação da antecedente.

Este homem não bebeu veneno.

/ . Ele não morrerá.

Silogismo simples equivalente:

Quem quer que beba veneno, morrerá.

M a P

Falácia: Processo ilícito do termo maior.

Este homem não bebeu veneno.

S e M

Ele não morrerá.

Se P

2. A falácia da afirmação da conseqüente num silogismo hipotético misto é equivalente à falácia de um termo médio não-distribuído num silogismo simples.

EXEMPLO: Afirmando a conseqüente

Se um homem beber veneno, ele morrerá.

Falácia: Afirmação da conseqüente.

Este homem morreu.

Ele deve ter bebido veneno.

Silogismo simples equivalente:

Quem quer que beba veneno, morrerá.

P a M **Falácia:** Termo médio não-distribuído.

Este homem morreu.

SaM

Ele deve ter bebido veneno.

Sa P

Note que, se a proposição hipotética for uma proposição *sme qua non*, nenhuma falácia poderá resultar num silogismo hipotético misto, pois nessa circunstância a premissa menor poderá afirmar ou negar tanto a antecedente quanto a conseqüente. Similarmente, se uma das premissas de um silogismo simples for uma definição, não ocorrerá nem um processo ilícito, nem um termo médio não-distribuído, mesmo se as regras especiais das figuras forem desconsideradas.

20<s - o r-‘11‘111111

Base formal para as regras que regem o silogismo como uma fórmula de inferência Pela

aplicação

da

regra

do
silogismo
hipotético
misto,
podemos
demonstrar
formalmente
o
fundamento
para
as
regras
que
regem
o
silogismo
como
uma
fórmula
de
inferência.
Num
silogismo
hipoté-
tico
misto

formalmente
correto,
podemos
apresentar
cada
regra
desta maneira:

1.

Se
as
premissas
de
um
silogismo
válido
forem
verdadeiras,
a
conclusão deverá ser verdadeira.

Neste silogismo válido as premissas são verdadeiras.

A conclusão é verdadeira.

Este
silogismo
hipotético
misto
está

correto,
pois
a
premissa
menor
afirma
a
antecedente.

Seria
incorreto
negar
a
antecedente.

Portanto,
se
as
premissas
não
forem
verdadeiras,
o
valor
da
conclu-
são será formalmente desconhecido.

2.

Se
as
premissas
de
um
silogismo
válido
forem
verdadeiras,
a
conclusão deverá ser verdadeira.

A conclusão deste silogismo não é verdadeira.

As premissas não são verdadeiras.

Este
silogismo
hipotético
misto
é
válido,
pois
a
premissa
menor
nega
a
conseqüente.

Seria
incorreto
afirmar
a
conseqüente.
Portan-
to,
se
a
conclusão
for
verdadeira,
o
valor
das
premissas
será
formal-
mente desconhecido.
O
ponto
poderá
ser
demonstrado
em
mais

detalhe
pela
cons-
trução
de
mais
dois
silogismos
hipotéticos
mistos
corretos,
com
a
premissa
menor
de
um
afirmando
a
antecedente,
e
a
de
outro
negando
a

conseqüente

da

premissa

maior

seguinte,

a

qual

estabe-

lece

a

segunda

regra

importante:

Se

a

conclusão

de

um

silogismo

correto

for

falsa,

ao

menos

uma

das

premissas

deverá

ser

falsa.

Da

mesma

maneira,

alguém

poderia

provar

as

regras

de

oposição

que

operam

em

apenas

uma

direção,

por

exemplo:

Se

A

for

verdadeira,

E será falsa.

O SILOGISMO DISJUNTIVO

Este

é

um

silogismo

no

qual

a

premissa

maior

é

uma

proposição

disjuntiva

e

a

premissa

menor

é

uma

proposição

categórica

simples

que afirma ou nega uma das alternativas.

de Proposições Hipotéticas e 'Disjuntivas - zot)

Modos do silogismo disjuntivo

Há dois modos do silogismo disjuntivo: *ponendo tolleus* e *tolleudo poueiis*.”

1. *Pontudo tolleus*, no qual a premissa menor afirma uma alternativa e a conclusão nega a outra.

EXEMPLO: Silogismo disjuntivo *ponendo tollens*

S é ou P ou Q.

O marido desta mulher, de quem há muito não se tem notícia, está vivo ou está morto. (Declarado antes de se fazer uma investigação.) SéP.

Ele está vivo. (Declarado depois de longa investigação.)

.'.S não é Q

Ele não está morto.

2. *Tolleudo poueus*, no qual a premissa menor nega uma alternativa e a conclusão afirma a outra.

EXEMPLO: Silogismo disjuntivo *tollendo ponens*

S é ou P ou Q.

A alma é ou espiritual ou material.

A alma não é material.

S não é Q.

A alma é espiritual.

.'.SéP.

Note que este modo é válido apenas quando a proposição disjuntiva for do tipo estrito, sendo as suas alternativas coletivamente exaustivas e mutuamente exclusivas.

Falácias do silogismo disjuntivo

Há apenas

uma falácia puramente

formal, a

qual raramente ocorrerá.

Ela

está

presente

quando

tanto

a

premissa

menor

quanto

a

conclusão afirmam e negam cada alternativa.

EXEMPLO: Falácia de silogismo disjuntivo



João é um coelho ou não é um coelho. (Apenas duas alternativas.) João não é um coelho.

(Você diz removendo uma alternativa.)

.•.João é um coelho.

(A única alternativa restante.)

A primeira vista, isto parece exemplificar a segunda fórmula acima.

Mas note que a premissa menor nega a primeira alternativa e afirma a segunda, e que faz ambas essas coisas simultaneamente. A conclusão simultaneamente afirma a primeira alternativa e nega a segunda.

11 Ponendo lollcns. Ponendo, de Jionere, afirmar, e lollcns, de tollere, remover. O sentido é “afirmar a negativa”. Tollendo [wnens significa “negara positiva”

2/0 - () 1HI

A

raiz

do

erro

reside

na

ambigüidade

do

não

na

premissa

maior,-

conforme

a

ordem,

pode

ser

entendido

junto

com

é

ou

junto

com

coelho,

seja

com

a

cópula,

seja

com

o

termo.

A

ambigüidade

pode

ser

resolvida

por

um

enunciado

mais

claro,

no

qual

a

negativa

esteja

claramente ligada a *coelho* e as alternativas sejam dicotômicas.

EXEMPLO: Silogismo com ambigüidade resolvida

João é um coelho ou é um não-coelho.

João não é um coelho.

.•.João é um não-coelho.

ANALOGIA: Bilhar e o silogismo disjuntivo

No jogo de bilhar, ou no de croqué, é permissível mover duas bolas com uma só tacada. Mas mover ambas

as

alternativas

através

de

uma

só

afirmação

não

é

permissível

no

silogismo

disjuntivo.

Cada

tacada, cada proposição, deve afetar apenas uma alternativa de cada vez.

A

falácia

material

de

disjunção

imperfeita,

a

qual

tem

também

um

aspecto

formal,

ocorre

quando

as

alternativas

são

ou

não-mu-

tuamente exclusivas, ou não-coletivamente exaustivas.

EXEMPLO: Alternativas não-coletivamente exaustivas

Rosas são ou vermelhas ou brancas.

As rosas que ele mandou não são vermelhas.

.'As rosas que ele mandou são brancas.

O DILEMA

O

dilema

é

um

silogismo

que

tem

por

sua

premissa

menor

uma

proposição

disjuntiva,

por

sua

premissa

maior

uma

proposição

hi-

potética

composta

e,

por

sua

conclusão,

uma

proposição

simples

ou

uma proposição disjuntiva.

O

dilema,
construído
corretamente,
é
uma
forma
de
raciocínio
válida
e
útil,
como
o
são
todos
os
quatro
exemplos
a
seguir,
exceto
o
primeiro,
e
também
alguns

dos
exemplos
que
ilustram
os
exercí-
cios
ao
final
deste
capítulo.
No
uso
efetivo,
uma
parte
do
raciocínio
está normalmente apenas implícita.
Se
a
disjuntiva
oferecer
três
alternativas,
o

raciocínio
será
mais
corretamente
chamado
de
trilema,-
se
forem
muitas
as
alternativas,
de polilema.

O
dilema
será
construtivo
se
a
premissa
menor
afirmar
as
duas

antecedentes da maior e destrutivo se negar as duas conseqüentes.

O dilema tem quatro modos: construtivo simples, construtivo

complexo, destrutivo simples, destrutivo complexo.

lyclações de Proposições d ípotéticas e /)isjuntivas - 211

EXEMPLOS: Os quatro modos do dilema

Construtivo simples

O acusado vive ou frugalmente ou prodigamente.

Se ele vive frugalmente, suas economias o tornam rico; se ele vive prodigamente, seus gastos provam que é rico.

O acusado é rico.

Empson, um coletor de impostos de Henrique VII da Inglaterra, usava este argumento para provar que qualquer um a quem ele intimasse poderia e deveria pagar mais impostos ao rei.

Construtivo complexo

Os cristãos ou cometeram crimes ou não.

Se os cometeram, vossa recusa em permitir uma inquirição pública é irracional; se não os cometeram, vossa punição sobre eles é injusta.

Vós sois irracionais ou injustos.

Tertuliano, o apologista cristão, usou este argumento num apelo ao imperador romano Marco Aurélio, que era considerado tanto um filósofo quanto um homem justo, para que este parasse a perseguição aos cristãos.

Destrutivo simples

Se um estudante se forma com honras e distinção, ele deve ter demonstrado tanto talento como diligência.

Mas (suas notas indicam que) este estudante não demonstrou talento ou não demonstrou diligência.

Este estudante não se formou com honras e distinção.

No dilema destrutivo simples, as duas consequentes da premissa maior estão associadas pelo *tanto* e pelo *como*, em vez de estarem dissociadas pelo *ou*. Portanto, elas não são alternativas; se o fossem, negar uma ou outra na premissa menor não envolveria, necessariamente, a negação da antecedente na conclusão, tal como é exigido em um dilema destrutivo.

Destrutivo complexo

Se este homem tivesse sido instruído adequadamente, saberia que está agindo mal; e se ele fosse consciencioso, teria escrúpulos.

Mas ou ele não sabe que está agindo mal, ou ele aparentemente não tem escrúpulos.

Ele não foi adequadamente instruído ou ele não é consciencioso.

OTRILEMA

O trilema, que é um dilema no qual a proposição disjuntiva oferece três alternativas, segue as regras do dilema.

212 - O *'Trivium*

EXEMPLO: Trilema

O padre pode evitar ser capturado apenas pela fuga, pelo combate ou pelo suicídio.

Se não há outra saída a não ser aquela que guardamos, ele não pode escapar pela fuga; se não tem armas, não pode combater nossas forças armadas; se ele dá valor à sua salvação eterna, não cometerá suicídio.

Ele não pode evitar ser capturado.

Note que tal argumentação pode ter sido usada por caçadores de padres na Inglaterra do século XVI.

FALÁCIAS DO DILEMA

Há

três

falácias

do

dilema:

(1)

premissa

maior

falsa,-

(2)

disjunção

imperfeita

na

premissa

menor,-

(3)

falácia

dilemática,

ocasionada

por uma mudança do ponto de vista.

Há três métodos de ataque para desmascarar essas três fontes de erro.

1. *Pegando*

o

dilema

pelos

chifres:11'

este

método

de

ataque

é

usado

quando

a

premissa
maior
for
falsa,
isto
é,
quando
o
nexo
entre
an-
tecedente
e
consequente,
afirmado
na
premissa
maior,
não
se
man-
tiver de fato.

EXEMPLO: Pegando o Hema pelos chifres .

‘ .

Se este homem fosse inteligente, veria a invalidade de seus argumentos; se ele fosse honesto, admitiria que está errado.

Mas ou ele não vê a invalidade de seus argumentos, ou, vendo-a, não admite que está errado.

Este homem não é inteligente ou não é honesto.

Ao atacar o dilema, o controversista negaria o nexos da primeira parte da premissa maior ao afirmar que ele é inteligente e, portanto, reconhece seus argumentos como válidos e não como inválidos.

2. *Escapando*

por

entre

os

chifres-,

Este

método

de

ataque

é

usado

quando

a

premissa

menor

apresenta

uma

disjunção

imperfeita,

vis-

to

que
as
alternativas
declaradas
não
são
coletivamente
exaustivas.

A
revelação
de
uma
alternativa
não
mencionada
oferece
uma
saída

escapatória da conclusão, por entre os chifres.

EXEMPLO: Éscapanctopor entrem drifres

-. ‘

Se eu disser a minha amiga que seu vestido novo não lhe fica bem, ela se magoará; se eu disser que lhe fica bem, estarei mentindo.

Mas eu devo dizer a ela que lhe fica bem ou que não lhe fica bem.

Eu devo magoar minha amiga ou mentir. 111

O
dilema
é
o
nome
que
recebe
um
antigo
argumento
apresentado
em
forma
de
silogis-
mo
com
“dois
fios”
ou
“dois
chifres”
e
por
isso
também

denominado

sylloi/ismus

cormilus.

Cf.

J. Ferrater Mora, op. cit., p. 738. (N. T.)

Aqui, escapar por entre os chifres, i.e., as alternativas apresentadas na premissa menor, é fácil. Eu posso me abster de fazer qualquer comentário sobre o vestido; ou, melhor ainda, posso comentar acerca de algum outro aspecto sobre o qual eu realmente possa elogiar, tal como a cor, o tecido, etc., evitando

/Çe/rições de “Pruposições .) lipotéticus e Disjuntivas - 21-j

ser mentiroso ou ofensivo.

3. *Refutando o dilema-*, Este método de ataque é usado quando tanto o dilema aberto à refutação quanto o dilema refutatório contêm a falácia dilemática, que é uma falácia tanto formal quanto material,- às vezes, uma condição

tem

duas

consequentes

e

cada

dilema

afirma

apenas

uma

(meia-verdade,

otimista

ou

pessimista),

tal

como

no

exemplo

de

Empson usado anteriormente,- às vezes, cada um adota um ponto de vista cambiante, tal como no exemplo de Protágoras mais adiante.

O

método

de

refutação

é

o

de

aceitar

as

alternativas

apresenta-

das pela premissa menor do dilema original, mas transpondo as conseqüentes

da

premissa

maior

em

suas

contrárias.

Disso

deriva

uma

conclusão exatamente oposta àquela conclusão do dilema original.

A refutação formal é um artifício retórico, uma mera manipulação do material a fim de revelar a fraqueza da posição de um oponente. O

fato mesmo de que uma refutação a um dado dilema possa ser construída mostra que a falácia dilemática de um ponto de vista cambiante está presente em ambos os dilemas e que nenhum deles é válido.

Um

exemplo

antigo

e

famoso

é

a

argumentação

entre

Protágoras

e Euatlo, seu aluno de retórica. De acordo com o contrato entre eles, Euatlo

pagaria

metade

do

valor

das

aulas

quando

completasse

seus

estudos e a outra metade quando vencesse sua primeira causa judicial.

Vendo

que

seu

pupilo

deliberadamente

atrasava

o

início

da

prática

advocacia,

Protágoras

moveu

ação

judicial

para

receber

o

saldo

a

que tinha direito. Eutalo foi obrigado a advogar em causa própria.

ILUSTRAÇÃO: Refutando o dilema”

A argumentação de Protágoras

Se Euatlo perder esta causa, ele deverá pagar-me por ordem do tribunal; se ele vencer a causa, deverá pagar-me de acordo com os termos do contrato.

Ele só pode vencer ou perder.

De qualquer modo, ele precisará pagar-me.

A refutação de Euatlo

Se eu vencer a causa, por ordem do tribunal eu não deverei pagar; se eu perder a causa, pelos termos do contrato não deverei pagar.

Eu só posso vencer ou perder.

De qualquer modo, não precisarei pagar.

214 - O “*Iriiriimi*

Um

dilema

está

aberto

à

refutação

apenas

quando

houver

espaço

para

uma

mudança

de

ponto

de

vista

real
e
não
meramente
uma
mudança
na
posição
dos
termos.

Por
exemplo,
uma
criança
pode
se

ver em face do dilema apresentado a seguir.

ILUSTRAÇÃO: Dilema não aberto à refutação

Eu devo tomar óleo de rícino ou cascara sagrada.

Se eu tomar óleo de rícino, sentirei um gosto ruim, e se eu tomar cascara sagrada, sentirei um gosto ruim.

Em qualquer caso, sentirei um gosto ruim.

Este
dilema
não
está

aberto
à
refutação.
Não
há
espaço
para
uma
mudança real do pessimismo ao otimismo.
O
que
é
apresentado
a
seguir
não
é
uma
refutação,
mas
apenas
uma mudança sem sentido de termos.

ILUSTRAÇÃO: Falsa refutação

Se eu tomar cascara sagrada, escapo do gosto ruim do óleo de rícino; se eu tomar óleo de rícino, escapo do gosto ruim da cascara sagrada.

Mas eu preciso tomar cascara sagrada ou óleo de rícino.

De qualquer jeito, escapo de um gosto ruim.

Se

este

dilema

realmente

constituísse

uma

refutação

ao

primeiro,

qualquer

dilema

poderia

ser

refutado.

Mas

esse

não

é

o

caso.

Apesar

de

um

dilema

aberto

à
refutação
e
a
sua
refutação
serem
ambos
fa-
laciosos,
nenhum
deles
é
tão
patentemente
vazio
como
argumento
quanto esse segundo dilema sobre remédios.

EXERCÍCIOS

Declare

o

tipo

e

o

modo

de
cada
um
dos
raciocínios
a
seguir,
expanda
aqueles
abreviados
e
determine-lhes
a
validade,-
se
inválidos,
nomeie
a
falácia.
Considere
também
se
as
proposições
são
verdadeiras.

Rea-
firme
os
silogismos
hipotéticos
mistos
em
suas
formas
simples
equi-
valentes.

Quando
for
verificada
uma
disjunção
imperfeita,
declare
a
alternativa
faltante.

Alguns
destes
exercícios,
por

serem

concretos,

poderão ser entendidos diferentemente por pessoas diferentes.

O

paciente

morrerá

ou

ficará

bom.

O

paciente

não

morreu.

Portanto, ficará bom.

/y' /í/çòc'.s .de Pi7)|R) síçõ('s J lipoteliciis e I)is}nnlivtis - 2/ç

O vento está soprando do oeste ou do sul. Não está soprando do sul.

Portanto, está soprando do oeste.

Ao ser informado de que uma dada pessoa afirmava que não há distinção entre virtude e vício, Samuel Johnson replicou: Se o sujeito não pensa conforme fala, está mentindo,- eu não vejo que honra poderia ele atribuir a si mesmo por ter o caráter de um mentiroso.

Mas se ele realmente pensa que não há distinção entre virtude e vício, ora, senhor, quando ele sair de nossas casas, contemos rápido nossos talheres.

-James Boswell, *The Life of Samuel Johnson L.L.D.*

Uma ateniense buscava dissuadir o seu filho de entrar na política por meio da seguinte argumentação: Se agires justamente, teus companheiros

políticos

te

odiarão,-

se

agires

injustamente,

os

deu-

ses te odiarão. Mas tu deves agir justa ou injustamente. Assim, em qualquer dos casos, tu serás odiado.

Três homens tinham cinco chapéus, três brancos e dois pretos.

Num quarto escuro, cada um colocou um dos chapéus para logo depois entrar num quarto iluminado, primeiro A, depois B e em seguida C, o qual, podendo ver os chapéus de A e de B, disse: “Eu não sei qual é a cor do meu chapéu”. B, que podia ver o chapéu de A e tendo ouvido C falar, disse: “Eu não sei qual é a cor do meu chapéu”. A, que apenas ouviu C e B falar, disse, “Eu sei qual é a cor do meu chapéu”. Qual é a cor do chapéu de A?

Expresse silogisticamente o raciocínio que o levou a saber.

Você recebe doze bolas que parecem ser exatamente iguais, mas uma é ou mais leve ou mais pesada do que as outras. Em três pesagens

em

balanças

que

apontam

apenas

peso

comparativo,

descubra

a

bola

diferente.

Expresse

silogisticamente

o

raciocínio

envolvido

na eliminação de todas as possibilidades.

Ou o entendimento de nós mesmos é uma constante, vigorosa e sempre renovada obrigação de homens razoáveis, ou não é. Se for nossa obrigação, o humanista é algo muito diferente de um trans-missor do passado, e a matéria de seus estudos é algo muito mais sutil e mais profundo do que as sociedades,- é nada menos do que o ser humano.

- G. K. Chalmers, *Poetry and General Education*

216 - *O Trivium*

A postura adequada numa discussão é expressa por Sócrates:

Que

espécie

de

homem

sou

eu?

Estou

entre

aqueles

que

têm

prazer

em
ser
refutados,
no
caso
de
afirmarem
alguma
inverdade,
e
prazer
também
em
re-
futar
a
um
outro,
se
esse
disser
algo
que
seja
inexato,-
não

menos

alegre

em

ser

refutado

como

ao

refutar.

Pessoalmente,

considero

preferível

ser

refutado,

por

ser

mais

vantajoso

ver-se

alguém

livre

do

maior

dos

males

do

que

livrar

dele a um outro.

— Platão, Górgias

Na

medida

em

que

um

argumento

é

falacioso,

não

é

lógico.

Mas

se

a

lógica

se

preocupa

com

a

exatidão

e

a

veracidade,

conseqüente-
mente
se
preocupa
com
a
negação
da
veracidade,
i.e.,
com
os
erros:
falsidade e falácias.

Uma
falácia
é
uma
violação
de
princípio
lógico
disfarçada
sob
uma
aparência

de
validade,-
é
um
erro
em
andamento.

A
falsidade
é
um
erro
de
fato.

A
falácia
surge
de
uma
relação
de
proposições
er-
rônea,-
a
falsidade,

de
uma
relação
de
termos
errônea.

Uma
premissa
pode ser falsa,- um raciocínio pode ser falacioso.

Revelar
uma
falácia
é
revelar
a
razão
pela
qual
a
mente
foi
enganada
ao
tomar
o
erro

por
verdade.
Classificar
falácias
é
tentar
achar
as
causas
comuns
para
tal
engano.
Mas
um
dado
ar-
gumento
pode
ser
falacioso
por
mais
de
uma
razão

e,
portanto,
pode
exemplificar
mais
do
que
uma
falácia.

Conseqüentemente,
a
classificação
de
falácias
não
é
nem
exaustiva,
nem
mutuamen-
te exclusiva.

Uma falácia pode ser formal, material ou ambas simultaneamente.

Falácias

formais

surgem

da

violação
das
regras
que
regem
as
re-
lações
formais
de
proposições
e
foram
tratadas
onde
essas
rela-
ções
foram
examinadas.

As
falácias
de
oposição
são
violações

das
regras
de
oposição,-
a
mais
comum
é,
quanto
às
contrárias,
supor
que,
quando
uma
é
falsa,
a
outra
será
verdadeira,
em
vez
de
desco-
nhecida.

As
falácias
de
edução
são
duas:
obversão
ilícita
e
conver-
são
ilícita.

As
falácias
da
relação
silogística
são:
termo
médio
não-
distribuído,-
processo
ilícito
do
termo

maior

ou

do

termo

menor,-

quatro termos,- quatro proposições,- duas premissas negativas,- duas
Falácias -

premissas parciais,- oposição

mediata meramente

aparente,- negação

da antecedente ou afirmação

da conseqüente na premissa

menor

de um silogismo hipotético

misto; afirmação e negação

simultâneas

de ambas as alternativas de

uma disjunção,- disjunção

imperfeita,- a

falácia dilemática.

Falácias materiais têm sua raiz na matéria — nos termos, nas idéias e nos símbolos pelos quais as idéias são comunicadas. Elas corrompem um argumento que pode estar formalmente correto.

Aristóteles

agrupou-as

em

duas

classes:

1)

seis

falácias

lin-

güísticas

ou

in

iiictioie,

ocasionadas

por

uma

suposição

oculta

não

transmitida

pela

linguagem,-

2)

sete

falácias

extralingüísti-

cas ou *extra dictionem*, caracterizadas por uma suposição oculta e falsa, que não está justificada pela linguagem na qual as idéias são expressas.

Essas falácias eram artifícios usados pelos sofistas em Atenas, em disputas orais. Os sofistas não buscavam verdade alguma, mas apenas

a

vitória
sobre
seus
oponentes
através
dessas
refutações

meramente aparentes. Tais falácias continuam em uso, mas com a intenção de enganar e iludir os outros e, às vezes, para enganar e iludir aquele mesmo que as usa.

9 FALÁCIAS

Falácias *in dictione* surgem de ambigüidades de linguagem, seja de palavras, seja de construção. Elas têm sua raiz na gramática (a linguagem), que busca simbolizar a lógica (o pensamento), e podem todas ser consideradas como casos especiais da falácia de quatro termos. Esta falácia é, simultaneamente, uma falácia formal e material, porque viola uma regra da forma e reside na matéria. Seis tipos de falácias *in dictione* podem ser distinguidas: equívoco (homonímia ou ambigüidade de um termo), anfíbolia, composição (falsa conjunção), divisão (falsa disjunção), acentuação (ênfase ou falsa acentuação) e forma verbal (falsa forma de expressão).

I quívoco/Lquivocnção (I lomonímia ou Ambigüidade de um lermo)

O equívoco é uma falácia ocasionada pela ambigüidade de uma palavra que simboliza dois ou mais termos diferentes.

218 - O Triviititi

EXEMPtOí Equívoco

Feathers are light.

Light is the opposite of darkness.

Feathers are the opposite of darkness.

Light na premissa menor significa “não pesado”; na premissa maior
significa “não escuro”

Anfibolia

Anfibolia

é

uma

falácia

produzida

por

ambigüidade

de

sintaxe

ou

de

estrutura

gramatical,

tais

como

um

modificador

deslocado

ou

incerto

(sem

conexão

gramatical

adequada),
referência
de
pro-
nomes
ambígua,
ou
ambigüidade
na
ordem
das
palavras.
E
espe-
cialmente
provável
que
tal
ambigüidade
de
sintaxe
ocorra
numa
língua
não
flexionada

como
o
inglês.
Em
termos
gramaticais,
é
sempre
um
erro,
mas,
estritamente
falando,
em
lógica
ocasiona
a
falácia
de
quatro
termos
somente
quando
a
frase
ambígua

se

torna

uma premissa num silogismo.

EXEMPLOS: Anfibolia'

The duke yet lives that Henry shall depose.

- 2 *Henry V!* 1.4.30

Traduzida para uma língua flexionada, tal como o latim ou o português, esta passagem de Shakespeare perde a sua ambigüidade. O raciocínio se tornaria silogístico se o duque o interpretasse com a adição da premissa menor “Eu sou este duque” e concluísse, “Portanto, eu deporei Henry”; ou, então, se ele desse o sentido inverso à premissa maior e concluísse, “Portanto, Henry me deporá”.

Ele disse a seu irmão que ele tinha ganhado o prêmio. (Quem ganhou?)

Feed a cold and starve a fever.

Aqui./eed está no subjuntivo. A frase é um aviso, uma advertência; Se você alimentar um resfriado, terá

uma

febre

para

subjugar

(pela

fome).

Na

forma

em

que

a

frase

é

comumente

interpretada,

feed é tomado como se estivesse no imperativo, o que lhe dá um sentido exatamente oposto ao pretendido.

Bobo da corte. Eu já era um gentil-homem nascido antes de meu pai, pois o filho do rei tomou-me pela mão e me chamou de irmão; só depois os dois reis chamaram meu pai de irmão.

- *Conto de Inverno* 5.2.139-143

O

bobo

da

corte

vinha

usando

as

palavras

gentil-homem

nascido

(gentleman

bom)

para

significar

“nascido

um

gentil-homem”

(born

a

gentleman).

Literalmente,

o

bobo

está

usando

a

palavra

gentil-homem para se referir ao status social da classe dos gentis-homens, mas a referência a seu pai

deixa

em

aberto

a

possibilidade

de

que

gentil-homem

seja

um

sinônimo

de

homem,

criando

assim

um
paradoxo.
Esta
citação
de
Shakespeare
ilustra
tanto
uma
anfibia
quanto
um
equivoco
(ambigüidade do termo).

“hiličius - 2/9

Composição

A

falácia

da

composição

(falsa

conjunção)

ocorre

quando

as

pro-

priedades das partes predicam ilicitamente o todo.

EXÊMPLO Composição ”

Sódio e cloro são elementos tóxicos.

Elementos tóxicos são nocivos.

Cloreto de sódio é nocivo.

Aqui, estão simultaneamente presentes quatro falácias, uma material e três formais: 1. Composição. Sódio e cloro são referidos como entes discretos nas premissas e como combinados na conclusão.

2. A falácia formal de quatro termos, pois composição é uma falácia *in dictione*.

3.

A falácia formal de quatro proposições, pois a premissa maior é uma conjunção de duas proposições.

Sódio é um elemento tóxico. Cloro é um elemento tóxico.

4. A falácia formal de um processo ilícito do termo maior.

Divisão

Divisão (falsa disjunção) é o exato oposto de composição e ocorre quando as propriedades do todo predicam ilicitamente as partes.

EXEMPLO: Divisão

Nove mais sete é igual a dezesseis.

Dezesseis é um número par.

Nove e sete são números pares.

Além da falácia material da divisão, aqui estão presentes também as falácias formais de quatro termos e de quatro proposições.

E esta falácia da divisão que produz conclusões errôneas do tipo: Uma única palha arriou o camelo. Um único juiz da Suprema Corte determinou a

constitucionalidade

de
uma
lei
numa
votação
decidi-
da por cinco a quatro.

Acentuação

A falácia da acentuação (ênfase ou falsa acentuação) ocorre quando um
significado
diferente

do
pretendido
é
transmitido
através

de
ênfase especial em certas letras, sílabas, palavras ou idéias. Ênfase em
palavras pode ser produzida oralmente pelo tom utilizado ou 220 - O

Jriviim

indicada
graficamente
por
tipo
itálico
ou
por

outro

recurso

visível.

Tal

ênfase

enganosa

pode

ocorrer

em

sílabas

de

uma

mesma

palavra

ou em palavras diferentes de uma mesma frase.

EXEMPLOS: Acentuação

Ela pode. Ela pôde.

Ele é meu amigo.

Aqui o significado não apenas muda conforme a ênfase é dada a cada uma das palavras sucessivamente, mas

uma

ênfase

irônica

transmitirá

um

significado

que
verdadeiramente
contradirá
a
afirmação
feita
de maneira usual.

Ele é meu amigo. (E não outro). *Ele é* meu amigo. (Confirmando). *Ele é meu* amigo. (E não de outro).

Ele é meu *amigo*. (E não outra coisa). *Ele é meu amigo...* (Tom de voz irônico).

Note que esta forma de falácia de acentuação não deve ser confundida com a an fã boi ia. Na frase do exemplo não há dúvida quanto à sintaxe, enquanto na anúbolia sempre há.

Citações
tomadas
fora
do
contexto
por
vezes
são
exemplos
gri-
tantes
de
falácia

de
acentuação.
Por
exemplo,
a
Bíblia
diz:
Não
há
Deus. Todo homem é mentiroso.
E
verdade
que
essas
proposições
estão
na
Bíblia,
mas
em
seu
devido
contexto
o
significado
é

completamente

diferente:

“Diz

o

insensato

eu

seu

coração:

Não

há

Deus”

(Sl.

14:1-2).

“Eu

disse

na

minha perturbação: Todo homem é mentiroso” (Sl. 1 16:11).

Quando

alguém

introduz

itálicos

em

citação

sem

declarar

que

assim
o
fez,
esse
pode
ser
um
exemplo
da
falácia
de
acentuação.
Manchetes
ou
cabeçalhos,
organização
(editoração)
de
artigos
e
o
uso
de
tipos
de
tamanhos

diferentes,
de
maneira
a
dar
uma
impres-
são falsa, são também exemplos da falácia de acentuação.

Num
discurso
estendido,
pela
ênfase
exagerada
em
determi-
nados
aspectos
de
um
assunto
em
detrimento
de
outros
aspectos

correlacionados,
quer
levemente
ou
por
omissão
completa,
alguém
poderá,
mesmo
sem
afirmar
alguma
falsidade,
transmitir
uma
idéia
bastante
falsa
do
assunto
na
sua
totalidade.
Isto
é

chamado
de
ale-
gação
especial
ou
propaganda
e
é
uma
fonte
muito
frequente
de
distorção e descrição enganosa.

EXEMPLO: Alegação especial ou propaganda

Propaganda
é
colorir
a
notícia
através
da
ênfase
exagerada
de

alguns

fatos

e

da

minimização

da

importância ou até da omissão de outros, por exemplo, durante uma campanha política.

lãlllícills - 221

Em um determinado livro didático de história, depois de louvar as realizações de Roger Bacon, o autor ressaltou que este fora abandonado para morrer na pobreza. Ele criou uma impressão bastante falsa por ignorar o fato de que, ao tomar-se um monge franciscano, Roger Bacon escolheu livremente viver e morrer na pobreza.

Forma Verbal (Falsa Forma de Expressão)

A forma verbal é uma falácia que resulta da suposição errônea de que a similaridade na forma da linguagem significa uma similaridade correspondente no significado.

Esta falácia ocorre, por exemplo, quando a identidade do prefixo ou do sufixo de palavras leva alguém à conclusão errônea de que são, portanto, análogas. Por exemplo: *inspiração* e *inexplicável* são ambos termos negativos, pois se *in* significa “não” em um, deve significar “não” também no outro.

EXEMPLOS: Forma verbal

Em inglês, ambas as palavras *flammable* e *inflammable* significam “facilmente acendível”, e ainda assim o prefixo *m* apostro à palavra *fiammable* induz as pessoas a pensar erroneamente que *irflammable* significa *não-acendível*, pois, frequentemente, *iri* significa “não”.

John Stuart Mill comete esta falácia quando argumenta:

A única prova capaz de ser oferecida de que uma coisa é visível é que as pessoas de fato a vejam (...) A única prova de que um som é audível é o fato de que as pessoas o ouçam (...) Igualmente, a única prova possível que se pode dar quanto a qualquer coisa ser desejável é que as pessoas de fato a desejem.

Uma vez que toda a força do raciocínio acima reside na suposição de uma analogia estrita entre *visível*, *audível* e *desejável*, o raciocínio falha quando se entende que, de acordo com o dicionário, *visível* e *audível* significam “capaz de ser visto” ou “capaz de ser ouvido”, ou “verdadeiramente visto” ou

“verdadeiramente ouvido”, respectivamente, enquanto *desejável* significa apenas algo que é “possível de ser desejado” ou “capaz de suscitar desejo”.

Uma falácia de forma verbal pode também surgir da similaridade entre locuções, particularmente em locuções verbais.

EXEMPLO: Falácia em locução verbal

Aquele que dorme menos está mais sonolento.

Aquele que está mais sonolento dorme mais.

.’.Aquele que dorme menos dorme mais.

Aqui, as locuções verbais *dorme menos* e *dorme mais* parecem ser contrárias; mas se os tempos verbais forem mais cuidadosamente discriminados, teremos o seguinte silogismo válido (verdadeiro para pessoas normais e saudáveis):

-OI *riviiim*

Aquele que dormiu menos está mais sonolento.

Aquele que está mais sonolento dormirá mais.

Aquele que dormiu menos dormirá mais.

Uma

falácia

de

forma

verbal
também
inclui
uma
transição
ilícita
de
uma
das
dez
categorias
do
ser
para
uma
outra,-
no
exemplo
abai-
xo, de substância para relação.

EXEMPLO: Falácia de forma verbal

Um
menino
que
tem
seis

bolas

de

gude

e

perde

uma

não

mais

tem

aquilo

que

uma

vez

teve.

Aquele que não tem mais seis bolas de gude que uma vez teve não necessariamente perdeu as seis bolas de gude.

Aquele que não tem mais aquilo que uma vez teve não necessariamente o perdeu.

Objetos considerados coletivamente estão relacionados como membros de um determinado grupo.

Se um é perdido, todo o restante perdeu aquela relação, a de membro de um grupo de seis, ainda que na categoria de substâncias independentes não tenham sido perdidos.

FALÁCIAS EXTRA DICTIONE

M

Comum

às

sete

falácias

cxíra

diclionem

(extralingüísticas)

é

uma

falsa

suposição

oculta,

não

garantida

pela

linguagem

na

qual

as

idéias

estão

expressas.

As

falácias

extra

diclioiiem

são:

falácia

da

falsa
equa-
ção
do
sujeito
e
do
acidente,-
confusão
do
relativo
com
o
absoluto,-
ignorância
da
consequente,-
ignorância
do
argumento,-
confusão
da
causa
com
o
que

não

é

causa,-

petição

de

princípio

e

reunião

de

vá-

rias questões em uma.1

Falácia da Falsa Equação do Sujeito e do Acidente ou Falácia

de Acidente

Esta

falácia

surge

da

falsa

suposição

de

que

tudo

o

que

for

predica-

do
de
um
sujeito
(normalmente
o
termo
médio)
será
predicado
de
seu
acidente
(o
termo
menor)
e
no
mesmo
sentido,-
ou
de
que
tudo
o
que

for
predicado
de
um
termo
entendido
em
um
aspecto
(p.
ex.,
especificamente
ou
concretamente)
será
predicado
do
mesmo
termo
em
outro
aspecto
(p.
ex.,
genericamente
ou

abstratamente),

ou vice-versa.

Todo

predicado,

exceto

aquele

numa

definição

ou

numa

propo-

sição idêntica, é acidental com relação ao seu sujeito, no sentido de

‘ Cf. terminologia de J. Ferrater Mora, op. cit., p. 2727-2S. (N. T.) *Fnlliciis*
- 22^

que é por acidente que o sujeito e o predicado dados estão relacionados numa dada proposição. Um leão é um animal. Um quadrado é um equilátero. E um acidente que um animal seja um leão, e não um camundongo ou um cavalo, ou que uma figura equilátera seja um quadrado, e não um triângulo ou um octógono. Esta situação existe sempre que a extensão de um predicado afirmado for maior do que a extensão do sujeito, - em outras palavras, quando a proposição for conversível apenas *per accidens*, isto é, por limitação, por isso o nome.

Qualquer um dos três termos de um silogismo pode ser a fonte da falácia de acidente, mas o termo médio é o mais freqüente.

EXEMPLO: Falácia, de acidente

Comunicar conhecimento é louvável.

Mexericar é comunicar conhecimento.

Mexericar é louvável.

Aqui, conhecimento é entendido em seu sentido genérico na premissa maior e num sentido específico e até trivial, dificilmente merecedor do nome geral, na premissa menor. Portanto, enquanto é louvável comunicar conhecimento em seu sentido essencial, abstrato e geral, não é louvável comunicar informação trivial ou até mesmo maliciosa.

Aristóteles observa que a falácia de acidente resulta de nossa falha em distinguir a similaridade e a diversidade de termos, ou quando substituímos um atributo essencial por um acidente.

De acordo com os especialistas em lógica da Renascença, a falácia de

acidente

ocorre

quando

qualquer

coisa

pertencente

à

subs-

tância de algo for também atribuída a algum acidente desta substância.

Thomas Wilson² fornece os exemplos e explicações a seguir.

JíEMPLQ: Atribuir qualidades da substância aos acidentes

Peixe não é a mesma coisa que carne.

Carne é alimento.

Peixe não é alimento.

Na primeira proposição entendemos que a referência é à substância de carne; na segunda proposição o emissor faz referência ao acidente que há na carne, mas também no peixe. Portanto, o raciocínio não é lícito porque o emissor atribuiu a substância e também o acidente a apenas um e mesmo sujeito.

Este homem é um sujeito ajuizado.

Este homem é fraco.

Este homem é fraco de juízo.

2 Thomas Wilson (1524?-1582), autor de *The Rule & Reason of Society*.

224 - O Irvinian

Este raciocínio é evidentemente falso porque o acidente do corpo está referido à substância

da mente.

Aristóteles fornece um exemplo similar a este segundo de Wilson.

Este cão é um pai.

Este cão é seu.

Este cão é seu pai.

A

falácia

de

acidente

pode

se

parecer

muito

com

a

do

equívoco,

co,-

mas,

enquanto

a

falácia

do

equívoco

envolve

uma

mudança

de

termos,

a

falácia

de

acidente

envolve

uma

mudança

no

uso

de

um

mesmo

termo.

Mudar

de

uma

primeira
imposição
para
uma
outra
primeira
imposição
na
mesma
palavra
é
mudar
de
um
termo
para
um
outro,
e
esta
é
a
falácia
do
equívoco.
Mas

mudar
de
um
uso
ge-
nérico
para
um
uso
específico
de
um
mesmo
termo,
ou
da
primeira
imposição
de
um
termo
para
a
segunda
imposição
ou

para
a
impo-
sição
zero,
ou
da
primeira
para
a
segunda
intenção
é
uma
mudança

no uso, e esta é a falácia de acidente.

EXEMPLO: Palavra em duas imposições

Penas são leves.

Leve é um adjetivo.

Penas são adjetivos.

Aqui temos a falácia de acidente porque o mesmo termo é entendido como um adjetivo e como um substantivo. Em ambas as proposições, iene cem o mesmo sentido, mas não o mesmo uso. É somente na primeira proposição que íeirn é um adjetivo.

Todo
termo
pode

ser
usado
em
qualquer
das
duas
intenções
e
cada
palavra
pode
ser
usada
em
cada
uma
das
três
imposições.

As intenções e imposições são recapituladas no quadro a seguir.

Intenção e Imposição

Segunda intenção: lógica

Segunda imposição: gramática

Primeira imposição e primeira intenção: referência à realidade
Imposição zero: fonética e ortografia

9-1 *Possíveis intenções e imposições de uma palavra*

1 'iilúci<n -

ÊXtMIPl.I): Adidertêi eijüivácó

Feathers are light.

Light is a noun.

Feathers are nouns.

Aqui temos, simultaneamente, as falácias de acidente e do equívoco, pois na premissa maior, *light* (luz) é gramaticalmente classificada como o “oposto de escuridão”; este não é o mesmo termo simbolizado por *light*, significando “não pesado”, na premissa menor.

Todo termo pode ser usado em qualquer das duas intenções e cada palavra pode ser usada em cada uma das três imposições. Espécies de falácias de acidente particularmente esclarecedoras são aquelas que envolvem uma mudança de um plano ou patamar do discurso para um outro pela mudança de intenção ou de imposição. O plano habitual de discurso é o da primeira imposição e primeira intenção. Há três outros: da segunda intenção, da segunda imposição e da imposição zero. Um argumento pode ser sustentado se cada termo for usado consistente-mente em qualquer desses planos de discurso, mas se o mesmo termo for mudado de um plano para outro, o argumento é inválido.

MUDANÇA DE IMPOSIÇÃO

A falácia da mudança de imposição envolve a falsa suposição de que aquilo que é verdadeiro acerca de uma palavra entendida em uma imposição é verdadeiro quanto à mesma palavra em outras imposições. Considere o seguinte silogismo-, Uma banana é amarela. Anmlu é um adjetivo. Portanto, *banana* é um adjetivo. Aqui, *amarela* é palavra entendida na primeira imposição na premissa menor e na segunda imposição na maior.

A

classificação

morfológica

e

outros

conceitos

gramaticais

são

termos de segunda imposição, no sentido de que, ao serem usados como predicados de sujeitos, isto é, como modos de conceber seus sujeitos, fazem com que estes sejam entendidos na segunda imposição, ou seja, como entidades gramaticais. Mas os termos da gramática podem eles mesmos ser entendidos em todas as imposições, tal como é ilustrado pelos exemplos mais adiante.

Silogismos

falaciosos

ocorrem

quando

a

própria

classificação

morfológica é mudada de uma imposição para outra nas premissas.

EXEMPLOS: Termos gramaticais usados em duas imposições

Carregar é um verbo.

Verbo é um substantivo.

Carregar é um substantivo.

Verbo muda da primeira para a segunda imposição nas premissas.

226 - () 1 *ririmu*

Hipopótamo é um substantivo.

Substantivo é paroxítona.

Hipopótamo é paroxítona.

Substantivo muda da primeira imposição para a imposição zero nas premissas.

Silogismos

válidos

ocorrem

quando

o

termo

gramatical

é

enten-

dido

numa

só

imposição

—

primeira,

zero

ou

segunda

—

do

começo

ao

fim,

e

quando

o

argumento

não

é

erroneamente

mudado

de

um

plano de discurso para outro.

EXEMPLOS: Silogismos válidos com termos na segunda imposição e na imposição zero *Cantar* é um verbo.

Um verbo tem tempo verbal.

Cantar tem tempo verbal.

Aqui, *verbo* é palavra entendida na primeira imposição em ambas as premissas, e *cantar* é entendida na segunda imposição na premissa menor e na conclusão.

Adjetivo é frequentemente mal pronunciado.

Uma palavra frequentemente mal pronunciada é frequentemente mal escrita.

Adjetivo é frequentemente mal escrito.

Aqui, *adjetivo* é palavra entendida na imposição zero tanto na premissa menor quanto na conclusão.

Os

termos

da

fonética

e

da

ortografia

são
termos
de
imposição
zero,
no
sentido
de
que,
ao
serem
usados
como
predicados,
isto
é,
como
modos
de
conceber
seus
sujeitos,
fazem
com
que
estes

sejam
entendidos
na
imposição
zero,
ou
seja,
como
meros
sons
ou
notações.
Porém,
observe-se
que
os
termos
da
fonética
e
da
orto-
grafia
podem
eles
mesmos

ser

entendidos

em

todas

as

imposições,

tal como está ilustrado pelos exemplos a seguir.

EXEMPLOS: Termos da fonética e da ortografia usados em todas as imposições O exemplo seguinte é um silogismo falacioso no qual os termos da fonética ou da ortografia têm, eles mesmos, a sua imposição mudada nas premissas.

Cato é uma notação.

Notação tem três sílabas.

Cato tem três sílabas.

Aqui, *notação* é entendida na primeira imposição na premissa menor e na imposição zero na premissa maior.

Os exemplos seguintes são silogismos válidos nos quais os termos da fonética ou da ortografia são entendidos na primeira ou na segunda imposição, do começo ao fim, e nos quais, consequentemente, o argumento não é mudado de um plano do discurso a outro.

í-cdcíc-ÍLIS -

Indivisibilidade é um polissílabo.

Um polissílabo pode ser dividido ao final de uma linha.

Indivisibilidade pode ser dividida ao final de uma linha.

Invisibilidade é uma notação.

Uma notação é visível.

Invisibilidade é visível.

Nesses silogismos, *polissílabo e notação* são entendidos na primeira imposição em ambas as premissas; *indivisibilidade e invisibilidade* são entendidas na imposição zero na premissa menor e na conclusão.

Notação é um substantivo.

Um substantivo pode ser o objeto de uma preposição.

Notação pode ser objeto de uma preposição.

Aqui, *notação* é entendida na segunda imposição na premissa menor e na conclusão.

MUDANÇA DE INTENÇÃO

Mudança de intenção envolve a falsa suposição de que aquilo que é verdadeiro acerca de um termo entendido na primeira intenção é também verdadeiro

acerca

do

mesmo

termo

quando

entendido

na

segunda intenção e vice-versa.

Um leão é um animal.

Animal é um gênero.

Um leão é um gênero.

Um quadrado é equilátero.

Equilátero é uma diferença.

Um quadrado é uma diferença.

Nesses silogismos, *animal* e *equilátero* são entendidos na primeira intenção na premissa menor e na segunda intenção na premissa maior.

Os predicáveis³ são termos de segunda intenção no sentido de que,
ao
serem
usados
como
predicados,
isto
é,
como
modos
de
conceber seus sujeitos, fazem com que esses sujeitos sejam entendidos
na
segunda
intenção,
ou
seja,
como
conceitos,
como
enti-
dades
mentais.
Os
predicáveis
mesmos

podem
ser
entendidos
em
ambas as intenções.

Nos silogismos falaciosos a seguir, o próprio predicável é mudado da primeira para a segunda intenção nas premissas.

3 Na lógica aristotelica, os modos como as palavras se reterem aos objetos; ou cada uma das classes de predicados (gênero, espécie, diferença, propriedade e acidente) às quais cada coisa predicada pode ser referida. (N. T.)

22<S - *O Irivium*

EXEMPLOS: Mudança de intenção

Animal é um gênero.

Gênero é um predicável.

.'.Animal é um predicável.

Jovial é uma propriedade.

Propriedade é um predicável.

Jovial é um predicável.

Nesses silogismos, *gênero* e *propriedade* são entendidos na primeira intenção na premissa menor e na segunda intenção na premissa maior.

Nos
silogismos
válidos,
o
predicável
é
entendido

na
mesma
in-
tenção
em
ambas
as
premissas
e
o
argumento
não
é
mudado
de
um
plano de discurso para outro.

EXEMPLOS: Silogismos válidos com termos na segunda intepção

Animal é um gênero.

Um gênero é divisível em espécies.

.'. Animal é divisível em espécies.

Jovial é uma propriedade.

Uma propriedade é um termo conversível em relação ao seu sujeito.

Jovial é um termo conversível em relação ao seu sujeito.

Nesses

silogismos,

gênero

e

propriedade

são

entendidos

na

primeira

intenção

(i.e.,

predicativamente)

em

ambas

as

premissas;

animal

e

jovial

são

entendidos

na

segunda

intenção

(i.e.,

reflexivamente)

na

premissa menor e na conclusão.

MUDANÇA DE IMPOSIÇÃO E INTENÇÃO

Um
mesmo
argumento
pode
mudar
tanto
de
posição
quanto
de
intenção.

Isto
é
mais
bem
ilustrado
por
um
sorites-.

O
homem
é
racional.
Racional
é

uma

diferença.

Diferença

é

um

polissílabo.

Po-

lissílabo é um substantivo. Logo, *homem* é um substantivo.

Aqui,

a

conclusão

é

verdadeira,

e

cada

premissa,

considerada

se-

paradamente,

é

verdadeira,-

mas

cada

uma

das

conclusões

implícitas

é

falsa

e

o

raciocínio

é

completamente

falacioso,

pois

o

argumento

passa pelos quatro planos de discurso. ‘

‘ Em “O homem e racional”, todos os termos são usados na primeira imposição e na primeira intenção. Em “Racional e uma diferença”, *tadoiial* é usado na segunda intenção.

Em “*Diferença* e um polissílabo”, *Jifctcii^i* e usada na imposição zero. Em “*Polissílabo* é um substantivo”, *políssihiho* c usado na segunda imposição. Em “Logo, homem é um substantivo”, *bomein* e usado na segunda imposição.

I íllclciíiS - 229

Confusão

do

Relativo

com

o

Absoluto

ou

A

diclum

secundoni quid ad diclum sitnpliciler

Esta falácia surge da suposição de que uma proposição verdadeira em determinados

aspectos,

ou

com

determinadas

qualificações,

seja

verdadeira

absolutamente

ou

verdadeira

sem

essas

qualifica-

ções. O termo *secuiduiiii quiii* significa “segundo algo”. Em outras palavras, o que é verdadeiro em um caso é presumido como verdadeiro em um outro.

Esta falácia, que normalmente é usada para enganar, pode também

causar

auto-engano.

Ela

resulta

da

aparente
insignificância
da
diferença
envolvida
na
qualificação.

Como
uma
ferramenta
de
lu-

dibrio ela consiste (1) em obter assentimento para uma declaração qualificada e prosseguir como se a declaração tivesse sido admitida absolutamente,

ou
(2)
vice-versa,

ou
(3)
consiste

em
prosseguir
a

partir de uma declaração qualificada num sentido como se a mesma declaração tivesse sido qualificada num outro sentido.

Uma

declaração

qualificada

pode

ser

verdadeira

quanto

a

uma

coisa ou pessoa em particular, ou no que diz respeito a um determinado lugar, tempo, ou a uma determinada maneira, relação (como parte

de

um

todo),

comparação,

etc.

O

que

for

verdadeiro

num

aspecto pode não ser verdadeiro em um outro aspecto.

EXEMPLOS: Confusão entre declaração absoluta e qualificada

Deus diz: “Não matarás”. Logo, matar animais para obter alimento é mau.

Sofrer a morte injustamente é preferível a sofrer a morte justamente.

Portanto, aquilo que acontece injustamente é preferível ao que acontece justamente.

Quem bebe dorme bem; quem dorme bem não peca; quem não peca será abençoado. Portanto, quem bebe será abençoado.

- Thomas Blundervilie, *lhe Art of Logic* (1599) A segunda proposição é verdadeira quanto ao tempo em que um homem dorme; ele pode pecar quando estiver acordado.

Pandarus. She [Heien] praisd his complexion above Paris.

Cressida. Why, Paris hath colour enough.

Pandarus. So he has.

Cressida. Then Troilus should have too much; if she praised him above, his complexion is higher than his: he having colour enough, and the other higher, is too flaming a praise for a good complexion. I had as lief Helens golden tongue had commended Troilus for a copper nose.

- *Troilus and Cressida* 1.2. 91-98

Cressida faz com que *above*, que foi qualificada com respeito à beleza da cor, qualifique com respeito à intensidade da cor.

ajo - *O / ri riu m*

Falácia da Ignorância da Conseqüente

Esta

falácia

surge

da

suposição

falsa

de

que

uma

proposição

A

é
conversível
simplesmente,
quando
não
é.

A
falácia
material
da
conseqüente
estará
presente
sempre
que
uma
das
seguintes
falá-
cias
formais
estiver
presente:
um
processo
ilícito

do
termo
maior
ou
do
termo
menor,
um
termo
médio
não-distribuído,
negação
da
antecedente
ou
afirmação
da
conseqüente.
Tal
como
já
havia
sido
assinalado,
quando
uma

premissa
é
uma
proposição
A
que
é
uma
definição,
seu
predicado
é
distribuído
através
da
matéria,
e,
assim,
uma
falácia
de
não-distribuição
é
evitada,-
do
mesmo

modo,
quando
uma
premissa
for
uma
proposição
hipotética

siie

efua

non,

não

há

falá-

cia

que

possa

disso

resultar.

Mas,

considerando

que

uma

premissa

é

raramente

uma
definição
ou
uma
proposição
hipotética
siite
cjua
non,
a
falácia
material
da
ignorância
da
conseqüente
é
uma
das
mais
fre-
qüentes
causas
de
erro
em

raciocínios.

E

muito

provável

que

ocorra

num entimema no qual a premissa maior esteja apenas implícita.

Uma

vez

que

podemos

reduzir

uma

proposição

hipotética

a

uma

proposição

categórica

simples,

podemos

aplicar

a

uma

proposição

sim-

ples
a
terminologia
da
hipotética
e
chamar
o
sujeito
de
uma
proposi-
ção
simples
de
antecedente
e
o
seu
predicado
de
conseqüente.
Assim,
tanto
no
silogismo

simples
quanto
no
hipotético
misto,
distinguimos
dois
tipos
de
falácia
material
da
conseqüente,
ambas
resultantes
da
não-
conversibilidade
de
uma
premissa:
uma
presume
falsamente
que,
desde

que
uma
conseqüente
segue
e
reforça
a
sua
antecedente,
a
antecedente
deve,
do
mesmo
modo,
reforçar
a
sua
conseqüente
(afirmando
a
con-
seqüente),-
a
outra
presume

falsamente

que

da

contrária

da

antecedente

deve seguir a contrária da conseqüente (negando a antecedente).

Um homem é um animal.

Falácia: Processo ilícito do termo maior

Bucéfalo não é um homem.

Bucéfalo não é um animal.

Se chove, o solo fica molhado.

Falácia: Afirmação da conseqüente

O solo está molhado.

Choveu.

Se chove, o solo fica molhado.

Falácia: Negação da antecedente

Não choveu.

O solo não está molhado.

/u/iícái.s -

Numa discussão, a falácia da ignorância da conseqüente leva um contestante a pensar que refutou seu oponente quando demonstrou a falta de solidez das razões apresentadas em favor da questão defendida. Isto equivale à falácia de negar a antecedente, pois, como já assinalamos, ainda que a conclusão derive de premissas verdadeiras, não é possível desmentir uma conclusão simplesmente mostrando que suas premissas são falsas,- essa conclusão pode ser justificada por outras premissas, verdadeiras. Tampouco podemos dizer que um disputante necessariamente obtém

aprovação às suas premissas ao conseguir que seu oponente reconheça a veracidade de sua conclusão, pois supor que a veracidade das premissas deriva da veracidade da conclusão é exemplo de falácia da afirmação da consequente na premissa menor.

falácia da Ignorância ou Argumento, ou Ignorância

Onção, ou Ignorância *I leitchi*

Esta falácia surge da suposição falsa de que um ponto em questão foi refutado ou desmentido, quando, na verdade, um outro ponto meramente semelhante é que foi refutado,- consequentemente, o ponto realmente em questão permanece ignorado.

tyuorntio eleiichi significa ignorância da natureza da refutação. Para refutar um oponente é necessário provar o contraditório de sua declaração,- e isto será feito apenas quando o mesmo predicado — não meramente o nome, mas a realidade - for negado acerca do mesmo sujeito e no mesmo aspecto, relação, maneira e tempo em que foi afirmado. Estabelecer alguma outra conclusão é esquivar-se da questão e ignorar o argumento.

Alguém poderia pensar ter refutado a proposição “O presidente dos Estados Unidos governa o país inteiro” quando, ao citar os resultados de uma eleição, estabeleceu a proposição: “O presidente dos Estados Unidos não foi eleito pela maioria dos americanos”. Todavia, ele não negou o mesmo predicado tal como afirmado na proposição que tentou refutar. A autoridade para governar vem da votação do colégio eleitoral⁵ e não da votação da maioria dos eleitores.

Alguém também ignora a questão, e argumenta esquivando-se do ponto em discussão, quando, ao ser acusado de desonestidade, replica que muitos outros estão fazendo a mesma coisa, presumindo-

‘ No colégio eleitoral americano o número de votos eleitorais é proporcional à população de cada Estado, os quais, normalmente, são levados todos pelo candidato que obtiver maioria simples de votos nesses Estados. Para maiores detalhes sobre o tema — que são muitos e fogem ao escopo deste livro - sugere-se aos interessados a pesquisa acerca do processo

eleitoral

dos

Estados

Unidos.

(N.

T.)

do falsamente que quando o número de pessoas desonestas é muito grande, *ipso facto*, cada uma delas deixa de ser desonesta.

Um argumento que lida com o ponto em questão é *argumentum ud rem* (um argumento ligado à coisa, argumento que vai ao âmago da questão).

Argumentos que se esquivam da questão recebem nomes especiais para significar sobre quais fundamentos irrelevantes se baseiam: *argumentum ad bomiuem*, *argumentum ad popultun*, *argumentum ad miséricordiam*, *argumentum ad bacultim*, *argumentum ad ignorantiam* e *argumentum ad perecundiam*.

ARGUMENTUM Ai) HOMINEM

A falácia do *argumentum ad bomiuem* (literalmente, um “argumento para o homem”) confunde o ponto em questão com as pessoas interessadas.

Ataques ao caráter e à conduta das pessoas e insultos ou elogios

persoais

substituem

o

raciocínio

sobre

o

ponto

em

questão.⁶

O *argumentum ad boiniem* busca persuadir através de um *elbos* que não é sólido nem de confiança. Na retórica,

elbos

significa estabelecer

quem fala ou escreve como alguém digno de participar de uma discussão,- em sentido mais amplo, é o caráter de um indivíduo ou grupo representado por seus valores e crenças.

EXEMPLO: *Argumentum ad hominem*

Sustentar que os argumentos de um advogado, que alegam que um determinado funcionário de banco é um desfalcador, são sem valor, porque esse advogado defraudou seus parentes ao obter uma parcela maior do que aquela herança realmente pretendida pelo testante, é uma falácia do *argumentum ad hominem*.

Porém, é legítimo argumentar que, uma vez que se sabe que uma testemunha mentiu em juízo, seu testemunho atual não deveria ser aceito sem reservas.

ARGUMENTUM AI) 1'ORULUM

A falácia do *urijumciitiint ad populum* surge da substituição do raciocínio lógico sobre o assunto em questão por um apelo às paixões e pre-conceitos das pessoas, por exemplo, o apelo ao ódio racial por parte dos perseguidores dos judeus.

ARGUMENTUM AI) MISERIGORDIAM

A falácia do *argumentum ad miserícordiam* (literalmente, apelo à misericórdia) substitui a razão por um apelo por compreensão e

° Alguns especialistas em lógica fazem distinção entre *bomiiem* abusiva, que trata de ataques ao caráter e à conduta das pessoas, e *ud Ijoihdíchí* circunstancial, que tenta refutar um argumento ao evidenciar a identidade ou os interesses das pessoas que o sustentam.

Por exemplo, “Este estudo não tem valor porque foi financiado por um grupo com interesses especiais”. (T/M)

/ *iihíciís* -2.|3

compaixão. E usado por muitos advogados criminalistas para

desviar a atenção dos jurados da questão real - culpado ou inocente - objetivando a piedade e um veredicto favorável porque o acusado é, por exemplo, uma mulher bonita ou um pai solteiro. Um transgressor da lei poderia argumentar que não deveria pagar uma multa de trânsito porque estava doando sangue enquanto seu carro estava estacionado em local não permitido. Um exemplo clássico de *argumentum ad lusericordiam* é aquele no qual o réu que assassinou seu pai e sua mãe alega ser merecedor de piedade porque, afinal, é um órfão.

ARGUMENTUM AI) BAGULLIM

Argumentum ad baculum é o apelo à força ou à ameaça. A questão é ignorada, numa tentativa de inspirar medo das consequências caso uma opinião ou um programa proposto [contrários aos daquele que apela à força] sejam adotados, ou, ainda, numa tentativa de impedir que um movimento considerado perigoso ganhe força. A ameaça de ostracismo social ou perda de uma posição pode ser usada para impedir que uma pessoa denuncie uma fraude no seu local de trabalho.

Algum valentão pode persuadir pela ameaça do uso de violência.

ARGUMENTUM AI) IGNORANTIAM

Argumentum ad iguorantiam é o uso de um argumento que soa convincente aos outros porque estes ignoram a fraqueza do argumento e dos fatos que se contrapõem a ele.’

‘ jfoj A

:: ç ; ifofo-

Uma teoria, tal como a da evolução, é inválida porque não foi provada.

Ninguém jamais provou a existência de extraterrestres; logo, eles não existem.

Ninguém jamais provou que extraterrestres não existem; logo, eles existem.

Argumentum ad populum, ad misericordiam, tid bacidum e ad ignora/iliam também demonstram o uso de *palbos* frágil e não confiável. *Palbos* é o

termo usado em retórica para significar que um orador ou um escritor tenta estabelecer empatia com o público. O *pathos* será explicado em detalhes no Capítulo 1 1.

‘ A forma desta falácia é: Não há prova de /), portanto, *iitio-p*. Por exemplo, dinheiro nao traz felicidade, portanto, a pobreza traz, (TA/I)

234 - O *Triviam*

ARGUMENTUM AD VERECUNDIAM

Argumentum

ad

veridicum

(ou

argutnenum

magister

dixit)

é

um ape-

lo ao prestígio — ou autoridade — atribuído ao proponente de um argumento,- prestígio no qual se baseia toda a garantia da veracidade

do

argumento.

Esse

prestígio

é

insuficiente

quando

se

requer

consideração racional sobre um ponto de controvérsia e só é dada consideração à autoridade de quem o sustenta ou a ele se opõe.

E

perfeitamente

legítimo

acrescentar

autoridade

a

um

raciocínio,

mas é falacioso substituir o raciocínio pela autoridade em assuntos capazes de ser entendidos pela razão. Esta falácia é particularmente perniciosa quando a autoridade citada não é uma autoridade no assunto em discussão. Por exemplo, o endosso que celebridades dão a produtos de consumo, ou a causas políticas, constitui um *arjuneilum ad verecundum*.

Causa Falsa

A falácia da causa falsa está presente também quando algo accidental a uma coisa é empregado para determinar sua natureza, caráter ou valor, de modo que aquilo que não é uma causa é então considerado como tal.

EXEMPLO: Causa falsa

Corridas de cavalo são nocivas porque algumas pessoas apostam dinheiro demais nos resultados.

Uma coisa não é má apenas porque algumas pessoas dela abusam. Em tais casos, a causa do mal não está na coisa em si mesma, mas naqueles que íazem dela uma ocasião para satisfazer suas próprias propensões maléficas.

Note que *Post hoc enjō hoc* é uma falácia indutiva que por vezes é, com alguma liberdade, identificada com a falácia dedutiva da causa falsa. A causa falsa faz uma suposição falsa acerca de uma razão, a qual é uma causa do saber,- *post hoc cñ/o propter hoc* faz uma suposição falsa acerca de uma causa do ser. A falácia indutiva *post hoc erijō propter hoc* resulta da

suposição falsa de que o que quer que aconteça antes de um determinado evento é a causa daquele evento.

O

erro

aumenta

pela

observação

imperfeita,-

eventos

que

ocorram

sem

a

alegada

causa

antecedente

frequentemente

passam

despercebidos.

Um

gato

preto

cruza

o

caminho

de

uma

pessoa.

No dia seguinte, cai o valor das ações na bolsa. A pessoa conclui que o gato causou má sorte, mas deixa de notar quantas vezes um gato preto cruzou o seu caminho sem que qualquer má sorte se

manifestasse.

Mas mesmo que a má sorte sempre se manifestasse, o gato preto não seria por isso uma causa do infortúnio.

Petição de Princípio

Petição de princípio é a falácia de presumir que já está nas premissas a proposição a ser provada, isto é, a conclusão - ou uma proposição ampla o suficiente para incluir aquela a ser provada.

Em outras palavras, o argumento é falacioso porque uma tese não pode servir de fundamento à veracidade dessa mesma tese.

A

conclusão

presumida

nas

premissas

usualmente

está

oculta

sob sinônimos, de modo que as identidades das proposições são menos óbvias.

EXEMPLOS: petição de princípio

O argumento tautológico (repetição do mesmo sentido em palavras diferentes) William Shakespeare é famoso porque suas peças são conhecidas em todo o mundo.

O argumento pendular (oscilante)

“O rapaz é demente.” “Por que você pensa assim?” “Porque ele assassinou a própria mãe.” “Por que ele a assassinou?” “Porque ele é demente.”

Pode ser um fato que o rapaz seja demente e essa pode ser a razão que explica por que assassinou sua mãe, mas para raciocinar sem recurso à falácia da petição de princípio deveriam ser apresentados outros indícios de sua insanidade.

Argumentando em círculo

Esta argumentação difere do argumento pendular pela adição de uma ou mais proposições, as quais fazem com que o argumento gire num círculo em vez de apenas ir e vir, para lá e para cá:

“Este filme é o melhor da década.” “Como você pode provar isso?” “O *New York Times* diz que é.”

“E daí que o *New York Times* diz que é?” “O *New York Times* é o jornal mais respeitado na indústria de entretenimento.” “Como é que você sabe disso?” “Porque eles sempre escolhem os melhores filmes da década.”

Epíteto como petição de princípio

O epíteto como petição de princípio é provavelmente o exemplo mais comum desta falácia. É

uma locução ou apenas uma palavra que supõe o ponto a ser provado. Classificar um projeto de lei tributária de “bem-estar social dos ricos” ou rotular uma proposta como favorável às “grandes corporações” ou ao “grande capital” são exemplos de epíteto como petição de princípio.

Pergunta Complexa

A falácia da pergunta complexa é algo similar àquela da petição de princípio.

A

petição

de

princípio

pressupõe

que

a

proposi-

ção a ser provada já está nas premissas,- a pergunta complexa

pressupõe

que

está

na

pergunta

uma

parte

daquilo

que

pertence

totalmente à resposta.

A

falácia

da

pergunta

complexa

ocorre

quando,

em

resposta

a

uma pergunta composta, é exigida uma resposta simples, ao passo que a resposta correta dividiria a pergunta e a responderia parte por parte.

Interrogadores

(advogados,

promotores,

policiais,

etc.)

fre-

quentemente

utilizam-se

deste

artifício

para

induzir

uma

testemu-

nha à contradição, tentando assim enfraquecer o valor de seu testemunho em favor da outra parte. Exemplos desta falácia incluem: Por que você roubou o meu relógio? Quando você parou de flertar?

Onde

você

enterrou

o

corpo

da

mulher

que

você
matou?
Quan-
to
tempo
você
desperdiçou
estudando
matérias
sem
valor
prático
como filosofia e música?

EXERCÍCIOS

Analise

os

argumentos

a

seguir,

expandindo,

se

necessário,

aque-

les que estiverem abreviados. Nomeie o tipo. Se o argumento for falacioso,

será

necessário

explicar

claramente

onde

reside

a

falá-

cia, além de nomeá-la. Se houver duas ou mais falácias, nomeie cada uma.

O coração é um órgão. Um órgão é um instrumento musical. Portanto, o coração é um instrumento musical.

O falar do mudo é impossível. João é mudo. Logo, falar de João é impossível.

Desdemo/iii. Do you know, sirrah, where Lieutenant Cassio lies?⁸

Cloivh. I dare not say he lies anywhere.

Desiknioiiii. Why, man?

Clou'11. He is a soldier,- and for one to say a soldier lies is stabbing.

- *Otbello* 3.4.1-6

s O uso repetido de *lie* em suas diferentes acepções (*mentir, deitar, repousar, residir*, etc.) dá conta da adequação como exemplo de possível falácia. A tradução para o português talvez tornasse este trecho inútil como exemplo de falácia. Todavia, outros tradutores, não preocupados com a adequação deste trecho a esse propósito específico, usaram o verbo *pousar* como substituto de *lie*. É uma substituição válida, mas que ainda carece de nota explicativa quanto aos trocadilhos originais — piuis -, o que só reforça a decisão de manter este e alguns outros trechos de Shakespeare no original, sempre levando em conta a adequação ao propósito de cada capítulo deste livro e dos exemplos neles contidos. (N. T.) *I uhíeiis* -

Viola (usando a identidade de Cesario). Save thee, friend, and thy music.

Dost thou live by thy tabor?

(*lotou.* No, sir, I live by the church.

Viola. Art thou a churchman?

Clown. No such matter, sir: I do live by the church,- for I do live at my house, and my house doth stand by the church.

— *Ttoelflb Nicjbl 3.1.1-7*

O trem movente parou. O trem que parou está imóvel. Portanto, o trem movente está imóvel.

Luísa não é o que Maria é. Luísa é uma mulher. Portanto, Maria não é uma mulher.

Um camundongo é pequeno. Pequeno é um acidente. Logo, um camundongo é um acidente.

Se um número não for par, será ímpar. E par. Então, não é ímpar.

O receptor de bens roubados deveria ser punido. Você recebeu bens roubados e, portanto, deveria ser punido.

Not to be abed after midnight is to be up betimes,- (...) To be up after midnight, and to go to bed then, is early,- so that to go to bed after midnight is to go to bed betimes.

- *Tioelftb Niíjht 2.3.1 -9*

Todos os ângulos de um triângulo são iguais a dois ângulos retos,- o ângulo x é um ângulo deste triângulo,- portanto, c igual a dois ângulos retos.

Adquirir propriedades é bom. Este ladrão está adquirindo propriedades. Portanto, ele está fazendo o bem.

A democracia falhou nos Estados Unidos porque há cidades e Estados corruptos.

Se um ser humano permanecer sob a água por trinta minutos, morrerá. Este mergulhador permaneceu sob a água por trinta minutos.

Portanto, ele morrerá.

Bolo é doce. Doce é um adjetivo. Logo, bolo é um adjetivo.

Histórias de detetive são excelente literatura porque são as preferidas de doutos professores de matemática.

Esses grevistas são preguiçosos, pois estão determinados a não trabalhar.

Esta mulher não pode ser uma criminosa, pois nunca esteve na prisão.

O Sol deve mover-se ao redor da Terra, pois a Bíblia diz que a prece de Josué fez o Sol parar.

Acusamos o Rei Charles II de ter quebrado o seu juramento de co-roação e nos dizem que ele manteve os votos matrimoniais.

-Thomas Babington Macaulay, *History of EngbiiJ*

A Lei Seca não foi bem-sucedida porque não contava com o apoio da opinião pública, e as pessoas não a apoiaram porque a lei era um fracasso.

O homem é um animal. Animal é um gênero. Um gênero é divisível em espécies. Portanto, o homem é divisível em espécies.

Eu não quero ir a um médico, pois percebi que todos aqueles que morreram nesta cidade neste inverno foram a um médico.

Quando você decidiu parar de fingir?

Maria é uma boa costureira. Portanto, ela é uma boa mulher.

Aumentar salários é aumentar preços. Aumentar preços é aumentar o custo de vida. Aumentar o custo de vida é diminuir a renda real.

Logo, aumentar salários é diminuir a renda real.

Esta estátua é uma obra de arte. Esta estátua é minha. Logo, é uma obra de arte minha.

Aquela que jura que quebrará o seu juramento, e então o quebra, é alguém que mantém o juramento.

Em Ffdoi, Platão prova a imortalidade da alma a partir da simplicidade desta. Na *Re[>úblicn*,

Platão prova a simplicidade da alma a partir da imortalidade desta.

hilíciis - 239

10 UM BREVE SUMÁRIO DE INDUÇÃO

Lógica é a ciência normativa que dirige as operações do intelecto de modo a alcançar a verdade.¹ Assim como a metafísica, ou ontologia, lida com *todas*

cís coisas tais como elas são em seu aspecto mais abstrato, mais geral, e, portanto, em seu aspecto mais comum — ser —

assim, a lógica lida com *tudo ipie épensado* em seu aspecto mais geral - verdadeiro.

Os requisitos da veracidade são:

1. O que é pensado deve representar o que é. (Esta é a norma da concepção - formação de conceito - e da indução).
2. Pensamentos devem ser consistentes entre si. (Esta é a norma da dedução).

O

primeiro

requisito

diz

respeito

ao

material

do

raciocínio,-

o

segundo, ao raciocínio mesmo. Ambos são necessários.

A lógica dedutiva, ou formal, é a única lógica no sentido de que somente ela descobre as regras pelas quais pensamos e raciocinamos corretamente.

Mas

o

material

do

pensamento,

os
termos
e
propo-
sições, deve vir, fundamentalmente, da nossa
experiência, por
meio
de
concepção
e
indução.
Portanto,
esses
processos
são
preliminares
ao raciocínio.

ANALOGIA: Conexão entre dedução e indução

Algodão *m naturn* é necessário à fabricação de musselina, organdi e brim, mas são as máquinas que produzem a diferença entre esses tipos de tecidos de algodão. É com as máquinas e sua operação que a manufatura se preocupa especificamente. A produção e aquisição de matéria-prima não são, estritamente falando, problemas de fabricação; elas são preliminares e pré-requisitos a ela.

AQUISIÇÃO DE CONHECIMENT

O

Conhecimento - isto é, qualquer informação que a mente possua - é derivado da operação das próprias faculdades de alguém, ou da fé.

Ver nota 3 do Gap. 6. (N. T.)

l/m

Siimãrio de Indução - 24/

l aculdades I lumanas

Adquire-se conhecimento através das próprias faculdades. As faculdades dos sentidos adquirem uma percepção imediata dos objetos externos e as faculdades intelectuais agem sobre os dados fornecidos pelos sentidos.

FACULDADES DOS SENTIDOS

As faculdades dos sentidos compreendem os sentidos externos —

visão, audição, tato, paladar e olfato -, assim como as sensações ou sentidos internos. Os sentidos internos incluem a imaginação, que produz e retém fantasmas,- a memória, que recorda e reconhece esses fantasmas como previamente experimentados,- o senso comum ou central, ou, ainda, o “sentido dos sentidos”, o qual discrimina, coordena e sintetiza as sensações,- e o instinto, pelo qual um ente sensível avalia se um objeto é útil ou não ao seu bem-estar físico.

Os sentidos podem operar de forma intuitiva ou indiretamente. A forma intuitiva refere-se à percepção direta ou imediata dos sensíveis característicos - cor, som, etc. A forma indireta refere-se à percepção indireta dos sensíveis comuns, ou seja, aqueles que podem ser percebidos por mais de um sentido. Por exemplo, movimento, repouso, forma e tamanho podem ser percebidos tanto através da visão quanto do tato,- número, distância, direção, duração e ritmo, através da visão, do tato e da audição.

Note que a imaginação ficcional pode operar pela combinação de fantasmas, por exemplo: sereia, sátiro, centauro, grifo.

FACULDADES INTELECTUAIS

As faculdades intelectuais compreendem o intelecto, que busca a verdade,- a memória racional,- e a vontade, que busca o bem. O intelecto pode operar intuitivamente (abstração: concepção, indução).

EXEMPLOS: Intuição intelectual

Metafísica: Todo efeito deve ter uma causa adequada.

Lógica: Proposições contraditórias não podem ser ambas verdadeiras.

Matemática: Coisas iguais a uma mesma coisa são iguais entre si.

Moral: O bem deveria ser feito e o mal evitado.

Psicológica: Minha consciência dá testemunho da minha livre vontade.

242 - O 7 *riviitiii*

O intelecto também age de modo inferencial, o que inclui tanto a inferência imediata quanto a mediata, ou silogística.

li-

Fé inclui tudo que alguém sabe por testemunho de um outro. Este outro pode ser humano - pais, professores, parceiros, livros, revis-

tas, jornais, rádio, TÇ etc. - ou divino - Deus comunicando uma revelação diretamente ou por milagres, que autenticam a mensagem do Seu agente (anjo, profeta, apóstolo, etc.).

Os tópicos de invenção (ver Capítulo 6) extraem material para raciocínio a partir do exercício das faculdades (os primeiros dezesseis tópicos) ou a partir da fé (do testemunho de outros).

A psicologia, ou filosofia da mente,² explica o processo pelo qual conceitos e juízos são obtidos a partir do mundo real. A indução, tal como a concepção, é abstrativa, intuitiva,- mas enquanto a concepção é a abstração da essência e seu resultado é um conceito expresso num termo, a indução é, simultaneamente, o ato de evocar e a percepção de uma relação,- seu resultado é um juízo expresso numa proposição. Nenhum dos processos é de mera contagem e adição de exemplos,- nenhum é uma generalização a partir de particulares, ou uma inferência de qualquer tipo,- ambos são intuições da verdade extraídas da realidade.

A base da concepção e da indução intuitiva é a mesma: somente indivíduos existem, mas existem tal como os vemos na natureza, de acordo com o tipo. A essência é aquilo que faz de um indivíduo um membro de sua espécie ou tipo,- conseqüentemente, o conceito, que é a apreensão intelectual da essência presente no indivíduo, é igualmente aplicável a todo membro da espécie. Similarmente, uma proposição necessária geral que expressa a

apreensão intelectual de uma relação fundamental - tal como causa e efeito - presente no indivíduo tal como membro de sua espécie deverá estar presente em todos os outros membros da mesma espécie.

INDUÇÃO: UMA FORMA DE INTUIÇÃO

Indução não é uma forma de inferência,- é uma forma de intuição.

Toda proposição geral que sirva como uma premissa numa inferência

? Psicologia e filosofia da mente tratam ambas de como obtemos conceitos e juízos a partir do mundo real, mas elas procedem de modos diferentes. A abordagem da irmã Miriam Joseph tem inclinação filosófica. (T/V1)

Lim Krcvc Snniáiiio de íiiditciio - 243

silogística é ou a conclusão de um silogismo ou de uma série de silogismos construídos somente de proposições gerais, ou uma indução ou intuição obtida da natureza. Pois não há fórmula correta de inferência³ pela qual uma proposição geral possa ser derivada como uma conclusão a partir de premissas empíricas, e que sozinha expresse nosso conhecimento de fatos particulares. (A *Regra 10* das regras gerais dos silogismos afirma: “Se uma ou ambas as premissas forem empíricas, a conclusão será, necessariamente, empírica”).

Portanto, toda proposição geral é derivada da indução,’ quer diretamente quer como resultante final. A indução é um ato mental, mas não uma inferência. E preliminar e um pré-requisito à inferência,- é uma intuição da verdade, quer geral quer empírica.

Tipos de Indução

Há três tipos distintos de indução, nenhum dos quais é inferencial.

INDUÇÃO ENUMERATIVA

A indução enumerativa é a afirmação de uma proposição empírica plural e numericamente definida como resultado da observação de fatos e contagem de casos, por exemplo: cinqüenta e três pessoas morreram

em

acidentes

automobilísticos

naquela

cidade

no

ano

passado. Este é o tipo menos importante de indução e quase não merece ser assim chamado. Seu principal valor reside em contribuir com fatos averiguados a serem usados numa dedução ou em outros tipos de indução.

Uma dedução estatística é uma conclusão num silogismo cuja premissa menor é uma indução enumerativa e cuja premissa maior é uma lei estatística ou matemática, usualmente expressa numa fórmula. A conclusão é a declaração de uma probabilidade numericamente definida. Por exemplo, uma companhia de seguros baseia

! A afirmação da irmã Miriam Joseph de que “não há fórmula correta de inferência pela qual uma proposição geral possa ser derivada como uma conclusão a partir de premissas empíricas” significa que não há meio dedutivo para se extrair conclusão a partir de dados empíricos. A solução da autora, ao chamar indução de uma intuição, se resume à noção de que a indução é uma forma direta, não-inferencial, de conhecimento. (TA1)

‘ A maioria dos especialistas em lógica diz que a indução é uma forma de inferência, diferente da dedução, mas entre os estudiosos há uma discussão inacabada acerca da natureza da indução. A proposição a seguir ilustra o problema: Todos os objetos sem sustentação caem na direção do centro da Terra. Como sabemos que esta proposição é verdadeira?

Falando rigorosamente, o máximo que podemos dizer é que todos os objetos *iilé IU/orii ohsemidos* caem na direção do centro da Terra. A segunda afirmativa diz menos do que a primeira. Não há inferência dedutiva válida a partir de “Todos os objetos sem sustentação até agora observados caem” até “Todos os objetos sem sustentação caem”. Esse é o problema da indução. (FAj)

44

-

O

írivitiin

seus

índices

no

número

provável

de

óbitos

cientificamente

calcu-

lados

num

grupo

em

particular

-

designados

por

idade,

ocupação,

localidade

— no período de um ano determinado. Taxas de morta-

lidade

fornece

a

premissa

menor
para
esta
dedução
estatística,-
a
premissa
maior
é
uma
fórmula
matemática
para
o
cálculo
da
proba-
bilidade.
A
conclusão
é
uma
declaração
de
probabilidade
numeri-

camente
definida,
suficientemente
exata
para
servir
de
base
a
um
empreendimento de negócios seguro e confiável.

INDUÇÃO INTUITIVA

Indução intuitiva é o ato psicológico de afirmar como verdadeira uma proposição auto-evidente. Este é, de longe, o tipo mais importante de indução.

Se a proposição auto-evidente for empírica, será um dado de conhecimento sensível” e será relativa ao indivíduo sensível no ato da indução intuitiva. Um exemplo: A grama é verde. Uma pessoa cega não poderia fazer esta indução.

Se a proposição auto-evidente for geral, será um princípio de conhecimento intelectual e será relativo à razão humana e ao conhecimento dos termos pelo indivíduo que faz a indução intuitiva.

Por exemplo: O todo é maior do que qualquer de suas partes.

INDUÇÃO DIALÉTICA OU PROBLEMÁTICA

Indução dialética ou problemática é o ato psicológico de afirmar uma proposição, seja geral ou empírica, como uma possibilidade, sem qualquer cálculo de sua probabilidade. E uma intuição da compatibilidade dos termos.

EXEMPLO: Indução dialética

Um polígono regular pode ter um milhão de lados.

Esta criança pode vir a ser o presidente do Brasil.

Xatnrc/a e Propósito da Indução

Indução é a derivação legítima de proposições gerais a partir de casos individuais. O que nelas é invariavelmente observado deve ser essencial à sua natureza. A indução é um método para a descoberta da verdade, e não um processo de prova ou de raciocínio sobre a verdade.

Isto é, um objeto dos sentidos. (N. T.)

Ilh/ Breve ■ Suiudrio de inditção - 24\$

A ordem física, todavia, é complexa demais para permitir o ato mental da indução intuitiva sem o recurso de muito trabalho preliminar. A metodologia científica - os métodos de ciência — ocupa-se desse trabalho

preliminar.

Tais

métodos

são

os

procedimentos

sis-

temáticos

para

a

investigação

dos

fenômenos

naturais.

Seu

objetivo

é separar o que é essencial ou típico do que é acidental ou fortuito e apresentar à mente dados precisos, relevantes e simples. A mente então abstrai o juízo indutivo por meio de um ato intuitivo tão simples

e

espontâneo

quanto

aquele

pelo

qual

abstrai

o

conceito

diretamente dos dados sensíveis.

A metodologia científica não é, de maneira alguma, um ato mental, mas uma salvaguarda da precisão na investigação da natureza.

E

preliminar

à

indução

em

fenômenos

complexos,

tanto

quanto

a

própria indução é preliminar à dedução. Indução e dedução são distintas, mas, na prática, andam lado a lado.

Cada
uma
das
ciências
especiais
pretende
abstrair
do
fenômeno

complexo natural leis que rejam aquele aspecto da natureza do qual trata. Por exemplo, a matemática trata apenas da quantidade,- a física, do movimento,- a anatomia, da estrutura dos organismos vivos,- a economia, das atividades humanas de sustento.

ANALOGIA: Ciências especiais

Petróleo é uma substância natural complexa da qual, através de destilação fracionada, são abstraídas

diversas substâncias. Entre elas estão: gasolina, benzina, nafta, querosene, vaselina, parafina, asfalto

artificial e naftalina. A característica distintiva de cada um desses produtos se deve (1) à abstração

da parte do todo (compare às ciências especiais, onde cada uma delas lida somente com uma fase

ou aspecto da natureza) por meio de destilação fracionada (compare à indução) e, em alguns casos,

por meio de (2) processo industrial de manufatura (compare à dedução), que transforma o produto

natural através da utilização de maquinário (compare à mente). Assim, o produto final deve a

sua

existência aos dotes naturais modificados pela engenhosidade humana.

O objetivo de toda ciência é o conhecimento dos fatos através de suas causas. Isto é verdadeiro tanto para as ciências dedutivas quanto para as indutivas. Na dedução conhecemos o fato, a conclusão, através de suas causas, as premissas. Na indução apreendemos a causa comum a um número de fatos observados, -essa causa é um princípio, um termo médio, pelo qual sua relação pode ser entendida. Consideraremos primeiramente a natureza da causalidade, então a uniformidade da causação, e, por fim, os modos pelos quais o método científico ajuda na descoberta das causas.

246 - *O Iri'inui*

Causalidade

Uma

vez

que

a

indução

trata

principalmente

da

investigação

das

causas,

é

importante

entender

a

distinção

entre

uma

causa,

uma

condição e um tipo especial de condição chamado agente determinante, bem como as quatro causas metafísicas.

CAUSA

Uma causa é aquilo que tem uma influência positiva no fazer uma coisa ser o que é. A soma de suas causas, uma coisa deve cada uma de

suas

características.

Uma

causa

não

é

um

mero

antecedente

numa sequência temporal. Por exemplo, dia e noite sucedem-se um ao outro, mas um não é causa do outro. A suposição de que o antecedente numa sequência temporal é uma causa é a falácia indutiva *post hoc erijo propter hoc*, explicada no Capítulo 9.

CONDIÇÃO

Uma condição é aquilo que habilita ou permite a uma causa agir na produção de um efeito, mas à qual o efeito não deve nenhuma de suas características. Por exemplo, a claridade é uma condição para o esculpir de

uma estátua,- a alimentação, para a boa saúde e competência do escultor,- os andaimes, para a ornamentação do teto de uma igreja.

AGENTE DETERMINANTE

O agente determinante é uma condição que põe em movimento os fatores causativos (causais). Ele difere das outras condições por ser a origem ou ocasião do efeito. Exemplos incluem o mosquito que transmite o germe da febre amarela e a pulga que transmite a peste bubônica.

Com frequência, a ciência busca mais encontrar o agente determinante do que uma das quatro causas metafísicas.

As quatro causas metafísicas

De

acordo

com

Aristóteles,

as

quatro

causas

metafísicas

explicam

todo efeito material. São elas a causa eficiente, a causa final, a causa material e a causa formal. A causa eficiente e a causa final são extrínsecas ao efeito,- são as causas de uma coisa ter-se tornado o que é.

As quatro causas metafísicas são explanadas a seguir, usando como exemplo uma estátua.

1. A *causa eficiente* é o agente e os instrumentos, por exemplo: o escultor, o martelo e o cinzel.

24S - O Irivimi

Uiu Hrcve Siumírio de Iiichiūo - 247

2. A *causa final* é o fim ou propósito que moveu o agente, por exemplo: desejo de honrar um herói nacional, o projeto específico que o artista concebeu, amor à arte, fama, dinheiro, etc. A causa final é a primeira na intenção e a última na execução.

3. A *causa material* é aquilo a partir do qual é feita a coisa, por exemplo: mármore, bronze, madeira.

4. A *causa formal* é o tipo de coisa na qual esta é transformada, por exemplo: Lincoln, Napoleão, Bucéfalo, Joana d'Arc.

A causa material e a causa formal são intrínsecas ao efeito,- são as causas de uma coisa ser o que é. Conhecer um objeto através de sua causa formal é conhecer a sua essência. Assim, a causa formal de um homem é a sua alma que anima o seu corpo, sua animalidade racional. A causa material é aquela matéria particular que constitui o seu ser ou ente físico,- este se modifica continuamente através do metabolismo, mas é mantido e unificado pela causa formal, pela alma no corpo. Deste modo, o homem permanece o mesmo homem ao longo de sua vida através da permanência da causa formal.

Princípio da Uniformidade da Natureza

O princípio da uniformidade é um postulado de todas as ciências naturais. É uma suposição dos cientistas que estudam o universo material, necessária fisicamente - e não metafisicamente. Não é passível de prova, mas de ilustração. O postulado pode ser assim enunciado: A mesma causa natural, sob condições similares, produz o mesmo efeito.

Esta generalização precisa ser limitada de duas maneiras importantes: não é aplicável a um ser dotado de livre-arbítrio naquelas atividades sujeitas a controle pelo livre-arbítrio. Desta maneira, um ser humano é livre para erguer o braço direito ou não, para escolher pensar sobre um assunto e não sobre um outro. Mas uma pessoa não tem tal controle sobre a circulação do próprio sangue, a digestão, quanto a cair de uma altura quando a sustentação é removida, etc. Além disso, o princípio da uniformidade requer a concorrência, ou concomitância, da Causa Primeira. Assim, milagres representam um desvio, ou variação, da uniformidade da natureza, atribuível ao livre-arbítrio da Causa Primeira.

Note que o princípio da uniformidade da natureza não deve ser confundido com o princípio filosófico da causalidade, a saber:

O que quer que venha a existir, precisa ter uma causa adequada.

Este último princípio é um axioma filosófico, cognoscível pela indução intuitiva. Axiomas filosóficos são verdades necessárias metafisicamente. Os postulados da ciência não o são, e, conformemente, não têm um grau de certeza tão elevado.

Método científico

A indução científica como método de descobrir a veracidade compreende cinco passos: observação, analogia, hipótese, análise e separação de dados, e verificação da hipótese.

OBSERVAÇÃO

A observação envolve a inquirição da natureza a fim de se chegar a fatos, os dados da indução. Em função da complexidade da natureza, a observação deve ser seletiva, analítica. É necessário cuidado para a obtenção de fatos livres de inferências. A observação comum é complementada por (1) instrumentos científicos, por exemplo: telescópio,

microscópio,

microfone,

câmera,

barômetro,

termôme-

tro, balanças de precisão e (2) pela estatística, ou enumeração, por exemplo: um estudo estatístico da recorrência de depressões, das causas de óbitos, do número de casamentos e divórcios, da difusão de traços hereditários entre a progênie.

A observação simples, auxiliada pelo uso de instrumentos científicos e estatística, é quase o único meio disponível a ciências naturais tais como a zoologia sistemática e a astronomia e também a algumas ciências sociais.

O experimento é a observação sob condições sujeitas a controle.

Sua vantagem reside na oportunidade que oferece para simplificar, analisar, repetir à vontade e inquirir a natureza por meio de variação das condições, uma de cada vez. Uma ciência que pode empregar a experimentação controlada avança muito mais rapidamente do que aquelas que não podem. Em larga medida, o rápido progresso da física, da química e da bacteriologia, por exemplo, se deve aos experimentos.

ANALÓGIA

A analogia ou similitude em diferentes classes de fenômenos sugere à mente científica alerta a probabilidade de uma relação causal. A analogia é uma fértil fonte de hipóteses. A tabela periódica de elementos químicos teve o seu início na analogia, - por sua vez, essa tabela apresenta analogias que deram ensejo a outras descobertas científicas.

24S - O Irivimi

Llm ftreve Suiidrio de indução -

HIPÓTESE

Hipótese é uma conjectura científica com base em leis gerais, que tenta explicar fenômenos que aparentam guardar relação causal. As hipóteses guiam a observação e o experimento. A investigação subsequente confirma ou derruba as hipóteses.

ANÁLISE E SEPARAÇÃO DE DADOS (METODOLOGIA CIENTÍFICA)

Roger

Bacon

(12147-1294)

ênfatizou

a

importância

da

ciência

experimental

e
a
sua
posição
nos
estudos
cristãos.
Francis
Bacon
(1561-1626)
desenvolveu
uma
teoria
da
indução.
John
Stuart
Mill
(1806-1873)
formulou
cinco
cânones
ou
métodos
gerais
de

ciência

e os popularizou.

Método de concordância

Se dois ou mais casos de um fenômeno sob investigação têm apenas uma circunstância em comum, a circunstância única na qual todos os casos concordam é a causa ou o efeito do fenômeno dado.

Note que nas fórmulas de Mill as letras maiúsculas simbolizam antecedentes

e

as

minúsculas,

consequentes.

Cada

grupo

represen-

ta um caso. A fórmula é ABC-abc,- ADE-ade. Por isso, A tem relação causai com a.

EXEMPLO: M

étodo de concordância

William Stanley Jevons descreve como foi descoberta a causa da iridescência da madrepérola.

Alguém poderia supor que as cores peculiares da madrepérola fossem devidas às qualidades químicas da substância. Muito esforço foi despendido para levar a cabo o exame dessa idéia pela comparação das qualidades químicas de várias substâncias iridescentes. Mas sir David Brewster acidentalmente fez uma impressão de uma peça de madrepérola sobre um molde de resina e cera de abelha. Percebendo que as cores repetiam-se sobre a superfície da cera, ele então fez outras impressões sobre bálsamo, metal fusível, chumbo, goma-arábica, mica, etc., sempre descobrindo que as cores iridescentes eram as mesmas. Assim, ele provou que a natureza

química da substância é indiferente e que a forma da superfície é a condição real de tais cores.¹

Método de diferença

Se um caso no qual um fenômeno sob investigação ocorre e um caso no qual ele não ocorre têm todas as circunstâncias em comum exceto uma, e esta ocorre somente no primeiro, a circunstância única na qual os dois casos diferem é o efeito ou a causa ou uma parte indispensável da causa do fenômeno. A fórmula é $ABC - abc = BC - bc$.

Por isso, A tem relação causal com a.

”William Stanley Jevons, *Elementary Lessons in Logic*. Nova York, Macmillan, 1914, p. 241.

- () *Irivium*

EXEMPLOS: Método de diferença

Olhos inflamados e crescimento retardado são observados em ratos cuja dieta não contém vitamina A.

Um sino que bata no vácuo não fará som algum; na presença de ar, fará; deste modo, a vibração do ar é entendida como tendo relação causal com a produção de som.

Método de confirmação de correlação e diferença

Se

dois

ou

mais

casos

nos

quais

um

fenômeno

ocorre

têm

apenas

uma

circunstância

em

comum,

enquanto

dois

ou

mais

ca-

sos nos quais o fenômeno não ocorre não têm nada em comum exceto

a

ausência

daquela

circunstância,

a

circunstância

única

na qual os dois conjuntos de casos diferem é o efeito ou a causa ou

uma

parte

indispensável

da

causa

do

fenômeno.

A

fórmula

é

ABC-abc,

ADE-ade,

BDM-bdm,

CEO-ceo.

Por

isso,

A

tem

relação causai com a.

EXEMPLOS: Método de concordância e diferença

O uso da antitoxma da difteria para criar imunidade à difteria.

A presença do íon do hidrogênio em todos os ácidos.

Método de resíduos

Subtraia-se

de

qualquer

fenômeno

a

parte

que,

segundo

indu-

ções
prévias,
constitui
o
efeito
de
certos
antecedentes
e
resultará

que o resíduo do fenômeno é o efeito dos antecedentes restantes.’

A fórmula é $ABC—abc$. Mas é sabido que A causa a e que B causa b,-
então, C deve causar c.

EXEMPLOS: Método de resíduos

A determinação exata do peso de meio litro de leite numa garrafa de um litro requer que o peso da garrafa e do meio litro de ar sejam subtraídos do total.

Descoberta do argômo no ar.

Descoberta do planeta Netuno.

Método de oorioções coiicoinilontes

O fenômeno que varia de alguma maneira enquanto outro fenômeno varia em algum aspecto particular é ou a causa ou um efeito Ch Ferratcr Mora, op. cit., I. I , p. 394. (N. T.)

Lliu Brerc Suiiiiirio ile huhtquo - 2\$

desse fenômeno, ou está relacionado a ele mediante algum fato de ordem causai. A fórmula é $A'BC-a'bc$, $A2BC—a2bc$, $A3BC-a3bc$. Por isso, A tem relação causai com a.

EXEMPLOS) Método de variações concomitantes

Efeito das mudanças de temperatura sobre uma coluna de mercúrio - disso, o termômetro.

Marés e a Lua.

Lei da oferta e procura na formação de preços.

VERIFICAÇÃO DAS HIPÓTESES

Francis Bacon não apenas antecipou a substância dos cânones de Mill, mas também indicou os passos subsequentes na descoberta de leis científicas. A forma da qual ele fala é a causa formal do efeito em questão.

Toda forma que estiver presente quando a propriedade em questão estiver ausente, ou ausente quando esta última estiver presente, ou que não cresça nem decresça concomitantemente com essa última, deve ser rejeitada por não ser a forma relacionada causalmente com aquela última, (...) Onde não for possível (tal como na matemática) ver que uma proposição deve ser universalmente verdadeira e que, portanto, seja necessário depender de sua prova com base nos fatos da experiência, não há outro meio de estabelecê-la senão o de demonstrar que tais fatos desmentem as hipóteses contrárias.

Disso se estabelecem os passos da verificação: Da mesma maneira que na formação de um conceito, a abstração remove da atenção do intelecto aquilo que não é essencial, de modo que esse possa intuir o que é essencial. Em outras palavras, a exclusão daquilo que não tem relação causal permite ao intelecto intuir sobre aquilo que guarda uma tal relação.

Exdhsílo (Elimiiii ção)

A exclusão (eliminação) é efetuada por meio de um raciocínio dedutivo a partir de uma proposição disjuntiva. As premissas menores

do

silogismo

exclusivo

(eliminatório)

são

proposições

empíricas que declaram o resultado de observação de fatos sob investigação. As premissas maiores são os cânones dos métodos científicos gerais.

A causa de X é ou A ou B ou C ou D.

- O 7 *liviuin*

1. Apenas A está presente quando X está ausente.

A causa de X não pode estar presente quando X estiver ausente.

Portanto, A não é a causa de X.

2. B está ausente quando X está presente.

A causa de X não pode estar ausente quando X estiver presente.

Portanto, B não é a causa de X.

3. C não varia concomitantemente com X.

A causa de X varia concomitantemente com X.

Portanto, C não é a causa de X.

A causa de X não é A, nem B, nem C. Portanto, provavelmente a causa de X é D.

Note

que

as

alternativas

do

silogismo

disjuntivo

não

devem

ser

uma

mera
catalogação
enumerativa
de
possibilidades.

As
alternati-
vas
devem
ser
selecionadas
por
critério
científico
dentre
os
antece-
dentes
prováveis
e
não
pela
reunião
aleatória
de
fatos

irrelevantes.s

Note

também

que

a

mera

exclusão

não

provê

qualquer

certeza.”

A

conclusão

do

silogismo

disjuntivo

representa

apenas

o

grau

de

simplificação

que

o

método

científico

pode
atingir.
Depois
que
as
alternativas
concorrentes
tenham
sido
refutadas,
os
dados,
os
fatos
da
natureza,
agora
despidos
de
suas
complexidades,
se
põem
a
nu,
por assim dizer, diante dos olhos da mente.

Indução intuitiva

Se a mente enxerga razões positivas para afirmar que a causa de X é D, há certeza. Se não há, a análise dos dados provavelmente foi incompleta,

e

as

alternativas

não

foram

exaustivas,-

um

antecedente

desconhecido, não listado, pode ser a causa de X.

Aplicação e demonstração por dedução

A

certeza

resultante

da

indução

intuitiva

de

uma

lei

geral

precisa

ser demonstrada por inferência silogística usando ou um silogismo s No Capítulo 7, a explicação sobre inferência analógica relaciona-se ao método

de eliminação no raciocínio científico. E necessário que a seleção se dê através de outros métodos científicos para que o processo seja eficaz.

Lima razão pela qual a mera eliminação |exclusão| não conlère certeza é que geralmente não ha nenhuma certeza de que todas as disjuntivas relevantes tenham sido descobertas.

(TAÍ)

regressivo¹⁰ - ou inverso - (da conclusão, passando pela premissa menor até a premissa maior), ou um silogismo demonstrati

vo.

Um

silogismo

regressivo

(inverso)

é

o

elo

entre

a

indução

e

a

dedução.

E

uma

verificação

teórica

das

hipóteses

por

meio

de

dedução. Buscar a causa de fenômenos naturais, uma lei que os governa, é buscar um termo médio, o qual é a causa formal da relação dos termos na conclusão de um silogismo. Em contraste com o processo definido pelo qual as premissas levam à conclusão, buscar o termo médio é um processo indefinido e inverso, pois S e P podem estar relacionados por meio de muitos termos M. A conclusão pode ser apoiada por muitas razões.

ANALOGIA: Buscando um termo médio

Na matemática, prosseguimos de modo definido de um multiplicador c um multiplicando ao produto, mas o processo inverso é indefinido, tal como demonstrado no exemplo a seguir.

Dado: 6×6 . Qual é o produto! Resposta definida: 36.

Dado: 36. Quais são os fatores? 3×12 ; 4×9 ; -2×-18 ; -3×-12 ; -4×-9 .

Indução é um processo inverso similar e indefinido até que seja verificado por dedução e aplicação.

Em nossa observação da natureza, intuímos a proposição empírica S é P. Mas S é P porque é M. Todo o problema da descoberta das leis da natureza consiste no problema de descobrir M. O efeito P prova a presença da causa M. Aqui, M deve ser não apenas o antecedente de P mas o único antecedente, uma propriedade ou uma definição. Por isso, M é P deve ser conversível simplesmente em P

é M. Em outras palavras, a ciência busca a verificação de uma hipótese que possa ser expressa numa proposição hipotética que seja recíproca: Se S é M, é P, - c se S é FJ é M. Quando esta relação recíproca é encontrada, pode ser declarada num silogismo regressivo na primeira figura: S é P P é M.

Portanto, S é M. Então, a verificação teórica da hipótese, declarada por extenso, é: Se S é M, é P Mas S

é M. Portanto, S é P

Um silogismo demonstrativo é uma verificação prática da hipótese por meio de dedução.

Como passo final na sua verificação, a hipótese precisa ser aplicada outras repetidas vezes sobre os fatos da natureza, para que, () silogismo c chamado m/rcss/íM porque, 11a investigação, a conclusão aparece primeiro na forma de um juízo intuitivo. Lsse juízo, presumivelmente, contem as premissas. (N. T) 2.S4 -OIriviiim

por meio disso, tenha a sua veracidade demonstrada. A hipótese torna-se a premissa maior num silogismo cuja premissa menor é

uma proposição empírica derivada por intuição a partir da observação da natureza. A conclusão que se segue a partir de uma fórmula silogística correta que empregue essas premissas ê, então, uma proposição empírica que é uma inferência a partir da hipótese em teste.

Se este processo for repetido muitas vezes, com dados diferentes, típicos e amplamente selecionados, atuando como as premissas menores dos silogismos de teste, e se em todos os casos a conclusão empírica inferida conformar-se aos fatos da natureza observados, então a hipótese estará verificada, ficando demonstrado ser ela uma lei da natureza. Aqui, pela combinação de dedução e indução, veri-ficamos diante do tribunal da razão humana a lei geral que a indução nos forneceu.

A dedução leva à consistência na ordem conceptual e a indução leva à promessa fidedigna de que esta ordem conceptual representa fielmente a ordem real.

FILOSOFIA NO CAMPO DO CONHECIMENTO

Qual o lugar da filosofia no campo do conhecimento? Nossa racionalidade nos instiga a analisar, relacionar, organizar, sintetizar e, assim, a simplificar nosso conhecimento. A filosofia representa a maior unidade c simplicidade que a razão humana desamparada pode atingir.

Avanço em direção à unidade

4. Lxperiência (fato: p. ex., Uma pedia cai. Uma cadeira cai.) 3. Ciência (lei: p. ex., a lei da gravidade.)

2. Filosofia (princípios: p. ex., Todo eleito precisa ter uma causa adequada.)

I. Visão beatífica (Unidade da Perfeita Verdade: a totalidade no Um. A teologia e a fé nos preparam para a visão beatífica depois da morte.)

10-1 Síntese *do conhecimento*

Esses

quatro

passos

na

síntese

do

conhecimento

são

os

terri-

tórios

especiais

da

história,

ciência,

filosofia

e

teologia.

A

função

principal da história é fazer a crônica dos fatos de experiência. A função principal da ciência é organizar fatos sob as causas e leis próximas

ou

imediatas.

A

função

principal

da

filosofia

é

descobrir

as

causas

últimas

ou

fundamentais.

A

filosofia

aceita

as

descober-

tas das ciências especiais como seus dados e trata dos princípios e características

fundamentais

que

constituem

a

ordem

do

universo

como um todo.

A filosofia especulativa se preocupa com o conhecimento da ordem real por amor ao conhecimento. De acordo com as três clas-

ses de objetos a serem entendidos, a mente emprega três tipos de abstração e distingue três grandes campos do conhecimento: (I) Física, em sentido amplo, significando todas as ciências especiais que lidam com o mundo material e que abstraem as condições individuais e se preocupam com leis gerais e com o tipo universal,- (2) Matemática, que abstrai apenas a quantidade para consideração,- (3) Metafísica, que abstrai apenas o ser como ser.

A filosofia prática ou normativa regula as ações de acordo com algum padrão. A lógica lida com o pensamento,- ela dirige o intelecto à verdade. A ética (filosofia moral) lida com a ação; ela dirige a vontade para o bem. A estética lida com a expressão,- ela dirige o intelecto, os sentidos e as emoções para a beleza e sua contemplação.

A abstração é a base da ciência e da filosofia. Cada ciência especial adota como sua esfera de investigação uma característica geral e ignora todas as outras. E somente por este meio que seres humanos podem fazer avanços no conhecimento. Um ser complexo, por exemplo, um homem ou uma mulher, é feito objeto de distintas ciências especiais, tais como biologia, psicologia, antropologia, ética, economia, política, e cada uma destas estuda apenas um aspecto escolhido. Até mesmo a química, a física e a matemática podem contribuir para o nosso conhecimento da humanidade. Nenhuma ciência nos dá toda a verdade. Todas juntas nos dão uma verdade, um quadro complexo, mas limitado, é claro, pelas inadequações da mente humana.

E muito importante perceber a seletividade das ciências especiais - entender que cada uma representa apenas um aspecto da realidade. Conhecer um aspecto como parte de um todo complexo maior é conhecer uma parte da verdade. Mas pensar que tal aspecto único é o todo é distorcer a verdade, transformando-a em erro grosseiro. Este é o perigo da especialização. A filosofia, ao harmonizar as descobertas das ciências especiais, chega mais perto de nos dar a verdade toda, na medida em que só podemos conhecê-la pela razão.

A principal função da teologia é complementar o conhecimento humano com um conhecimento que a razão humana desamparada não pode atingir. Esta é a Revelação, que compreende tanto o conhecimento especulativo quanto o prático, especialmente a partir

de Deus, que é a Causa Primeira de tudo o que a ciência e a filosofia estudam, e o Fim Último do homem, que as estuda.

Um breve Sumário de Indução - 257

A

lógica

da

filosofia

perene

apresentada

neste

livro

é

hoje

desde-

nhada

em

muitas

universidades

como

obsoleta,

inadequada

e

im-

própria

para

uma

era
científica.
(.)
positivismo
lógico
admite
como
cognoscível
apenas
a
experiência
sensível
da
matéria
e
as
relações
de
coexistência
e
sucessão
nos
fenômenos
naturais,-
nega
o

espírito,
o
intelecto
e
a
capacidade
de
conhecer
a
essência.”

A

semântica

moderna considera não só as palavras, mas também as idéias, como
arbitrárias e cambiantes,- nega que as palavras sejam signos de idéias que
verdadeiramente

representam

coisas.

A

nova

lógica

matemática

ou simbólica,¹ ‘ que visa libertar a lética das restrições das palavras e
coisas,

torna-se

mera

manipulação

de

símbolos
capazes
de
ser
testa-
dos
por
sua
consistência
interna,
mas
sem
qualquer
correspondên-
cia
com
idéias
ou
coisas
(portanto,
sem
qualquer
permanência
ou
veracidade).
A

filosofia
perene
sustenta
que
símbolos
tais
como
aqueles
do
silogismo,
da
oposição,
obversão
c
conversão
representam
um
grau
de abstração mais elevado e relações mais claras do que o que podem
somente
as
palavras
e
que,
portanto,
representam

um
conhecimen-
to
mais
avançado,-
tais
símbolos
são
confiáveis
exatamente
porque
representam
palavras
q̃tie
de
fato
correspondem
a
idéias
e
coisas.
Esses
símbolos
indicam
o
caminho

para
uma
lógica
simbólica
mais
completa,
que
preserva
as
verdades
básicas
da
filosofia
perene,
em
particular
o
seu
saudável
respeito
pelo
conhecimento
intelectual

derivado por abstração a partir do conhecimento sensível.

11 A queixa da irmã Minam, lançada contra o positivismo lógico era legítima em 1937. Isso dava, atualmente o positivismo lógico e considerado

extinto. (/ Al) 1 A lógica moderna ainda trata de proposições verdadeiras ou falsas. Ademais, silogismos, conversão,

obversão

e

correlatos

não

desapareceram

da

lógica

moderna.

Mais

própria-

mente, foram agrupados como casos especiais de princípios e formas mais gerais. (/ Al) *thii Ibcit' dc hiihicão* -

11 COMPOSIÇÃO E

LEITURA

O DESENVOLVIMENTO DA LÓGICA RETÓRICA E

POÉTICA

A

arte

da

retórica

originou-se

na

Sicília,

quando

do

estabeleci-
mento de uma democracia em Siracusa no ano de 466 a.C. Lá, Corax
e
seu
pupilo
Tísias
davam
assistência
àqueles
que
tinham
sido
expropriados
para
convencer
os
magistrados
quanto
à
justiça
de
suas
reivindicações
de
restituição.
Corax

reuniu
alguns
preceitos
teóricos
baseados
principalmente
no
tópico
da
probabilidade
geral,
chamado
c/kos
(ver
Aristóteles,
Relóricii,
2.24.9);
Tísias
desenvol-

veu-o um pouco mais, como mostra Platão em *Fcdro*. Córgias, o si-ciliano, que foi a Atenas em 427 a.C., introduziu a arte da retórica em muitas partes da Crécia, onde teve muitos discípulos, dentre os quais o mais famoso e admirável foi Isócrates, o professor e orador.

Córgias, Protágoras, Pródicus e Hípias enfatizavam as graças do estilo, figuras de retórica, distinção de sinônimos, correção e elegância na escolha de palavras, e regras de ritmo, (.orgias visava ensinar como

convencer,

independentemente

de
qualquer
conhecimento
do
assunto.

Ele
reconhecia
ensinar

a
persuasão,

c
não

a
virtude.

Platão

e

Aristóteles
condenavam

os

solistas

Córgias,

Protágoras

e

outros,

por

sua

superficialidade

e

seu

desprezo

pela

verdade,

pois

esses ensinavam como lazer o pior parecer ser a melhor causa.

O

próprio

Aristóteles

construiu

um

bem

equilibrado

sistema

das

artes da descoberta e comunicação da verdade. Seus tratados sobre esses

assuntos

influenciaram

profundamente

a

sua

própria

época

c

as posteriores. Ele sistematizou a retórica e a transformou num instrumento da verdade. Ele afirmava explicitamente ser o fundador da arte da lógica. Sua *Poética* é o início da verdadeira crítica literária.

Lógica

e

retórica

ocupam-se

com

a

descoberta

e

comunicação

da verdade diretamente da mente do autor para a mente do ouvinte ou leitor.

A poética é um modo de comunicação bastante diferente, um tipo indireto que imita a vida nas personagens e situações,-

leitores

ou

ouvintes

partilham

imaginativamente

das

experiências

das personagens como

se essas fossem deles

mesmos,- contudo, a

poética surge a partir do conhecimento assim como do sentimento, enquanto a lógica e a retórica são empregadas na comunicação do todo, o

qual vai além daqueles. Poética é argumentação através de representação vivida.

Aristóteles dividiu a lógica, de acordo com o seu assunto, em demonstração científica, dialética e sofística, tratadas nas obras nomeadas abaixo.

1. Os *scigiiiños iiiiiilíticos*. Demonstração científica que tem como terna premissas que são verdadeiras, essenciais e certas. Neste campo não há dois lados para uma questão, mas apenas um. O raciocínio é meramente expositivo, tal como na geometria, que se move passo a passo até a demonstração conclusiva daquilo que estava por

ser provado. Os *primeiros* *iiHiiÍíÍúú* lida com a certeza através da forma. A obra trata da inferência e apresenta o silogismo.

2. fónicos (Dpiui). A dialética tem como seu tema a opinião e não o conhecimento

absolutamente

certo,

portanto,

as

premissas

são

m e r a m e n t e p r o v á v e i s.

Neste campo há os dois lados de uma questão c há suporte razoável para as visões opostas, ambas apenas prováveis, nenhuma certa, ainda que cada pessoa engajada no debate possa estar pessoal, c até ardentemente, convencida da veracidade de suas opi-niões.

Porém,

ela

não

poderá

simplesmente

considerá-las

como

possuidoras da qualidade da prova geométrica, pois cada debatedor precisa reconhecer que a questão cm discussão não é in-trinsccamente clara e que o ponto de vista do oponente não é tão lalso quanto a proposição de que dois e dois são cinco. O debate é conduzido num espmito de inquirição e amor pela verdade. Se, no curso da discussão, um debatedor vir que a tese do oponente é verdadeira c que aquela que ele mesmo defendia é falsa, pode-se dizer que venceu o debate, pois ganhou a verdade, a qual, ele agora vê, seu oponente

já detinha desde o início. Os *Díílóços* de Platão são os exemplos perfeitos de dialética.

3. *Rejtiíções sojísílois* (tratado sobre falácias materiais). A sofística tem como assunto as premissas que aparentam ser geralmente aceitas e apropriadas mas que realmcnte não o são. Neste campo, usualmente o da opinião, os sofistas buscam não a verdade, mas apenas uma aparência de verdade, obtida pelo uso de argumentos falaciosos cujo objetivo é apenas o de criticar e humilhar o oponente num debate contencioso. Quem quer que vença por tais métodos não conquistou uma verdade. Pelo contrário, fez com que o erro pa-recesse ter triunfado sobre a verdade, e, ao fim, ninguém atingiu a verdade por meio dessa argumentação. E triste notar que hoje muitas pessoas relacionam as palavras argumentação e debate apenas à concepção dos solistas, celebrando a noção sofista de “vencer” um debate, enquanto ignoram a admirável e construtiva busca da verdade — ou do entendimento desta — a ser obtida pelas únicas formas de debate e argumentação dignas do nome, a saber, a demonstração científica e a dialética.

A

retórica,

de

acordo

com

Aristóteles,

é

a

contraparte,

ou

a

outra

face, da dialética, e o entimema retórico é a outra face do silogismo dialético.

Ambas
essas
artes,
retórica
e
dialética,
lidam
com
opinião,
com
probabilidade
c
não
com
certeza
absoluta.
Portanto,
essas
duas
artes,
e
somente
elas,
são
capazes
de

produzir
argu-
mentos
que
sustentam
dois
ou
mais
lados
de
uma
mesma
ques-
tão.

A
dialética
lida
com
questões
filosóficas
c
gerais,
procede
por
inquirição
e

resposta,
emprega
linguagem
técnica
e
é
dirigida
a
filósofos.
A
retórica
lida
com
questões
particulares
ou
específicas,
tais
como
a
ação
política
ou
a
legal,
procede

por
discurso
ininter-
rupto,
usualmente
emprega
linguagem
não
técnica
e
é
dirigida
a
uma platéia de leigos ou popular.

A
retórica
é
definida
por
Aristóteles
como
a
arte
de
descobrir,
em

qualquer
assunto
dado,
os
meios
de
persuasão
disponíveis.

Os
modos de persuasão são três, e uma vez que, tal como assinala Aristóteles, é preciso saber não apenas o que dizer, mas como dizer cm palavras, com eficácia e numa ordem bem disposta, o seu modo de tratar o assunto e resumido como segue:

A posiiiiisão é obtida por meio do logos, pathos e ethos. (.) logos requer
que
o
emissor
convença
as
mentes
dos
ouvintes
ou
leitores
pela
prova
da

veracidade
daquilo
que
diz.
O
pathos
requer
que
o
emissor
ponha
os
ouvintes
ou
leitores
numa
disposição
mental
favorável
ao
seu
propósito,
principalmentc
pelo
trabalho
sobre

as
emoções
do
público.
O
ethos
requer
que
o
emissor
inspire
no
publico,
pela
cortesia
e
outras
qualidades,
confiança
no
seu
temperamento,
reputação,
competência,
bom
senso,

bom

caráter

moral e boa-íé.

O estilo é caracterizado pela boa dicção, boa estrutura gramatical, ritmo (ou cadência) agradável, linguagem clara e apropriada, metáfora eficaz, etc.

A organização é a ordem das partes.- introdução, declaração e prova, conclusão.

Os cinco componentes tradicionais da retórica eram invenção (descobrir argumentos para a persuasão), organização das partes de uma composição, estilo, memorização de um discurso e uso adequado da voz e gestos ao proferi-lo.

Poética

A poética, como a entende Aristóteles, é imitação, uma imitação da vida, na qual o autor não fala diretamente ao leitor, mas apenas através dos seus personagens. O autor deixa-os falar e agir, enquanto os leitores ou ouvintes identificam-se imaginativamente com os

personagens. O uso do verso não é essencial.

Uma vez que a comunicação poética é mediata, através da in-terposição dos personagens e da situação na narrativa, está mais sujeita a erros de interpretação do que a comunicação direta ou expositiva. Se, por exemplo, o receptor não reconhece ironia, paródia ou sátira, entenderá exatamente o oposto do que era a intenção do autor. É necessário aprender como interpretar a comunicação poética. Com frequência, é o mais fácil, mais natural e mais eficaz meio de comunicação, tal como na parábola do filho pródigo (Lucas 15:11-32),- mas às vezes, é difícil de entender, como na parábola do administrador infiel (Lucas 16:1-8).

Na *Poética*, Aristóteles discute a tragédia e a epopéia, ambas narrativas com enredo. XXXII Ele distingue seis elementos formativos ou partes qualitativas da obra dramática; (1) enredo, (2) personagens, (3) o pensamento dos personagens, (4) dicção ou estilo, (5) música, (6) espetáculo (produção no teatro, cenário, trajes).

A função específica da tragédia é produzir no público uma purificação das emoções através da compaixão e do temor, evocados principalmente pelo

sofrimento trágico do herói. Para produzir esse efeito, o herói trágico precisa ser um homem, não perfeito, mas bom no todo, alguém de quem se possa gostar e por quem se possa sentir simpatia, cujo infortúnio lhe sobrevém não por maldade ou depravação, mas por um erro de julgamento ou por uma falha em seu caráter.

E de se notar que caráter (ethos), pensamento (logos), despertar de emoções (pathos) e estilo (através da gramática) são básicos tanto na retórica quanto na poética.

Poética é a imitação de uma ação pela qual agentes aos quais atribuímos qualidades morais alcançam felicidade ou miséria. Seus pensamentos e caráter são apresentados como causas de suas ações, as quais resultam em sucesso ou fracasso. Ademais, em algum momento, em algum lugar, uma pessoa desse tipo irá, provavelmente, ou até necessariamente, dizer ou fazer tais coisas e em circunstâncias semelhantes. Mas o personagem neste drama, ainda que típico de muitos outros, é percebido vivida e imaginativamente como um indivíduo que alguém de fato conheceu e de cujas alegrias e tristezas partilhou. Portanto, a poética está numa posição única entre a história e a filosofia. E mais filosófica e de maior importância que a história porque é universal e não singular,- representa o que poderia ser e não apenas o que foi. Através dela o ouvinte ou leitor XXXII SL escrevemos “João morreu c Maria morreu , temos uma narrativa, mas se escrevermos

‘João morreu c Mana então morreu de dor , teremos uma narrativa mm enredo. (N. I)

deduz o significado da natureza íntima de uma coisa tal como esta foi percebida pelo artista. E mais comovente do que a filosofia, pois é percebida e concretizada intensamente no indivíduo retratado e o apelo é à pessoa toda: à imaginação, aos sentimentos e ao intelecto -

e não apenas ao intelecto.

O CONTO

A poética, tal como Aristóteles a concebia, é narrativa com enredo que imita dramaticamente a ação na vida humana, seja na epopéia seja no drama. Consequentemente, a poética é também concretizada no romance e no conto.

Uma vez que o conto é a forma mais curta de narrativa com enredo, esta discussão tem nele o seu foco, ainda que os princípios sejam aplicáveis ao

romance, ao drama e também à epopéia.

O Enredo

O enredo, e não os personagens, é o elemento essencial e primeiro na poética. Os personagens se revelam na ação.

Um enredo é uma combinação de incidentes tão intimamente ligados por causa e efeito que nenhum deles pode ser transposto ou retirado sem desunir e separar o todo. Esta conexão causai

C *'onijiosi^rio e Leiliíru* - 26

constitui a unidade dc ação, a única unidade essencial a toda obra poética.

Um enredo, diz Aristóteles, precisa ter começo, meio e fim. O

começo não é necessariamente aquilo vem depois de alguma outra coisa, nem é causado por essa outra coisa, mas é aquilo que causa o que o sucede. O meio é aquilo que é causado pelo que o precede e e a causa daquilo que o sucede. O fim é aquilo que é causado pelo que o precede, mas não e causa de algo que o suceda. Em outras palavras, um enredo tem uma ação que ascende c declina numa se-qiicncia de causa e eleito.

Os topicos de causa c efeito' são as ferramentas dc análise da poética, do mesmo modo que a divisão c a ferramenta de análise da retórica no sentido de comunicação expositiva ou direta de idéias.

O enredo é a trama narrada, lodo enredo é uma narração de eventos, mas nem toda narração dc eventos é um enredo. Llm enredo é uma narração dc eventos selecionados c conectados de íorma causai, que surgem dc um conllito e dos obstáculos resultantes a serem superados, os quais, combinadamentc, criam o suspense que sé) será satisleito no lim. Assim, a narrativa com enredo tem unidade lógica e artística, algo que falta à narrativa sem enredo. Na narrativa sem enredo, o fim é simplesmente a cessação da narração dos eventos, a qual, por outro lado, poderia

ser

continuada

indclinidamente

além

daquele

ponto.

Na

narrativa com enredo há insatisfação verdadeira até que o fim seja conhecido e há um senso de finalidade quando esse fim é conhecido; portanto, não há desejo de que a narrativa se prolongue indelicadamente.

O enredo de um conto envolve uma única situação: um personagem central enfrenta um problema e o enredo é a solução deste. O

problema, ou conflito, é o propósito ou o desejo que move o personagem principal, o qual, encontrando obstáculos, supera-os (final feliz) ou é dominado por eles (final trágico), - ambos são soluções.

Deste modo, a análise mais simples de qualquer narrativa com enredo é em termos de personagem, problema e solução. Esta análise pode ser feita do enredo principal e dos secundários, se eles existirem, tal como em alguns dramas e romances.

A irmã Miriam Joseph aplica aos tópicos de invenção de Aristóteles e Cícero, os quais incluem causa e efeito. Nos analisamos o enredo, a estrutura organizacional de uma narrativa, pela investigação das operações de causa e efeito na narrativa. Os tópicos de invenção estão no capítulo 6.

aUq - O 7 r/i /////

C N///^íhs/cj'/o <'

m\i -



Elementos

da

Ação

Os elementos da ação são: (1) a situação ou exposição necessária para entender a narrativa, - (2) a complicação, catalisador que dá início ao conflito maior — ação ascendente, - (3) solução ou conjunto de eventos que trazem a narrativa a um desfecho — declínio da ação.

A análise básica da narrativa com enredo revela o início da ação, o ponto crítico ou de decisão (o clímax lógico) e o desenlace (desen-rede)) ou resultado final (o clímax emocional).

ANÁLISE DA AÇÃO

Em *Hamlet*, de Shakespeare, a ação começa quando o espectro conta a Hamlet que ele é o seu pai, assassinado pelo tio, e pede a Hamlet que vingue esse crime. O ponto crítico ocorre quando Hamlet, imaginando atingir o rei, erga reações à encenação da peça dentro da peça revelam -no culpado, mata Polônio em seu lugar. O desenlace é a cena na qual Hamlet mata o rei com arma envenenada que este traiçoeiramente para ele preparara, mas vítima da qual também ele, Hamlet, morre.

Esses três pontos na ação, note, são aquilo que Aristóteles chamava de o início, o meio e o fim de um enredo.

As partes de um enredo podem ser dispostas em diagrama, com os três pontos importantes da ação marcados como a, b, c.

PROBLEMAS DA AÇÃO A **plausibilidade** é absolutamente

necessária à trama narrada. Ela é produto da ilusão e da consistência interna. Não importa quão imaginativa ou fantástica uma trama possa ser, ela precisa criar ilusão: ela deve parecer real. Um escritor pode assegurar plausibilidade pelos seguintes meios:

1. Motivação natural e adequada.
2. Planificação e antecipação adequadas e habilidosas, as quais incluem motivos e detalhes de cenário ou ambientação, aparência, incidente, etc. — todos os elementos que tornam plausíveis os

even-tos posteriores.

3. Detalhes vividos, concretos, realistas.

4. Criação de uma ambientação eficaz.

5. Tom.

O início da trama pode ocorrer em qualquer ponto da ação.

Um autor precisa decidir onde começar a trama narrada — no início, no meio ou próximo ao fim da série de eventos que constituem a trama.

Frequentemente é melhor lançar-se *in mediis res* (literalmente, no meio da coisa), no meio dos acontecimentos, tal como faz Homero na *Ilíada* e na *Odisseia*, e contar o que aconteceu anteriormente (ação retrospectiva) em pontos onde os incidentes terão importância maior. Por exemplo, na *Ilíada*, o relato da perseguição que Odisseu faz ao javali que rasgou sua perna é contado no Livro XIX, quando a cicatriz do ferimento faz com que sua antiga enfermeira o reconheça, ainda que o incidente tenha ocorrido talvez antes do que qualquer outro relatado.

A ação retrospectiva pode ser inserida por cartas, por um diálogo, por um devaneio reminescente. Em *Um Conto de Cidades Mortas*, a carta que o dr. Manette escreveu enquanto estava preso na Bastilha, antes que a narrativa da trama começasse, é inserida com intenso efeito dramático por ocasião do segundo julgamento francês de Charles Darnay, perto do fim do romance. A conversa entre Sidney Carton e o Carneiro das Prisões” perto do fim do romance esclarece os fatos sobre o misterioso funeral de Joxer Cly e sobre as botas enlameadas de Jerry Cruncher (pistas, antecipação), que apareceram no início da trama.

A ação retrospectiva é muito importante na construção de uma trama, - é um meio de assegurar a unidade artística, o efeito dramático e a solidez da trama. Ação prospectiva é aquela que avança cronologicamente: a ordem da narração corresponde à ordem dos eventos. A ação retrospectiva é a que retrocede cronologicamente: a ordem da narração difere da ordem dos eventos narrados. A ação é retrospectiva sempre que um incidente, ocorrido antes de um outro, é contado depois desse. Este artifício é também chamado de *flashback*. Uma trama narrada *in illo tempore* começa a partir de uma ação retrospectiva, ainda que possa começar por uma reminiscência, - estas duas não são idênticas.

As cenas dramáticas e não-dramáticas constituem a narrativa.

As cenas dramáticas criam uma experiência da qual o leitor pode

partilhar

imaginativamente,

através

do

diálogo,

do

devaneio

de

um

personagem,

da

narração

minuciosa

da

ação

e

dos

detalhes

retrata-

dos

vividamente.

Lima

cena

é

obrigatória
se
a
necessidade
psicoló-
gica
requer
uma
apresentação
dramática
que
satisfaça
o
interesse
do
leitor
e
que
torne
a
estória,
ou
um
personagem,
convincente
e

plau-
sível.

Um
diálogo
deve
favorecer
o
desenvolvimento
do
enredo,
revelar
o
personagem
c
ser
natural.

Um
diálogo
não
pode
ser
criado
pela
mera
colocação
de

palavras

entre

aspas,

adicionando

cie

Jissc,

chi disse, etc. Ele precisa ter a qualidade da fala e deve se ajustar ao personagem

e

à

situação.

A

narração

não-dramática

simplesmente

dá informação ao leitor através da explanação do autor e do sumário de eventos.

Na

maioria

das

boas

estórias,

esse

tipo

de

narração

não
é comum.
O
ângulo
de
narração
inclui
ponto
de
vista,
foco,
uso
de
planos
e o grau de dramatização.

1. *Pouio* de VÓsfu. Uma estória e habitualmente contada do ponto de vista da terceira ou da primeira pessoa.
Do ponto de

vista
da
primeira
pessoa,
o
narrador
pode
ser
o
personagem
principal
ou
outro
personagem
menos
importante.
Na
terceira
pessoa,
a
estória
pode
lazer
uso
da
narração

onisciente,
apresentando
os
pensamen-
tos
de
muitos
ou
de
todos
os
personagens.

Pode
também
lazer
uso
limitado
da
narração

onisciente,
apresentando
os
pensamentos
de

apenas um personagem. O ponto de vista da segunda pessoa usa um narrador que fala diretamente ao leitor; e raro.

2. *Foco*. Da perspectiva de quem a estória será contada? De quem c a estória a ser contada? As vezes, a escolha de um ângulo de narração

não

usual

provoca

uma

mudança

interessante

numa

estória

que,

de

outro

modo,

seria

apenas

mais

uma

estória

comum.

Por

exemplo,

uma tragédia numa certa família do ponto de vista do encanador, ou uma

briga

entre

enamorados

do
ponto
de
vista
de
um
motorista
de
táxi.
Nos
dois
casos,
a
narrativa
poderia
ser
tanto
na
primeira
quan-
to
na
terceira
pessoa.
Llm
efeito

interessante

e

às

vezes

produzido,

normalmente

em

obras

mais

longas

que

um

conto,

por

contar

a

mesma estória, ou parte dela, mais de uma vez, cada vez do ponto de

vista

de

um

personagem

diferente.

Por

exemplo:

The

Riin/iiiiJ

ibe

Book, de Robert Browning, e *O som e a fúria*, de William Faulkner.

3. Plano (Quadro). Uma história pode ser contada dentro do plano de outra maior. Por exemplo: “O ladrão honrado”, de Dostoiévski, e “O homem que queria ser rei”,¹ de Rudyard Kipling.

4. (*iKiiu iic dniiniitizaqlo*). Uma história pode ser objetiva e apresentar apenas a Fala e a ação de seus personagens, ou subjetiva, ao apresentar os pensamentos de um ou mais personagens. Por exemplo:

“The Lottery” (objetiva), de Shirley Jackson, e “C,impei the Fool” (subjetiva), de Isaac Bashevis Singer.

Antecipar sinais de acontecimentos posteriores na ação, sem revelá-los, altera o suspense e a plausibilidade.

Suspense é curiosidade ou ansiedade aprazível criada pelo interesse na história. A motivação dos personagens, a antecipação e a estrutura da história contribuem para o suspense. Suspense não é surpresa.

Transição refere-se às articulações entre os segmentos da ação.

Técnica de apresentação inclui os artifícios que um escritor usa para contar uma história. O escritor habilita os personagens a expressar a história em ações. Algumas vezes, uma história é contada através de cartas, de um diário ou de sonhos. Escritores também fazem uso de diálogo, devaneio, imagens, explicação e sumário.

Comumente, muitas dessas técnicas são empregadas, - a explicação (ou esclarecimento) deve ser usada com bastante moderação.

A Estrutura de uma História

A estrutura de uma história pode ser apresentada como segue. O

tema é a idéia fundamental da história e pode ser expresso em termos gerais em uma frase. Os asteriscos indicam cenas dramáticas.

“O pedaço de barbante”

Por Guy de Maupassant

Personagem: Mestre Hauchecorne.

Problema: Livrar-se da suspeita de roubo .

1 / br Aljh Wbp WouM Br Kiüt). (N. I .)

(S - () h ii mni

Solução-, Ele não consegue se livrar da suspeita, mas morre, protestando com sua inocência.

Tema; As aparências enganam.

Inicio

da ação: Hauchecorne apanhou do

chão

um pedaço

de bar-

bante e um inimigo seu o viu.

Poiio

crúco

(Jc Jccisão)-.

Acusado por seu inimigo de apanhar do

chão

uma

carteira

que

havia

sido

roubada,

ele

contou

a

verdade,
mas
não
acreditaram
em
sua
estória,
mesmo
depois
que
a
carteira
foi
encontrada
e
devolvida
ao
dono,
pensaram
que
tinha
cúmplice
a
tinha
devolvido.
(Ele

foi
livrado
da
acusação
em
juízo,
mas
não
da
suspeita de seus concidadãos).

DcschLicc-.

Esgotado
pelos
inúteis
esforços
em
fazer-se
acreditar,
ele definha e morre, ainda em descrédito.

Aqw R.clros|>('clii'ii

Ação Prospclíci

I.

Vendo

um

pedaço

de

barbante
no
chão,
mestre
Hauchecorn

o
apanha.
Ele

percebe
que
mestre

Malandain

o
estava
ob-

servando.

2. Ele e Malandain uma
vez tiveram uma rixa, da
qual surgiu uma inimizade
mútua.

*3.

Enquanto
Hauche-
corn
estava
na

cstalagem
de
Jourdain,
o
pregoei-
ro
da
vila
anunciou
que
mestre
Houlbreque
tinha
perdido
uma
carteira
com
500
francos
c
alguns
do-
cumentos.

4. O cabo da guarda vai à
estalagcm intimar Hauche-
corne, que o acompanha.

*5. Trazido diante do pre-
feito, Hauchecorne c acu-
sado de roubar a carteira.

6. Malandain tinha leito a
acusação contra ele.

*7.

Hauchecorne

negou

a acusação e afirmou que
ele

apenas

apanhou

do

chão um pedaço de bar-
bante, o qual ele tirou do
bolso.

8. Ninguém acreditou nele.

9. Revistado a seu próprio
pedido,

Hauchecorne

foi

dispensado

com

uma

ad-

vertência.

10. Hauchecorne

contava

a sua estória do barbante

a quem quer que encontrasse.

Ninguém

acredita-

va nele. As pessoas riam.

I

I.

Hauchecorne

então

voltou para o seu próprio

vilarejo,

onde

andou

por

todos

os

cantos

contando

a sua estória, na qual nin-

guém

acreditou.

Ele

pas-

sou a noite inteira pensando no assunto.

12. No dia seguinte, um trabalhador de uma fazenda devolveu a carteira sumida.

() I) 'il jfl))l

13. Ele a tinha achado e, sendo analfabeto, levou-a a seu patrão para que a identificasse.

*14.

Hauchecorne

repe-

tiu, a todos que encontrou, a estória do barba-te,

triunfalmente

acres-

centando como prova de sua inocência o fato de que a carteira tinha sido devolvida.

*15. Ele se deu conta de
que as pessoas pensavam
que o seu cúmplice tinha
devolvido
a
carteira.

A
turba zombava dele.

16.

Ferido
no
coração
pela
injustiça
da
suspei-
ção,

Hauchecorne
conti-

nuou a contar a sua estó-
ria, acrescentando mais e
mais provas, mas quanto
mais
engenhosos
eram
seus

argumentos,

menos

acreditavam nele.

17. Pândegos o induziam

a recontar a estória.

18. Exaurindo-se em inú-

teis esforços para justifi-

car-se, foi definhando qua-

se ate a debilidade mental.

Morre protestando em vão

a sua inocência.

Um personagem e rima figura imaginada que desempenha um papel numa estória. Personagens podem ser redondos, o que significa que são multidimensionais, ou planos, o que significa que podem ser distinguidos por um traço notável. Um personagem plano pode ser um personagem-tipo que seja um estereotipo reconhecível. A madrasta má, o palhaço triste, o playboy bomtão e superficial são todos personagens-tipo.

Personagens podem ser considerados de acordo com o grau a que são desenvolvidos numa estória. Alguns personagens não são bem desenvolvidos; eles são necessários apenas para preencher uma função no enredo. Por exemplo: Orestes em *l'iiê/iíci cm Aul*, Iris e Criseis na *llíiiihi*, os cortejadores menores na *OíiisAili*. Alguns personagens são tipos reconhecíveis, por exemplo: Euriclêa, a serva fiel, na *Oilhsciii*; Uriah Hecp, o sicolanta intrigante, em *IXmid Cü|>|>er|icU*; Jane Bennet, a ingênua, em *()n/ulho c prccoiaçilo*. Outros personagens são totalmente desenvolvidos e individualizados, mesmo que evoluam a partir de tipos, por exemplo: Shylock em *() mcrmiior Jc Veneza*, Elizabeth Bennet em *Oigulbo c |>rconccili>*, e Hamlet.

A motivação refere-se à razão que faz com que os personagens ajam tal como agem — donde resulta o elo básico entre personagens e enredo. Motivação adequada é o principal meio para dar plausibilidade e criar suspenso.

Um personagem pode ser revelado direta ou indiretamente. Na caracterização direta, o autor, ou um observador na estória, descreve o personagem. Na caracterização indireta, o personagem é revelado por aquilo que ele pensa, diz ou faz. O autor apresenta detalhes e cria uma experiência para que o leitor conheça o personagem imaginativamente. Uma narração minuciosa sugere muito mais do que verdadeiramente afirma, pois a partir dela o leitor constrói espontaneamente uma imagem vivida do todo. O uso de narração minuciosa é o principal meio para fazer o leitor ver tudo com a vivacidade de uma testemunha ocular, para fazer com que a estória conte a si mesma sem a intrusão do autor, para tornar a estória uma comunicação poética que produza ilusão crível. ‘

O pensamento e as qualidades morais dos personagens, diz Aristóteles, são as causas naturais da ação ou do enredo. Pensamento e ação Uma ilusão crível enquanto é lida ou assistida. A suspensão temporária da descrença é a condição básica para a apreciação de qualquer obra de ficção. (N.T.)

revelam o personagem. Pensamento expresso em linguagem é aquela parte da poética que é comum tanto à lógica quanto à retórica, pois os personagens

empregam

essas

artes

para

aprovar

ou

desaprovar,

para

suscitar emoções, ou para maximizar e minimizar eventos e questões.

DECLARAÇÕES GERAIS (DITOS SENTENCIOSOS)

Pensamentos particularmente importantes são as declarações gerais, ou ditos sentenciosos (proposições gerais, apotegmas, provérbios), que expressam uma visão universal, um juízo ou uma filosofia de vida. A peça *Hdúlcl* deve

muito de sua qualidade filosófica ao grande número de expressões desse tipo nela contidas.

EXEMPLOS: Declarações gerais

... para a alma nobre

Ricos presentes tornam-se pobres quando quem os deu se mostra cruel.

-

Heimlet 3.1.99- 100

... os bons, quando louvados,

ficam um tanto repugnados, como se o elogio fosse ao excesso.

-

Eurípides, *Ifipênia em Aulis*

Até seu caráter ficou mais firme, tal como aquele de um homem que tomou uma decisão e estabeleceu um objetivo.

-

Nicolai Gogol, “O Capote”

Se soubéssemos de todas as vicissitudes que a sorte nos reserva, a vida seria tão cheia de esperanças e medos, exultação e desapontamento, que não teríamos uma única hora de verdadeira serenidade.

- Nathaniel Hawthorne, “David Swain”

LEMA

Tema é a idéia subjacente à história toda e pode ser declarado em uma frase. Usualmente é uma convicção a respeito da vida, que bem poderia ter sido o assunto de um ensaio ou sermão, mas que, em vez disso, foi expressa numa comunicação poética: um conto, uma peça, uma novela ou um romance.

EXEMPLOS: Declarações de tema

A um homem não deveria ser permitido que perecesse por completo.

- Dostoiévski, “Cã ladrão honrado”

O sacrifício pelo bem público enaltece o sofrimento que acarreta.

-

fut ípides, *IJigèmu em Aulis*

O autoconhecimento é o primeiro passo para a maturidade.

-

Jane Austen, *Orgulho e precoruato*

(o////‘os7ç’í’íg (‘ *L.eilura* -

DICÇÃO OU ESTILO

Aristóteles usa o termo dicção para significar comunicação por meio da linguagem. A crítica literária moderna usa o termo dicção num sentido mais estrito, para significar as palavras que o autor usa; considera a dicção um elemento do estilo. O estilo refere-se a como o escritor maneja os elementos da estória.

Num sentido amplo, inclui cada escolha que o escritor faz, mas, uma vez que a maioria de tais escolhas é discutida em outros tópicos, usualmente o foco é nos seguintes elementos de estilo: tom, dicção e sintaxe.

Tom é a postura do autor quanto ao assunto da sua obra literária e os vários artifícios pelos quais ele cria essa postura. O tom pode ser sério, severo, realista, romântico, irreverente, cínico, satírico, etc.

Dicção é a linguagem que um escritor usa. A dicção pode ser pedante ou coloquial, abstrata ou concreta, simples ou poética. A maioria das histórias usa uma gama de dicções. Essas escolhas intencionais ajudam a comunicar os personagens, a ação e o tom.

Sintaxe é a estrutura da frase. A extensão e a construção são ambas componentes da sintaxe. Gramaticalmente, as frases podem ser simples,

compostas,

complexas,

ou

composto-complexas.

Frag-

mentos de frase — elementos pontuados tal como frases, mas que gramaticalmente não são frases — podem também ser encontrados em histórias. Elementos retóricos da estrutura de frase, tais como o uso de estrutura paralela e frases periódicas, são parte da sintaxe.

TRAJES E CENÁRIO

Dos dois últimos elementos do teatro discutidos por Aristóteles, a música hoje não é essencial, em contraste com as canções do coro no teatro grego, - todavia, na ópera a música é dominante. O espetáculo é essencial à produção de teatro, - esse inclui trajes (guarda-roupa) e cenário.

Já na narrativa escrita, os detalhes de ambiente desempenham um papel acentuado. O ambiente inclui o tempo e lugar da história.

Todos os detalhes de tempo e lugar estão contidos nesse tópico.

Assim, as descrições que o autor faz da natureza, dos móveis num cômodo, da temperatura, etc., são elementos do ambiente. O ambiente cria a atmosfera, - Poe, por exemplo, usa o ambiente para aumentar a atmosfera de terror de uma história.

24

() Ini iim

Escritores

regionalistas

ambientam

suas

histórias

numa

determi-

nada

área

geográfica.

O

Condado
de
Yoknapatawpha
e
um
nome
fictício
dado
por
William
Eaulkner
a
uma
parte
do
Mississippi,-
em
suas
novelas,
I
homas
Hardy
recria
partes
de
Dorsct,

Inglaterra

-

apesar de chamar Dorset por seu nome anglo-saxão, Wessex — adap-tando os topônimos da região. Cor local é um aspecto da literatura regional

que

envolve

a

liei

representação

das

localidades,

vestimen-

tas, costumes e linguagem de uma região. Bret Harte e Mark Twain usam a cor local em suas histórias.

A

maioria

das

histórias

mostra

que

o

ambiente

tem

forte

impacto

sobre

o

desenvolvimento
dos
personagens
e
da
ação.

O
naturalis-
mo,
porem,
ênfatiza
a
importância
do
ambiente
ainda
mais,
pois
numa
estória
naturalista
o
ambiente
afeta
diretamente
o

persona-

gem

e

o

enredo.

Mais

íreqiientcmcntc,

o

protagonista

é

apresen-

tado

como

vítima

do

seu

meio.

O

novelista

francês

Emile

Zola

é

considerado

o

fundador

do
naturalismo.

Os
escritores
americanos

Stephen

Crane,

Llpton

Sinclair

cTheodorc

Dreiser

usaram

elemen-

tos do naturalismo.

A Obra Como um Todo

O

valor

característico

das

grandes

narrativas

poéticas

mundiais

é

o

de levar o leitor a partilhar imaginativamente da rica e variada experiência

de
personagens
individuais
confrontados
com
problemas
e
condições de vida comuns a pessoas de todas as épocas. Elas apresentam
potencialidades
c
modelos
de
vida
tornados
significativos
pelos
melhores
escritores.
Elas
podem
mostrar
homens
e
mulheres
sofrendo
em

consequência

de

seu

próprio

desejo

de

ter

em

exces-

so

aquilo

que

lhes

é

bom,

ruim,

ou

até

mesmo

pecaminoso.

Elas

mostram

como

concepções

lalsas

de

felicidade
levam
à
infelicidade.

Uma
estória
é
moralmente

sadia
se
retratar

o
mal
como
mal,
além

de
não
retratá-lo

de
modo

a
torná-lo

uma
fonte
de

tentação

para

um leitor normal. Boas histórias apelam para o humano em nós. Nós podemos

amar,

detestar,

admirar,

sentir

pena,

desprezar

ou

ridicu-

larizar o que há numa história.

O leitor deveria perguntar: Que modo de ver a vida, que discernimento é obtido a partir desta história? Que problemas o autor apre-sentou

e

resolveu?

()

que

ficou

sem

solução?

A

história

apresenta

o

problema

de
deveres
conflitantes,
de
reivindicações

de
interesse
público
em

oposição
às

de
interesse
privado,

de
direitos
humanos

em oposição a direitos de propriedade, de adaptação ao ambiente, de
choques

culturais,
etc.?

A
estória
deu
vida
a

personagens

ficcionais

ou

históricos

que

valeria

a

pena

conhecer?

Eles

estão

individualiza-

dos? Vivos? Eles são pessoas boas e normais ou são pervertidas? Eles estão colocados acima da vida numa concepção ideal? As suas ações e

diálogos

são

apropriados?

Quem

são

as

pessoas

mais

interessantes?

Por quê? Quais pessoas e incidentes na história o autor parece aprovar? Quais ele desaprova? Qual parece ser a sua filosofia de vida?

Qual é a ideia dominante, q'tal a impressão isolada deixada pela história?

Ela

apresenta
outras
épocas,
outros
lugares,
outras
civilizações
e

culturas? O estilo é característico? (Quais são as relações e influências literárias que afetam a narrativa? O que o autor estava tentando fazer com essa obra? Ele obteve sucesso? Valeu a pena tentar?

“O ladrão honrado”, de Dostoiévski, por exemplo, responde à seguinte pergunta: “Quem é meu próximo?” Sou eu o protetor de meu irmão? Sim. E certo deixar um homem perecer por completo?

Não, nem mesmo se ele parecer um inútil, um bêbado incorrigível, preguiçoso, ingrato, um ladrão, um mentiroso. Nem que eu seja pobre e tenha muito pouco para dividir com qualquer um e mesmo que ele não tenha qualquer direito especial sobre mim, tal como um parentesco ou amizade. Ele é um ser humano e eu não posso deixá-lo perecer. Esse direito é suficiente. Essa história oferece uma visão de vida. Ela afirma no nível mais básico, em termos universais, a inescapável semelhança e parentesco entre todos os seres humanos e o dever do amor fraternal.

LINGUAGEM FIGURADA

De acordo com a concepção antiga, expressa por Cícero e Quintiliano,”

a linguagem figurada inclui qualquer alteração, quer em pensamento quer em expressão, dos modos de falar comuns e simples. Isto incluiria a linguagem das pessoas comuns, que, movidas pela exaltação, adotam atalhos e variações de expressão que dão à sua fala a vivacidade e o brilho que normalmente nela não se encontrariam.

Cícero e Quintiliano distinguiam cerca de noventa figuras de linguagem, e os mestres de retórica da Renascença, cerca de duzentas ao todo, as quais

eram divididas em tropos e esquemas.

Esquemas eram arranjos de linguagem ou pensamento fora do padrão comum, os quais eram divididos em esquemas gramaticais e esquemas retóricos.

Os

esquemas

gramaticais

incluíam

artifícios

‘■ Quintiliano (primeiro século da era cristã) e o autor de *liisfiiiilia* (*haQ/ri*, que delineia a educação de um orador.

?“C> - () / *niiimi*

que

hoje

são

tratados

como

meios

de

aprimoramento

do

estilo

através

da

gramática:

variedade

de

estrutura,
estrutura
paralela
e
antitética,
equilíbrio,
ênfase,
estrutura
elíptica,
e
o
uso
dc
uma
ca-
tegoria
morfológica
em
lugar
de
outra,
por
exemplo,
substantivos
usados
como

verbos.
Esquemas
retóricos
de
repetição
eram
fre-
quentemente
usados
para
ênfatizar
estrutura
paralela,
equilíbrio
e
ritmo.
Eles
incluíam
repetição
de
letras
(aliteração)
e
de
palavras.
Os

esquemas

retóricos

de

pensamento

correspondiam

aos

três

meios de persuasão: logos, pathos e ethos. Cento e vinte duas das cinzentas

figuras

correspondiam

aos

tópicos

da

lógica

e

às

formas

de

raciocínio.

Nós já vimos

que

lítotes

é

a

correspondente

retórica

da

obversão

lógica.

Outros

esquemas

retóricos

correspondem

ao

entimema/ aos silogismos disjuntivo e hipotético, '1 c ao dilema.'¹

.A obversão .1 equivalente lógica ela litotes, esta explicada no Capítulo (>
Na obversão, o predicado muda cm qualidade, do negativo para o afirmativo
ou do afirmativo para o negativo.

()

predicado

muda

para

o

contraditório

da

original.

Por

exemplo,

a

proposição

Joana c conhecida por seu brilhantismo poderia ser obvertida para Joana
não c desconhecida por seu brilhantismo

‘ Um entimema é um silogismo abreviado logicamente pela omissão de uma proposição.

1.1c contém três proposições e pode ser expandido logicamente num silogismo completo.

Por exemplo, Você está falando durante o filme e deve ser retirado do cinema ‘. A proposição que falta é Pessoas que falam durante filmes deveriam ser retiradas do cinema A lista é a premissa maior do silogismo.

Um

silogismo

disjuntivo

afirma

que,

de

duas

proposições,

uma

necessita

ser

verdadeira.

Por

exemplo.

‘

()u

Maria

está

mentindo,

ou

ela
cometeu
assassinato’.

Um
silogismo

hi-

potético afirma a dependência de uma proposição em relação à outra. Por exemplo, “Se a fausta pela verdade for constante, o espírito se fortalecera .

1,1 Um dilema é um silogismo que tem por sua premissa menor uma proposição disjuntiva.

por

sua

premissa

maior

uma

proposição

hipotética

composta

c,

por

sua

conclusão,

uma proposição simples ou uma disjuntiva. Por exemplo, “Porque morrer é uma ou outra destas

duas

coisas:

011

o

morto

não

tem

absolutamente

nenhuma

existência,

nenhuma

consciência do que quer que seja. <>u, como se diz. a morte é precisamente uma mudança de existência e, para a alma, uma migração deste lugar para um outro. Se, de fato, não há sensação alguma, mas é como um sono, a morte seria um maravilhoso presente. Creio que, se alguém escolhesse a noite na qual tivesse dormido sem ter nenhum sonho, e comparasse essa noite as outras noites e dias de sua vida e tivesse de dizer quantos dias e noites na sua vida havia vivido melhor, e mais docilmente do que naquela noite, e reio que não somente qualquer indivíduo, mas até um grande* rei acharia fácil escolher a esse respeito, lamentando todos os outros dias e noites. Assim, se a morte é isso, eu por mim a considero um presente, porquanto, desse modo, todo o tempo se resume a uma única noite. Se, ao contrário, a morte é como uma passagem deste para outro lugar, e, se é verdade o que se diz que lá se encontram todos os mortos. (Mas o bem que poderia existir, o juiz, maior do que este? Não, se chegarmos ao Idades, libertando-nos destes que se vangloriam serem juizes, havemos de encontrar os verdadeiros juizes, os quais nos diriam que fazem justiça a todos; Monos e Radamante, Laco e Iriptolemo, e tantos outros deuses e semideuses que foram justos na vida, seria então essa viagem uma viagem de se fazer pouco caso?

Que

preço

não

sérieis

capazes

de

pagar,

para

conversar

com

Oreu.

Museu,

Hesíodo

c

Homero*’ . (Platão A/xAmm Jr Mcniíts. Iraducao de Maria Lacerda de Souza).

C ‘ini/posiciiii) r L’r/1 uiti -

O conceito moderno de figuras de linguagem é quase que limitado àquilo que os retóricos e retóricos” da Antiguidade e da Renascença chamavam de tropos. Um tropo é a mudança de uma palavra do seu significado comum e próprio para um outro significado, não próprio, a fim de aumentar sua força e vivacidade. É um uso imagi-nativo das palavras, em contraste com os seus usos prático e trivial.

Por exemplo, “A laca está enferrujada” é exemplo de uso prático e trivial de *enferrujar*. “Suas mentes estão enferrujadas” é exemplo de uso figurado da palavra *enferrujar*, que sobre ela imprime um significado não próprio, mas, não obstante, forte e eficaz.

O valor dos tropos reside em seu poder de transmitir idéias com vivacidade num estilo condensado e pitoresco. O tropo mais importante é a metáfora.

Os retóricos da Renascença distinguiram de quatro a dez tropos,- Quintiliano, quatorze. Nos distinguiremos oito tropos (símile, metáfora,

onomatopéia,

personificação,

antonomásia,

metonímia,

sinédoque e ironia) e apontaremos de qual tópico de invenção cada um deles é derivado.¹

Tropos

Baseados

da

Similaridade

Símile, metáfora, onomatopéia, personificação e antonomásia são tropos baseados na similaridade entre elementos que são comparados.

COMPARAÇÃO POR SÍMILE

Através das palavras como, assim, qual, do mesmo modo que, tal como, tão, igualmente ou assemelha-se, um símile expressa uma comparação imaginativa entre objetos de classes diferentes. Estritamente falando um símile não é um tropo, uma vez que a similaridade é expressa sem que uma palavra tenha seu sentido alterado para outro que não seja o seu próprio. Todavia, sua semelhança com a metáfora é tão fundamental que esta distinção técnica será aqui ignorada.

EXEMPLOS: Comparação por símile

João e lorte como um touro.

Lie na cpial uma hiena.

Quero ir para a morte como para uma lesta ao crepúsculo.

— t ernando Pessoa

1 Ver nota 2 4 do Cap 2. (N. I.)

‘ Os tópicos de invenção são delimação, divisão, gênero, espécie, adjuntos, contrários contraditórios, similaridade, dissimilaridade, comparação, cansa, eleito antecedente, conseqüente, notação, conjugados e testemunho.

j-S - *O l ri vi u ui*

É que teu riso penetra n'alma

Como a harmonia de uma orquestra santa

- Castro Alves

Ver mmhalma adejar pelo infinito
Qual branca vela namplidão dos mares

- Castro Alves

My iate cries out.

And makes each petty artery in tlns body

As hardy as the Nemean iions nerve.

- *I Icmilet l/r.82-84*

[Meu destino me drama,

F torna cada pequena artéria neste coipo

Tão resistente quanto os músculos do leão de Neméia.]

METÁFORA

Uma metáfora expressa, sem usar uma palavra de comparação (um conectivo), a identificação figurada de objetos similares de classes diferentes.

EXEMPLOS: Metáfora

Maria é um doce.

O Senhor é o meu pastor, nada me faltará.

Faz-me repousar em pastos verdejantes.

I eva-me para junto das águas de descanso; refngera-me a alma.

- Salmo 23

It sifts from leaden sieves

It powders all the road

It hl ls with ala bastei wool

The wrmkles ol the road.

-

Fmily Dickinson, “It sifts from leaden sieves”

jFia cai de peneiras plúmbeas

F polvilha toda a estrada.

Cobre de alabastrina lá

As rugas da estrada.]

Minha vida se inclinou murcha, uma folha amarela no outono.

-

Macbeth S. 3.22-23

Na minha dor quebram-se espadas de ânsia,

Gomos de luz em treva se misturam.

As sombras que eu dimano não perduram,

Como ontem, para mim, Hoje é distância.

- Mário de Sá-Cameito, “A estátua e a alsa”

L

e Leitura - zyy

ONOMATOPÉIA

Na esfera da gramática, onomatopéia é o uso de vocábulos cuja pronúncia tenta imitar o som da coisa significada. Na poesia, a onomatopéia refere-se à combinação de sons e sentidos para fins de ênfase do significado expresso pelo poema.

EXEMPLOS: Onomatopéia

The moan of doves in immemorial elms

And murmuring of innumerable bees.

- Alfred Lord Tennyson, “The Princess”

Ouve acaso quando entardece

Vago murmúrio que vem do mar,

Vago murmúrio que mais parece

Voz de uma prece

Morrendo no ar⁷

- Vicente de Carvalho, “Cantigas Praianas”, II:

PERSONIFICAÇÃO (PROSOPOLIA)

Personificação, ou prosopopéia, consiste em atribuir vida, sensação e qualidades humanas a objetos de uma ordem mais baixa ou a idéias abstratas. A personificação se baseia na relação entre sujeito e adjuntos. Um adjunto (atributo que não é essencial) é um acidente ou uma qualidade inerente a um sujeito.

EXEMPLOS: Personificação

Aquele foi um dia triste.

A vida é apenas uma sombra ambulante, um pobre ator

Que se pavoneia e se aflige em sua hora sobre o palco;

Í de quem, subitamente, não mais se ouve falar.

A vida é um conto narrado por um idiota,

Cheio de som e fúria, que nada significa.

-

Mik-beth 5.5.23-27

Um grito pula no ar como foguete.

Vem da paisagem de barro úmido, calça e andaimes hirtos.

O sol cai sobre as coisas em placa fervendo.

O sorveteiro corta a rua.

E o vento brinca nos bigodes do construtor.

-

Carlos Drummond de Andrade, “Construção”

Os altos promonernos o choraram,

E dos rios as águas saudosas

Os semeados campos alagaram

Em Massaud Moisés, *1 iniohirio iic lermos liTriai ias*. São Paulo, Cultrix, 2001, p. 330. (N. D

Z.So -071717/1 ///

Com lágrimas correndo piedosas.

Mas tanto pelo mundo se alargaram

Com fama suas obras valerosas,

Que sempre no seu Reino chamarão

“Afonso, Afonso” os ecos, mas em vão.

- Luís Vaz de Camões, *Os Lusíadas*, Canto III, Parte 3, estrofe 8é (I)

Cantem Poetas o Poder Romano,

Sobmetendo Nações ao jugo duro:

O Mantuano pinte o Rei Troiano,

Descendo à confusão do Remo escuro:

Que eu canto um Albuquerque soberano,

Da fé, da cara Pátria firme muro,

Cujo valoi e ser, que o Ceo lhe inspira,

Pode estancar a I acia e Grega lira.

- Bento Leixeira, *Pmsopocia*

ANTONOMASIA

A antonomásia é de dois tipos: (1) um nome próprio substitui uma qualidade associada a ele e passa a ser usado como um nome comum,- (2) uma expressão substitui um nome próprio, tal como a personificação, baseia-se na relação entre sujeito e adjuntos.

EXEMPLOS: Antonomásia

Ele era um Ernest para resolver problemas.

Wall Street caiu hoje após a divulgação dos resultados do último trimestre.

Na Odisséia, epítetos tais como “deusa dos olhos cinto” e “filha de Zeus” frequentemente substituem o nome de Atenas.

A Casa Branca emitiu uma declaração.

Tropo
Baseado
na
Relação
entre
Sujeito
e
Adjunto
e
da
Relação
de
Causa
e
Efeito:
Metáfora

A metonímia é um tropo baseado na relação entre sujeito e adjunto e também na relação de causa e efeito. A metonímia substitui adjunto por sujeito, sujeito por adjunto, efeito por causa, ou causa por efeito, incluindo cada uma das quatro causas: eficiente, final, material e formal.¹¹

¹¹ Epíteto é uma palavra ou expressão descritiva usada para caracterizar uma pessoa, lugar ou coisa. Numa obra literária, a expressão torna-se tão associada aquilo que descreve que frequentemente é usada como um substituto. Os épicos fornecem muitos exemplos desta prática.

! A causa eficiente é o agente e os instrumentos, a causa final, o propósito que motivou o agente, - a causa material, a substância usada, - e a causa formal, o tipo de coisa feita.

2. *Sj -OI nuillH!*

C'oi//pos/Ç(/o c Leiliiru - iSi

EXEMPLOS: Metonímia

... ter vossos dias de prisão prolongados da meia idade à decrepitude e cabelos brancos, sem esperança ou adiamento.

-

Charles I amb, “The Superannuated Man”

... remindo o tempo, porque os dias são maus.

-

E.fésios S: 16

Calais estava povoada de novidades e encantos.

-

William I lazlitt, “On Going a Joiirney”

... que minhas mãos caiam podres,

L nunca mais empunhem o aço da vingança.

-

Ricardo II 4.1.49-SO

Conversamos de cousas várias, até que Instão tocou um pouco de Mozart.

-

Machado de Assis, *Memorial de Aiiem1’*

Sócrates tomou a morte.

í emos Machado de Assis com interesse.

F ia é a âncora da família.

Essa palavra não está no Aurélio.

Se um efeito for significado por uma causa remota, a figura de linguagem é chamada metalepse, um tipo de metonímia.

EXEMPLO: Metalepse

Vosso cabelo de Jacinto, vosso semblante clássico,

Vossos ares de Náia cle trouxeram-me de volta ao lar,

À glória da Grécia

F ao esplendor de Roma.

— Edgar Allan Poe, “To Helen”

Tropo

Baseado

na

Divisão:

Sinédoque

A sinédoque é um tropo baseado na divisão. Ela substitui o todo pela parte, a parte pelo todo, gênero por espécie, ou espécie por gênero.

EXEMPLOS: Sinédoque

A notícia de que Daisy Miller estava cercada por meia dúzia de esplêndidos bigodes reprimiu os impulsos de Winterbourne em ir vê-la de imediato.

- Henry James, *Ria/sy Miller*

F.m Moisés, op. cit., p. 291. (N. T.)

Lie meu deu uma mãozinha.

O pão nosso de cada dia nos dai hoje

- Lucas 113

Tal como um par de leões lambuzados da vítima.

-

Ihe Iwo Noblc Kiinmci) 1.4. 18

Cortando o longo mar com larga vela.

-

Camões, C.s í.i.isGbfís, Canto I, est. 45.

Impo Buscado !i<)s (. uiHiarms, Ironi.i

A ironia é um tropo baseado nos contrários. Por meio dela, diz-se o contrário do que se quer dar a entender.

EXEMPLOS: Ironia

Gloucester [para si mesmo). Simples, singelo Clarence' Tenho por ti tanto amor que em breve mandarei tua alma para o paraíso.

-

Rnatto III 1.1.1 18-1 19

O locutor falava com a suavidade de uma gralha.

Sua inteligência brilha leito lua nova.

As moças entrebeçarmse porque não podem morder-se umas às outras.

-

Monteiro Lobato

i igtiTJs dc I ingtuigcm Inche,i/< s

1. Figuras misturadas — mistura de duas ou mais comparações — por exemplo: A flor da nossa juventude e o fundamento sobre o qual construiremos até que nossa luz brilhe para o mundo todo.
2. Clichês, lugares-comuns, chavões — figuras de linguagem estereotipadas, muito repetidas — por exemplo: corajosos como leões, espertos feito raposas, pescoço de alabastro.

POESIA E FALSIFICAÇÃO

A poesia pode ser dividida em poesia narrativa, didática e lírica.

A poesia narrativa inclui drama (teatro), epopéia, balada e romance,- o que foi dito da narrativa com enredo aplica-se a estas espécies na medida em que tenham enredo. A poesia didática não é poética no sentido aristotélico de imitar a ação,- mais propriamente, é expositiva.

2.Sj -OI nuillH!

Ela merecerá o nome de poesia se tiver as qualidades requeridas de pensamento, estilo e ritmo, as quais serão discutidas em breve.

Exemplos notáveis da poesia didática são “De Rerum Natura”, de Lucrécio, e “Essay on Criticism”, de Pope. A poesia lírica inclui canção, hino, soneto, ode, rondó e muitas outras formas especiais de verso. Ela expressa mais os

sentimentos, impressões e reflexões do poeta que um incidente objetivo, ainda que um incidente possa ocasionar as reflexões. (.) teatro desenvolveu-se a partir da poesia lírica e há muitas canções e passagens líricas em peças teatrais, particularmente nas peças gregas e da Renascença. Quando as pessoas pensam em poesia, pensam principalmente na poesia lírica.

Aristóteles distingue a poesia de outros modos de imitação conforme o meio empregado. A música emprega ritmo e harmonia,-

a dança, somente ritmo,- a poesia emprega ritmo e linguagem. Na linguagem, métricas são espécies de ritmos.

Segundo o ideal clássico e neoclássico, a poesia deve ser objetiva e deve apelar ao intelecto,- assim, a poesia deve atingir a beleza através de formas que ordenem perfeitamente a matéria que possuir dignidade e grandeza intrínsecas. Já de acordo com o ideal romântico, a poesia deve ser subjetiva e deve apelar aos sentimentos,- deste modo, a poesia deve atingir a beleza através do livre e espontâneo jogo de imaginação e idéias sobre um material que pode ser tanto pitorescamente estranho quanto familiar e corriqueiro.

Ainda que as concepções de poesia variem consideravelmente, geralmente é aceita a noção de que a poesia é uma comunicação de experiência, de emoção e também de pensamento, que abarca o universal sob o particular.

A poesia pode ser definida como a expressão, em linguagem hábil e ritmada, do pensamento, da imaginação e da emoção do poeta, refletindo algum aspecto da beleza e verdade, e capaz de suscitar uma resposta na imaginação e nos sentimentos do leitor ou ouvinte.

A linguagem da poesia é distinguida por um ritmo acentuado, ainda que, conforme Aristóteles, e também Wordsworth, a métrica não seja essencial. É uma linguagem que se distingue ainda pela energia excepcional, pela vivacidade, pela riqueza de imagens, agudeza e compressão, donde resulta que muito significado está compactado em poucas palavras. Quando alcançam estas qualidades, os grandes poetas têm como sua marca principal, e no que diz respeito à forma, a capacidade de arranjar palavras em ordem bela, 1 Lucrécio (<')?)?-553 a.(...) I oi um bloco romano cuja obra *IX' Kciuhi Nóíííu* (Sobre a natureza das coisas) apresenta uma visão tão lentificada quanto nítida.

eloqüente, inevitável e incorrigível, no que diz respeito à matéria, eles
precisam

ter

uma

profunda

percepção

da

verdade

e

beleza

na

Natureza, no homem e em Deus.

Poesia

comunica

experiência

que

não

pode

ser

expressa

de

ne-

nhuma

outra

maneira.

O

poeta
vê
e
sente
com
uma
profundidade
e
intensidade
além
daquela
de
uma
pessoa
comum,-
o
poeta
comunica
não
apenas
pensamento,
mas
essa
experiência.
Ler
poesia

é
parti-
lhar da experiência do poeta.

A
forma
da
poesia
deriva
da
sua
essência

a
tal
ponto
que
a

forma e sentida como se inevitável,- isto é, é sentida como a única forma
na
qual
aquela
matéria
podería
ser
comunicada
satisfatoria-
mente.

Consequentemente,

na

poesia,

matéria

e

forma

estão

uni-

das

mais

intimamente

do

que

na

comunicação

meramente

lógica.

E

verdade

que

o

que

alguém

considera

ser

poesia

pode
não
ser
assim
considerado
por
outrem.
Poesia
depende
muito
da
dimen-
são
psicológica
da
linguagem,
a
qual
é
menos
objetiva
do
que
a
dimensão
lógica,-

a
subjetividade
varia
de
pessoa
para
pessoa.
Há,
porém,
muita
poesia
capaz
de
evocar
resposta
poética
em
tantos
leitores,
e
ao
longo
de
tantos
anos,
que

é
universalmente
conside-
rada como verdadeira poesia.

O
caráter
subjetivo
de
uma
impressão
poética

é
o
tema
do
poe-
ma a seguir:

A

Ceifeira

Solitária

Veja-a, sozinha no campo,
Acolá solitária, a namorada das ferras Altas!
Ceilando e cantando sozinha,-
Pare aqui ou passe gentilmente!
Sozinha ela corta e ata o trigo,
F. canta uma melodia melancólica,

O, ouça! Pois o vale profundo
Está transbordando desse som.
Nenhum rouxinol jamais entoou
Mais notas de boas vindas a bandos de
Viajantes cansados em algum abrigo na sombra
Entre as areias da Arábia.
Lima voz tão penetrante nunca se ouviu
De um cuco na primavera,
Quebrando o silêncio dos mares
Entre as mais distantes Hebridas.
Ninguém me dirá <> que ela canta? —
Talvez os cantos lamentosos soem
Por coisas já velhas, distantes e infelizes,
E batalhas há muito encerradas.
Ou serão sobre algo mais simplório,
Alguns assuntos destes dias?
Alguma tristeza, perda ou dor
Que foi, e que pode ser de novo?
Qualquer que fosse o tema, a donzela cantava
Como se a sua canção não tivesse fim,-
Eu a via cantando em seu trabalho,
E sobre a foice se vergando —
Eu ouvia, imóvel e em silêncio,-
E, enquanto eu vencia a colina,
Carreguei no coração a canção
(Por) Muito (tempo) depois que não mais era ouvida.

- William Wordsworth

Diferentemente da idéia popular de que o oposto da poesia é a prosa, o verdadeiro oposto da poesia é o prosaico ou trivial, como insiste Wordsworth em seu “Prelace to the Lyrical Ballads”.

O oposto da prosa é o verso,- ambos têm ritmo, mas o verso tem métrica e a prosa não.

Por conseguinte, a poesia não deveria ser identificada com o verso: passagens poéticas ocorrem em romances e em outros escritos em prosa, alguns versos são inconfundivelmente prosaicos, ou, quando

menos,

obviamente

prosaicos,

sendo

tudo,

menos

poéticos.

Os fragmentos de versos a seguir decididamente não são poesia: Trinta dias tem Setembro,

Abril, Junho e Novembro.

O cedo dormir e o cedo acordar

Tornam os homens saudáveis a prosperar.

ELEMENTOS DE FORMA

RUMO

O ritmo enfatizado, essencial à poesia, pode ser realizado por vários meios.

286 - *O Trivium*

Paralelismo

O

paralelismo

c

o

principal

artificio

rítmico

da

poesia

hebraica.

O

paralelismo

é

também

conhecido

como

ginillelismus

niembroni/H,

isto

é,

como

o

desdobramento

de

um

só

pensamento

em

dois
membros
paralelos
do
mesmo
verso
ou
estrofe,
ou
ainda
como
uma
repetição
de
pensamento
em
diferentes
palavras.
Se
um
sal-
mo
for
lido
omitindo-se
as

partes
repetidas,
logo
se
percebe
que
é prosaico.
Há
três
tipos
principais
de
paralelismo.
Os
exemplos
seguintes
são extraídos dos Salmos.

IfiralclisiHO re/vlilíiw (pensamento repetido):

Gasta-se a minha vida na tristeza, e meus anos em gemidos. (3 1:10)

lliriilclisnio iiiililclKV (pensamento contrastado):

Porque um instante dura a sua cólera,- a vida inteira a sua benevolência.
(30:5)

llmilclisiiio iibíliiv ou siilctico (pensamento repetido e amplificado): Esta é a raça dos que o procuram,- dos que procuram a face do Deus dcjacó. (24:6)

Cesura

Cesurais é uma pausa ou corte num verso de poesia, usualmente no meio
ou

próxima

ao

meio.

Os

poetas

anglo-saxões

desenvolveram

o verso aliterado, o qual usava a cesura com aliteração para criar um ritmo nítido

e

forte.

Usualmente,

duas

palavras

na

primeira

metade

do verso são conectadas por aliteração a uma ou duas palavras na segunda metade do verso.

We twain had talked, in time ol youth

and made our boast, // we were merely boys,

striplings still, // to stake our lives

far at sea: and so we performed it.

- *Bcoiriill* (tradução de Erancis Barton Gummere)

Cadência

A cadência depende das quedas e elevações naturais da voz na pro-lação de versos. O verso livre, ou vers *libre*, usa a cadência inerente A cesura não se

Aersifocação

Métrica é ritmo medido conforme um padrão regular e predeterminado de sílabas longas e breves.¹ E o principal artifício rítmico da poesia inglesa.

A UNIDADE MÉTRICA

O pé é a unidade métrica, -211 ele é composto de uma sílaba acentuada e uma ou mais sílabas não acentuadas. Um pé métrico pode ser:

I. Dissilábico

Iambo (ou Jambo) sílaba breve, sílaba longa (ca-rouse)

Troqueu

sílaba longa, sílaba breve (un'-der)

p' A poesia anglo-saxônica adotou a terminologia do sistema métrico dos gregos e latinos, i.e., um sistema com base na quantidade (ou duração) das sílabas, mas fundindo-o com o acentuativo. A métrica descrita neste capítulo refere-se a esse sistema misto-, quantitativo e acentuativo, onde, p. ex., a sílaba breve corresponde à átona. (N. T.)

“Cada verso pode compor-se de sub-unidades ou células métricas, caracterizadas pelo agrupamento de sílabas, denominado pé na versificação greco-latina, - ou compor-se de uma sequência de sílabas ou tonemas, como de uso entre as línguas românicas” (Moisés, op. cit., p. 465). (N. T.)

2<S<S' - () *I ri vi imi*

2. Trissilábico

Dáctilo sílaba longa, sílaba breve, sílaba breve (si'-lent-ly) Anapesto sílaba breve, sílaba breve, sílaba longa (in-ter-fere) Anfíbraco sílaba breve, sílaba longa, sílaba breve (in-sis -tcd) ESCANSÃO

Escansão é a marcação, oral ou escrita, do pé de verso, de modo a tornar explícita

a

estrutura

métrica.

No

verso

inglês,
um
íctus
(ou
icto)
é
mais
apropriado
do
que
um
mácron
para
marcar
sílabas
lon-
gas
(tônicas
ou
acentuadas),
mas
o
mácron,
apropriado
aos
versos

grego e latino, pode ser mais conveniente ao uso.²¹

Segundo

os

sistemas

greco-latino

e

anglo-saxão,

determinar

a

métrica de um poema é declarar o tipo de pé, o número de pés em um verso

e

quaisquer

irregularidades.

De

acordo

com

o

número

de

pés,

o

verso

é

chamado

monômetro

(um
pé),
dímetro
(dois
pés),
trímetro
(três
pés),
tetrâmetro
(quatro
pés),
pentâmetro
(cinco
pés),
hexâmetro
(seis
pés),
heptâmetro
(sete
pés),
octâ-
metro (oito pés), etc.

VAIRAÇÕES

1. Catalexe: a supressão de uma ou duas sílabas breves (átonas) no final de um verso.
2. *Terminação feminina*: a adição de uma ou duas sílabas breves (áto

-

nas) ao final de um verso.

3. *Anacruse*:

a

adição

de

uma

ou

duas

sílabas

breves

(átonas)

no

início de um verso.

4. *Truncado*,

a

supressão

de

uma

ou

duas

sílabas

breves

(átonas)

no início de um verso.

5. *Espondeu*: um pé que consiste em duas sílabas tônicas,- usualmente é substituído por um dátilo e é relativamente pouco frequente em inglês.

6. *Pirríquio ou díbraco*: um pé que consiste em duas sílabas átonas.

” Um icto é um pequeno traço oblíquo sobre a sílaba longa ou acentuada,- já um macron e um pequeno traço horizontal posto sobre uma vogal para indicar que a sua quantidade é longa.

C oi///‘ox/ç</o c *Leiluni - iSí*)

Note que a catalexe e a terminação Feminina Frequentemente são parte integrante do padrão do poema. A anacruse e o truncado nunca o são. Estes são apenas meios de adaptação de versos irregulares ao padrão prevacente,- por exemplo, no poema “The Tiger”, de Blake, dos vinte e quatro versos, seis são anacrústicos. Os versos anacrústicos estão marcados com asteriscos.

The Tiger

Tiger! Tiger! burning bright

In the forest of the night,*

What immortal hand or eye

Could frame thy fearful symmetry?

In what distant deeps or skies*

Burnt the Fire of thine eyes?

On what wings dare he aspire? *

What the hand dare seize the fire?

And what shoulder, and what art,

Could twist the sinews of thy heart?

And when thy heart began to beat,

What dread hand forged thy dread leet?

What the hammer? What the chain?

In what furnace was thy brain?*

What the anvil? What dread grasp

Dare its deadly terrors clasp?
When the stars threw down their spears,
And watered heaven with their tears,*
Did he smile his work to see?
Did he who made the lamb make thee?
Tiger! Tiger! Burning bright
In the forest of the night,*
What immortal hand or eye
Dare frame thy fearful symmetry?

— William Blake

RITMO OU FRASEADO DO VERSO

O ritmo, ou fraseado do verso, não é idêntico à métrica. Poemas de mesma métrica podem ser dissimilares no ritmo, pois o padrão de pensamento pode não coincidir com o padrão métrico, apesar

290

10

InviitDi

cie nele se encaixar. Compare o ritmo nos excertos de “An Essay on Criticism”,

de

Pope,

e

“My

Last

Duchcss”,

de

Browning,

ambos
es-
critos
na
mesma
métrica,
o
pentâmetro
iâmbico
rimado
em
parelhas
on dísticos.”

A little learning is a dangrous I hing,-
Drink deep, or taste not the *Picinin* Spring.-
The *sballoii' 1)rii(Hi)hls* intoxicate the brain,
And drinking largely sohcres us again.

- Alexander Pope, “An hssay on Criticism”

That s my last Duchcss painted on the wall,
Looking as il she were alive. I call
I hat piecc a wonder, now; Fra Pandolf s hands
Workcd busily a day, and there she standls.

- Robert Browning, “My Last Duchcss”

O uso que Pope íaz da pausa na rima final eníatiza a métrica, enquanto o uso que Browning faz de versos contínuos torna-a mais sutil.

O verso pobre, que merece ser chamado de verso não artístico, resulta da coincidência exata demais entre ritmo e métrica. Na boa poesia, o ritmo

raramente corresponde à métrica com exatidão, ainda que com ela se harmonize e possa ser metricamente perfeito. A variedade dentro da ordem, característica da boa poesia, é obtida não pela violação do padrão métrico, mas pelo uso de artifícios mais sutis e artísticos: deslocamento da cesura, uso de versos contínuos, bem como de pausas ao final de versos, de fraseado alternando sílabas leves e pesadas, palavras com número variado de sílabas — em resumo, pelo estabelecimento da harmonia entre o padrão de pensamento e o padrão métrico, mas não da identidade entre eles. A boa poesia pode ser regular na métrica, mas precisa ter ritmo variado. Tanto Pope quanto Browning escrevem versos nos quais o ritmo é artisticamente variado.

RIMA

Rima é a identidade de sons ao final de duas ou mais palavras com uma diferença no início. A rima precisa começar nas sílabas tônicas.

Dístico: *tTn|'lcl*, parelha, copia, esiroíe de dois versos. (N. I) C oii/poço c *L.ciluni*

1. *Miisculiiu*: palavras que têm uma sílaba final tônica em rima, por exemplo-, reign, gain, hate, debate.

Na língua portuguesa, essa rima é também chamada de aguda, ou oxítônica, quando a rima se dá entre palavras oxítonas, monossílabos tônicos ou átonos acentuados.

2. *f-eininiM*: palavras que têm duas ou mais sílabas rimando (a primeira precisa ser tônica), por exemplo: unruly, truly,- towering, flowering.

Note que a rima feminina não é idêntica à terminação feminina, a qual é a adição de uma ou duas sílabas átonas ao final de um verso.

Em português, a rima feminina também recebe o nome de rima grave ou paroxítona, quando a rima se dá entre palavras acentuadas na penúltima sílaba, por exemplo: *Quente, rjciite, neve, deve*.

EXEMPLOS: Rimas masculina e feminina

With rue my heart is laden

For golden friends I have.

For many a rose-lipped maiden

Ar.d many a lightíoot lad.

- A. ti. Housman, “With rue my hean is laden”

Fsse exemplo ilustra a rima masculina, no segundo e quarto versos, e a leminina, no primeiro terceiro versos.

Our li ves would grow togerher

In sad or singmg weather.

- Algernon Swinburne, “A Match”

Fsse ilustra a rima feminina e a terminação feminina.

Rima imperfeita, ou *rima insuficiente*, refere-se a palavras que n ão são idênticas nos sons rimados, por exemplo: heaven c even, geese e bees, ou, em português, ritmos e legítimos. (Mas geese e fleece rimam perfeitamente, assim como bees c ease).

Rima visual é o nome dado a um tipo de rima imperfeita onde as palavras

se

parecem

graficamente,

mas

foneticamente

não

soam

parecidas, por exemplo: seven e even, love e prove.

292 - *O Trivium*

Rinui Jimil é a rima de uma palavra ao final de um verso com a palavra ao final de outro verso. Esta é a forma mais usual.

Riiihi iiitcniii é a rima de uma palavra no meio de um verso com outra no mesmo verso, normalmente ao final deste.

EXEMPLOS: Rima final e rima interna

Vvlsso vvill go drive wi(h I ergus now,
And pierce the deep wot.xls woven shade,
And dance upon the levei sliore7
Young man, lilt up your russet btow,
And lilt your tendei eyelids, maid,
And brood on hope and fear no more

- William Butler Yeats, "Who Goes with I ergus7"

Q poema de Yeats ilustra a rima linal nos versos um e quatro, dois e cinco, e três e seis.

Sonho que sou um cavaleiro anclante.

Por desertos, poi sóis, por noite escura

Paladino do amor, busco anelante

O palácio encantado da Ventura1

- Antero de Quental, "O Palácio de Inverno"

O poema de Antero de Quental ilustra a rima final alternada ou cruzada, nos versos um e três, e dois e quatro.

l he spienclor falis on castle walls

And snowy summits oid m story;

Tine iong light shakes across the lakes,

And the wild cataract leaps in glory.

Blow, bugie, blow, set the wild echoes flying,

Blow, bugie: answei, echoes, dying, dymg, dying.

. Alfred I ord lennyson, "l he splendor falis on castle walls"

O poema dc lennyson ilustra rima final (versos dois e quatro, cinco e seis') e rima interna ("falís" e

"walls" no verso um, e "shakes" e "lakes" no verso três).

OUTROS ELEMENTOS POÉTICOS

Assonância

Assonância é a repetição de uma vogal no meio de duas ou mais palavras no mesmo verso. Um exemplo é o verso de Tennyson:

“A hound that came becometh no more”.

Em Moisés. op. cit., p. 392.

Composição e Leitura - 293

Aliteração

Aliteração é a repetição do mesmo som ou sílaba no início de duas ou mais palavras no mesmo verso. Um exemplo é o verso de Poe:

“What a tale of terror now their turbulency tells”.

Entre os poetas brasileiros, Cruz e Souza fez uso frequente da aliteração, tal como neste exemplo notável:

Vozes veladas, vekidosas vozes,

Voltípias dos violões, vozes veladas,

Vagam nos velhos vórtices velozes

Dos ventos, vivas, vãs, vitilcanizadas.¹

Onomatopéia

A onomatopéia consiste na formação de vocábulos ou utilização de palavras que imitem sons. Por exemplo, no inglês: boom, swish.

No português: zunzum, tique-taque. No que concerne mais diretamente à poesia, a onomatopéia diz respeito não só aos sons, mas também ao reforço de significado.

A Estrofe

fe

A estrofe é a unidade do discurso métrico tanto quanto o parágrafo é a unidade do discurso em prosa, - todavia, os poetas podem deixar que suas frases corram de uma estrofe a outra, tal como o faz Tennyson neste exemplo:

de *In Memoriam* A. H. I I.

Dark house, by which once more I stand

Here in this long lonely Street,

Doors, where my heart was used to beat

So quickly, waiting for a hand,

A hand that can be clasped no more -

Behold me, for I cannot sleep,

And like a guilty thing I creep

At earliest morning to the door.

He is not here; but far away

As the noise of life begins again,

And ghostly through the drizzling rain

On the bald streets breaks the blank day.

- Alfred Lord Tennyson

” Iludem p 17

Verso é discurso métrico. Um verso é uma linha de discurso métrico. Uma estrofe é um grupo de versos, isto é, de linhas, constituindo assim uma unidade recorrente e típica de um poema,- a es-

trofe é normalmente caracterizada por um padrão combinado de métrica e rima.

A descrição de uma estrofe se constitui na declaração do padrão de rima e da métrica dos versos que a compõem. A estrofe é um importante meio de variação e de obtenção de originalidade na forma poética. O discurso métrico pode, ou não, empregar rima, assonância, aliteração, etc. Quando adotada, a rima usualmente se integra ao padrão de um poema.

urip.is de Discurso Métrico

VERSO BRANCO OU SOLTO (BLANK VERSE)

Na poesia em língua inglesa, o verso branco e o pentâmetro iâmbico sem rima. O pentâmetro iâmbico é a mais importante metrificação na língua

inglesa e a esta está mais bem adaptado. Não sendo muito longo nem muito curto, o pentâmetro é menos monótono. Pela movimentação da cesura é criada uma agradável variação de efeito, uma vez que a cesura não divide o verso em metades. William Shakespeare e outros dramaturgos da Renascença seguiram o caminho estabelecido por Christopher Marlowe e utilizaram o verso branco em suas peças. O trecho de *Hiimlcl* apresentado a seguir está escrito em versos brancos

O that this too too sallied llesh would inclt,

Thaw, and resolve itselí into a dew!

Or that the Everlasting had not fix'd

His canon 'gainst sell-slaughter! O God, (>od,

How

weary,

stale,

flat,

and

unprofitable

Seem

to

me

all

the

uses

of

this

world!

Fie

on

t,
ah
fie!
An
unweeded
garden,
That
grows
to
seed,
thing
rank
and
gross
in
nature

Possess it merely.

-buHiltl 1.2.129-137

DÍSTICO HLROKiO (HF.ROIC COIIPITT)

Um dístico heróico é uma parelha - estrofe de dois versos - de pentâmetros iâmbicos rimados. Foi uma forma de verso muito popular na Inglaterra do século XVIII na medida em que se prestava tanto à expressão de máximas morais quanto de ditos espirituosos ou chistosos.

An Essay on Man Epistee: II

Know thcn thyself, presume not God to scan,-

I he proper study oi Mankind is Man.

- Alexandcr Pope

QUADRA HERÓICA (HEROIC QUATRAIN)

Uma quadra heróica é uma estrofe de quatro versos pentâmetros iâmbicos rimados conforme a sequência abab. No exemplo a seguir, um poema de Edwin Arlington Robinson, a quadra heróica acrescenta ironia ao poema ao estabelecer expectativa de um “final feliz”. Robinson fez uso eficaz dessa forma de discurso para sublinhar a diferença entre aparência e realidade.

Richard Cory

Whenever Richard Cory went down town,
We people on the pavement looked at him:
He was a gentleman from sole to crown,
Clean favored, and imperially slim.
And he was always quietly arrayed,
And he was always human when he talked;
But still he fluttered pulses when he said,
“Good-morning”, and he glittered when he walked.
And he was rich - yes, richer than a king,
And admirably schooled in every grace:
In fine, we thought that he was everything
To make us wish that we were in his place.
So on we worked, and waited for the light,
And went without the meat, and cursed the bread,
And Richard Cory, one calm summer night,
Went home and put a bullet through his head.

- Edwin Arlington Robinson

SONETO ITALIANO

O soneto italiano, ou soneto petrarquiano (ou petrarquino) é escrito em pentâmetros iâmbicos. Todos os sonetos têm quatorze versos.

No soneto italiano, o poema divide-se em uma oitava, ou em dois quartetos ou quadras, e uma sextilha, ou em dois tercetos, cujas rimas se dão conforme a sequência **abbaabba edeede**. A sextilha pode variar um pouco disso, para **ededed** ou **ededee**, por exemplo.

A forma recebe o nome em referência ao hancisco Petrarca (1304-1374), que escreveu uma série de sonetos dedicados a uma mulher chamada Laura. John Milton usou a forma mais clássica do soneto, em contraste com os poetas anteriores da Renascença inglesa, que faziam uso de uma forma adaptada.

On His Blindness (abbaabba cdecde)

When I consider how my light is spent
Ere half my days in this dark world and night
And that one talent which is death to hide,
Lodged with me useless, though my soul more hies
To serve therewith my Maker, and present
My true account, lest he returning chide;
Doth God exact day-labour, light denies
I fondly ask, but Patience to prevent
That murmur, soon replies, God does not need
Either mans work or his own gifts; who best
Bear his mild yoke, they serve him best. His star
Is kingly. Millions at his bidding tend
And travel without end
I have also serve who only stand and wait.

John Milton

Soneto 29 (abba abba ede ede)

Sete anos de pastor Jaco servia

l.ahão, pai de Raquel, serrana bela:

Mas não servia ao pai, servia a da,
Que a ela so por prêmio pretendia.
Os dias na esperança dc um so dia
Passava, contentando-se com vc-la:
Porem o pai, usando de cautela,
Em lugar dc Raquel lhe deu a I .ia.
Vendo o triste pastor que com enganos
Assim lhe era negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida,-
Começou a servir outros sete anos,
Dizendo: Mais servira, sc não lora
Para tão longo amor tão curta a vida.

I .uís dc (lamôcs

SONETO INGLÊS

(.

(‘ Lí’/I

O soneto inglês, ou shakespeareano, é escrito cm pentâmetros iâmbicos. E composto ele três quadras heróicas seguidas por um dístico rimado. O padrão é abab eded efeí gg. Não foi Shakespeare quem criou esta adaptação do soneto, mas íoi ele o mais íamoso autor a usar essa forma.

Soneto 18 (abab eded eíel

Shall I compare thee to a summers dav?

Thou art more lovely and more temperate.

Rough winds do shake the darling buds ol May,

And summer s leasc hath all too short a date.

Sometime too hot the eye ol hcaven shines,

And oíten is his gold complexion dimmed

And every fair from fair sometime declines,
By chance or natures changing course untrimmed,
But thy eternal summer shall not fade
Nor lose possession of the fair thou ow'st,
Nor shall Death brag thou wander'st in his shade,
When in eternal lines to time thou grow'st.
As long as men can breathe or eyes can see,
So long lives this and this gives life to thee.

- William Shakespeare

de Barrow-on-Furness (abba acca dede ft')

V

Há quanto tempo, Portugal, há quanto
Vivemos separados! Ah, mas a alma,
Esta alma incerta, nunca forte ou calma,
Não se distrai de ti, nem bem nem tanto.
Sonho, histérico oculto, um vão recanto...
O rio Furness, que é o que aqui banha,
Só ironicamente me acompanha,
Que estou parado e ele corre tanto...
tanto? Sim, tanto relativamente...
Arre, acabemos com as distinções,
As subtilezas, o interstício, o entre,
A metafísica das sensações - -
Acabemos com isto e tudo mais...
Ah, que ânsia humana de ser rio ou cais!

- Fernando Pessoa (como Álvaro de Campos, um de

seus heterônimos)

2<;<S - () I ri vi ii in

ESTROFE SPENSERIANA (ESTÂNCIA SPENSERIANA

)

A estrofe spenseriana tem nove versos rimados conforme a seqüência ababbcbcc,- os primeiros oito versos são pentâmetros iâmbicos, mas o último é um alexandrino, ” que e um hcxãmetro iâmbico. A forma recebe o nome derivado de Edmund Spenser (1552?-1599), que a delineou para a sua epopéia *Fine Faerie Queene* (1590). No século XIX, Lord Byron usou essa forma em seu longo poema narrativo, *Childe Harold's Pilgrimage*.

de Childe Harold Pilgrimage. Canto IV. Estrofe

1

I stood in Venice, on the Bridge of Sighs,

A palace and a prison on each hand:

I saw from out the wave her strutting swans

As from the stroke of the enchanter's wand;

A thousand years their clotted wings expand

Around me, and a diving (>lory smiles

()'er the far times, when many a subject land

looked to the winged Lion's marble piles

Where Venice sat in State, throned on her hundred isles

George Gordon, Lord Byron

RONDO

Na poesia lírica inglesa o rondo assume a forma de um poema em quinze versos, divididos em três estrofes. Suas rimas seguem a fórmula aabba aabR aabbaR (R significando refrão). O refrão normalmente utiliza uma palavra, uma locução ou uma oração do verso de abertura do poema.

In Flanders Fields

In Flanders fields the poppies blow

Between the crosses, row on row,
 That mark their place, and in the sky
 The larks, still bravely singing, fly
 Scarce heard amid the guns below.
 We are the Dead. Short days ago
 We lived, felt dawn, saw sunset glow,
 Loved and were loved, and now we lie
 In Flanders fields.

‘ O nome deriva do Kmiii J

composição iniciaria por l.ambreit Ir’ lort c conti-

nuaria por Alexandre de Bernav, no século XII lrm verso alexandrino,
 conforme a elassili-cação luso-brasileira, tem doze sílabas No alexandrino
 clássico. ou Irances, ocorre (e Leilitrui -

cesura

na sexta sílaba, o c|tir’ o transforma em soma de dois hexassílabos (N I.)

Take up our quarrel with the foe:

To you from lalling hands we throw

The torch, - he vows to hold it high.

II

We break faith with us who die

We shall not sleep, though poppies grow

In Flanders fields.

John Mc ã ae

I M()l I (I !<I()l .1 l t))

() triole é uma estrofe de oito versos, limados segundo a fórmula
 ABaAabAB (as letras maiúsculas indicam os versos repetidos),
 Normalmente os versos são curtos, mas podem variar em extensão e ritmo.

S/g/WI/n1 Tm< >11 7

Why is the moon
 Awake when thou sleepest
 To the nightingales tune
 Why is the moon
 Making a noon
 When might is the deepest?¹
 Why is the moon
 Awake when thou sleepest³
 (icoi ge Maedonakl
 I IMI RICK

O limerick é a típica forma de poesia nativa inglesa. Tem cinco versos e o pé dominante é o anapéstico.

A
 diner
 while
 dining
 at
 (
 ircwc,
 found a rather large mouse in his stew.
 Said the waiter, "Don't shout
 And wave it about,
 Or the rest will be wanting one too".

- Anônimo

(ãNQLIAIN

() cinquain é uma forma de verso livre com vinte e duas sílabas arranjadas em cinco versos. Imaginado por Adelaide (rapsey, tem como modelo as

formas japonesas *Imkkii e ImiAi*.

() 1 17 I 7 11 'II

TsiAD

[hesc bc

I hrcc silent things:

I hc lalling snow... the hour

líeíorc the dawn... the inouth oí mie

liist dead.

Adelaide (áapsev

O ensaio é de difícil definição porque abrange uma ampla gama de escritos.

Um

ensaio

pode,

de

forma

geral,

ser

definido

como

uma obra curta e em prosa que trata de um único tópico. Michel F. quem de Montaigne foi quem primeiro usou a palavra como um termo literário quando da publicação de seus *Essais* em 1650. A palavra francesa *essai* significa “tentativa”, “experiência”, e sugere que as obras oferecidas por Montaigne eram mais informais e pessoais do que uma obra acadêmica e filosófica sobre o mesmo assunto.

Panetier Bacon, o primeiro autor inglês a usar o termo, publicou uma coletânea

de
aforismos
sobre
um
topico
especifico,
mas
posterior-
mente
expandiu
o
conceito
em
obras
mais
longas,
cujo
tom
era
também mais pessoal.

() surgimento dos periódicos no século XVII abriu um grande publico para o ensaio. Já no início do século XVIII, Joseph Addison e

Richard

Steele

escreveram

vividios

ensaios

acerca

dos

hábitos

e

idiossincrasias de seu tempo, publicando-os na *foliei e* na *.Sp cá i Vrc'*

Os nomes das publicações sugerem o modo de escrever. Addison e Steele faziam comentários e observações de tal maneira que o leitor sentia-se

convidado

a

participar

também

como

observador.

O

escri-

tor americano Washington Irving escreveu ensaios em estilo similar.

Durante o movimento do Romantismo, no início do século XIX, o ensaio assumiu

um

tom

mais

íntimo

e

informal.

Com

frequência,
alguns
esc
ritores
utilizaram
material
autobiográfico,
tornando-o
in-
teressante
através
do
uso
equilibrado
de
extravagância,
perspicácia

e sentimento. Charles Lamb, William Hazlitt, James L. cigh Hunt e Tlaomas DeQuinccy são os mais famosos ensaístas dessa época.

A ptiblicação *j In S/»t\ p/ío/* que ittcula atualmente loi lundada em I S?S I uma revista semanal imjesa dc pi ande prest ip j(> || t ambem uma i evmta *Lillt1)* em \ a rios países. Ioda via a *hillfi* e a S/cdjliú oripmais. public adas por Stccle c .Addison. tiveram vida bom mais curta: I7(N 1711 c 171 I 171 I rcspcclivamcntc (N I)

(. mi/pos/cdm <' L (il ii11/

Os românticos americanos Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau não adotaram o tom extravagante dos ensaístas ingleses.

Thoreau, em seus ensaios sobre a natureza, faz uso da autobiografia, mas a composição resultante é menos autoconscientemente literária. Tanto Emerson quanto Thoreau escreveram ensaios formais, elucidando suas convicções.

Na Era Vitoriana, o ensaio formal foi mais popular. Longas resenhas de livros e ensaios sobre temas históricos,

científi-

cos, religiosos e educacionais tiveram entre seus autores nomes tais como Thomas Carlyle, John Ruskin, Walter Pater, Thomas Huxley, Matthew Arnold e John Henry Newman.

A dificuldade em rotular ou definir o ensaio torna-se mais aparente quando alguém pensa em Alexander Pope e seus “Essay on Criticism” e “Essay on Man”, ambos grandes poemas. Ademais, a história linear desde Montaigne até os escritores vitorianos ignora obras tais como a *1^o Retórica*, de Aristóteles, a qual se encaixa no conceito de ensaio.

O Ensaio Íntimo

O ensaio íntimo visa mais agradar do que informar o leitor,- situa-se entre a história e a exposição, e, tal como o poema lírico, é uma comunicação subjetiva de pensamento e sentimento através da personalidade e disposição do autor. Um assunto trivial pode ser

transformado

em

algo

encantador,

fascinante,

divertido

ou

mordaz quando é discutido de maneira casual, informal ou em tom de conversa por uma pessoa que seja agradavelmente ex-cêntrica, imaginativa, agressiva e até mesmo pomposa. O estilo do ensaio íntimo é um elemento

essencial e deve ter uma qualidade similar à da estória: cheio de sentimento, imaginação e detalhes vívidos.

O Ensaio literal

O estilo de um ensaio formal varia conforme o tema, propósito e público. Nesta categoria incluem-se os ensaios filosóficos, científicos, religiosos e históricos.

O ensaio de crítica literária pode, tal como a *1st Oclíoi* de Aristóteles ou o “Essay of Dramatic Poesy” de Dryden, expor princípios da crítica com a adição de alguns exemplos a fim de dar clareza, - ou, então, pode aplicar princípios da crítica na avaliação de uma obra em particular, tal como numa resenha de livro ou em estudo crítico nos moldes de uma dissertação formal.

-L M () / ri i iii m

UM BREVE GUIA DE COMPOSIÇÃO

A

redação

expositiva

tem

como

objetivo

principal

informar

e

co-

municar

idéias

do

escritor

ao

leitor,
mas
diretamente,
através
de
palavras,
sem
recurso
a
personagens
ou
situação.Lima
redação
ex-

positiva clara é exigida em todas as profissões e ocupações e é a ferramenta
indispensável

tanto

para

ensinar

quanto

para

ser

ensinado.

São expositivos os livros-texto, as explanações em aula, as palestras, os
exames orais e as provas escritas. Também o são assuntos práticos tais como
a descrição de um processo, a redação de instruções e
manuais,

sumários,
relatórios,
cartas
comerciais
e
sociais.

Outras

formas de expressão literária mais formal incluem o ensaio que define um termo ou elabora uma proposição geral, a crítica literária, a crítica de teatro e arte, o ensaio formal e o íntimo.

Antes de começar a escrever, pense cuidadosamente sobre o seu propósito

e
sobre
os meios
para
conquistar
e
manter
o
interesse

do seu público-alvo. Descubra o que há de comum entre você e os seus leitores. Comece, quem sabe, com uma pergunta ou uma declaração inesperada.

Não
escreva
o
que

parece

óbvio,

banal

ou

insípido para *eles* - aquilo que qualquer um poderia perceber na correria diária. Investigue e compreenda mais a fundo o seu assunto.

Divida2s

e

conquiste.

Por

exemplo,

o

observador

comum

vê

uma

gota de sangue como uma mera bolha vermelha, e pouco tem a dizer a respeito. O especialista, olhando através de um microscópio, vê a gota dividida em plasma e corpúsculos vermelhos e brancos que indicam saúde ou doença,- ele tem muito a dizer sobre o que vê, algo que é esclarecedor e valioso.

Descobrir as partes do todo e as relações entre as partes e estas com o todo é o principal meio para avançar no conhecimento,-

é

também

uma

medida

da

capacidade

intelectual.

Descubra

dife-

renças,

contrastes.

Distinga

significados.

Penetre

as

similitudes,-

use

comparação,

analogia,

metáfora,

exemplos.

LJse

outros

tópicos

de

invenção, especialmente definição, causa e efeito. As quatro causas, na retórica equivalentes a *iftieit*, *que*, *como* e [*>or cjtie*], ajudam a tornar um assunto mais acessível.

Neste mesmo capítulo, a irmã Míriam Joseph explica a premissa de Aristóteles de que um escrito expositivo é imediato, enquanto a poética é mediata, isto é, nesta última a comunicação se dá através de personagens e situações.

■' (.) Capítulo -I explica a divisão como uma ferramenta e lista as suas categorias: lógica, quantitativa, física, virtual, metafísica e verbal

Divida, primeiro para penetrar no seu assunto, então para analisá-lo -

sá-lo em suas partes e, finalmente, para organizá-lo num todo que tenha unidade, coerência e ênfase. Estes três princípios devem reger a construção da frase, do parágrafo e de toda a composição.

Delineie a sua comparação e determine quais tópicos são co-ordenados (da mesma classe ou ordem) e quais são subordinados.

Toda divisão resulta em pelo menos duas partes. Os tópicos subordinados devem somar-se ao tópico principal que dividem e os tópicos principais, na composição toda. Que sequência de tópicos promoverá com mais eficácia a coerência e a ênfase? A posição de maior ênfase é no final, a de segunda maior ênfase é no início, a de menor, no meio. Você também pode enfatizar uma ideia repetindo-a com palavras diferentes ou com as mesmas, mas cuidando de posicioná-las habilidosamente, dando à ideia principal um espaço proporcionalmente maior. Comunique o seu plano ao leitor logo de início e mantenha-o ciente desse plano por meio de transições claras de um tópico ao seguinte.

A clareza é o primeiro requisito de estilo na redação expositiva. (A correção gramatical é um pré-requisito). Ajude o seu leitor a entender o abstrato fornecendo exemplos concretos dos quais ele mesmo possa fazer a abstração e, assim, compreender perfeitamente. Normalmente, o intelecto é alcançado através da imaginação, e, portanto, mesmo na prosa comum, a linguagem figurada é um meio eficaz para favorecer a clareza e o interesse no tema. O escritor deve atingir a clareza e manter o interesse evitando a monotonia.

A variedade é um princípio cardinal do estilo eficaz. Deve haver variedade na dicção, através do uso de sinônimos, na extensão das frases, na estrutura gramatical e no ritmo. A variedade na estrutura gramatical e no ritmo é assegurada através da omissão ou da adição de conjunções, de diferenças na ordem das palavras, de diferenças no início de frases, pelo uso de frases simples, compostas e complexas, pelo uso de locuções prepositivas e adverbiais, de estrutura solta, periódica e paralela. Estas estruturas podem ser esclarecidas e enfatizadas pela repetição eficaz de palavras.

Na passagem de Washington Irving (“Rural Life in England”) reproduzida a seguir, o fragmento repetido *be iiiiiõ (clc ikiv)* enfatiza estrutura paralela, enquanto cada verbo que o segue é variado, bem como a extensão das orações. Numa oração, as conjunções são omitidas, enquanto uma conjunção extra é adicionada a outra oração.

Este parágrafo está desenvolvido por divisão.

() / rii iit m

1 he stranger who would form a correct opinion of the English character (...) must not confine his observations to the metropolis. He must go forth into the country,- he must sojourn in villages and hamlets,- he must visit castles, villas, farm-houses, cottages,- he must wander through parks and gardens,- along hedges and green lanes,- he must loiter about country churches,- attend wakes and fairs, and other rural festivals,- and cope with the people in all their conditions and all their habits and humors.

[C] estrangeiro que quisesse formar uma correta opinião do caráter inglês (...) não deve confinar suas observações

à
metropole.

Ide
deve

percorrer
o

in-

terior do país,- ele deve parar um pouco nas vilas e aldeias,- ele deve visitar castelos, casas de campo, quintas, chalés,- ele deve perambular por parques e jardins, ao longo das sebes e verdes veredas,- ele deve demorar-se em visitas às igrejas,- participar das festas de dedicação, das feiras e de outros festivais rurais,- e lular com as pessoas em todas as suas condições, com todos os seus hábitos e humores. |

Numa *Irasc* periódica o sentido é mantido em suspense até o final, tal como nesta frase extraída de *Surlur Rewlits*, de Thomas Carlyle:

Considering

our

present

ailvanccd

State

of

culture,

anil

how

the

lorch

of

Science has now been brandished and borne about, with more or less effect,
for live thousand years and upwards,- how, in these times especially, not
only the

torch

still

burns,

and

perhaps

more

fiercely

than

ever,

but

innumerable

Rushlights,

and

Sulphur-matches,

kindled

thence,

are

also

glancing

in

every

direction, so that not the smallest cranny or dog-hole in Nature or Art can
remain

unilluminated

-

it

might

strikc

the

reflective

minil

with

some

surprise

that hitherto little or nothing of a fundamental character, whether in the way of 1'hilosophy or History, has been written on the subject ol Clothes. '1'

|Considerando nosso presente e avançado estado de cultura e como a loclta da Ciência tem sido brandida e carregada, com maior ou menor eleito, |a por cinco mil anos e picos,- como, cspecialmente nestes tempos, não apenas a loclta ainda arde, talvez mais ferozmente do que nunca, mas ardem também inumeráveis

luzinhas

de

candeeiro

e

losloros

acesos,

todos

a

dar

olhadelas

em todas as direções, de modo que nem mesmo a menor fenda ou buraco da Natureza ou da Arte

permanecerá no escuro, pode causar surpresa ao

espírito meditativo o fato de que, até hoje, pouco ou nada de caráter fundamental - quer pelos caminhos da filosofia ou da História - foi escrito acerca da Roupas. |

No trecho a seguir, extraído de “On Making Camp”, de Stewart Edward White, o ritmo reflete os esforços desorganizados e dispersos do garoto.

Boinas Carlyle, *Stirring the Rascal*. Berkeley: University of California Press, 2000, p. 3

(o/ZZ/VA/tC? (■ Lfitllld -

Ansiosamente, Dick misturava a massa de farinha para os bolinhos e, ao mesmo tempo em que tentava mexer o arroz na panela, esperando que esse não queimasse, catava madeira seca para não deixar o fogo apagar (...) A todo instante era obrigado a abandonar seu saco de farinha para resgatar a cafeteira, para ajeitar a chaleira, para dar uma mexidinha apressada no arroz, para jogar fora o mato ou para empilhar mais galhos secos

Condense suas frases. Acumule o máximo de significado em poucas palavras. Use palavras fortes, precisas, vividas, específicas —

tais como *torrente*, *whirlwind*, *unlucky*, *impossible*, *impossible*, *etc.* Uma dicção vivida e o uso de imagens, mais a combinação eficaz de palavras, especialmente de substantivos e verbos combinados em expressões surpreendentes ou interessantes, e o uso de metáforas e alusões, contribuem para a condensação de estilo. Os verbos, acima de tudo, são a chave para um estilo vigoroso.

Para conferir vida e movimento à sua redação, use verbos vividos na voz ativa. Coloque a idéia verbal no verbo em vez de num substantivo abstrato ligado a um verbo vazio como *ocorrer*. Livre-se do inútil ou supérfluo - palavras desnecessárias que diluem seu pensamento e tornam o seu estilo insípido, maçante, prolixo. Prefira a expressão específica à geral, a positiva à negativa, a definida à indefinida.

Irmã Miriam Joseph (1898 - 1982)

Desde a mais tenra idade a Irmã Miriam Joseph, C.S.C.,¹ parecia destinada a se envolver com as artes do discurso. Agnes Lenore Rauh nasceu em Glanlord, Ohio, em 17 de dezembro de 1898. Seu

pai, Henry Francis Rauh, conhecido como o “Professor”, foi organista de igreja, fundador de uma companhia de construção e emprésti-mos imobiliários, inspetor de escolas, jornalista, editor e dono de jornal. Talvez influenciada pela vocação do pai, mas

definitivamente influenciada por uma palestra proferida por A. P

Sandles, editor do *Puiihini* (*otiiily Seiitiiid*, durante o seu último ano de escola secundária, Agnes decidiu estudar jornalismo no

Saint Mary s College.

Quando chegou ao Saint Mary’s no outono de 1916, Agnes descobriu que não poderia cursar jornalismo naquele semestre,- na verdade, não havia qualquer curso de jornalismo programado para aquele período letivo. Desapontada, mas não dissuadida, Agnes continuou insistindo com a administração e, duas semanas depois de já iniciado o semestre, sua determinação foi recompensada. Ela alegremente transferiu-se de um curso de astronomia para um re-cém-criado curso de jornalismo. Agnes acreditava apaixonadamente que o jornalismo e a sociedade americana beneficiar-sc-iam de uma maior presença feminina nessa atividade. Em seu ensaio “Women and Journalism” (1919), ela escreveu, “[A categoria dos jornalistas) há muito reconheceu que as mulheres têm intelecto, talvez de um tipo que, em vários aspectos, seja mesmo diferente daquele dos homens, mas de mérito igual, cujas idéias e obras não podem ser des-prezadas. Ademais, as mulheres têm aptidões especiais, peculiares somente a elas c por meio das quais preenchem uma necessidade definida em determinadas esferas do pensamento e empenho humanos”. Soando o alarme para que as mulheres se envolvessem no jornalismo, ela alertava ” | N |ão se pode aquilatar o perigo, o dano que vem da propaganda insidiosa, a qual, oculta sob o manto de novos e altissonantes movimentos, ameaça solapar os princípios mais fundamentais da vida social e familiar”. As mulheres devem empu-nhar a caneta, pois “[S]e essa propaganda tiver êxito cm ganhar o apoio das mulheres de nosso país, terá assegurado uma fortaleza, pois um povo inteiro deriva seus ideais a partir das macs A batalha precisa ser travada c “o meio

mais cíclico para combater esse perigo e virar contra os inimigos as suas próprias armas: encher as revistas

com

artigos

baseados

em

princípios

retos

.

Ida

concluía

o

ensaio com um apelo as ‘ escritoras católicas, especialmente aquelas com treinamento

técnico

cíclico

em

curiosos

superiores

de

jorna-

lismo, economia, política, ética e sociologia a partir de um ponto de vista católico e cristão’, argumentando que tais escritoras eram as mais aptas a conter a marca de enfermidades sociais.

() entusiasmo pelo jornalismo de opinião não era a única paixão que ardia na alma de Agnès. Sentindo o chamado de Deus, em setembro de 1919 ingressou no noviciado das Irmãs da Santa (rua, no

Saint

Marv

s

College.

Itm

agosto

rio

ano

seguinte,

foi

recebida

como

noviça,

c

depois

de

um

ano

lecionava

numa

escola

secunda-

ria. A irmã Miriam Joseph estava dando os passos para atender ao chamado que ela mesma havia emitido em 1919. Ela se veria envolvida

diretamente

no

processo

rlc

treinamento

de

escritoras

capazes

de

articular

‘

<>s

princípios

retos

.

Lecionando

durante

o

ano

Icti

vo (St. Joscph s School, 1’ocatcllo, Irlaho, 1921-1923,- St. Jose l’h s
Acadcmy,

South

Bcnd,

1923-1927)

c

estudando

no

verao.

a
irma
completou
seu curso
no
Saint
Marv
s,
recebendo
o
bacharelado
cm
Jornalismo
cm
1923,-
cm
1927,
obteve
o
mestrado
cm
Inglês
pela
Universidade
de
Notrc

I

)amc.

Miriam

Joseph

solidificou

seu

com

promisso com as Irmãs da Santa Cruz e com seu ministério ao lazer a sua primeira probssao de votos em 1922 e a final em 1925

Prosseguindo

num

paes agora

ja

conhecido,

a

Irma

passou

os

cinco

anos

seguintes

lecionando

durante

o

período

letivo

(Saint
Mary-of-the-Wasatch
Academy
and
(College,
Salt
Lake
, Utah,
(. 1927-1930,-
Saint
Angela
S
Academy,
Morris,
Illinois,
1930-193
1)
C
estudando
nos
veroes
cm
Notre

D.inie.

A

irma

Miriam

Joscph

retornou a sua *Nniii mulcr* em 193 I onde assumiu o cargo de puolcs-sora

assistente

no

Departamento

de

Inglês.

Ida

havia

completado

o

ciclo;

a

convocação

que

ela

havia

emitido

em

I1)!'),

conclamando

a

formação de escritoras bem treinadas, seria agora a sua tarefa. Em 193

1,

Miriam

Joseph

foi

designada

para

lecionar

(

colégio

Rio de

Janeiro, a cinco turmas de calouros. E Durante os quatro anos seguintes ela

continuou

lecionando

Retórica

e

também

curso

de

Literatura

Geral, Gramática e Composição e (Composição e Retórica).

Na primavera de 1937 a vida e a carreira da irmã Miriam Joseph deram

uma

virada

significativa.

Numa

sexta-feira,

8

de

março

o

dr Mortimer J. Adler, da Universidade de Chicago, proferiu uma *308 O Trivium*



Irmã Míriam Joseph - 309

palestra no Saint Mary, intitulada “O Fundamento Metafísico das Artes Liberais”. De acordo com o jornal do campus, *The Shilic*, Adler afirmou que

os estudantes de cursos superiores “pouco ou nada sabem acerca das artes liberais”. Adler “concentrou sua argumentação nas três artes da linguagem, destacando que, enquanto entre gregos e medievais sua harmonia e unidade integral sempre foi reconhecida e preservada, a partir do século XV a especialização tratou de separá-las até a consequente deterioração, ou até mesmo a destruição de sua função educativa — desenvolver as capacidades de leitura, escrita e fala do indivíduo. Em outras palavras, a função educativa das três artes da linguagem é a aquisição do perfeito domínio das ferramentas de aprendizagem”. Logo após a palestra o padre William Cunningham, C.S.C., professor de Educação em Notre Dame, perguntou a Adler se seria factível restaurar o Trivium unificado no curso de Inglês para calouros. Anos mais tarde, a irmã Miriam Joseph escreveu que, quando a pergunta foi feita “muitos na plateia viraram-se e olharam para mim”. Se a irmã Madeleva, diretora do Saint Mary's, virou-se para ver a reação da irmã Miriam Joseph à pergunta, não sabemos. O que sabemos é que as irmãs Madeleva, Miriam Joseph e Maria Theresa (então lecionando na Bishop Noll High School, Hammond, Indiana) passaram os sábados de abril e maio daquele ano estudando com Adler em Chicago.

Viajando para a Columbia University em Nova York, Miriam Joseph e Maria Theresa continuaram seus estudos com

Adler

durante todo o verão.

No outono de 1935, a irmã Miriam Joseph retornou ao Saint Mary's para lecionar, pela primeira vez, um curso que se tornaria uma das instituições daquela escola superior, “O Trivium”. Exigido de todos os calouros, o curso era ministrado cinco dias por semana, durante dois semestres. Do modo como era entendido pela irmã Miriam Joseph, o curso tinha o intento de treinar os estudantes a pensar corretamente, ler inteligentemente, e falar e escrever de maneira clara e eficaz. Uma vez que não havia um livro-texto adequado para o curso, a irmã escreveu o dela. *The Trivium in College* Coin/wilfM

The Trivium in College foi publicado pela primeira vez em 1937.

Pelos vinte e cinco anos seguintes, todos os calouros do Saint Mary's eram ensinados no trivium, com a irmã Miriam Joseph suportando, ela mesma, muito da carga de aulas. Ela se ausentou do campus de 1941 a 1945,

buscando o seu doutorado em Inglês e Literatura Comparada pela Columbia University. Recebeu seu título de doutorado (Ph.D.) em 1915. Sua dissertação, "Shakespeare's *Imagination*

Use of the Arts of Language", foi publicada em 1917 pela Columbia University Press. O magistério e a pesquisa da irmã apontavam para a mesma direção. No primeiro capítulo de sua dissertação ela escrevem "A força extraordinária, a vitalidade e a riqueza da linguagem de Shakespeare são devidas em parte ao seu gênio, em parte ao fato de que as ainda não bem estabelecidas formas linguísticas de seu tempo elevaram a um grau inédito o espírito de liberdade criativa, e em parte à teoria de composição então prevalecente".

Continuando, dizia: "E esta última que é responsável por aquelas características da linguagem de Shakespeare que mais a diferenciam da linguagem de hoje (...) A diferença nos hábitos de pensamento e nos métodos de desenvolvimento de uma idéia resulta na correspondente diferença na expressão, especialmente porque a teoria de composição renascentista inglesa, derivada da tradição antiga, era permeada de lógica formal e retórica, enquanto a nossa não o é".

Shakespeare teve o benefício de ter sido educado nas artes do trivium - os estudantes modernos não. A irmã Míriam Joseph estava tentando corrigir esse erro.

Permanecendo ativa em todas as frentes da vida acadêmica, a irmã Míriam Joseph tornou-se chefe do Departamento de Inglês no Saint Marys em 1917, posição que manteve até 1930. Participou regularmente de convenções regionais e nacionais de sociedades eruditas, publicando um bom número de artigos, dentre os quais se destacam: "The Privilege in Freshman English", *Teachers College Bulletin* (35, 1917),- "Why Study Old English?", *College English* (3, 1912), "The Trivium in College", *English Review* (10, 1919); "Orthodoxy in Pseudo-Latin", *Library of Theology* (8, 1912);

"Dis-

cerning the Ghost in *Hamlet*", *PMLA* (76, 1961),- "A 'Trivial' Reading of *Hamlet*", *Library of Theology* (15, 1962),- e "Hamlet, a Christian Tragedy", *Library of Theology* (54, 2, Pt. I, 1962). Durante o mesmo período em que publicou quase trinta resenhas críticas de livros e deu palestras em outras

instituições de ensino superior, ela continuou a lecionar, apaixonadamente. A irmã Míriam Joseph aposentou-se do magistério no Saint Mary's em 1965, tendo recebido o grau de Professora Emérita em 1968, além de um grau de doutorado honorário da mesma instituição em 1969, quando o Saint Mary's celebrou seus cento e vinte e cinco anos de fundação.

A irmã Míriam Joseph faleceu em 11 de novembro de 1982.

Numa carta ao corpo docente do Saint Mary's, William Hickcy, vice-presidente e reitor, escrevem "A irmã Miriam Joseph foi talvez a mais eminente estudiosa que já se associou a esta instituição

/ !>/<' / • I I ÍPilll

i

neste século". Todavia, talvez o maior tributo tenha vindo de Mary Trances Schafí Meekison (turma de 1940), que numa carta ao *Cminor*, jornal do Saint Mary's, escrevem "Em classe, seu brilhantismo e zelo no lecionar eram notáveis". A irmã "Mickey Jo" era

"mestre e perfeccionista", capaz de inspirar "até mesmo a estudante mais relutante a estender seu intelecto e perseverar no caminho do aperfeiçoamento". Meekison concluiu sua carta ao *Cotincr* dizendo:

"Ainda que eu mesma fosse uma estudante apenas mediana, a irmã acreditava que eu poderia estender não apenas o meu intelecto, mas também minha habilidade de escrita. Em razão da fé que ela tinha em mim, eu fui afortunada o bastante para encontrar o meu nome impresso logo abaixo dos títulos, em muitos e muitos artigos publicados. Estou certa de que há centenas de ex-alunas que poderiam dar testemunhos de peso muito maior do que o meu". Assim, Agnes

Lenore

Rauh,

irmã

Míriam

Joseph,

CSC.,

aspirante

a

jornalista transformada em professora e erudita cm Shakespeare, atingiu a sua meta. Ela influenciou uma geração de mulheres a pensar cuidadosamente, a ler atentamente, e a escrever e dizer “os princípios retos” de forma eloquente.

lobn Piiuley

- () 11 i 11 íí tn

ÍNDICE REMISSIVO

A

c.

Abstração,

71-72,-

emoção

e,

7ln9,-

lilosolia

e, 256, intelectual, 40-43

Cadência, 287-88

Ação, 44, 4 5

Caso acusativo, 74, 74nl9

Ação retrospectiva, 266

Caso dativo, 74-75, 74nl9

Acidente, 43-47, 69-70, 69n5, 72n 10,- como abs-

Caso genitivo, 74, 85

tração, 72,- divisão lógica e, 114,- falácia tio,

Caso nominativo, 74

223-30; como predicado, 128-29, 128n8

Casos de substantivos, 74-75

Adjetivos, 69-70, 71, 81, 83

Categorias do ser, 43-45, 102, 128n8

Advérbios, 71, 81, 85, 86-87

Causa,

109,

109n12,

247-48,

282,

282n15,-

Advérbios conjuntivos, 86-87

razão, em contraste com, 195

Agente determinante, causalidade e, 247

Causa e efeito, 264n2

Agregado, 37-38

Causa eficiente, 109, 109n12, 247

Alfabeto fonético, 36

Causa final, 109, 109n12, 248

Aliteração, 294

Causa formal, 109, 109n12, 248

Almeida, Napoleão Mendes de, 8, 8 I

Causa material, 109, 109n12, 248

Alusão, linguagem de, 51-52

Causalidade,

247-255,-

método
científico
e,
Ambiguidade
da
linguagem,
55,
66,-
delibera-
249-55,-
natureza
da,
247-48,-
uniformi-
da, 63-65; da historia das palavras, 55-5(>;
dade da, 248-49
da imposição 56-59,- da intenção, 56, 60;
Cesura, 287
da natureza do fantasma, 61-62
Charadas, 58
Analogia, no método científico, 249
Cícero, Marco Túlio, 137, 177
Anfibolia, ialacia da, 219
Ciência, função da, 255-56
Angulo de narração, 267-68
Cinquain, 300-01

Antecedente, em proposição hipotética, 195

Classe, 36n8. Ver também Espécie

Antonomasia, 28 I

Classes de bens, 23

Ar<Juiiciilniii ihl Irioilum, 234

Co-divisão, 116

Aujiimciiliim M boiiiiiii‘111, 233, 233n6

Complemento objetivo, 79, 89

Ar<)iiineitum a<i íifni>i’iiiitMin, 234

Complemento subjetivo, 89

Arijumeiiltim <id iiiísmiorTuiii, 233-34

Composição: um breve guia de, 303-06,- falá-

AiijHiiciiluiii aj |w|hiIhiii, 233, 234

cia da (falsa conjunção), 220

Aiilumeiihiiii ihl racciiiiilíuii, 235

Comunicação, 25

Aristóteles:

causas

metafísicas

e,

247-48,-

Conceito:

ambigiíidade

e,

56-57,

difere

do
sobre estilo e dicção, 274,- sobre lalácias,
termo,
97,
geração
de
um,
40-43;
inten-
218,
224,-
sobre
lógica,
260-63,-
metáfora
ção e, 60
e,
64,
predicação,
129-30,
verbo
deíinido
Conceito empírico, 46
por, 76. Ver também Categorias do ser
Artes da linguagem. Ver Trivium
Conceito transcendental, 107

Artes

liberais,

21-27.

Ver

também

Quadri-

Concepção, 243

viuni, Trivium

Concordância de termos gramaticais, 101-02

Artigo definido, 83

Concordância, na metodologia científica, 250

Artigo indefinido, 82

Concretos e abstratos, termos, pp

Arvore de Porfíno, 105-06, 107, 116

Condição, causalidade e, 247

Assonância, 293

Conectivos,

71,

84-89,-

conjunções,

86-87,-

Atributivas, 69-70, 76-84,- adjetivos, 8 1,- ad-

preposições, 84-85,- pura copula, 87-89

vérbios, SI,- cúpula, 79-80,- formas verbais

Confusão

entre

declaração

absoluta

e

qualifi-

nominais, 80-81,- verbos, 76-79

cada, falácia da, 230-3 I

Auxiliares verbais, 92, 92n35

Conhecimento:

adquirido

pela

le,

213,

ad-

B

quirido

pelas

faculdades

humanas,

242-13;

Bacon, Francis, 250, 252, 301

filosofia

no

campo

do,

255-57

Ver

tam-

Bacon, Roger, 250

Bens, classes de, 23

Imlice Ijeuiissiio - s i

bém Indução

Desenvolvimento por divisão/efeitos, 1.39

Conjunção, 138-42,- aplicações praticas, 141-42;

Determinantes, educação por, 156-57

hipotetica/disiuntiva,

202,■

implícita/cxplici-

Dez categorias do ser. Ver Categorias do ser

ta, 138,- regras que regem valor na, 140-41,-

Dialética, 261

como relação material, 1-17-48,- simples/ma-

I ficção, tio conto, 274

terial, l 38-39

Dicotomia, 115-16

Conjunção explícita, I38

Diferença, 128

(ionjunção implícita, I 38

Diferença em metodologia científica, 250-51

Conjunção material, l 38-39 202

Dilema, 2 1 1-15, 276-77, 277nl(),- falácias do,

Conjunção não elaborada (simples), I38,

213-1 5,- modos do, 212-15

202

Dimensões

lógicas

da

linguagem,

48-49,-

Conjunções, TI 86-87, 92

linguagem poética e, 53-55

Conotação da palavra, -19

Dionísio tia Iracema, 25, 25n6

Consequente: falácia da ignorância da, 231-32,-

Discurso

métrico:

cinquain,

300-01,-

dístico

em proposições hipotéticas, 195

heroico,

295,-

estrole

spenseriana,

299,-

Constructo, 47-48

limcrick,

300,-

quadra

heróica,

296,-

ron-

Continuidade da ação, locução verbal de, 87-88

do,

299-300;

soneto

inglês,

298,-

soneto

Conto, 263-76,- dicção ou estilo no, 274,-

italiano,

296-97,-

triole,

300,-

verso

bran-

enredo no, 26.3-68,- estrutura tio, 268-71;

co, 295

personagens no, 272-73,- tema e, 273-74,-

Disjunção imperfeita, 21 I

trajes e cenário, 274-75

Disjuntiva exclusiva, 200n I

Contração, 9 I

Disposição, 137

Contradição, princípio da, I I (>

Dístico herético, 295

Conversão, 122, I22n5, 149, 152-54, 158

Distribuição de termos, 125-27,- educação e,

Conversão ilícita, 152-54

I 52-54; em silogismos, 161, 162, 163-68

Cópula,

79-80;

modalidade

de

proposição

Divisão, I 1 2-I 6,- desenvolvimento por, 139,-

c, 122,- em proposições categóricas, I 19,-

falácia da, 220,- lógica, I 12-16,- subdivisão

qualidade

de

proposição

e,

122

Ver

tam-

e co-divisão, I I 6

bém Pura cópula.

I Divisão essencial, I 1 4

Correção, 30

Divisão física, I I 2

Divisão funcional/virtual, I 13

D

Divisão

lógica:

distinguida

tle

outros

tipos,

Debate, entimema no, 172-73

1 12-13,- elementos tia, I 14; extensão do

Dedução,

24

1,

como

passo

da

verificação,

termo e, I 12; regras da, I 15-16; tipos de,

254-55

11-1-15

Dedução estatística, 244-45

IDivisão metafísica, I 1 3

Definição, 106-12, 128, 130-3 I; como analise

I Divisão positiva, 115, 116

da intensão do termo, I I2; arbitraria, I 10,

Divisão quantitativa, I I 2

causai,

109,-

descritiva,

109,-

distintiva,

I)ivisão verbal, I I 3

108;

distribuição

e,

125-26:

pela

etimolo-

Drama, 262, 266-67, 268

gia,

109-10,-

pelo

exemplo,

109,-

intensão

do

termo

e,

III,-

regras

de,

111-12,-

por

E

sinônimo,

I

10;

termos

lógicos

e,

107-08

” I” “, pura copula, 79, 89

Definição

genética.

109

“I:”, verbo intransitivo, 79-80, 89

Definição

gramatical,

109

Definição

intencional,

109

Definição lógica, 107-08

Definição nominal, 109

Definição retórica, 109

Definitivos,

71,

82-81,-

artigo,

82-83.-

dêicti-

co, 83-84; como palavras gramaticais, 92

Déictico, 83-84, 83n.30

Denotação tia palavra, 48

Descrição empírica, 38-40, 61, 73

Descrição universal, 39-40

o; - *O I riiimii*

F.dução,

149-58,-conversão,

149,

152-54,

158.-

F

falácias da, 2 17,- formas da, I 5-1-56,- hipote-

Faculdades dos sentidos, 242

tica/disjuntiva,

204-06;

obversão,

149-52,

f aculdades intelectuais, 242-43

158; suplementar, 156-58

f alácia da anfibia, 2 I 9

Eleitos, desenvolvimento por, I 39

l alacia da ênfase ou falsa acentuação, 220-22

Eficácia, 30

Falacias,

217-18,-

iu

diciloie,

218-23,-

de

di-

Eliminação,

comopassodc

verificação,

252-53,

lemas,

21.3-15.-

exercícios

237-40,-

cxlrui

253nn8,9

ifutwiicm,

223-37;

do

silogismo

disjuntivo,

Emoção. Ver Psicologia da linguagem

210-11:

silogismos

hipotéticos

mistos

e

Empiristas, 152

silogismos simples, 208

“Empírico “, uso do termo, 38

Falacias

rxlni

ilíctioiicm,

223-37,-

causa

falsa,

Ênfase, 93

235-36; confusão do relativo com o abso-

luto 230-3 1; lalacia do acidente, 223-30,-

Enigma, 58

ignorância

da

consequente,

23

1-32,-

igno-

Enredo, 26.3-68

rância

do

argumento,

232-35,

233n6;

Ensaio, 30 í -02

pergunta

complexa,

236-37,-

petição

de

Entimema,

168-73,

170n.3,

277,-

definido,

principio, 236

168,

277nS;

expandido,

169-72,

impor-

Falacias formais, 217-18

tância, 172-73; lalacia material e, 23 1,- va-

Falacias

m

dii

tione,

218-23,-

acentuação,

lidade do, 169-72

220-22;

anfibia,

219,-

composição,

220,■

Entonação, 93-94

divisão, 220; equívoco. 218-19,- lorma ver-

Lpiquerema 176-78

bal, 222-23

Epíteto, 28 1, 28 1 n I 4

Falacias

materiais,

218.

Ver

também

Falácias

Equívoco, lalacia do, 218-19

rxlra iliclieiicHi; Falácias *m ilk Iioiic*

Escansão, 289-90

Falsidade:

conjunção

de

proposições

e,

Escolásticos, 130-31

140-42,- distinguida da falácia, 217; das
Especies,
36-38,
39-40,
39n10;
Arvore
de
proposições, 122-23
Porírio
e,
105-06;
definidas,
107-08,-
Fantasma, 40-41, 46,- ambigüidadee, 56, 61-62,-
como
predicado,
128,
130-31-
substanti-
conhecimento
e,
212,■
extensão/intensão
vo e, 73
de termos. 105
Esquemas retóricos, 276-77

Fe, 24 3

Essência:

conceitos

e,

10-4.3,

concomitante

f ilosofia; perene, defesa da, 257,- função da,

e, 108; lorma da linguagem e, 36-38,- in-

dução e, 243,- realidade c, 45-46; símbolos

2.55-57

para 38-40,- termos gerais e, 99

Flexões, 92

Estado, 44, 45

Fonética. 28, 35,- imposição e, 58, 59- mudan-

Estética, 256

ça de imposição e, 227-28

Estilo: no conto, 274,- na retórica, 261-62

Forma ela linguagem, 35-38, 67

Estilo pedante de linguagem, 50

Formas

de

proposições

AF.IC),

124-25,-

como

Estrofe spenscriana, 299

artifício
mnemônico,
125,-
conversão
de,
Estrofe, 294-95
152-5-1;
distribuição
de
termos,
126-27,-
Estudo teórico, 29-30
formas
educativas,
154-58,-
obversão
das,
Estudo normativo, 29-30
150;
proposições
disjuntivas,
203,-
pro-
Ethos, 233, 26 1
posições
hipotéticas,

202-03,-
relação
de
Ética, 256
proposições
c,
142-47,
em
silogismos,
Etimologia, definição por, 109-10
I63-68
Etiler, círculos de, 127, 130, 1-14-45
Formas verbais nominais, 80-8 1
Exortativo, tom, 78, 78n22
Frase: contração da, 91,- menos que uma, I 36,-
Expansão, 90-9 1
proposições
e,
132-36,-
unidades
funcio-
Expressões idiomáticas, 50-5 1
nais da, 89-90,-
Extensão: como característica, 27, 61 n2 I,- do
Frase
declarativa,

132-33,-

complexa,

135-36;

termo, 104-06

composta, I 36,- simples, 135

I rase nao declarativa. I 32-33

///<///<<■ \^ein/ss/i

‘5

c;

Itálicos: falacia de acentuação e, 220-21,- im-

Gênero,

37-38,

39,

39nlO,-

Arvoredo

Porfírio

posição c, 59

e,

105-0(i,

definido,

I07,-

como

predicado,

128; substantivo e, 73, 73nl3

L

Lei do Meio-lermo Fxcluído, 150

Gerúndio, 75, 80-81

Limerick, 300

Gramática, 21, 27,
66, 276-77,- definição
de,

Linguagem:
ambiguidade
da,

55-65;
dimen-

por

Dionísio
da

Frácia,
25,-

imposição
e,

sões lógicas da, 48-49, 53-5.5, ■ dimensões
59.

Ver

também

Gramática
geral,-

Grama-

psicológicas da, -18-55, 67,- forma da, 35-38,
ticas especiais

67; função da, 31-34,- matéria da, 35-36,

Gramática

geral,

69nl;

análise

sintática

da,

(17; símbolos c, 38-48

89-90,-

função

da,

90-95.

Ver

também

Linguagem abstrata, 49

Gramática,-

Morfologia

catecorematica,-

Linguagem figurada, 2.7<õ-83

Morfologia sincatecoremática

I .itotes, 1 5 I -52, 277

Gramáticas especiais, 69,- caso e. 74-75; defini-

Livre-arbítno, I I 8, 248

tivo como adjetivo nas, 83,■ modo e, 77-78

Lógica, 21, 27, 66, 24 1, 256; como arte das

artes, 29-30,- como ciência da segunda in-

H

Hipótese, no método científico, 250. 2.52-55

tenção,

60,-

desenvolvimento

da,

260-61,-

História, função da, 255

disposição na, 137-38,- Fuller nos usos da,

Homônimos, 55-56

191 -92. Ver também Indução,- Termos

Fogos 26I

I

Ii/Hcrdl w elciicbi, 232-35, 233n6

M

Imaginação. Ver Fantasma

Matéria da linguagem, 35 -36, 67

Metafísica, 27, 27n I I

Imperativo, tom, 78

Metafora, 64-65, 278, 279-80

Imposição:

ambiguidade

e,

56-59,-

falácias

e,

Metafora morta, 64

226-28, 229-30

Metacpse, 282

Indivíduo,

36,

37-38;

simbolização

da

lingua-

Método

científico,

249-55,-

analise

de

dados,

gem, 38-40,- substantivo c, 73

250-52,- analogia, 249,- hipótese, 250,- obser-

Indução:

causalidade,

247-55;

dedução

c,

vação, 249,- verificação de hipóteses, 252-55

241,

24

5-46,-

dialética/problemática,

245;

Metodologia científica, 245-46, 250-52

enumerativa,

24-4-45,-

como

forma

de

Metommia, 28 I -82

intuição,

243-44,

244nn.3,4,-

natureza/

Métrica, 288-90

propósito da, 245-46. Ver também (Conhe-

Milagre, essência do, I 18

cimento

Mill, John Stuart, 182, 250- 52

Indução enumerativa, 244-45

Modalidade: em oposição de proposições, I 42,-

Indução intuitiva, 243-44, 253

de

proposição,

122;

proposições

disjuntivas,

Inferência analógica, 178-79
203,- proposições hipotéticas 202-03
Inferência
imediate,
158.
Ver
também
Con-
Modificador, 89
versão,- Obversão, Oposição
Modificador restritivo, 84, 84n3 1
Inferência mediata, 158
Modificadores definitivos I 3 5-36
In|ím<i sficcics, 105-06, 111, 128
Modo indicativo, 77, 78, I 19
Infinitivo, 81,81 n27
Modo interrogativo, 77-78
Início da trama, 266
Modo potencial. 77-78, 1 19
Intenção,
62n23,-
ambiguidade
e,
56-57,-
falá-
Modo subjuntivo, 78

cias e, 228-30

Modo volitivo 77-78

Intensão do termo, 105-06

Modos:

dilema,

212,-

silogismo

disjuntivo,

Interjeição, 71,71 n9

210;

silogismo

hipotético,

207-08,-

dos

International

Phonetic

Association,

alfabeto

verbos, 77-78

da, 36

AloJíis ponciis, 207n8

Invenção, 137-38, 243, 278, 278nl2

Alo/iis *lallciis*, 207n8

Ironia, 63, 65, 283

p<> - O *Jrivi*»»>

Moisés, Massand, 8, 280, 282, 288, 293

Pathos, 23 5, 261

Mora, Jose Ferrater, 8, 46, 104, 213, 223, 251

Pensamento, esquemas retóricos do, 276-77

Morlologia

categorematica,

(>9-8

1,-

atiibu-

Pentâmetro iâmbico, 295

tivas,

69-71,

76-81,-

substantivos,

69-75;

Percepção sensível, 80

termos logicos e, 97-98

Percepto, 40-41,46, 56

Morlologia

sincategoremática,

69-71,

82-89,-

Personagens, 272-73

conectivos,71,84-89; defini ti vos, 71,82-84;

Personificação, 280-8 I

termos logicos e, 98

Persuasao, 26!

Pessoa, 73-74

N

Petição de princípio, falácia da, 236

Narrativa, 266-67

Plausibilidade, 265-66

Necessidade física, 118

Poesia, 66, 259-60, 283-301; desenvolvimento

Necessidade lógica, I 18-19

da, 262-63,- formas do discurso, 295-301;

Necessidade metafísica, 117-18

rima na, 292-93,- ritmo na, 287-91

Necessidade moral, I 18

Poesia lírica, 284

Newman, John Henry, 25-26, 26n7

Poiicudo iollciis, 210, 2 10n9

Noção de tempo, 76, 88

Pontuação oral, 94-95

Nome

comum,

38-40,

46-47;

ambiguidade

Positivismo lógico, 257, 257nl I

e, 6 1-62,- contração de, 91,- expansão de,

Posl Iwc cr<)o proplcr Iwi, falácia, 235-36, 247

90-9 I,- numero c, 7,3

Postura, 44

Nome próprio, 38-40,- ambigüidade e, 61 -62,-

PmcJíciiiiicntiÇ 43-44, 44n 1 3

contração de, 9I; expansão de, 90-91,- nú-

Predicado, 44nl4, 45, 89. Ver também Pre-
mero e, 73

dicáveis

Nominativo absoluto, 75

Predicativo do objeto, 75, 79, 89

Numero, 26-27, 73

Predicáveis: classificação por, 127-29,- limites
dos, I 3 1 -32,- numero de, I 29-3 I. Ver tam-

O

bém Predicado

Objeto direto, 79, 89, 171

Premissa definida, 1 59

Objeto indireto, 74nl9, 79, 89

Premissa negativa, 162, 176

Objeto

retido

(rdiiiiiicrl

ohjccl),

92-93,

92n36

Preposições, 70-71, 75, 84-85, 92

Obictos artificiais, divisão de, I 14

Primeiros oihillicos, ()s, 260

Obietos

naturais,

divisão

de,

I

14

Princípio da contradição, I 16

Observação, no método cientilico, 219

Probabilidade, 140-41, 140n3, 14 I n4

Obversão,

Í49-V2,

I

78,

277,

277n7

Pronome relativo, 74

“Onde”, 44, 45

Pronomes, 70-71, 71-75, 83

Onomatopéia, 280, 29-1

Proporção comprimida metafora como, 64

Ontologia, 27, 27n 1 I

Proposição complexa, 120. Ver também Pro-
Oposição, 142-47, 158,- falácias de, 217-18,-
posições hipoteticas/disjuntivas

hipotetica/disjuntiva,

202-03,-
mediata,
Proposição disjuntiva, I 20, I 35, 200n 1,- educação,
179-82,-
quadrado
de,
1-15-47;
relações/
205-06,- oposição, 203,- qualidade, 201-02,-
regras, 14 3-45
redução,
199,-
silogismo,
209-15,-
tipos,
Optativo, tom, 78, 78n23
198-99,- veracidade ou falsidade, 199-200
Oração, 89, 90,- concordância de caso em,
Proposição
hipotética, 120, 135-36,-
educação,
74, 74 n 16
204-05; oposição, 202-03, ■ qualidade, 197-98,-
Organização, em retórica, 262
redução, 196-97; silogismo, 206-09,- tipos,
Ortografia, 28, 35, 58, 59

195; veracidade ou falsidade, 197

Proposição

modal,

117-20,

I

I7n2,-

contin-

P

gente, 119; formas AF.IO e, 124, neces-

Paixão, 44

sária, 117-19

Palavras: combinações, 52-53; expansão, 90-

Proposições

categóricas,

I

I7n2,

119,

121,

9I; na gramática geral, 89,- história, 55-S(,,

Ver

também

Proposições

hipotéticas/

ordem, 92

disjuntivas, Proposições simples

Paralelismo, 287

Proposições com ingentes, 122
Paralelismo sintético, 287
Proposições contraditórias, II3 -47, 108
Particípio, 8 1, 8 1 n28
Proposições contrárias, 143-47
Proposições empíricas, 120-22
Proposições gerais Ver Proposições simples
Relação
causai,
em
conjunções
materiais,
Proposições hipotéticas/disjuntivas; con-
138-30
junção, 202; educação, 204-06,- exercícios,
Relação conversas, condição por, I 57-58
215-I (>,- oposição, 202-03,- proposições
Relação
temporal
em
conjunção
material,
138
disjuntivas, 108-206, 200-215,-
Relações contingentes, I 10
proposições hipotéticas 105-08, 202-00;

Relações

formais,

contrastadas

com

relações

silogismo, 206-1 5

materiais, 147-40

Proposições negativas, predicado cm, I 3 I -32

Relações

materiais,

contrastadas

com

rela-

Proposições simples, 120, 13 5 1 37-58; características formais, 147-40

terísticas das, I 20-2.3; categóricas, I I7n2,

Relações necessárias I 17-10

110, 120; conjunção, 138-42,- contrasta-

Repetição, esquemas de. 276-77

das com as hipotéticas, 105,- distribuição

Resíduos, cm metodologia científica, 2,5 I

de termos, I 25-27,- educação, I-40-58; trases

Retórica, 21, 27, 28, 66 : como arte mestra, 28,-

c, pp,- modais, I 17-10, I I7n2; natureza da

conotação da palavra, 40; definição de Aris-

relação lormal, 147-40,- oposição, 1-12-47,-

tóteles de, 28n13; denotação da palavra, 48,-
predicáveis, 127-32,- silogismo, 140. Ver
desenvolvimento da, 250-60, 26 I -62,- dispo-
também l ormas de proposições AP.IO
sição na, 137;

Proposições subalternas, 1-14-46

“Retórica vazia”, 28n I 3

Proposições subcontrárias, 144 -16

Rima, 201-03

Propriedade, 108, 128

Ritmo, 286-0 I

Pseudocépula, 70-80, 80

Rondo, 200-300

Psicologia, 24 3

Psicologia da linguagem, 48 50,-alusãooc, 51-52;

S

combmação

de

palavras,

52-53;

estilo

pe-

Saint lohn s (íollegc, 24

dante 50; expressões idiomáticas e, 50-5 I;

Scciiii/iiii i/niil, 230-3 I

som

e,
40-50;
uso
poético
da
linguagem,
SrÇiiiiih*s uiialííoK*, ()ç, 260
5.3-55
Semântica, 35
Pura
cópula,
70-71,
70-80,
87-80
02,
Ver
Sentença, 80-00, 0 1
também Cópula
Ser. ler (.alegorias do ser
“Ser , verbo intransitivo, 70-80, 80

Q

Serie
mnemímca,
elo
modo
das

quatro

figu-

Quadra lieroica, 206

ras, 100

Quadrado de oposições, I 45-17

Quadrivium, 21, 2 I n 1, 25 27

Silogismo,

135-36,

1-18-40,

158,-

falácias

tio,

Qualidade, 44, 45, 122, 142

217-18.

Ver

também

Dilema,-

Silogismo

“Qhiando”, 44, 45

tlisjuntivo;

Silogismo

hipotético,-

Silogis-

Quantidade,

11,

45,-

cm

oposição

de

propo-

mo simples

sições,

142-43;

da

proposição,

121-22;

Silogismo demonstrativo. 254-55

proposições

disjuntivas,

203;

proposições

Silogismo

tlis|untivo,

200-15,

252-53,

277,

hipotéticas, 202-03

277n0

Silogismo

hipotético

206-00,

207n8,

25.3-55,

R

277, 277n0

Razão, na proposição hipotética, 105

Silogismo regressivo, 254

Realidade-, criando símbolos da, 40-18; da pro-

Silogismo

simples,

150-10-1,-

definido,

150-60,-

posição, 120,- relação do Iriviumcom, 27-28

entimema, I (>8-73,- epiquerema, I 75-78,- exer-

Redação expositiva, guia para, 303-06

cícios, 102-0-1; liguras do, 164-65,- como for-

!\< 'iiliiúxx m/íslíois, 260-6 1

mula/regra

de

inferência,

185-86,-

inferência

Regras de pontuação, 84, 86-87

análeg>gica, 178-70,- matéria/forma do, 160-6!,-

Relação, 44, 4 5

modo.

16,3-64;

oposição
mediata,
170-82;
redução do, 190-92,- regras, 'lalacias, 161-63,-
do indivíduo, 38-40; regras para substituição
sorites, 173-75; validade do, I 6.5-68; valor
de
equivalente,
90-91;
significado
partir
do, 182-84
natureza ou por convenção, 32-33, 33n2
Símbolo,
33-34,
67,-
completo,
98-99,-
criado
Símile, 278-79
da realidade, -10 t<S, da essência, 38, 39-10;
Siiic i|iiii »<>n, 201-07 2O4n5 208, 23 1
S |8 () / ni m iii
Sincdoque, 282-83
Irilema, 21 1, 212-13
Sinônimos, 48-49, I 10

Triolc, 300

Sofistas, 2 I 8

livium, 21, 2 I n 1, 24-28. Ver tambem Gra-

Som, 35-36, 49-50, 57-56

mática,- l.ogica,- Retórica

Soneto inglês, 298

Irocadilhos, 63, 65

Soneto italiano, 296-97

Iropo, 278-83

Soneto petrarquiano, 297-98

Sorites, 173-75, 177-78

LI

Uniformidade da natureza, 2-18-19

Sorites aristotclico, 173-75, t 8l>

Sorites gocleniano, 173-75, 189

V

Subdivisão, I I 6

Valor, 122-23 110-4!

Substância, 44-47 71-73

Variações concomitantes, método de, 27 I -52

Substantivos, 7 1 -75

Variedade, princ ípio retorico da, 172

Substantivos, (>9-73, 73n 1 4, 8 b característi-

Verbos, 70-71, 76-79,- afirmação c, 78; como

cas

gramaticais,

73-77,-
funções
gramati-
atributivos, 69-70,- modo, 77-78; noção de
cais, 75
tempo, 76; lempo verbal, 76-77,- transiti-
Substantivos abstratos, 71-72, 72n 1 2
vos c intransitivos, 79, 79n2 4,-
Suieito simples, 89
Verbos intransitivos, 79 79n24
Siiiiiiiiiiiiii gemes, 105-06, 107
Verbos transitivos, 79
Suspensc, 268
Verdade
(veracidade),
30,-
coniunção
de
pro-
posiçocs e, 140-42 indução e, 245.- lógica,
T
123;
de
proposições
122-23:
requisitos

lema, do conto, 273
da, 24 I; três tipos de, I 23
lempo verbal, 76-77
Verdade lógica, 123
Tempo, noção de, 76, 88
Verdade metafísica, 123
leologia, 255, 257
Verdade moral. 1 23
” lermo”, 71, 7-ln I 7
Verificação
de
hipóteses,
252-55.-
dedução
lermo privativo, I 00
c,
27-1-55;
eliminação.
252-53,
253nn8,9;
lermos:
classificação
de,
99-102,-
definição
e,

indução intuitiva, 253

106-12;

diferenças

entre,

IO2-O4,-

diferido

Versificação, 288-91. Ver também Poesia

de

conceitos,

97,

distribuição

de,

125-27,-

Verso bianco ou solto, 297

divisão lógica c, I I 2-1 6; extensão c intensao

Verso livre, 288

de 104-()(>,- equivalentes gramaticais, 97-99

Versos não artísticos, 291

Termos absolutos e relativos, 100-01

Virtual/funcional divisão, I 13

lernos categoricamente diferentes, 102

Virtudes intelectuais, 30

Termos

coletivos

e

distributivos,

101-02

Voz ativa, 92-93, 92n36

termos

concretos

e

abstratos,

100

Voz passiva, 92-93, 92n36

termos

contraditórios,

100,

103,

104,

I

70,

Voz pseudopassiva, 92-93, 92n.36

207-08

Termos contrários, 103-0-1, 207-08

termos de intenção, 132

Termos distributivos e coletivos, 101 -02

termos empíricos e gerais, 99, 99n2

termos especificamente diferentes 102

termos genericamente diferentes, 102

termos individualmente diferentes, 102

termos naturalmente diferentes 103-04

termos positivos e negativos, 100

termos relativos e absolutos, 100-01

termos repugnantes, 103-04

relatião | > *enciis*, 210, 210n9

/ apues, lógica e, 260

‘ Tornar’, 79

Introdução, 134

Introdução, 262-6.3

h/iiici’ lysimsivo -li)

Dados Iniciais: ‘ionais de Cai ai ix ,\< A(> na Publicação > (CIP) ((.AMARA
Br.ASII I IRA DO L.IVRO, SR Br.ASII)

Joséph, Miriam, 1 898-1982

() Irivini: as artes liberais da lógica, gramática e retórica: entendendo a
natureza e a função da linguagem / Minam Joséph;

tradução e adaptação de Henrique Paul Dmyterko. - São Paulo :

É Realizações, 2008.

Título original: The trivium, the liberal arts of logic, grammar and rhetoric.

Bibliografia.

ISBN 978-85-88002-60-3

1. Compreensão na leitura 2. Inglês - Gramática 3. Inglês -

Retórica 4. Linguagem e lógica 5. Pensamento crítico I.

Dmyterko, Henrique Paul. 11. Título.

08-10108 CDD-808.012

1 NI)|(TS PAR A (A l AI (K ,() SIS | |MA I l(():

1. Inglês : Retórica 808.042

Liste

livro

foi

impresso

pela Gráfica HRosa para L

Realizaçòcs,

cm

outubro

de 2008. Os tipos usados

são da família Cronos Pro,

Fairíeld FH c Wetss BT. O

papel do miolo é chamois

bulk dunas 90g, e da capa

cartão supremo 250g.

TRIVIVM

As Artes Liberais da Lógica, da Gramática e da Retórica

[...] é a irmã Miriam Joseph quem fala mais eloquentemente sobre o valor deste livro. Ela explica que estudar as artes liberais é uma atividade intransitiva; o efeito do estudo de tais artes permanece no indivíduo e aperfeiçoa as faculdades da mente e do espírito. Ela compara o estudo das artes liberais ao desabrochar de uma rosa; ele traz a fruição e a realização das possibilidades da natureza humana. Ela escreve: "as artes utilitárias ou servis permitem que alguém sirva – a outrem, ao estado, a uma corporação, a uma profissão – e que ganhe a vida. As artes liberais, em contraste, ensinam como viver; elas treinam uma pessoa a erguer-se acima de seu ambiente natural para viver uma vida intelectual e racional, e, portanto, a viver uma vida conquistando a verdade".

Marguerite McGlinn

Visto desta perspectiva histórica, O Trivium, este tesouro redescoberto pela irmã Miriam Joseph, é mais que um manual para desenvolver a inteligência, é uma luz brilhando na escuridão dos abismos em que atiramos a verdadeira educação.

José Monir Nasser

Vê-se [...] a importância deste verdadeiro fulgor nas trevas contemporâneas que é O Trivium da Irmã Miriam Joseph, a brava religiosa que, influída por Mortimer Adler, elaborou um projeto educacional em que o trivium [...] fosse a preparação dos estudantes para a carreira universitária. Foi provavelmente a única tentativa no mundo moderno de recuperar, na prática educacional, o espírito das Sete Artes Liberais.

Carlos Nogue

COLEÇÃO
Educação Clássica



Document Outline

- [Sumário](#)
- [1. AS ARTES LIBERAIS](#)
- [2. A NATUREZA EM FUNÇÃO DA LINGUAGEM](#)
- [3. GRAMÁTICA GERAL](#)
- [4. TERMOS E SEUS EQUIVALENTES GRAMATICAIS](#)
- [5. PROPOSIÇÕES E SUA EXPRESSÃO GRAMATICAL](#)
- [6. RELAÇÕES DE PROPOSIÇÕES SIMPLES](#)
- [7. O SILOGISMO SIMPLES](#)
- [8. RELAÇÕES DE PROPOSIÇÕES HIPOTÉTICAS E DISJUNTIVAS](#)
- [9. FALÁCIAS](#)
- [10. UM BREVE SUMÁRIO DE INDUÇÃO](#)
- [11. COMPOSIÇÃO E LEITURA](#)
- [Irmã Miriam Joseph](#)
- [Índice Remissivo](#)